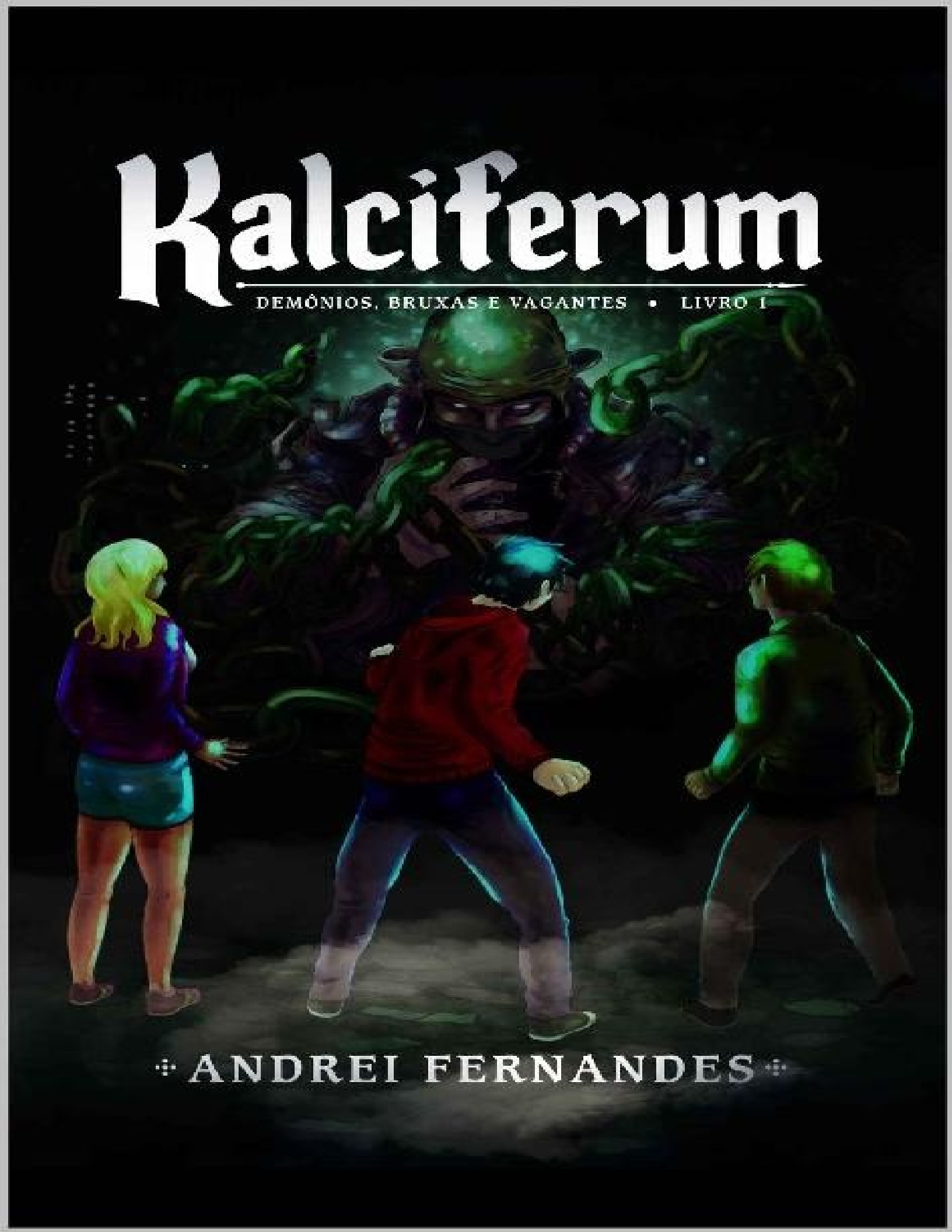
Kalciferum

DEMÔNIOS, BRUXAS E VAGANTES • LIVRO I



ANDREI FERNANDES

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

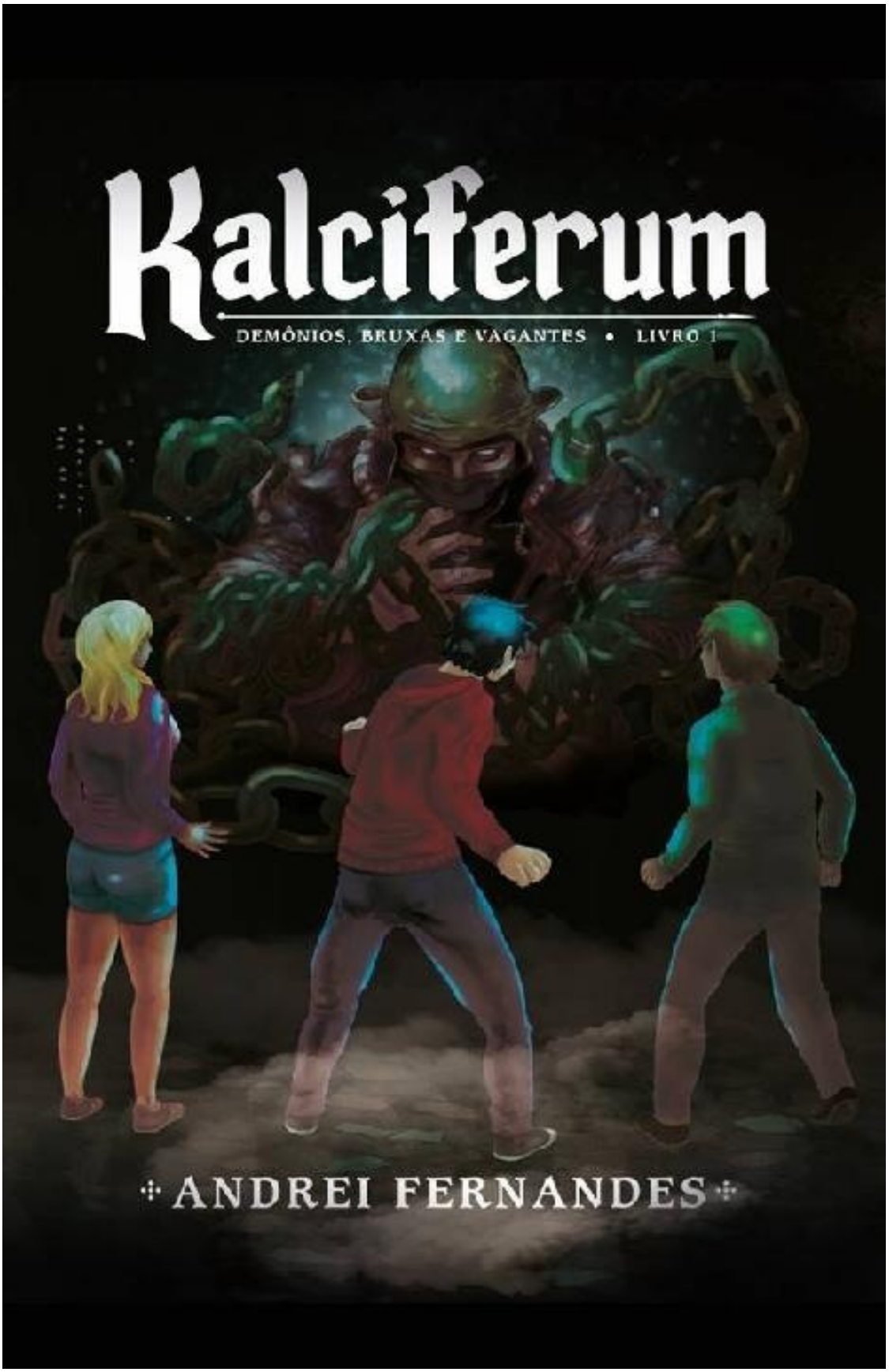
A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."


Kalciferum
DEMÔNIOS, BRUXAS E VAGANTES • LIVRO 1
ANDREI FERNANDES

Kalciferum

DEMÔNIOS, BRUXAS E VAGANTES • LIVRO 1

Copyright © 2016 Andrei Fernandes

Editor: Vinicius Ferreira

Revisão: Ana Lúcia G. Neiva

Design da Capa e Projeto Gráfico: Gustavo Moreira

Ilustração da Capa: Peá Campos

É proibida a reprodução total e parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, incluindo ainda o uso da internet, sem permissão expressa da Editora, na pessoa de seu editor (Lei 9.610 de 19/02/1998). Todos os direitos desta edição reservados pela Editora.

Primeira Edição

Penumbra Livros, São Paulo, 2016

www.penumbralivros.com.br

Andrei Fernandes

Kalciferum

Demônios, Bruxas e Vagantes



Livro 1

Dedico esse projeto:

Ao meu professor Eduardo Spohr, que me deu o esquadro e o compasso.

A minha família, por me dar oportunidades de fazer o que queria.

A Ira Morato, por me suportar naqueles momentos difíceis.

Aos meus amigos, por darem um minuto de atenção.

Também dedico a uma infinidade de pessoas que me ajudaram nesse caminho.

Vocês fizeram esse projeto possível e sempre serei imensamente grato por isso.

Sumário

PRÓLOGO
CAPÍTULO I
CAPÍTULO II
CAPÍTULO III
CAPÍTULO IV
CAPÍTULO V
CAPÍTULO VI
CAPÍTULO VII
CAPÍTULO VIII
CAPÍTULO IX
CAPÍTULO X
CAPÍTULO XI
CAPÍTULO XII
CAPÍTULO XIII
CAPÍTULO XIV
CAPÍTULO XV
CAPÍTULO XVI
CAPÍTULO XVII
CAPÍTULO XVIII
CAPÍTULO XIX
CAPÍTULO XX
EPÍLOGO
PRÓLOGO
AGRADECIMENTOS ESPECIAIS

PREFÁCIO

A ideia de um caminho longo a ser percorrido é algo que a primeiro momento pode ser cruelmente difícil para alguém ansioso aceitar. Afinal, a grande questão é o que há do outro lado do arco-íris. Nunca é sobre o quão distante ele é, sua curvatura, trajetória ou escala cromática. E passamos tanto tempo caminhando que ele acaba se tornando parte de você.

Diversos elementos aconteciam na minha vida naquela época em que decidi sentar na cadeira e começar a escrever. Talvez realmente existam essas engrenagens cósmicas que tanto falo nesse livro, prontas para se alinharem em momentos certos e em sua conjunção nos dar algo de presente. Nem que seja o desafio.

Mas é claro que não acho que seja viável para alguém entender que o caos e a aleatoriedade façam sentido quando olhamos de uma maneira fria para nosso microcosmo.

Mas quando aumentamos a escala do zoom ou simplesmente olhamos para trás, enxergamos uma pareidolia meio torta. Um caminho, sinuoso e iluminado que deixamos para trás. Podemos ignorar sementes não germinadas, decepções amorosas e caminhos secos não escolhidos. Mas AQUELE caminho, que o levou a chegar até aqui, vai estar lá. Também faz parte da condição humana achar que somos alguma coisa nesse planetinha viajando pelo universo e que estamos destinados a uma grande aventura.

Faço parte do mundo das ideias, gosto de contar histórias, gerar personagens, sentimentos e tentar trazer um pouco mais de graça nesse mundo cinzento. A primeira jornada (de escrever) já foi completada, agora começa outra e sinto que estou saindo do mundo comum neste exato momento. Novamente.

PRÓLOGO
A CARTA DE TARÔ

Bóris relaxava deitado em seu lugar preferido do apartamento, o braço esquerdo do sofá. Lá ele podia aproveitar toda a brisa da manhã graças à proximidade com a sacada.

O sofá ficava de frente para uma pequena tevê e perpendicular a uma confortável poltrona verde limão. Entre eles uma mesinha de centro com alguns bibelôs bregas e um vaso que o dono não teve coragem de jogar fora.

Atrás do sofá ficava um segundo ambiente, que servia de sala de jantar. Uma mesa de madeira antiga de seis lugares dividia espaço com uma cristaleira cheia de copos, taças e pratos.

Como na maioria dos apartamentos daquele prédio antigo, o chão era de taco de madeira escura, onde um tapete antigo fazia uma mescla de cores, não tão vivas como antes. As paredes eram de uma cor creme e o baixo teto conservava um grande ventilador, um modelo antigo que hoje funcionava de maneira pesada e cambaleante.

Cambaleante também era o dono do apartamento e de Bóris. Rafael se arrastou sonolento e se jogou no sofá como um fruto maduro demais para se manter no galho. Começou a acariciar o animal com esperança que o arisco gato o atacasse e pudesse de fato acordar. Ao invés disso, o gato rabugento se levantou e foi embora, enfezado.

Era o décimo quinto dia daquele mês e nenhum sinal que melhoraria de vida. As preocupações martelavam sua cabeça. Entraria a qualquer momento no sexto e último mês com o auxílio-desemprego que garantia a vida de baixo custo que levava. Mas não era por mal. A verdade era que ele tentava conseguir um trabalho que nunca apareceu.

Rafael abriu os olhos doídos pela luz matinal que entrava pela sacada. Colocou as mãos sobre o rosto e urrou enquanto tentava se livrar da sonolência. Imaginou um milhão de maneiras diferentes de morrer naquele momento de alguma forma cômoda, forçou os músculos em uma espreguiçada, metade sonolenta, metade

tentando catapultar sua alma para fora do corpo. Não deu certo e ele se levantou.

Decidiu que era melhor ocupar sua mente com coisas mais úteis, serviços domésticos, por exemplo. Continuou andando pela casa como um zumbi trôpego e varreu tudo, tirou o pó de dias. Depois foi dar um jeito na louça e lavou o banheiro. No final das contas, descobriu que isso não o ajudou em nada, mas sua casa ficou limpa e isso ao menos o agradou. Já Bóris corria de um lado a outro, tentando fugir da agitação causada pelo dono.

Destrancou a porta e saiu do apartamento com duas sacolas de lixo, atravessou o corredor do andar e as depositou em uma lixeira ao lado do elevador. Pelo menos isso não é um desafio tão grande para mim, pensou pessimista, dando uma risada triste.

Quando voltava, sentiu o cheiro acre do lixo se misturando com um odor adocicado e bastante característico de incenso.

A porta vizinha de frente à sua se abriu e uma jovem surgiu.

— Bom dia — disse a garota. — Você mora aqui do lado?

Pego de surpresa, o rapaz pensou na possibilidade de olhar para os lados e verificar se a garota falava mesmo com ele, mas apenas os dois estavam ali. Rafael respondeu timidamente e se apresentou.

— Posso pedir um favor, Rafael? — Ariane perguntou com uma expressão de culpa. Sua voz era melodiosa e afável.

O rapaz balançou a cabeça, indicando que sim.

— Acabei de terminar a mudança, queria um pouco de açúcar...

— Sem problemas — respondeu, sem jeito. Foi até sua cozinha e pegou um pouco do açúcar que tinha.

Na trajetória entre a cozinha e a volta, tentou se lembrar do antigo vizinho, sem muito sucesso. Nunca o tinha visto, percebeu.

Ariane agradeceu com um sorriso tímido. Possuía mechas castanhas longas e onduladas, que usava em um meio rabo de cavalo, olhos cinzentos e amendoados. Vestia-se com uma camisa larga cor grafite e uma saia longa de estampa florida. Também usava vários acessórios artesanais, brincos, pulseiras e um colar.

— Sua cara… Você não me parece muito bem — afirmou, enquanto recebia o açúcar.

— Acho que não estou nos meus melhores dias. — Ou meses, pensou Rafael, talvez até anos.

— Quer uma consulta? - ergueu o açúcar. — Pelo favor?

Inicialmente Rafael não entendeu do que ela falava. Ficou desconfiado.

— Eu jogo tarô. Posso ver o que há de errado e dar conselhos sobre o futuro. — Sua voz o acalmava.

O rapaz não soube o que responder. De todas as coisas que ele poderia ser, “crédulo” não era uma delas. Cresceu em uma família tipicamente cristã, mas largou qualquer tipo de laço com a espiritualidade e o sobrenatural logo em sua adolescência. Seguia o mesmo princípio para o esoterismo, discos voadores e chupa-cabras. Para ele, tudo não passava de uma farsa manejada por charlatões em busca de ganho pessoal, se aproveitando da fraqueza alheia.

— Tudo bem — aceitou a proposta. Afinal, queria conhecê-la. Por mais louca que ela pudesse ser.

Entrou no apartamento com bastante curiosidade. O local era escuro e cheirava forte a incenso. Algumas caixas estavam empilhadas, esperando para serem arrumadas no novo espaço, mas vários móveis e objetos já estavam no lugar.

A garota o convidou para se sentar em uma poltrona e ele aceitou.

— Gosta de chá? — a moça perguntou.

— Gosto muito de chá! — mentiu. Odiava chá, mas não queria desagradar.

— Tenho no momento só marapuama e alecrim. Qual você prefere?

— Eu geralmente tomo erva-doce… — Era o único que conseguia lembrar. — Fica a sua sugestão.

Ariane o deixou sozinho e foi até a cozinha preparar as xícaras.

Enquanto esperava, Rafael observou o interior do apartamento quase vazio. A poltrona em que estava sentado era vermelha e coberta com um forro colorido de retalhos. Um leve tom violeta de mistério era dado ao cômodo, graças à luz do sol que invadia e atravessava a cortina. Não parecia haver nenhum objeto eletrônico, nada que pudesse dar a dica que estava em um apartamento do século

21. Um apanhador de sonhos estava largado em cima de uma das caixas e Rafael se lembrou de um péssimo filme adaptado de um livro que gostava muito.

Pôde escutar sua vizinha terminando o chá. Ela voltou carregando duas xícaras apoiadas em uma pequena bandeja de metal com alças e a colocou em uma diminuta mesa de madeira em frente à poltrona. Rafael recebeu a dele e experimentou. Estava amargo.

— E o açúcar?

— Não uso. Tira as propriedades do chá. — Bebericou a garota. — Algumas culturas consideram esse ritual bastante sagrado, mas para nós é apenas uma reunião sem compromisso. Quer que eu adoce o seu?

— Não precisa.

— Eu gosto de bolos, vou fazer um mais tarde. Não tive muito tempo para procurar algum mercadinho próximo. Sabe como é, correria da mudança.

Ariane se levantou e pousou a xícara na mesinha, foi até um pequeno armário e pegou um estojo marrom. De dentro, puxou um grande baralho de tarô e começou a embaralhá-lo na sua frente. Ela puxou um banquinho pequeno e sentou-se de frente para ele.

Era rápida lidando com o baralho, lembrava uma crupiê de cassino, mas sem os movimentos exibicionistas. Parecia que tinha anos de prática. Rafael prestou atenção em cada movimento, tentando pegar algum tipo de truque para fazer com que ele escolhesse uma carta já planejada.

No final, ela colocou o baralho na mesa.

— Corte.

Rafael atendeu, dividindo o baralho em dois e colocando as duas colunas quase iguais uma ao lado da outra.

— Puxe duas cartas de cada pilha. Ah! Sim, use sempre sua mão esquerda, ajuda bastante.

Obedeceu cada passo, deixando duas duplas de cartas viradas para baixo. Lembrou-se como há quinze minutos estava em seu apartamento sem qualquer perspectiva de nada e agora jogava tarô com uma garota que mal conhecia.

— Vire a primeira.

A primeira carta, da primeira dupla, se revelou. A ilustração era bem colorida e elaborada, não a compreendeu inicialmente. Parecia algum tipo de carruagem sendo conduzida por alguém da realeza e sendo puxada por dois cavalos, um preto e outro branco.

— Carro — revelou Ariane.

— O que isso quer dizer? — perguntou.

— Quer dizer que você deve virar a próxima carta para que eu possa lhe dizer.

A próxima era a de uma torre sendo acertada por um relâmpago, com duas pessoas caindo de seu topo.

— Torre.

Ariane coçou a cabeça em silêncio, franzindo o cenho concentrada.

— O Carro significa uma “escolha” ou um “caminho a seguir” — explicou. — Mas ela está invertida. Quer dizer que você pode ter feito escolhas ruins e está bem perdido. Já a Torre nos diz que foi uma das piores decisões que já tomou.

Rafael a fitou. Aquele tipo de explicação era lógica, todos se arrependem de algo na vida, principalmente pessoas pessimistas como ele. Sem falar que alguém passando por um mau momento está obviamente perdido, de certa forma. Não o impressionava. Também havia desgraça, mas não se lembrou de ter sido causada por ele.

— Essas cartas falam do seu passado. Agora, faremos a mesma coisa para que eu possa dar a você uma sugestão do que deve evitar — pediu Ariane.

A terceira carta era mais caótica que as primeiras. Parecia uma estrutura redonda de madeira presa ao chão por uma base. Alguns seres indefinidos pareciam amarrados nela.

— Roda da Fortuna! Bom, muito bom — acenou positivamente.

Quando virou a quarta e última, Ariane pôs as mãos sobre a boca.

A ilustração da carta lhe deu calafrios. Uma criatura estranha estava em cima de um pequeno altar, segurava uma espada na mão direita. Tinha um par de chifres e asas negras.

Ariane se ajeitou na cadeira e mordiscou o lábio inferior. Seu chá esfriava.

Uma brisa gélida entrou no apartamento pela sacada, levantando a cortina. A garota se levantou apressada, olhou para fora e fechou a porta de correr.

Provavelmente percebeu a expressão angustiada de Rafael, pois logo o acalmou.

— Não se preocupe, eu apenas estava em dúvida na interpretação das duas cartas. Não precisa ficar receoso.

— E então?

— Esse é o Diabo — apontou para a quarta carta.

— Isso quer dizer que o diabo me quer?

Ariane não conteve a risada.

— Não, é claro que não! O diabo não existe! Cartas de tarô são apenas arquétipos, não tem como ler literalmente. Essa em especial tem uma simbologia dúbia.

— Entendo — mentiu Rafael.

— A Roda da Fortuna representa o destino, a mudança… — apontou para a terceira. — Vai acontecer algo grande em sua vida. Já o Diabo representa a patética ilusão humana, a matéria sobre o espírito. Ligar essa carta à negatividade também é errado, ela pode indicar coisas positivas sobre seu futuro — suspirou. — Eu realmente não consigo interpretar muito bem, me desculpe. A verdade é que nunca fui muito boa na leitura das cartas como minha mãe.

— Não tem problema, ao menos foi divertido.

— Vou compensar pelo açúcar de outra maneira — sorriu. — Agora vou ter de dar uma saída, tenho um compromisso inadiável.

Rafael se despediu e agradeceu a gentileza. Saiu do apartamento e em dois passos estava novamente em casa. Um leve pensamento pairou pela cabeça. Algo soprou esperança em seu âmago, só não soube explicar o que havia sido.

E algo também o incomodava. O Diabo da ilustração parecia olhar diretamente para sua alma.


ע
ז
15
O Diabo

CAPÍTULO I
ONDE HÁ UMA PROPOSTA

Rafael era um rapaz tranquilo que sempre via o lado bom das coisas. Talvez por isso tenha chegado ao estado em que chegou. Era jovem, seguro de si, morava sozinho e não respondia a ninguém. Que cara nessas condições não deveria amar uma vida de solteiro em uma cidade que nunca dorme?

Quando você se torna refém das próprias escolhas seguras acaba parando em uma curva de rio. É uma verdade inconveniente. Havia perdido contatos com amigos, sua família não mais existia, não tinha emprego. Como chegou nisso? Nem ele sabia.

Vivia até aquele momento como um freelancer, pelo menos era como se enganava, pois toda sua renda real provinha do seu auxílio-desemprego. Até conseguiu alguns trabalhos pequenos, mas que não conseguiam, juntos, pagar o que gastava em um único mês, nem acrescentavam muito na sua experiência profissional. Na verdade só serviram para firmar mais seu estado de morosidade.

O pior era que chegava ao limite de seu benefício social, sem qualquer expectativa. Ou ele arranjaria um emprego, ou ganharia um atestado oficial de vagabundo.

Quando, há algumas semanas, começou o desespero, tentou umas entrevistas, mas não resultou em muitos frutos. Não acreditava em “infernos astrais”, mas sua cabeça procurava explicações plausíveis para sua possível maré de má sorte.

Morava próximo ao centro, em um pequeno apartamento que era de sua mãe, que morrera há alguns anos de câncer. Nunca conhecera seu pai, nem ao menos teve qualquer informação sobre ele.

Sem outro parente vivo, sabia que, se realmente ficasse sem dinheiro, a coisa iria ficar feia para o seu lado.

Seu sono foi interrompido com uma ligação ao raiar do meio-dia. Levantou-se no susto e foi vagaroso e sonolento até o telefone, que tocava sem parar. Respirou fundo e disse um alto e convicto “alô” que poderia fazer até um defunto se sentir com vontade de responder. Precisava fingir ânimo, nunca

saberia quando pintaria uma boa oportunidade.

Defunto ou não, ninguém respondeu.

Sentou-se no sofá e repetiu a palavra-chave para iniciar conversas de telefone mais algumas vezes, mas ninguém respondeu. Depois de alguns segundos escutou o som de alguém batendo o telefone em sua cara.

Acabou se culpando por aquilo. Estava tão carente que não achava estranhas ligações frequentes e misteriosas feitas para ele quase todos os dias. Nem sua nova vizinha parava em casa para trocar algumas ideias e, mesmo que ficasse, deveria tomar cuidado para não ser confundido com algum tipo de perseguidor.

Bóris apenas o observava do alto do armário como uma grande bola de pelos branca. Seus olhos verdes em fenda miravam o dono com uma expressão que poderia ser de decepção ou apenas “saia do meu território, humano inútil”. Aquilo não ajudava Rafael, mesmo sabendo que o humor do felino nunca foi dos melhores.

O rapaz se levantou do sofá e foi até a sacada. Espreguiçou-se com o corpo arqueado. O vento e o sol batiam no seu rosto e lhe davam uma perspectiva de novos ares. Prometeu para si mesmo que naquele dia as coisas seriam diferentes.

Apoiou-se no parapeito para observar um pouco a rua. Seu prédio dava para uma singela praça mal cuidada, que começava a ser invadida por um terreno baldio próximo. Observou as pessoas que andavam pela rua, um policial barrigudo multando os carros que estacionavam em local proibido, um vendedor de churros de meia idade atravessava a pista sem nenhuma pressa, dois velhinhos jogando damas em uma das mesas de concreto da praça, um casal masculino passeando com um fofo poodle na calçada e algumas crianças com uniformes de escola pulavam de agitação na volta das aulas.

Era um começo de tarde pacífico e tranquilo para uma cidade grande, mas algo chamou sua atenção.

Sentado em um dos bancos da praça, um homem olhava na direção de seu apartamento enquanto segurava um jornal. Suas feições chamaram a atenção de Rafael por destoarem completamente daquele ambiente. Era baixo, tinha uma cabeça chata e um cabelo crespo em forma de capacete, com os pelos brancos que brotavam nas costeletas denunciando a idade chegando. Possuía um nariz adunco e olhos pequenos e mal encarados. Vestia-se com um casacão surrado,

mais parecendo um mafioso da década de 1930 que perdera seu chapéu. Não se surpreenderia se ele tirasse uma metralhadora daqueles modelos thompson de uma malinha que estava ao seu lado e começasse a atirar nos transeuntes.

Estranhamente o homem parecia observá-lo de longe, voltando ao seu jornal quando Rafael o encarou por alguns segundos. Seria coisa de filme ou apenas impressão sua?

Mas diferentemente de um personagem de um filme de Hitchcock, ele tinha algo a fazer e então voltou para dentro.

Preparou o almoço e, no final da tarde, mandou alguns currículos desesperados, viu um filme no começo da noite para esquecer seus problemas e finalizou pedindo uma pizza por preguiça de fazer o jantar.

E o dia não dera muito certo como prometeu que daria.

Como em um déjà vu acordou com o telefone tocando novamente na manhã seguinte, perdeu alguns segundos deitado na cama até ter certeza que não estava preso em um dia da marmota. Mas viu que o despertador indicava que realmente havia passado mais um dia.

Um mais próximo de sua rendição.

Arrastou-se para a sala e atendeu o maldito telefone.

— Alô?

Ninguém falou e a vontade de Rafael era de pegar o telefone e jogar longe, mas algo foi diferente daquela vez. Escutou uma respiração no fundo da ligação.

— Eu escuto você. Não sei por que está ligando para mim. Se quer falar algo, fale de uma vez!

Quem quer que fosse, desligou em sua cara mais uma vez.

O telefone tocou novamente logo depois que o colocou no gancho. Irritado, Rafael atendeu.

— Acha que vai me assustar dando uma de psicopata por telefone?

— Não, sinhô, é o correio que chegô! — a voz de Arlindo, o porteiro, era inconfundível.

— Ahnn... — foi pego de surpresa. — Já vou descer!

Arlindo era o simpático e gentil porteiro do prédio onde morava. Vinha de uma família simples e humilde e tratava todos com muito bom humor e simpatia. Rafael o viu separando as cartas dentro de sua cabine ao lado do portão de entrada do prédio.

— Bom dia, seu Rafael — disse sem tirar os olhos dos envelopes que separava para a entrega.

— Bom dia. Muito trabalho?

— Nem me fale, seu Rafael, nem me fale! — sua voz estava irritadiça, coisa rara. — As brigas do casal do 1.008 acordam os vizinhos e eles me ligam na portaria, para euzinho aqui ter de resolver problema de marido e muié e si fo fo fu d'essa pourr... — O nervosismo de Arlindo sempre virava a piada do prédio. Depois de desembestar a falar e falar, tudo se embaralhava e ele gaguejava e cuspia tentando formar as palavras. Quando percebia que todos riam ao seu redor, ele sorria e pedia desculpas por se exaltar.

Depois que se acalmou, o homem lhe entregou todas as cartas que chegaram. As últimas contas que poderia pagar caso não arranjasse um emprego logo.

— Só conta, seu Arlindo! Você nunca deve ter visto tanta conta assim — brincou melancólico.

— Quem disse? Tenta criá três filhos para ver o tamanho das conta — zombou.

— Mas estou desempregado, se continuar assim vou alugar meu apê e pegar um quarto de japonês do tamanho de meu armário atual.

— Oxi! O problema é esse então?

Rafael suspirou com frustração e fez que sim com a cabeça.

— Por que não falou antes, dotô? Alguém sempre recebe isso e nunca vem pegar. — Arlindo enfiou a mão em um armário de sua cabine e puxou uma revista de lá, entregando-a para Rafael.

Quando subiu para seu apartamento, colocou as contas em cima da estante da sala e se sentou no sofá para folhear a revista.

Bóris surgiu da cozinha e, quando viu o dono sentado no sofá, deu meia volta.

— Vai pedir comida para mim, seu folgado! — ameaçou, mas o gato o ignorou.

A revista era feia e mal acabada, o título em letras garrafais estampava uma

grande área da capa e as diversas propagandas e anúncios não deixavam qualquer espaço naquele ambiente caótico. Seus olhos protestaram com a bagunça de cores e formas dentro das páginas, mas se forçou a ler e procurar solução para seus problemas.

O exemplar era um conjunto de anúncios de empregos, serviços e propagandas mal alinhadas. Folheou durante vários minutos até chegar onde o interessou, circulou uma única possível vaga que mais se aproximava de sua área com uma caneta.

Com empolgação, ligou para o lugar e marcou a entrevista para o mesmo dia.

Se você quer ter uma experiência sociocultural em sua cidade, a alternativa mais simples e barata é andar de transporte público. Principalmente em grandes cidades. Verá pessoas de todas as classes, idades e criações dividindo o minúsculo espaço. Como uma cultura de bactérias após jogar um pouco de proteína, o que se tem é o caos.

Felizmente para Rafael, era o meio da tarde e o horário de pico ainda demoraria algumas horas para começar.

Sentou-se ao lado da porta traseira do ônibus, que estava vazio. Com ele no veículo, apenas uma mulher de meia idade com uma maquiagem muito exagerada no rosto, um casal sentado no meio e um adolescente no fundo mais preocupado com o que se passava no fone de ouvido do que na rua.

Depois de três paradas, um morador de rua subiu no transporte. Parecia bêbado.

— Ô, motô! Manda bala que quero chegar em casa cedo! — gritou o mendigo, dando uma risada alta.

Esse cara vai ser chutado daqui, nem deve ter dinheiro da passagem. Mas, antes de terminar o pensamento, o mendigo puxou do bolso umas moedas e acertou com dificuldade a mesa do trocador, que catou todas e liberou a catraca. Depois de quase tropeçar pelo movimento do ônibus, atravessou todo o corredor.

O bêbado passou pelos acentos vazios e se dirigiu ao fundo do ônibus. Mexeu com quem passava, jogando piadinhas ou fazendo comentários bobos e inocentes. Ria a cada virada de olho dos passageiros que o ignoravam.

Desejou com todas as suas forças que o homem passasse direto por ele, mas com uma demonstração de irremediável má sorte, apesar do ônibus vazio, o morador de rua sentou-se ao seu lado.

Ainda um pouco cambaleante, o homem se aquietou e tomou para si uma expressão séria. E ficou em silêncio a maior parte do tempo. Carregava consigo uma garrafinha arredondada de bebida em um saco plástico e um odor inegável de álcool.

O rapaz apenas se questionava o porquê dele ter se sentado logo ali com tantos acentos vazios próximos. O homem tinha uma barba desgrenhada, coberta com farelos de pão, que se unia com uma cabeleira acinzentada, possuía poucos dentes na boca e se vestia com trapos imundos e rasgados. Antes zombeteiro, seu silêncio começou a incomodar Rafael.

Depois de duas paradas, outras pessoas entraram, mas o sem-teto permaneceu quieto, quase como se fosse outra pessoa. Apenas esperou que o bêbado não fizesse nada que poria sua vida em risco. Assaltos eram comuns, principalmente para alimentar os vícios.

O mendigo se levantou com um gemido e ficou de cabeça baixa se preparando para descer. O ônibus diminuiu sua velocidade para a próxima parada e com alívio Rafael suspirou.

Foi então que o sem-teto se virou.

— Existem muitos becos escuros nessa cidade — confidenciou para Rafael. — Sorte não é acaso — completou com um aceno. E desceu do transporte alguns segundos depois.

Seu coração disparou, sem entender o que havia acontecido. Quando finalmente percebeu que não fora nada, apenas procurou se acalmar. Rafael ignorou o enigma, Eram palavras vazias de um bêbado louco.

Chegou a seu destino logo depois, um pequeno edifício em meio a uma parte menos nobre do centro da cidade. Um motorista discutia com um guarda de trânsito que acabara de multá-lo, e a gritaria se misturava com a barulheira daquele caos urbano.

Entrou na portaria do edifício, que fedia a óleo velho (vindo de uma pastelaria chinesa ao lado) e mofo. Não precisou se identificar, já que o velho porteiro se concentrava mais em seu café fedorento e nas notícias de um jornal meia-boca.

Chegou ao andar indicado e bateu na porta logo em frente. Uma pequena placa de resina pregada na parede acusava que o local era o correto.

Foi atendido por uma moça mal arrumada que pediu para esperar em uma

pequena recepção — cadeiras de couro manchadas eram o único conforto daquele lugar. O ventilador de teto girava lentamente espalhando o calor do local ao invés de resfriá-lo.

Depois de mais de trinta minutos, um homem chamou Rafael, que o acompanhou por dentro da empresa. O ambiente não era dos melhores e os funcionários pareciam estressados ou aborrecidos. Mas não estava em condições de escolher.

Entrou em uma salinha com o homem e descobriu que ele era o dono do empreendimento. Parecia um malandro de qualquer birosca do centro da cidade. Usava uma camisa de botão meio aberta com um tufo de cabelo brotando do peito e um cordão de ouro à mostra. O bigodinho fino e o cabelo jogado para trás com gel o deixavam com uma cara de picareta.

A entrevista foi muito bem em sua opinião. O homem era novo no negócio e parecia estar prosperando. Estava com muito bom humor e a conversa foi divertida, teve bons pressentimentos.

Segundo ele, precisariam contratar alguém do cargo de Rafael e estavam desesperados depois que o antigo funcionário pediu demissão. O salário não era muito alto, mas pagaria as contas, e a oportunidade de crescimento aconteceria caso a empresa progredisse.

No final, agradeceu a oportunidade e o cumprimentou. O dono, com um sorriso no rosto, disse que ligariam caso fosse selecionado e Rafael deixou o local com esperança. Sabia que seu currículo e experiência eram muito melhores do que qualquer um que fosse se candidatar.

Seria moleza, pensou.

Voltou de ônibus para casa e agradeceu que nenhum bêbado louco entrou para compartilhar seus enigmas.

Acordou cedo no dia seguinte, se sentindo disposto e relaxado. Escovou os dentes e preparou um café especial com muito bom humor. Ficou ansioso à espera da ligação avisando-o de sua contratação. Afastou todos os pensamentos negativos do que poderia dar errado.

Foi até a varanda e observou a terrível vista do parque largado que parecia até mais agitado naquela manhã. Viu três crianças barulhentas discutindo por uma bola ao lado do carrinho de churros gordurento que continuava com sua diária

labuta. Até o homem que parecia um mafioso lia seu jornal com um sorriso no rosto. Ou seria uma cicatriz?

Conforme o dia passava foi se lembrando de seu antigo emprego e o comparou com seu futuro. Seu trabalho anterior era apenas cuidar de uma página de internet de uma empresa de segurança, um trabalho simples e com pessoas pouco interessantes e bem irritantes. O local lhe rendeu poucas amizades, nenhuma para ser exato. Receberia menos no novo, mas pelo menos o lugar parecia ser menos depressivo apesar de um pouco mais simplório. Seria um ótimo degrau para aguardar propostas melhores e mais justas. Afinal, um profissional de sua estirpe não permaneceria muito tempo naquele emprego. Ou pelo menos eram esses pensamentos que rondavam sua cabeça.

O final da tarde chegou e Rafael ficou apreensivo. Sua ansiedade estava nas alturas, e Bóris aproveitou isso para passear pelo apartamento sem o perigo de ser chateado.

Imaginou se seu futuro chefe estaria esperando o melhor momento para ligar ou se estava muito atarefado para fazer.

Viria a qualquer momento o toque.

Não veio.

Cansado de esperar, Rafael ligou para o número da firma e foi surpreendido. O telefone chamou, mas ninguém atendeu. O expediente provavelmente tinha acabado, o que não fazia sentido em sua cabeça, já que eles ainda não haviam avisado de sua contratação como prometeram.

Ligou uma segunda vez e com alívio foi atendido pelo próprio dono.

— Já fechamos. Se quiser fazer seu serviço tente amanhã.

— Não, sou eu, Rafael, lembra? Fiz a entrevista ontem e entrei em contato porque não recebi a ligação.

O telefone ficou mudo por uns instantes.

Sim, a situação era patética.

— Ah hm… Desculpe a demora em atender é que todos já foram embora e como o telefone fica na recepção demorei para pegar. — O homem parecia um pouco desconcertado.

— Então, quando eu começo, chefinho? — brincou.

— Na verdade o senhor não começa, Rafael. Contratamos outra pessoa.

Sentiu um peso imenso caindo em suas costas, como se todo o prédio desabasse sobre ele. O chão perdeu firmeza, acabou se sentando no sofá enquanto equilibrava o telefone na orelha.

— Co-como assim? Encontraram alguém melhor que eu? — gaguejou.

— Não é esse o caso — disse o homem com franqueza. — Você é ótimo para o serviço, o melhor que passou por aqui. Gostaria muito de ter você na nossa equipe, mas o problema é que esse emprego não é… Como posso dizer? Não é muito sua cara.

— Mas o senhor não concorda que, se eu me interessei e fui o melhor, o trabalho tem de ser meu?

— Olha, não falo isso porque não gostei de você, falo porque sei que deve estar muito desesperado para aceitar o que lhe oferecemos. Já trabalhou em empresas muito maiores, senhor Rafael. A verdade é que não queremos alguém que fique dois meses e saia por oportunidades melhores. O último cara durou seis anos aqui e precisamos desse tipo de estabilidade.

— Isso é s-sério? — Rafael começou a gaguejar. — Não me importo em trabalhar pesado, eu só quero o emprego. — Se envergonharia dessa declaração nos próximos minutos.

— Desculpa, já me decidi e é isso. Você se dará bem, Rafael, boa sorte.

O telefone foi desligado do outro lado.

É o fim, concluiu.

A campainha tocou naquela noite e sua nova vizinha estava do outro lado da porta. Parecia ter voltado de viagem há pouco.

— Boa noite, vizinho! Acabei de comprar um açucareiro e vim devolver seu pote.

Rafael imaginou que sua cara deveria estar assustadora, pois a garota logo se espantou.

— Aconteceu alguma coisa? Alguém morreu?

— Não, ninguém morreu — respondeu Rafael com um sorriso amarelo.

Ariane o convidou para jantar e desabafar. Tinha preparado costelas para comemorar o sucesso da mudança e agradecer pela gentileza do rapaz.

— Pensei que você fosse dessas que não comiam carne — comentou quando entrou no apartamento ao lado e sentiu o cheiro delicioso.

— É costela de soja.

Rafael fez uma careta involuntária.

— Foi uma piada, pelo visto em má hora. Não sou nem de perto vegetariana — tranquilizou a garota.

— Desculpe-me — falou o rapaz envergonhado.

Ariane riu. Era bonita rindo, constatou.

— Deixa de ser bobo, acha que com essas roupas ninguém nunca me confundiu com uma hippie? — disse, apontando para a própria vestimenta. Usava uma bata cor creme e uma saia azul clara. — Sem falar que foi cavalheiro o suficiente para aceitar o jogo de tarô. Estava na sua cara que não acreditou em nada daquilo.

Rafael não soube onde enfiar o rosto. No final os dois acharam graça da situação.

— Você quase me convenceu com aquele lance do tarô. Quando quiser me oferecer mais chá, pode me chamar, não deixo de aceitar convites de garotas bonitas — deixou escapar.

— Quem disse que “aquele lance do tarô” era mentira? Não é porque é um hobby que não seja sério! Só o perdoo porque me elogiou — falou com um sorriso, enquanto encenava um agradecimento exagerado, puxando um pouco da saia com a ponta dos dedos.

Enquanto jantavam, Rafael contou sobre seus atuais problemas. Isso acarretou em contar sobre outros trechos igualmente tristes de sua vida, como o câncer de sua mãe e o desastre de seu término de namoro anos atrás.

A garota era uma ótima ouvinte, não parecia indiferente aos problemas e sempre tecia um comentário generoso.

— Tem algum chá ou ritual para curar azar crônico? Estou precisando.

— Não é assim que funciona. Não faço milagres nem mesmo espere que as cartas que tirei para você mudem sua vida sem qualquer tipo de iniciativa da sua parte.

Rafael admitiu em pensamentos que precisava levar aquele balde de água fria, mas não deixou de ser frustrante.

— Se eu pudesse até o ajudava com dinheiro, mas sou tão dura quanto pareço ser.

Rafael teve de concordar e os dois caíram na risada.

Depois do jantar, tomaram um chá. Ariane disse ser bom para digestão. Também avisou que não precisava cortar o açúcar por causa dela, já que Rafael precisava de algo doce em sua vida.

Despediram-se e Rafael prometeu não desistir. A garota deu um beijo quente em sua bochecha.

Quando atravessou a porta para adentrar no próprio apartamento, escutou um som característico. Seu telefone tocava loucamente.

— Rafael? — uma voz jovem e desconhecida iniciou a conversa.

— Eu mesmo, quem é?

— Danilo, lembra de mim?

Rafael hesitou, não se lembrava de ninguém com esse nome.

— Imaginei que não. Sou seu primo de terceiro grau, tudo bem com você?

O rapaz explicou a situação. Era parte da família de sua mãe que morava em outro estado, bem longe dali, e haviam perdido o contato até então. Rafael lembrava vagamente de algo assim quando muito pequeno.

— Tudo bem.

— Então ainda mora aí, mesmo depois que a tia Lorena morreu?

— Sim...

— Acabei achando o número da casa de vocês enquanto revirava a agenda de meu pai e decidi ligar e ver como tu estavas. Deve ser difícil ficar aí sem família.

— É verdade, principalmente agora que estou à procura de emprego.

O telefone ficou mudo por alguns instantes.

— É exatamente esse o assunto da ligação. Não tens o interesse de vir para cá não?

Rafael não entendeu.

— O nosso sócio acabou de quase dar um golpe no nosso empreendimento e precisávamos de gente de confiança para tomar conta de algumas coisas. Como hoje em dia está muito difícil encontrar gente decente, pensamos em alguém da família e acabou que estou com seu número.

Não acreditava na coincidência.

— Er…Parece uma ótima proposta, primo.

— Claro! Vais ficar aí sozinho, sem família e nem emprego?

— É verdade. Posso lhe dar a resposta esse fim de semana?

— Pode sim, mas não pode passar disso. Estamos com muita urgência e não podemos segurar a vaga por muito mais tempo.

— Tudo bem.

— Beleza, primo! Vou desligar e ficarei no aguardo até o fim de semana. Me passa seu número.

Depois da ligação surreal, Rafael ficou estático e com sua cabeça a mil por hora.

Definitivamente não gostaria de sair de sua cidade, mesmo sem família e emprego.

Mas não possuía muitas escolhas, poderia ser isso ou morrer de fome.

O telefone tocou novamente enquanto a nuvem de pensamentos pairava sobre sua cabeça. A noite ficou mais agitada do que esperava. Aquilo o irritou.

— Quem é? — atendeu sem muita paciência.

— Boa noite, o senhor é Rafael Branco? — perguntou uma voz feminina.

— Acho que sou eu.

— Desculpe-me ligar tão tarde, apenas queria lembrá-lo que tem uma entrevista marcada para segunda.

— Como? — A surrealidade continuava. — Uma entrevista?

— Exato, para segunda. Tem interesse, não é?

— Mas é claro! — exclamou exaltado, deixando as dúvidas de lado.

— Certo, está confirmado então. Às 9 horas da manhã está bom para você?

— Acho que sim.

— O endereço é esse, está anotando?

Rafael se despediu e desligou o telefone com um xingamento na cabeça. Teria de tomar uma decisão. Ou ficaria para tentar a entrevista e perderia a chance de um bom emprego estável, ou iria para outro estado começar vida nova na casa de parentes.

Bem sabia que naquele exato momento a vida lhe dava uma chance única. Aquela era uma das horas em que se definiam os rumos que a vida das pessoas tomam, sem chances de voltar atrás. Essa grande aposta baseada na frieza e confiança dos jogadores separavam os meninos dos homens.

Sorte não é acaso. Lembrou-se da frase do morador de rua por algum motivo.

E com isso na cabeça foi dormir.

Graças a esse surto na realidade, a noite foi difícil. O pesadelo foi longo, mas só se lembraria dos últimos momentos.

Estava no apartamento da sua vizinha, muito mais sombrio e assustador do que se lembrava. Sentado no sofá vermelho, sentiu seu corpo pesado. Quando tentou se levantar percebeu que estava grudado, ou sendo puxado para baixo com muita força.

Todos os móveis estavam presentes, a única coisa que viu de diferente foi a passagem para a sacada, sem cortinas e sem a porta de correr. O céu estava um breu e o apartamento desprotegido de qualquer mal. O vento batia forte, sentia o frio brutal roubar-lhe calor do corpo.

Em um pequeno banco solitário no canto do cômodo repousava uma imagem assustadora.

Uma criatura grotesca formada por partes de animais o encarava bestialmente. Dentre os mais marcantes detalhes estavam os profundos olhos azuis felinos e uma espada curta de metal fosco e enferrujada em suas mãos. O ser apenas o encarava em silêncio, com uma respiração forte e grosseira. Possuía dois chifres

espiralados que apontavam para cima e um queixo redondo que guardava uma boca aberta pelos proeminentes dentes curvos que escapavam. Duas asas retorcidas feitas de sombras se debatiam. De sua cintura brotavam elos e correntes que desciam por suas pernas e no final prendiam pelo pescoço dois cativos. Uma era sua vizinha que chorava e do outro lado o mendigo que ria.

O suor quente escorreu de seu rosto quando acordou no meio da madrugada. Temeroso, foi até a cozinha e, enquanto bebia um copo de água, tentou se lembrar do sonho em sua totalidade, mas não conseguiu.

O fim de semana veio e custou a ir, passando de maneira lenta e sofrível. Rafael não tirou da cabeça a decisão que teria de tomar. Tentou de todas as maneiras se distrair com jogos e filmes, mas descobriu que seria inútil. Empurrou a decisão até domingo, quando no final da tarde resolveu tomar coragem e ligar para seu recém-descoberto primo e com pesar negar a proposta de trabalho.

O peso tirado de suas costas foi enorme, apesar da misteriosa entrevista marcada ser uma grande incógnita.

Acabou recebendo mais um convite de sua vizinha. A relação dos dois estava surpreendentemente divertida e natural. Rafael se sentia odiável, pois se achava um chorão naquele momento, apenas falando de seus problemas para uma desconhecida. Por isso aproveitou a oportunidade e perguntou sobre ela.

As perguntas foram menos receptivas do que imaginou e Ariane pareceu evasiva na maior parte da conversa.

Surpreendeu-se com o horário e se preparou para voltar ao seu apê. Sua vizinha pediu um minuto e então voltou da cozinha com algo em suas mãos. Quando o ofereceu, revelou ser um pequeno saquinho de pano vermelho costurado.

— É para dar sorte amanhã — disse com um sorriso. — Um gris-gris.

Rafael agradeceu sem jeito. Quando o pegou, sentiu coisas variadas dentro dele com seus dedos, mas não soube distinguir o que era. Apertou com firmeza.

— É tipo um patuá?

— É tipo um patuá.

Colocou no bolso da calça que vestiria na entrevista do dia seguinte e, pela primeira vez em muito tempo, quis acreditar que o sobrenatural existia e que aquilo poderia lhe dar boa sorte. Mesmo que não desse, seria uma lembrança de

alguém que verdadeiramente acreditou e o apoiou.

Aquela seria a segunda vez que tentaria acreditar em algo daquele tipo, desde aquela noite no hospital que não se esqueceria nunca mais.

A empresa ficava em um edifício de uma das maiores avenidas da cidade. Demorava cerca de quarenta minutos com trânsito intenso. Era uma área nobre.

Rafael respirou fundo, sentiu o perfume do lugar e se encheu de coragem. Teria de dar tudo de si, seja lá o que isso significasse.

A calçada estava abarrotada de gente naquele horário da manhã e muita cultura estava em conflito. Assalariados de terno e gravata tomavam café junto com jovens que saíam da balada, ciclistas dividiam espaço com artistas de rua e motoristas indo para o trabalho. Moradores de rua pediam esmolas enquanto crianças iam para o colégio. A maioria das construções presentes ali era bonita e moderna, com retas acentuadas que, ao se unirem, montavam um mosaico ordeiro que atravessava a cidade com a grande avenida.

O prédio onde ocorreria a entrevista parecia tão novo quanto os demais, com janelas espelhadas e uma bonita fonte em sua entrada. O hall era suntuoso, digno de grandes hotéis. Dois seguranças enormes fiscalizavam a entrada e a saída, anotando todos os dados dos novos visitantes.

Entrou no elevador e aguardou, a entrevista aconteceria no 14° andar. Apalpou o patuá em seu bolso e repetiu para si mesmo frases otimistas. Olhou para o espelho do cubículo de metal que o levava para cima e deu as últimas ajeitadas em seu visual. Trajava roupas sociais limpas que estavam guardadas há muito tempo. Uma camisa de botão azul-clara e uma calça social preta, também havia reservado seus melhores sapatos. Queria impressionar logo de cara.

As portas se abriram revelando um hall moderno, coberto com divisórias de vidro. Poltronas pretas estavam dispostas em duas fileiras coladas na parede branca. Parte do chão liso era coberto por um tapete cor vinho que levava até o balcão da recepção.

— Bom dia — disse a entediada recepcionista quando Rafael se aproximou.

— Estou aqui para a entrevista das nove — respondeu nervosamente.

— Só um momento. — A mulher ligou para alguém e pediu para que aguardasse naquelas confortáveis poltronas.

Alguns minutos se passaram até outra mulher aparecer. Sandra se apresentou. Era a gerente do recursos humanos da empresa e a responsável pela ligação que o levou até ali. Pediu para que a acompanhasse.

Passaram por um corredor e Rafael notou embasbacado a tranquilidade do lugar. Todos os setores eram separados por divisórias de vidros e os funcionários pareciam sossegados. Bem diferente da realidade da última entrevista que teve na última semana. Desejou trabalhar ali com todas as suas forças.

Rafael foi relaxando conforme a conversa prosseguia dentro de uma salinha reservada. A mulher se mostrou bastante simpática. Fez perguntas sobre vários pontos de sua vida, como se estivessem apenas papeando em um bar. Depois vieram as perguntas mais específicas, conhecimentos da área que atuaria se fosse contratado. Conseguiu responder de maneira rápida e eficiente, ficou confortável e terminou a entrevista se dando muito bem com a gerente.

Enquanto discutiam sobre os benefícios, alguém bateu na porta.

— Atrapalho, Sandra? — Rafael estava de costas, por isso não viu quem era. Possuía uma voz forte e decidida.

— Não, já estamos acabando — sorriu. — Parece que encontramos nosso novo funcionário.

— Termine e mande-o para minha sala, eu mesmo vou avaliar.

A porta se fechou e um silêncio constrangedor tomou o ambiente. Sem jeito, Sandra revirou alguns papéis. Provavelmente procurando o que dizer.

— Eu nunca o vi fazer isso — desculpou-se.

— Acho que posso encarar — disse com confiança.

— Ele é o dono da empresa.

Rafael a encarou, sem esboçar uma reação clara. Por dentro, se perguntava em desespero por que o cara parecia irritado naquele horário da manhã.

— É boa pessoa, apenas um pouco estressado. Você se sairá bem.

Terminada a entrevista, Sandra levou Rafael para conhecer o homem. Sentiu um frio na barriga. A ansiedade batia forte.

— O nome dele é Emerson, mas nunca o chame assim. Todos o conhecem por GG. Apenas seja paciente e colherá bons frutos.

— Obrigado.

A porta foi aberta por ela e fechada logo em seguida.

Sentiu o tapete fofo em seus pés, mesmo com sapatos. Era uma sala grande e confortável. A primeira coisa que chamou sua atenção foram os troféus na prateleira que ocupava metade de uma parede, junto de certificados e premiações. GG olhava para a tela do seu computador que estava apoiada por uma grande mesa de vidro negro, que também guardava muita papelada, um gaveteiro e uma impressora.

GG era o líder, fundador e dono de uma das maiores redes de loja de eletrodomésticos e eletrônicos. Começou com uma pequena venda de esquina na década de 1990. Com uma grande visão de mercado e administração rígida, cresceu e transformou-se na grande Eletronik, que abrangia todo o território nacional. Dentro de uma das lojas, uma dona de casa poderia achar qualquer coisa para seu lar. Desbancou concorrentes e se firmou solidamente no mercado.

Rafael se lembrava quando criança de ver as propagandas bregas na tevê onde o próprio GG fazia os anúncios dos produtos. O simpático vendedor estava ali em sua frente, agora como um impiedoso chefe de uma das maiores companhias do País.

— Bom dia — Rafael quebrou o silêncio.

Emerson era um homem grande, aparentava ter em torno de 60 anos, com uma cabeleira prateada e óculos de aro preto e grosso apoiado em um nariz avantajado. Vestia um terno de linho sob medida, azul-escuro, e uma gravata listrada.

Viu que ele largou o computador para ler um documento, no qual reconheceu como sendo seu currículo.

— Rafael Branco, certo?

— Sim, eu mesmo.

GG o observou pensativo. Afastou a cadeira para se levantar e andou pela sala.

— Sente-se — mandou e Rafael obedeceu. — Quer uma água?

— Não, estou bem.

— Beba, li uma vez que candidatos se saem melhor quando tomam água antes

de qualquer entrevista. É o que dizem os especialistas.

O homem pegou uma garrafa de água mineral e encheu um copo que tirou de um pequeno espaço debaixo da mesa. Rafael não queria contrariá-lo e bebeu.

— Gostamos bastante do seu currículo, eu mesmo o achei e pedi para Sandra chamá-lo.

— Isso é ótimo! — Rafael deu o último gole.

— Será? Já passaram muitos funcionários por aqui, todos com ótimos currículos — completou. — Até melhores que o seu.

Rafael achou que fosse engasgar, mas segurou firme.

— A grande questão é que aqui damos oportunidades de crescimento. Inclusive, ótimos profissionais começaram como estagiários e hoje cuidam de filiais inteiras.

— Isso parece bom — respondeu, com medo de parecer idiota.

— É claro que é bom! Que empresa nesse País hoje faz algo desse tipo? Sou justo se souber trabalhar duro, mas não perdoo se cometer erros. Muitos querem uma vaga por aqui hoje, é bastante disputada.

— Estou confiante, sou qualificado.

GG circulou sua mesa e se sentou novamente. Colocou os braços sobre ela e cruzou os dedos.

— Você pode se sentir qualificado, pode se sentir um tigre em seu habitat, mas serei eu a definir se você é ou não a pessoa ideal para o cargo.

A conversa se transformava cada vez mais em uma disputa insana a cada rebatida que o homem dava. Desconfiou que o sujeito queria algo com aquela encenação toda. Só não sabia se era simplesmente para demonstrar sua superioridade ou se queria que Rafael tomasse uma posição de desafio. As duas formas eram extremas e, se exagerasse em demonstrar um, falharia miseravelmente no outro. Ficar parado também não era uma opção.

Sentiu o gris-gris em seu bolso.

Era óbvio que qualquer profissional, fosse ele quem fosse, se sentiria acuado com GG nesse momento, não havia motivos para ele querer se mostrar. Com toda a certeza era um teste, pensou. Pôde imaginar quantos falharam naquele

momento.

A decisão foi clara em sua cabeça. Rafael se demonstrou resistente e começou a rebater todas as bravatas de GG. Sua confiança naquele momento era imbatível, inabalável, deveria ser para conseguir o que desejava.

— Isso é tudo. — GG ajeitou os óculos com os dedos e se virou novamente para o computador. — Aguarde na recepção.

O rapaz agradeceu e deixou a sala. Quando fechou a porta, percebeu que estava suando muito e tremia levemente.

A recepcionista continuava não ligando muito para sua presença e, após mais alguns minutos, Sandra surgiu no corredor apressada.

— Está liberado.

— O que isso quer dizer?

Sandra se aproximou.

— Não posso dizer, ligaremos amanhã caso seja contratado — disse ela, cheia de mistérios.

— Entendo — suspirou.

Rafael se afastou para sair, mas Sandra o chamou discretamente enquanto ele se afastava.

De longe, a mulher deu uma piscadela para ele, se virou e sumiu no corredor.

O peso de uma rocha caiu das costas de Rafael e não pôde evitar de sorrir. Aquilo só podia significar uma coisa.

Quando finalmente deixou a empresa, se sentiu mais aliviado e feliz do que nunca. Apertou o botão para o elevador, que chegou rapidamente ao andar. Entrou, mas acabou trombando com um rapaz de moletom vermelho. Os dois se desequilibraram e Rafael deixou cair seus documentos.

Os dois cruzaram olhares e Rafael viu a expressão de puro desprezo do rapaz de moletom. Vestia-se como um adolescente, fone de ouvido, camisa estampada de rock, calça jeans e um tênis all-star.

Rafael se agachou para pegar os papéis e o rapaz sequer olhou para trás. Mas nada podia estragar a felicidade daquela manhã.


א
00
O TOLO

CAPÍTULO II
ONDE HÁ UM DEMÔNIO

Rafael recebeu a notícia na manhã seguinte como avisado. Sandra parecia gripada ao telefone, mas demonstrava empolgação.

Estava oficialmente empregado.

Começaria a trabalhar na semana seguinte. Antes de completar o sexto mês.

Guardou o gris-gris na gaveta da cabeceira de seu quarto e prometeu que o manteria ali para sempre. Não sabia se realmente ele tinha funcionado, mas o considerava um presente simbólico.

Ariane apareceu no meio da tarde, pegando Rafael de surpresa. Ele mesmo queria lhe dar a notícia, mas a garota não parava em casa.

— O seu Arlindo contou das novidades — falou a garota com animação, enquanto lhe dava um caloroso abraço.

— Tudo isso graças ao seu saquinho da sorte — sorriu. — Não sei como te agradecer, estou em um débito eterno com você.

— Não exagere, o.k.? — censurou. — Tudo isso foi graças ao seu esforço, só precisava de um empurrãozinho.

— Tudo bem, mas fique sabendo que eu ainda quero te agradecer. — Rafael pensou um pouco. — Que tal se eu a levasse para jantar?

Ariane fez uma expressão irônica.

— Fique sabendo que eu gosto de lugares chiques e caros — brincou ela.

— Acho que você merece — respondeu sincero.

No final, a garota disse que não tinha tempo, pois viajava bastante, mas agradeceu o convite. Rafael ficou decepcionado, mas decidiu dar um passo de cada vez.

A semana passou rápida. Estava tão ansioso como uma criança em dia de Natal. Rafael acordou e com alegria percebeu que era seu primeiro dia de trabalho. No

fundo sabia que aquela sensação era fruto de seu desespero. Mas sua principal preocupação era tentar não se atrasar.

Folheou alguns cartazes e ofertas da Eletronik para estudar com detalhes como a empresa trabalhava. Segundo a filosofia deles, você não precisava ser rico para sair com a TV de seus sonhos, bastava ter um emprego e residência fixa para poder ser feliz com suaves prestações.

Rick apresentou a Rafael sua mesa e suas funções. Trabalhava com a manutenção das máquinas e sempre tinha uma solução para tudo. Isso, junto de suas roupas e de seu sorriso aberto, me lembravam de um personagem dos anos 1980, um policial que sempre conseguia as coisas na malandragem, vivido por Eddie Murphy. Rick vestia uma jaqueta azul que combinava com sua pele mulata, camisa lisa branca e uma calça jeans surrada que usava para trabalhar.

Enquanto o apresentava para os outros funcionários foi contando parte de sua vida. Geralmente Rafael não gostava de pessoas que falavam demais, mas Rick tinha um carisma fora do comum.

O homem das máquinas não parava de falar da própria vida: nasceu em outra cidade, de uma família de classe média, tinha dois irmãos, com quem se encontrava todo mês, morava sozinho longe dali e estava solteiro.

O escritório era grande. Havia quatro setores centrais que dominavam todas as operações relacionadas à empresa: administrativo, tecnologia, marketing e logística. GG controlava tudo na medida do possível de sua pequena sala, apesar de cada setor possuir o próprio gerente e certa autonomia.

— Que porta é aquela? — Rafael apontou. Ficava entre a copa e os banheiros.

— É o almoxarifado, atualmente o estagiário fica lá cuidando dele.

— O cara é estagiário e tem uma sala só para ele? — questionou Rafael.

Rick pensou. Realmente olhando por esse ângulo era verdade. Deu de ombros, não tinha uma resposta para aquilo.

— Cal é bem atarefado, ele cuida de muitas coisas da empresa. — Continuou. — Ele é um pouco estranho, mas é gente boa.

Os dois atravessaram o corredor e foram em direção à porta. Após baterem escutaram uma voz do outro lado que os convidava a entrar.

O lugar era apertado e caótico, não possuía janelas e isso causava uma penumbra

que incomodava. Seria péssimo para um claustrofóbico. Gaveteiros de ferro e estantes estavam fora do lugar, e muitos papéis e documentos jogados no chão. Escutaram um som de digitação frenético e, após quase derrubarem uma pilha de caixas, foram atendidos pelo estagiário, que pareceu não dar bola para eles e permaneceu de costas, sem desgrudar os olhos da tela.

— Quer algo, Ricardo? — perguntou, sem olhar para trás.

— Só vim apresentar o Rafael, nosso novo parceiro.

A cadeira de rodinhas rolou para trás e Cal se levantou lentamente. Rafael o reconheceu quando se virou. Era o mesmo mal-educado que havia esbarrado nele no elevador, no dia da entrevista.

O rapaz era um pouco menor que Rafael e pareciam ter a mesma idade. Magro, com cabelos castanhos revoltados, mas bem aparados, lábios finos e olhos um pouco caídos, mas vívidos. Seu rosto era seco e possuía uma expressão de indiferença. Vestia-se com o mesmo moletom vermelho, mas a banda estampada na camisa era outra.

O estagiário pareceu não o reconhecer.

— Sou Rafael. — Com o óbvio anúncio Rafael estendeu a mão para que se cumprimentassem, mas Cal voltou-se para a tela sem se importar com eles. O rapaz recuou a mão desconcertado.

Saíram da salinha.

— Exótico, como pôde ter percebido, mas você aprende a gostar.

— Isso eu vi, ele é estagiário de qual setor?

Rick balançou a cabeça negativamente.

— Ele já estava aqui antes de eu entrar na empresa, nunca fiz essa pergunta. — Os dois continuaram pelo corredor. — Geralmente cuida dos trabalhos menores, pagar contas e tirar xerox.

Uma garota passou por Rafael desapercebida, mas foi notada pelo veterano.

— Essa é a nossa mascote. — Puxou a tímida garota pelos ombros. — Érica!

A menina soltou um “ai” envergonhado e cumprimentou Rafael olhando para o chão. Era baixa e franzina, usava rabo de cavalo. Tinha olhos puxados, denunciando sua descendência oriental. A garota disse que estava ocupada e não

poderia ficar conversando. Continuou seu caminho enquanto ruborizava.

— Uma gracinha, não?

Rafael teve de concordar.

Descobriu que dividiria a sala com mais quinze funcionários dentro do setor de marketing e com Rick, que ficava ali por falta de lugar melhor no escritório.

A primeira coisa que fez foi cuidar de toda a papelada em sua mesa, verificar os programas no computador e se adequar aos sistemas de intranet da empresa. Tudo era de última geração e GG não economizava para garantir as melhores ferramentas.

Em pouco tempo já começava a tocar os trabalhos pendentes por conta própria, mas descobriu que, por mais esforço que fizesse, parecia que iria precisar de ajuda para dar conta da empresa inteira.

A gerente do setor era Beatriz. A primeira impressão que Rafael teve era de que era completamente pirada. Foi chamado no final do expediente para conversarem.

Tinha cabelos loiros cacheados com grande volume e era tão branca quanto cera de vela. Possuía olhos castanhos atentos que não deixavam passar nada. Usava um conjunto tailleur, colete rosa e calça preta, com botas longas de couro.

Beatriz pediu que se sentasse.

— Seja bem-vindo, Rafael. Espero que não se assuste com o volume de trabalho.

— Não se preocupe, estou me dando bem.

A mulher usava lenços umedecidos de tempos em tempos para limpar as mãos. Definitivamente era pirada, pensou Rafael.

— Poderia tirar copias desse documento para mim? Tenho de enviar para um cliente logo cedo.

Todos os funcionários em começo de emprego acabam por pisar em ovos com todos a sua volta. Por vezes aceitam muito trabalho que não lhes competem e isso transformaria seu emprego em um verdadeiro inferno em algumas semanas. Por outro lado, não se esqueceu do fato que precisava do trabalho e fazer esses pequenos favores contariam para ele a seu favor. Negar um primeiro pedido de sua gerente não lhe parecia muito inteligente.

Decidiu uma saída à francesa.

— Posso fazer isso, mas, aproveitando que existe um estagiário, poderia deixar a encargo dele...

Beatriz o fitou.

— É verdade, temos um estagiário. — Fez uma expressão de dúvida. — Aquele garoto do almoxarifado é de qual setor mesmo?

Rafael pensou que ninguém conseguisse responder aquela pergunta, mas preferiu não deixar a ideia morrer.

— Posso pedir para ele.

— Pergunte primeiro. Se ele for de outro pode dar em briga entre gerentes e não quero que testem minha paciência.

Concordou.

O escritório estava visivelmente vazio e o restante se arrumava para ir embora. Seu plano de pegar ônibus o mais cedo possível foi por água a baixo.

Bateu na porta do almoxarifado e ninguém respondeu. Decidiu entrar.

Cal estava sentado em sua cadeira, de olhos fechados, com os pés erguidos sobre a mesa e com fones de ouvido que tocavam uma música extremamente alta.

— Cal... — Chamou. Sem respostas.

— CAL!

Aproximou-se e tocou o ombro do estagiário. Cal abriu seus olhos e o encarou, indiferente. Rafael fez um gesto para que tirasse os fones.

O rapaz voltou a se concentrar na música, fechando os olhos e ignorando completamente a presença dele.

Aquilo não era esperado. Rafael o fitou por um bom tempo e, enraivecido pela atitude de um reles estagiário, deu um puxão em um dos fones, que balançou no ar.

— Preciso te pedir algo — disse, tentando se manter calmo.

Cal fechou a cara.

— O que você quer? — questionou ríspido.

— A Beatriz pediu para que você tirasse essas cópias e que deixassem em sua mesa.

As sobrancelhas expressivas de Cal se curvaram.

— Não conheço nenhuma Beatriz — disse e voltou a colocar os fones.

Rafael se irritou, mas manteve a compostura. Foi dar outro toque em seu ombro, mas foi recebido com um tapa em sua mão.

— Cai fora! Não respondo a você, otário.

O ultimato de Cal foi a gota d’agua para Rafael. Naquele momento, seu raciocínio lógico foi ralo abaixo.

— Quem você pensa que é? Você é só um estagiário! Tem de fazer o que seus superiores mandam.

Cal se levantou.

— Acha que ligo para o que tem a dizer? Para mim você não é nada além de um intrometido.

O sangue ferveu, mas Rafael não faria nada naquela situação que se arrependesse no dia seguinte. Bufou e virou as costas para sair. Sentia-se humilhado e cada passo dado para fora era uma martelada de derrota na sua cabeça.

Teve de admitir que sentiu saudades de sua vida de desempregado, mas retirou o pensamento antes que o universo lhe tirasse o que havia conquistado.

Uma bolinha de papel voou e acertou sua cabeça quando estava a dois passos da saída.

Em alguma ocasião na vida de qualquer pessoa os limites são testados. Alguns descobrem bem cedo, outros tarde demais. Já Rafael havia descoberto naquele exato momento qual era o limite da sua paciência.

Ficou alguns microssegundos embasbacado pela situação e, então, o calor do ódio brotou em seu peito e se espalhou por todo seu corpo, nublando sua mente e avermelhando seus olhos.

O estagiário ria.

— Vai fazer o quê, engomadinho? — desafiou.

Rafael marchou em direção a ele com o punho fechado e o agarrou pela gola da camiseta.

Foram interrompidos por uma voz esganiçada do lado de fora da sala.

— O que vocês estão fazendo?

Quando olharam em direção à porta, várias pessoas observavam a triste cena como uma plateia. No meio deles, Beatriz, furiosa, fuzilava os dois com os olhos.

— Acho que alguém dançou — murmurou Cal em um sussurro que apenas Rafael pôde escutar.

Estavam os dois de frente com GG no dia seguinte. O velho parecia mais raivoso que quando o conheceu na entrevista. Estava todo arrumado e uma grande mala aguardava ao lado da porta. Iria viajar, mas decidiu fazer aquela reunião com os dois antes de sair, depois que escutou sobre o conflito. Estava sentado em sua cadeira e apertava uma bolinha de borracha usada geralmente para relaxar pessoas muito estressadas. Sua voz era ameaçadora.

— Parece que as duas mocinhas estavam a ponto de trocar beijos.

O deboche foi o suficiente para deixar ele e Cal calados.

— Qual foi, afinal, o motivo disso tudo?

O estagiário permaneceu em silêncio.

— Foi tudo culpa minha, GG... — Rafael admitiu a culpa sabendo que não era totalmente sua, mas pareceria imaturo caso tentasse jogá-la em Cal. E, se isso acontecesse, Cal venceria por experiência.

— Beatriz passou aqui mais cedo e relatou tudo. Vocês quase chegaram às vias de fato dentro da minha empresa, embaixo do meu nariz! — disse exaltado, olhando para os dois. — Infelizmente esse tipo de atitude não condiz com este lugar.

Cal concordava com a cabeça, produzindo uma expressão desolada no rosto, visivelmente cínico.

GG encarou Rafael.

— Você não pode chegar aqui e achar que todos têm de fazer o que você quer, principalmente quando são responsabilidades passadas a você. — Seu rosto

ficava vermelho. — Se faz isso no primeiro dia, o que eu tenho de esperar de você até o final do ano? Que exploda esse escritório?

Rafael sabia que não valeria a pena tentar contar o que realmente aconteceu, teria de engolir tudo a seco, mesmo sabendo que foi por provocação. Mas no final GG estava certo, não custava nada tirar uma xerox. Onde estava com a cabeça?, pensou.

— Não se repetirá — foi a única coisa que se limitou a dizer.

— Não terminei de falar. — O tom de GG era voraz. — Na minha época eu não tive ajuda de ninguém, não recebia salário, auxílios e sequer ganhei uns tapinhas costas. Construí esse império sem nada disso! — exaltou.

Rafael apenas acenava em concordância com a cabeça.

— Espero que isso realmente não se repita ou infelizmente teremos de continuar as buscas por um novo funcionário.

Cal coçava o nariz escondendo o sorriso.

— Estamos entendidos?

O “sim” foi uníssono.

— Você! — apontou para Cal. — Sabe mexer com os mesmos programas que ele? — Apontou o mesmo dedo para Rafael.

— Sim. Posso fazer o mesmo.

Pronto, era isso, pensou Rafael. Iria ser substituído por aquele maldito moleque. Cal imaginou a mesma coisa. Mal sabia que estava entrando em uma armadilha.

— Então está decidido — anunciou GG com satisfação. — Não haverá brigas internas enquanto eu for vivo. Vocês dois trabalharão juntos!

O queixo de Rafael foi ao chão e, por mais que tentasse balbuciar, não saiu nenhum som. Cal arregalou os olhos.

— Ou trabalham em equipe ou estão demitidos — deu o ultimato.

— Como assim? — gaguejou Cal.

— Vai ser estagiário do nosso querido Rafael aqui.

— Ele arruma briga e eu saio prejudicado? — protestou Cal.

A ficha de Rafael ainda não tinha caído.

— O assunto está encerrado. Em três meses você atinge o limite que nos é permitido por lei mantê-lo aqui como estagiário e também temos os mesmos três meses de período de avaliação para Rafael. — Olhou para os dois. — Se vocês não se acertarem juntos, arrumarão um novo emprego juntos!

Quando deu por si, Rafael estava de volta em sua mesa. Mais e mais trabalhos apareciam, tanto os pendentes quanto os novos. Pelo menos com isso ele conseguiria esquecer um pouco a reunião mais cedo e a decisão de seu chefe.

Aquela situação era definitivamente uma loucura para ele, nunca conseguiria suportar alguém tão infantil. O pior era que, com tantos trabalhos, uma ajuda até viria a calhar.

O dia seguinte escorreu tão rápido quanto em uma ampulheta. Não teria outra escolha se não falar com aquele maldito estagiário. Olhou para o telefone, mas decidiu se posicionar de maneira mais pessoal.

E o relógio continuava seu giro enquanto ele tomava coragem para levantar daquela cadeira.

Iria falar com ele, definitivamente. Não tinha outra escolha! Tentava bolar planos mirabolantes na cabeça, imaginando a melhor forma de fazer aquilo sem mais danos. O estagiário seria arrogante ou cederia à pressão? Iria prejudicá-lo de propósito?

Cal era uma incógnita.

Tomou um susto quando viu sua impressora emitir um apito ao seu lado e interromper seus pensamentos. A máquina começou a imprimir algo, sem que tivesse pedido.

Era definitivamente um documento estranho.

O papel, com aparência antiga, quase esfacelava ao seu toque. Verificou no compartimento de folhas, mas sabia que todas eram novas, já que as havia trocado no dia anterior.

Não se parecia com nada que a própria Eletronik produzia, não havia marca d’água nem o carimbo oficial. O conteúdo tinha diversos símbolos estranhos, que poderiam ser apenas erro de impressão. Quando apertou os olhos, identificou um pequeno trecho em latim. Lembrou-se das aulas inúteis na

faculdade, mas não conseguiu ler nada da língua morta. A parte em português veio no parágrafo seguinte.

“Por este instrumento contratual em forma mundana, Rafael Branco, cidadão do plano mundano, contrata os serviços de (nome ilegível) por exatos três (3) meses terrenos pela permanência do mesmo nessa dimensão.

Durante o tempo mencionado, o demônio contratado deverá proteger a integridade física do contratante dos seguintes males: doença, homicídio e velhice. Além de servi-lo da forma como puder e como o contratante desejar.

Esse contrato tem valor legal para todos os habitantes do She’ol e não deve em hipótese alguma ser quebrado por qualquer um dos seres mencionados aqui; podendo haver implicações severas na saúde e liberdade dos mesmos.

Também válido como oficialização de um ritual de invocação bem-sucedido.”

Logo abaixo duas lacunas finalizavam o suposto documento. Uma possuía o nome ilegível mencionado nos parágrafos acima, ao lado, o campo “contratante” permanecia vazio, provavelmente à espera de sua assinatura.

Rafael rasgou a folha com raiva. Um trote de muito mau gosto, logo pensou.

Apenas uma pessoa dentro daquele escritório poderia fazer aquilo. Cal estava tentando irritá-lo. Era guerra.

Foi beber uma água para se acalmar, aproveitou e decidiu bater no almoxarifado.

Não havia sinal do estagiário.

Quando voltou para sua mesa um novo documento, idêntico ao anterior, esperava na bandeja da impressora.

Rafael o rasgou novamente.

Com um apito, a máquina avisou que estava para imprimir algo. O mesmo documento apareceu.

— Rick! — chamou.

Seu colega de trabalho apareceu rapidamente enquanto ele jogava fora a nova folha.

— O que foi? — indagou ao ver a irritação de Rafael. — Algum problema com a máquina?

— Minha impressora está louca — disse. — Acho que alguém invadiu meu computador.

Rick deu uma risada.

— Isso é impossível! Nosso sistema é fechado e só eu tenho acesso a ele — explicou.

— Então só pode ser você! — acusou.

— Eu? Nem estava na minha mesa, estava configurando uma ferramenta para a Beatriz, pode perguntar para ela.

Rafael encarou a impressora, aguardando qualquer movimento. A luz de impressão se acendeu, mas nada aconteceu.

— Se ocorrer de novo, me avisa — disse Rick, voltando novamente para a mesa de sua gerente.

Quando o colega se afastou a impressora começou a impressão com rapidez, era o mesmo documento. Rafael agarrou a máquina e a arrancou da tomada, interrompendo o processo pela metade. Sorriu com a satisfação de uma vitória.

Mas, como em um truque barato de mágica, a impressora se ligou novamente sem precisar de energia e finalizou o processo, imprimindo mais e mais cópias da folha.

Quando Rafael se preparou para um ataque irracional contra a máquina, o telefone tocou. Respirou fundo e se acalmou. Depois de jogar todas as folhas no lixo e ter certeza que não haveria novas, atendeu o telefone.

— Eletronik, setor de marketing, Rafael na linha — disse roboticamente, enquanto esfregava o rosto de irritação.

— Sou eu... — Não reconheceu a voz e o som do outro lado da linha estava bem ruim.

— Quem?

— Aqui é o Cal — disse a voz aflita. — Preciso que você assine o contrato.

— Onde você está? Preciso de você para me ajudar e não para me mandar trotes.

— É sério! É muito importante que você assine.

— Para de brincadeira! Nossos empregos estão em jogo, onde você está?

— No momen...nshsnshsssss. — Um chiado fez sua voz sumir do outro lado da linha.

Rafael bateu o telefone no gancho.

— O que você fez com o contrato? — a voz de Cal surgiu em suas costas, junto de um estampido seco e um cheiro forte que Rafael não conseguiu identificar. Com o susto, se virou e viu o estagiário a duas cadeiras de distância dele.

— No lixo! Onde vamos procurar o que comer quando formos pra rua — respondeu um irritadiço Rafael. No fundo estava curioso para saber qual era o truque.

— Você precisa assinar!

— Não vou assinar a porcaria de uma pegadinha.

Olhou para o relógio e viu que o expediente havia terminado. Apenas os dois estavam lá.

— Deixa pra lá! Amanhã conversamos.

Irritado, se levantou, ignorando o que Cal falava, pegou suas coisas e foi embora.

O tempo ficava ruim a cada passo que dava na rua e uma pequena tempestade ameaçava cair a qualquer momento.

Qualquer morador daquela metrópole sabia que tentar pegar trânsito na chuva seria triplicar o tempo de volta para casa, por isso o metrô estava lotado quando Rafael chegou.

A multidão se aninhava embaixo da cobertura da entrada da estação para se proteger da água que havia começado a cair. Com muito custo conseguiu passar pelo bloqueio. A fila para pegar o metrô estava imensa e Rafael só conseguiu respirar após passar pelas catracas.

Enquanto esperava o próximo trem na plataforma, alguém se aproximou.

Era Cal.

— Onde você esteve o dia todo?

— Resolvendo uns problemas.

A luz do trem cortou a escuridão do túnel à frente e logo o carro surgiu. Uma

estrutura de metal sacolejava conforme diminuía a velocidade para pegar os passageiros.

Um zunido estranho tomou o ouvido de Rafael, que foi aumentando conforme o trem se aproximava.

Cada vez mais o veículo se aproximava mais lentamente e parecia que nunca iria chegar até o final da plataforma.

Repentinamente, ele parou. Ainda faltando metade do caminho.

O zunido se tornou uma pequena pressão no ouvido e uma sensação apavorante começou a apertar seu peito. Era como se estivesse sendo observado por todos os lados. Sentia-se uma presa, próxima de um predador faminto. Era uma sensação instintiva e primordial.

As pessoas a sua volta não pareciam perceber nada, na verdade elas pareciam ter se calado e parado de se mover. As cores do lugar desbotaram e sua visão ficou turva.

— O que está acontecendo?

— É uma zona crepuscular, uma colisão entre realidades.

Cal não parecia ter sido afetado como o restante das pessoas a sua volta.

— É uma região criada por algo para poder agir nesse plano sem sair do próprio. Já que eles não têm permissão para andar no mundo dos homens... — explicou.

— Eles?

— Olhe para trás.

Do outro lado do túnel, uma silhueta escura rastejava pelo teto e se aproximava rapidamente. A figura se desviava dos fachos de luz e permanecia na penumbra. Pulou em cima do trem e logo depois alcançou a plataforma. Encarou Rafael.

O mal-estar só aumentava.

A coisa se ergueu. Não era homem nem besta, mas um pouco dos dois. Vestia-se como um sem teto, com um casaco grande, sujo e em farrapos. Uma carapaça asquerosa brotava de suas costas como uma corcunda. Seu rosto era só negrume e duas orbes esverdeadas brilhavam como joias na escuridão.

— Entrando no meu território sssem permissssão? - Falou a criatura com uma

voz sibilada, que mais parecia uma cigarra tentando falar como gente.

O ser se ergueu e o casaco se abriu, revelando várias patas secas como de insetos que tremiam de excitação. Uma abertura surgiu logo abaixo dos olhos e se estendeu até o começo do peito. Era uma bocarra cheia de dentes pontiagudos.

Rafael se arrepiou e começou a recuar.

— Esse é um demônio de classe inferior, provavelmente vive nos túneis e se alimenta de quem se aventura sozinho pelas estações — disse Cal. — É fácil afugentar, mas o alvo não sou eu.

— Isso é algum tipo de pe-pegadinha? — gaguejou. — Só pode ser uma.

— É melhor correr — aconselhou o estagiário, dando um tapinha no ombro de Rafael.

— Trouxxxe comida? — a entidade disse. — Que gentil de sua parte.

— É todo seu, amigão — gritou Cal.

O homem barata avançou contra eles, rastejando pelos ladrilhos da plataforma.

Rafael, assustado, se virou e tentou correr, mas acabou tropeçando nos próprios pés. Cambaleou, mas conseguiu sair dali. Subiu as escadas de acesso e chegou ao saguão central do metrô, onde havia passado pelas catracas. A multidão o impedia de continuar, como um grupo desbotado de estátuas muito unidas, em poses de cotidiano. Era como em um filme de ficção científica, onde de alguma forma o tempo fosse parado e apenas ele estivesse acordado. Um inacreditável pesadelo.

Virou para outro lado e enxergou um caminho entre as estátuas, acabou chegando próximo à entrada. Sentiu-se correndo em um labirinto como um ratinho de laboratório desesperado.

Cada vez mais seu coração palpitava e a respiração ficava mais pesada, sentia seu peito chegar ao limite, havia algo mais ali. A pressão ameaçava estourar seus tímpanos a cada passo que dava.

— Se você se aproximar demais da borda da zona, vai acabar se desintegrando.

A voz surgiu ao seu lado. Era Cal. Rafael o encarou, de olhos arregalados. Quando finalmente achou um restante de ar para falar alguma coisa, o estagiário o empurrou. Antes de cair viu a forma escura passar em frente aos seus olhos.

Havia sido salvo por ele de ser pego pelo seu perseguidor.

A coisa rolou por alguns metros e se contorceu de maneira inumana, voltando a avançar contra eles.

— Vá por ali! — Cal apontou para outro lado, por um corredor formado entre os banheiros e a bilheteria. Sem pensar, Rafael voltou a correr, sem perceber para onde estava sendo levado.

Desceu por outro lance de escadas rolantes e mal viu que estava voltando novamente para a plataforma, só que do lado oposto.

Parou, ofegante, quando percebeu que não poderia mais correr. Por mais que sobrasse fôlego, era um beco sem saída. O monstro ficou parado nas escadas rolantes, quando percebeu que não havia mais escapatória. Estava encurralado e o único caminho possível era descer nos trilhos e tentar a sorte nos túneis do metrô. O que era uma loucura, não só pelo trem — caso ele começasse a se mover novamente — como pela corrente elétrica que ele achava que passava por ali.

Um papel voou e cobriu o rosto de Rafael, que o retirou desesperado com a mão.

— Assine — disse a voz de Cal, novamente em suas costas. Como ele fazia aquilo? seria a pergunta de Rafael caso estivesse em uma situação convencional, mas não estava. O homem barata se aproximava, suas presas expeliam um líquido pegajoso e escuro.

— Se você assinar minha obrigação principal será de te proteger. — Cal entregou uma caneta comum para Rafael, que olhou para as mãos e reconheceu o papel amassado como sendo o mesmo documento que o infernizava.

Aquilo não estava acontecendo, não podia estar. Rafael segurou a cabeça em desespero. Se assinar aquele maldito papel era a forma de acabar com a brincadeira, só lhe restava essa opção.

Rafael agarrou a caneta e apoiou o papel aberto nas costas de Cal.

A besta já estava a alguns metros dele, conseguia ver seu rosto desfigurado e sua bocarra irreal que se projetava para fora.

Escreveu o nome mais rápido que pôde na lacuna indicada. Quando finalmente terminou a voltinha do “o” de seu sobrenome, o papel se incendiou. Eram chamas azuis brilhantes. Rafael o largou, com medo de se queimar, mas

estranhamente não sentia o calor, apesar de o papel se desintegrar na sua frente.

Viu algo a mais se iluminar. Era Cal sendo tomado pelas mesmas chamas. Começou em seus braços, mas logo foi subindo com velocidade em torno de seu peito, costas e cabeça. As chamas fluíam de um lado a outro, como se alimentadas por um combustível invisível. Cal não parecia se importar.

O monstro deu um salto na direção dos dois com a bocarra arreganhada, como um tubarão pronto para abocanhar qualquer coisa que estivesse em seu caminho.

— A resposta era simples — disse Cal. — Você só precisava de um pouco de luz.

Cal se pôs à frente de Rafael e socou o peito do monstro, arremessando-o no vão entre as plataformas. O facho de luz do trem queimou a criatura, que soltou um guincho agudo de dor. Aquilo fez com que perdesse o controle de alguma forma e o mundo pareceu se mover novamente. O vagão estava novamente em movimento. A cena foi como uma mosca muito grande acertando o vidro de um carro em grande velocidade.

As cores voltaram em sua totalidade e o barulho de um metrô apinhado de gente voltou ao normal. Não havia mais “coisa” nem chamas azuis. Apenas um Rafael cobrindo o rosto com as mãos, de joelhos, gritando em terror, até perceber que estava a salvo e que as pessoas a sua volta o encaravam assustadas.

O operador do veículo pareceu desnorteado, enquanto chegava para estacionar o carro na plataforma. Mas não restava mais nada: nem monstro, nem chamais azuis.

Rafael se levantou envergonhado. Ninguém além dele parecia ter notado o que tinha acabado de acontecer.

— Isso foi um sonho? — pensou alto, ainda assustado.

— Acho que vai querer algumas explicações — respondeu Cal, com um suspiro.


18
A Lua

CAPÍTULO III
ONDE HÁ HOMÚNCULOS

Rafael não se lembrou do percurso do metrô até sua casa. Sua sala estava uma bagunça, quase tropeçou em uma caixa que usava para levar o lixo para fora. Não havia tido tempo desde que começou a trabalhar para arrumá-la, mas esse era o menor dos problemas.

Entrou todo molhado e Bóris o encarou desconfiado. Quando Cal entrou junto, o gato eriçou os pelos e silvou irritado, se escondendo a noite toda em algum lugar do apartamento.

— Seu apartamento é legal. É alugado?

Rafael só havia percebido que Cal o tinha seguido naquele momento.

— O que você está fazendo aqui? — perguntou exausto.

— Nós temos um contrato, preciso estar próximo de você até a validade dele acabar.

O rapaz xingou baixinho e caiu no sofá, sem se preocupar com mais nada.

— Isso não estava declarado naquele papel que li. — Decidiu entrar no jogo para ver onde ia dar.

— Claro! Teria de colocar todas as formas de te manter protegido no papel? Seria um contrato de infinitas páginas para descrever a brilhante capacidade dos mundanos de se colocarem em perigo.

— Mundano?

— É como nós chamamos vocês. Nós que não fazemos parte do plano dos homens.

Rafael não pareceu ligar. Na verdade não sabia por que ainda estava dando corda para ele, estava confuso e cansado.

— Sou um demônio — Cal revelou.

— E eu sou uma fada. — Rafael ergueu os braços e os balançou no ar

debilmente imitando um ser alado. Obrigou-se a se sentar e olhar para Cal. Que acendia um cigarro.

— Não pode fumar na minha casa.

Cal o ignorou.

— Como você explica tudo que aconteceu no metrô?

— Estresse — respondeu Rafael. — Só pode ser.

O estagiário o mirou por alguns segundos. Estalou os dedos.

Rafael levantou o pé quando sentiu algo passar por ele, deu um chute com o susto.

— Tem muita coisa a aprender sobre o mundo sem o véu da ignorância que você e sua raça se encontram.

Pequenos homenzinhos andavam pela sua casa. Eram feitos de uma matéria negra estranha, parecia fumaça. Tinham corpos pequeninos e uma cabeçorra desproporcional com dois olhinhos brilhantes como vagalumes. Não chegavam a mais de quinze centímetros de altura e pareciam frágeis. Dançavam e pulavam enquanto se moviam pelo apartamento. Rafael olhava a cena sem esboçar reação, como se de alguma forma aquilo fosse algum tipo de ilusão.

Os homenzinhos começaram a arrumar toda a sala. Arrastavam objetos pequenos e se juntavam para carregar os grandes. Pareciam comer papéis, pedaços de embalagens vazias e as cinzas de cigarro que caiam de Cal.

Sentiu algo se mover em seu braço. Um deles andava por cima dele. Com um balanço o homenzinho se desequilibrou e caiu desajeitado no chão. Quando se recompôs, fez um gesto obsceno com a mão diminuta para Rafael. Os outros homenzinhos que viram a cena tremulavam e soltaram sons estranhos que pareciam risadas.

Outros seguraram seu pé e retiravam seus sapatos e meias, um deles cheirou o interior do calçado e caiu para trás. Tentou destruir a meia logo depois.

— Pare com isso! Não é lixo!

— Eles são inocentes e pouco inteligentes. Tem de falar pra onde quer que leve suas coisas.

O rapaz encarou Cal e depois o homenzinho, que parecia realmente esperar

algum tipo de instrução.

— Roupa suja é na lavanderia.

Rafael imaginou que aquela seria a hora perfeita para um musical de um filme de animação bizarro. Um deles se pendurava no lustre e limpava-o de dentro para fora, parou para tossir duas vezes. Não limpava aquele lustre há anos.

— Homúnculos são bem úteis para tarefas simples. Só não tente fazê-los cozinhar, sempre é um desastre.

— Então, demônios existem. — Riu Rafael. — Isso é tão absurdo.

Lembrou-se da carta de tarô tirada por Ariane.

— Sim, existem. Hoje você foi atacado por um de nível baixo, se disfarçando entre humanos para se alimentar.

— Aquela barata não se parecia nem um pouco com um ser humano — rebateu Rafael.

— A visão que teve de sua verdadeira forma foi por estarmos na zona crepuscular. Lá eles têm todo o controle e não precisam mais esconder sua aparência. Alguns estão entre vocês, foragidos geralmente. Uns querem apenas alimento fácil, outros diversão mundana.

— E o que você procura?

Cal ignorou a pergunta.

— Para ficar aqui precisamos de uma licença especial, só concedida por contratos, invocações e missões específicas. Por isso eu precisei de um contrato com você.

Rafael tentou organizar a tonelada de informações que obtinha, mas aquilo parecia ter um erro de lógica.

— Mas como você conseguia ficar se só agora teve um contrato?

— Eu utilizava uma brecha burocrática. O contrato trabalhista que eu tinha com a empresa garantia minha licença e servia quase como um contrato demoníaco. — Tragou o cigarro. — Até você se meter nos meus negócios.

— E no que eu me meti?

— Esse artifício tem diversas falhas e pode ser facilmente revogado. Quando o

seu chefe não me quis mais como estagiário geral da empresa e me colocou sob sua tutela, meu contrato trabalhista deixou de ter validade sobrenatural, por mais que eu ainda seja considerado da empresa. Não tem como saber o que pode quebrar esses contratos ou alterar sua validade. Pelo que entendi sua natureza não oficial pode gerar problemas aleatórios imprevisíveis.

— E qual sentido de seguir esse contrato?

— Não é opção, outros demônios caçam quebradores de regras e foragidos. Não apareci o dia inteiro no escritório por isso, tentava despistar um e só consegui no final da tarde, quando te encontrei, e isso aconteceria mais e mais vezes até eu conseguir uma nova licença ou voltar capturado para o She'ol.

Rafael fez uma expressão confusa.

— She'ol é o nome verdadeiro do que vocês temem por inferno. É de onde vem os demônios. Alguns também o chamam de Abismo ou Gehenna.

— Então, tudo isso é verdade? Céu e inferno? Anjos e demônios?

— Vai virar religioso agora? — debochou Cal com um sorriso irônico. — Não adiantaria, vocês têm uma ideia mundana demais do que são esses lugares. Afinal, não sou vermelho nem uso tridente.

Rafael então percebeu algo que passou batido, algo extremamente vil.

— Por que fui atacado no metrô? — perguntou sombrio.

As gargalhadas de Cal encheram a sala e até os homúnculos pausaram o que faziam para se esconderem.

— Claro que foi ideia minha! Afinal, como iria fazê-lo assinar se negou todos os meus pedidos? — revelou. — Foi fácil! Apenas deixei um pouco da minha aura surgir e quando o demônio que perambulava por ali percebeu criou a zona para tirar satisfações. Era um tête-à-tête, mas te levei junto para sentir o gosto do perigo.

Enraivecido Rafael se levantou e o xingou.

— Com que direito você fez isso? E-e… — gaguejou. —...não quer dizer que eu acredite nessa história!

— Não preciso de direito para ter o que eu quero, mas não se preocupe! Um humano possuir um contrato com um demônio é muito vantajoso. Poucos são

aqueles que tem a honra de ter consigo um demônio tão poderoso quanto eu.

— Então você vai ficar três meses no meu encalço no trabalho até terminar o contrato?

— Não. Vou ficar esse tempo todo aqui também, já que preciso morar próximo ao meu contratante.

— Que pesadelo — suspirou Rafael, caindo no sofá novamente.

— Se acostume com a minha presença, mundano. — Os olhos do demônio brilhavam com malícia e não percebeu que Rafael tinha um sorriso nos lábios.

O dito mundano se levantou, foi até a cozinha e olhou para Cal.

— Então me prepare um macarrão, estava a semana toda com vontade.

Cal o fitou, descrente.

— Não vou me submeter a isso.

— Para mim vai, ou vai quebrar o contrato?

Com os olhos cerrados, Cal perdeu o sorriso dos lábios, mal acreditando no que escutava.

— Você não faria isso.

Essa reação orgulhosa do estagiário, mais que todo o resto, deu algum crédito a toda aquela história louca sobre demônios e contratos para Rafael.

— Não só farei como já estou fazendo. Agora você é meu servo, tem de me obedecer.

Centelhas azuis brotaram do corpo do demônio, cresceram e se transformaram em brilhantes chamas, tomando todo o seu corpo. As feições eram de puro ódio.

Os homúnculos sumiram, evaporando de medo.

— Nunca ouse me chamar de servo novamente, mundano — disse o demônio com a voz alterada.

Rafael se encolheu. As chamas diminuíram e cessaram logo depois, e Cal apenas permaneceu com a cara fechada, olhando com indiferença.

— Chamar um demônio de servo é a coisa mais humilhante que poderá fazer. Nossa relação é de contratado e contratante, apenas isso e nada mais.

— Tudo bem! Tudo bem! — disse Rafael, tentando acalmá-lo. — Mas ainda quero meu macarrão.

E, naquele momento, Rafael descobriu que Cal levava realmente o contrato a sério.

Pensando naquilo tudo, chegou à conclusão que não sabia se dava crédito ou não a Cal. As coisas que viu e sentiu foram reais, mas devia haver algum truque naquela história. Demônios existirem ia de encontro a todas as suas crenças e descrenças. Saber que existe algo como um inferno dos homens era uma reviravolta sem tamanho. O questionamento moral que teve em seguida durou pouco, já que percebeu que nada daquilo mudaria sua vida. Mudaria para alguém? Chegou a se perguntar.

A campainha tocou enquanto Cal preparava o que seu contratante pedira. Era Ariane.

— Boa noite, meu vizinho preferido.

— Sabe que sou seu único vizinho do andar, não sabe?

— Mas não deixa de ser verdade. — Sorriu.

— Você sumiu e nem avisou.

— Não se preocupe, já estou de volta — respondeu ela. Um som estridente acusou que algumas panelas da cozinha foram ao chão. — Tem alguém aí com você?

Pego de surpresa novamente, Rafael procurou alguma desculpa para explicar Cal e os meses que ficaria com ele.

— Então… Estou alugando o quarto dos fundos para um amigo de um amigo meu, para juntar grana, sabe? Ele ficou tão feliz que está preparando o jantar.

Um grito de dor veio da cozinha e mais sons de panelas caindo.

— Tem certeza que o nome que ele deu para isso é cozinhar? — Ariane começou a entrar no apartamento. Sua expressão era de pura curiosidade.

— Quer jantar com a gente?

— Claro! Ainda não tive tempo para preparar nada para mim. — A garota foi em direção à cozinha. — Vai me apresentar seu hóspede?

Rafael se lembrou dos homúnculos. Se Cal tivesse invocado eles, seria um pesadelo ter de explicar toda essa loucura para ela.

— Por que não se senta no sofá? Vou lá ver se ele precisa de algo. — Se pôs em sua frente.

— Deixa de ser bobo. — Ariane desviou do rapaz e avançou.

Sem alternativa, teve de usar o plano “b”.

— Cal! — gritou ainda da sala. — Conhece nossa vizinha?

— Não — respondeu ele da cozinha. — Ela é bonita?

— É, sim! Por isso espero que não esteja fazendo nada de estranho por aí. — Entonou a palavra “estranho”, esperando que ele percebesse a situação.

Ariane entrou na cozinha. A cena era assustadora, mas não como Rafael esperava.

Metade do chão estava coberto com macarrão cru e Cal se agachava para pegar algumas panelas que estavam caídas.

Ariane o observou por alguns instantes e fez uma expressão estranha.

— Não foi assim que aprendi a fazer macarrão — ironizou ela. — Prazer, sou sua vizinha de porta.

Cal limpou as mãos no avental que usava, estava cheio de farinha. Havia retirado seu moletom vermelho e colocado nas costas de uma das cadeiras da cozinha.

— Milady, sou Cal. — Estendeu a mão e deixou que ela o ajudasse a se levantar.

— Cal é diminutivo de que?

— É complicado — admitiu. — É um nome muito feio, prefiro manter em sigilo.

— Quer ajuda com isso? — perguntou gentilmente a garota.

O demônio ficou desconfiado, crispou os lábios. Rafael se divertiu com a situação, estava dando o troco em Cal por tudo que havia passado.

— Eu não sou muito acostumado com a arte da culinária — admitiu o demônio. — Vou aceitar sua ajuda.

— Fazer macarrão é simples — explicou. — Mas primeiro vamos cuidar dessa

bagunça.

Os dois arrumaram a cozinha e Rafael os acompanhou. Os três conversaram sobre diversas coisas, mas Cal se manteve discreto e observador. Quase como Bóris, que não havia aparecido desde que chegaram.

O demônio realmente era péssimo de cozinha, mas graças à Ariane começou a tomar gosto pelo que estava fazendo e perdendo a cara emburrada.

Rafael pegou uma latinha de cerveja e entregou para cada um. Questionou-se por alguns segundos se demônios bebiam esse tipo de coisa. Descobriu a resposta quando Cal abriu a latinha e bebeu sem tirar os olhos do macarrão na panela. Visivelmente interessado na mágica que acontecia com o macarrão cru, duro e sem sabor que se transformava em algo próximo do que via nos restaurante que frequentava.

Quando Rafael fechou a porta da geladeira se arrepiou com o que viu.

Um homúnculo perdido atravessava a cozinha com uma das meias de Rafael. Provavelmente confundiu o local onde ficava o cesto de roupa suja, deveria ter sido mais específico. Ariane não o tinha percebido ainda, pois observava a panela no fogo. Mas qualquer movimento poderia fazê-la ver a criatura.

Se Rafael corresse para pegá-lo, iria chamar atenção. Decidiu agir com naturalidade, coisa que não sabia fazer em momentos de tensão.

— Onde você guarda o creme de leite? — perguntou a garota. Rafael deu um pulo para trás, completamente não natural.

— Nesse armário de cima, ao lado dos sucos em pó... — Suas palavras foram sumindo. Esqueceu que o armário ficava na mesma direção em que o homúnculo se encontrava, se xingou por uns instantes e tentou bloquear sua visão. — Deixa que eu pego...

— Não precisa, ainda tenho mãos — respondeu a garota, estranhando o comportamento do vizinho.

Momentos antes de se virar completamente, Bóris deu um salto de trás da máquina de lavar, que ficava na área de serviço, e avançou contra o homúnculo. Foi com tanta força que atingiu o pé da cadeira e a arrastou. O ser evaporou deixando a meia na boca do gato, como se nunca tivesse existido.

— Que susto! — exclamou Ariane. — Esse gato saiu de onde?

Rafael permaneceu mudo por um momento.

— Ele gosta... de brincar com meias. — E era exatamente o que parecia.

Quando o gato viu Cal novamente, voltou a silvar irritado e se escondeu.

Depois do jantar, Ariane voltou para sua casa e os dois ficaram novamente sozinhos. Cal protestou quando Rafael pediu para que lavasse a louça, quando mencionou o contrato, o demônio apenas o fuzilou com os olhos.

— Tome cuidado com seus empregadinhos, quase que ela vê um deles — disse Rafael, enquanto checava a lavagem de pratos. Cal era pior naquilo que cozinhando.

— Eles são um pouco rebeldes, admito, mas não costuma acontecer.

Rafael tinha milhares de dúvidas, mas não sabia qual perguntar primeiro.

— Quando conversamos sobre o metrô, você mencionou algo como “aura”.

— Aura é como chamamos a presença energética das coisas ao nosso redor, mas vocês são cegos demais para conseguir enxergar. Quanto maior sua força energética, maior a impressão que você causa no lugar. Por isso alguns predadores conseguem paralisar presas frágeis só de encará-las. Foi o que deve ter sentido quando viu aquele outro demônio.

— Não sei se entendi, mas, já que você me protege, não precisarei passar por nada parecido, não é?

— Não.

— Quando peguei cerveja, me perguntei se vocês comem e bebem o que nós comemos, ou se apenas se alimentam de sangue de virgens ou algo assim.

— Podemos comer as mesmas coisas que vocês, mas na minha situação atual é completamente opcional. Demônios do meu nível podem ficar muito tempo sem se alimentar.

— Ponto fraco, algum? Igual prata com vampiros...

— Não nesse sentido, e prata é coisa de lobisomem. — Rafael não soube se ele falava da ficção ou se realmente podia esperar que lobisomens também existissem. — Existem formas de matar ou enfraquecer demônios, uma delas é utilizando seus verdadeiros nomes em certos rituais, por exemplo.

Lembrou-se do nome ilegível do contrato, que, segundo a lógica, deveria ser o verdadeiro de Cal.

— Não consegui ler aquele nome.

— Conhecer o nome verdadeiro de algo dá poder sobre esse algo, é uma regra básica e geralmente se aplica em demônios menores. Mas se for um muito forte é indiferente.

Rafael avaliava as informações e tentava guardá-las na cabeça. Lembrou-se de algo comuns nas histórias sobre contratos com demônios.

— Vou dever minha alma a você quando acabar o contrato?

Cal gargalhou.

— Isso é coisa que vocês, mundanos, inventaram — ironizou. — Quando um contrato acaba, ele acaba. Se eu quisesse algo de você teria declarado ali e, como sabe, só quero que ele me garanta liberdade de andar em seu mundo.

— Existe um paraíso?

— Ah, não! Vamos parar com essa baboseira toda. Não vou ficar respondendo suas perguntas.

Terminando a noite, foi preparar o quarto de hóspedes para abrigar seu inquilino, mas Cal se negou dizendo que ele mesmo daria um jeito. Mesmo sem haver qualquer roupa de cama no cômodo.

Quando finalmente Rafael se deitou, não conseguiu dormir. Reviveu todos os momentos que aconteceram durante o dia. Perguntou-se mais de uma vez se fora tudo um sonho. Apagou em um sono pesado, desejando que sua vida voltasse a ser como no primeiro dia de trabalho.

No dia seguinte, o mundano acordou agitado e foi aos poucos acordando e andando pela casa. O silêncio podia significar que nada do que havia passado era real, que havia apenas acordado de um estranho pesadelo.

Foi em direção ao quarto de hóspedes, mas viu que iria pisar em algo que se movimentava e, com medo de ser Bóris, se desequilibrou e quase caiu de cara no chão. Viu que era um dos homúnculos de Cal. O demônio surgiu no corredor logo em seguida. Já arrumado para o trabalho. Com seu típico moletom, sua camisa escura e seus fones de ouvido no pescoço.

A cabeça de Rafael começou a doer logo em seguida, ao relembrar de tudo, de todos os detalhes.

Entrou na cozinha e começou a preparar um café. Cal estava sentado em silêncio, lendo o jornal do dia. Não sabia como o havia comprado, já que a porta do apartamento estava trancada e a chave se encontrava no bolso de sua calça.

Pegou uma xícara e sorveu um pouco do amargo líquido negro. Encarou o dito demônio por alguns instantes.

Não sabia se conversava normalmente, se o enxotava de lá ou se tentava aceitar aquela situação. Decidiu começar devagar.

— Você não trouxe nenhuma muda de roupas, mas essa camisa é diferente de ontem — observou.

— Detalhes. Não se prenda a detalhes — respondeu Cal, de mau humor.

Não daria certo.

Quando desceram do apartamento para irem para o escritório, Rafael percebeu que Arlindo separava a correspondência dentro de sua cabine. Quando o velho porteiro percebeu a presença do rapaz, o chamou com descrição.

— Deixa que eu pego as contas na volta — respondeu Rafael, achando que o porteiro queria lhe entregar as cartas.

Com insistência, o homem continuou chamando como se fosse algo de extrema urgência. Rafael então se aproximou, enquanto Cal descia as escadas e atravessava o portão do prédio.

— Bo’dia, seu Rafael, desculpe interrompê o senhor.

— Que nada.

Arlindo olhou para os lados para ter certeza que ninguém os observava, Rafael achou a situação engraçada. — Fico feliz que tenha finalmente...si dicidido.

A confusão tomou conta, não sabia do que ele estava falando.

— Como? — perguntou.

— Sabe que eu apoio o senhor e não tenho preconceitos, não sabe? Se eu ver alguém falando mal, vô te defender como se fosse um filho meu.

O relógio de pulso de Rafael começou apitar, o avisando do horário, estava

atrasado.

— Muito obrigado, seu Arlindo — disse apressado. Preferiu concordar com o porteiro, seja lá o que ele estava querendo dizer. — O senhor é muito gente boa, vou tomar cuidado.

Seu Arlindo sorriu e desejou um bom dia.

Não viu Cal em lugar algum na rua, se perguntou se teria ido na frente. Ignorou, decidiu seguir sua vida como se nada tivesse acontecido.

Infelizmente para ele, as engrenagens do destino continuavam a girar.


ל
ת
11
A Justiça

CAPÍTULO IV
ONDE HÁ VAGANTES

As coisas não estavam sendo fáceis para Rafael, mas aos poucos se acostumava. O trabalho se mostrava sempre apertado com a quantidade de pendências, mas pelo menos GG nunca mais tocou no assunto entre ele e Cal.

A situação foi de delicada para inusitada. Descobriu que lidar com o estagiário não se tornou o inferno que acreditava. Em compensação deveria permanecer atento com essa história de contrato demoníaco.

Demônios nunca foram conhecidos por sua gentileza ou trabalho em equipe, mas Cal permanecia o tempo todo quieto e fazia praticamente tudo que Rafael mandava para ele, claro que com bastante reclamação e toques de rebeldia. Nunca mencionavam sua relação de contratado e contratante dentro do expediente. Na verdade nunca cruzavam os olhares mesmo quando repentinamente se encontravam no escritório, algo inevitável. Não soube dizer se o demônio fingia não se importar ou se realmente não se importava. Preferiu não descobrir e dançar conforme a música.

Por mais orgulhoso que fosse, Cal dependia daquele emprego para se manter no mundo dos homens. Segundo ele, ser demitido significaria quebra do contrato e nova perseguição, não sabendo se conseguiria uma nova falha burocrática em outra empresa. Se realmente aceitou fazer um contrato com Rafael, só podia significar que estava desesperado.

Um dia, o mundano percebeu que o demônio não o acompanhava para a ida e volta ao trabalho, simplesmente sumia em meio à multidão ou quando Rafael deixava de prestar atenção nele. Surgindo misteriosamente no local de trabalho muito mais cedo.

Depois de questionado, o demônio fez uma expressão enfadonha.

— Só preciso fazer o trajeto uma vez para efetuar o “salto” — explicou.

— “Salto”? — perguntou Rafael confuso.

— É como chamamos a dobra de espaço para atravessar longas distâncias, ou você acha que atravessamos planos dimensionais inteiros entrando em tornados

no Kansas?

Rafael já conhecia conceitos como “teletransporte” ou “buracos de minhoca” graças às ficções científicas que gostava de assistir, mas para ele tudo até aquele momento não passava de fantasia moderna. A verdade era que a complexidade do assunto sempre o entediou.

— Ninguém consegue ver você simplesmente desaparecendo e reaparecendo do nada?

— Conseguir, conseguem. Só que mundanos nunca prestam atenção nas coisas a sua volta e, quando acidentalmente veem algo estranho, se convencem que não foi nada demais e que “sempre existe uma explicação lógica”. O egocentrismo de sua raça é a nossa camuflagem.

— Isso faz algum sentido — admitiu

Era normal simplesmente “deixar para lá” qualquer evento inexplicável. Apesar de Rafael não se lembrar de momentos específicos, conseguia se lembrar vagamente de situações em que deixava para lá.

Estavam no almoxarifado quando o demônio deu uma amostra, desaparecendo de sua frente com um estalo seco, deixando apenas um pouco de fumaça. Surgiu como uma aparição ao seu lado no momento seguinte.

— Mas é claro que eu evito fazer isso na frente de vocês, mas nem sempre dá pra evitar.

— Você não parece do tipo que se importa com isso — ironizou Rafael.

— Realmente não me importo, só evito.

E Cal finalizou o papo.

A semana se manteve sem alterações bruscas e os dois conseguiam manter um equilíbrio e evitar o atrito, mesmo que não se suportassem muito dentro de um mesmo cômodo. Cal continuou com serviços domésticos ao lado de seus pequenos homúnculos.

No final, até o estagiário admitia que, mesmo humilhante, fazer aquilo era muito mais tranquilo do que alguns desejos de contratantes anteriores.

— Tinha um cara que gostava de pular a cerca — uma vez contou. - Ele me trancava em um quarto vazio e fazia com que eu induzisse outras garotas a

dormirem com ele quando a namorada não estava.

— Que babaca.

— No final das contas, a namorada flagrou tudo e quase o matou. Por algum motivo ele achou que a culpa fosse minha e tentou me esfaquear. Um infeliz erro. Descobriu que isso anulava o contrato e pude dar o troco.

— E a culpa foi realmente sua?

— Ele achava que eu tinha provocado luxúria nele para fazer aquilo tudo. Na verdade só fiz a namorada chegar mais cedo. — Cal riu com diversão brilhando nos olhos. — Mundanos e suas desculpas esfarrapadas.

Rafael não via muita graça.

— Teve uma vez também que um contratante tinha um fetiche bizarro envolvendo tigres-de-bengala e…

— Acho que não vou querer saber o resto.

Próximo do fim de semana, GG mandou um e-mail geral que assustou a todos os funcionários.

Sandra, a gerente de recursos humanos que o havia chamado para a entrevista, havia falecido há alguns dias devido a uma forte gripe que evoluiu do dia para noite em uma pneumonia virulenta. Isso afetou bastante o humor de Rafael. Ele gostava muito dela, apesar de terem conversando tão pouco após ter sido contratado.

Mas, mesmo sendo alguém próximo, o rapaz era frio quando o assunto era a morte. Isso desde o falecimento de sua mãe. Depois de muito sofrimento na batalha contra a doença, teve de aceitar que o fato de pessoas morrerem faz parte do ciclo natural das coisas. Pode parecer óbvio para quem nunca tenha passado por isso, mas a história é outra quando acontece de maneira tão traumática e próxima quanto foi para ele.

O e-mail também anunciava a nova contratação para substituí-la. A sensibilidade de um elefante no milharal, pensou Rafael. A mensagem deixava marcada uma reunião para apresentar a nova funcionária na manhã seguinte.

A morte não largou do pé do rapaz e foi na volta para a casa que Rafael teve uma experiência inusitada.

O ônibus que estava havia ficado no mesmo lugar por mais de uma hora, em uma rua que não costumava ter trânsito. O estranho engarrafamento acontecia a poucas quadras de casa.

Devido à proximidade, desceu do transporte e decidiu fazer o caminho final a pé.

A fila de carros parados à frente do ônibus era assustadoramente grande. Conseguiu ver vários motoristas estressados a ponto de se descabelar, outros jogavam palavras cruzadas ou usavam o celular para matar o tempo.

Faltando duas ruas para chegar a casa, descobriu o motivo do caos. Um terrível acidente envolvendo dois carros havia ocorrido, interditando quase tudo e dando um nó na rua.

Uma multidão de curiosos se aglomerava em volta da destruição causada. Alguns carros que conseguiam passar em meio à bagunça ainda diminuíam a velocidade em uma curiosidade mórbida para tentar ver se havia algum acidentado.

Por mais que uma parte de sua mente realmente quisesse saber quão feio foi o estrago, decidiu evitar a muvuca e ir logo para casa. Passou por uma viela estreita que cortava o quarteirão.

Foi quando alguém veio correndo ao encontro dele. Não havia muita movimentação na viela e desejou que não fosse um assalto.

Uma menina, um pouco mais nova que ele, parecia muito nervosa. Vestia roupas comuns, um cardigã rosa por cima de uma blusa branca e um shorts jeans curto com um tênis esportivo. Possuía olhos claros e mechas louras quase onduladas que faziam uma bonita moldura em seu rosto redondo.

— Com licença — falou a garota, enquanto olhava para os lados. Ela possuía uma expressão preocupada e confusa. — Pode me ajudar? Estou procurando minha mãe, ela estava aqui comigo agora pouco.

— Como ela é? — perguntou Rafael.

— Alta, com o mesmo cabelo que o meu e está vestida com um casaco de lã.

— Realmente não vi ninguém assim. — Não entendeu o desespero da garota. Era maior de idade, mas agia como uma criança. — Ela deve estar com aquele grupo de pessoas. — Rafael apontou para os curiosos em volta do acidente.

— Obrigada! — respondeu e sorriu, tinha um sorriso contagiante. A garota

correu para lá e desapareceu no meio de todos.

Após o susto, voltou para casa e viu Cal preparando algo na cozinha. O demônio passou a semana toda testando receitas e mais receitas desde que fora elogiado por Ariane, tinha pego gosto pela coisa. Rafael não se lembrou de ter vários dos ingredientes usados ali. Quando o questionou sobre isso o demônio apenas deu de ombros.

Bóris permanecia escondido atrás da máquina de lavar. Acostumava-se com a presença de Cal, mas ainda não conseguia ficar próximo a ele.

— O que há de errado com esse gato, afinal? — pensou em voz alta.

— Animais não gostam muito de nós, ainda mais gatos, é um lance diferente.

— “Lance diferente”? — indagou. — Então realmente eles têm um tipo de sexto sentido como afirmam esses programas sensacionalistas de tevê?

— Não sei a que você anda assistindo — respondeu o demônio com sinceridade. — Eles apenas não são tão tapados quanto vocês.

A televisão estava ligada em um programa sangrento de um canal genérico, mostrava o acidente próximo do prédio por um helicóptero.

— O que temos para hoje? — abriu a geladeira e pegou um pouco de água.

— Panquecas — respondeu Cal, batendo a massa no liquidificador.

— Você está se saindo bem, nem reclama mais.

O demônio fez uma careta rabugenta.

— O que acontece se eu te pedisse fama e fortuna? — Mudou de assunto enquanto se distraia com o programa.

— Se quer dinheiro, posso roubar um banco. Djins fazem esse tipo de acordo melhor que demônios.

— Tenho certeza que você deixaria pistas minhas para me incriminar. — Rafael não sabia o que eram djins.

Apesar de todas as discussões, começou a observar que o demônio estava menos agressivo que quando se conheceram, um pouco mais estável. Seria uma espécie de síndrome de Estocolmo?, imaginou.

As panquecas estavam ótimas, pelo menos para quem não entendia nada de

culinária até os últimos dias.

Depois de algumas horas, os dois estavam sentados no sofá enquanto passava um filme trash sobre um assassino serial que matava um grupo de jovens estudantes usando um pé de cabra. Os dois comiam pipoca, cada um em sua tigela.

Cal jogava para os homúnculos vez ou outra um grão da pipoca enquanto faxinavam a casa, pareciam se entreter em destruir os pedaços de milho. Rafael imaginava se aquelas coisas se alimentavam de alguma forma.

Enquanto observava dois deles brigando por um grão a campainha tocou.

O rapaz se levantou para atender a porta e pediu para que Cal mandasse os homenzinhos de fumaça embora.

Ao abri-la, teve uma surpresa.

— Oi… boa noite. — A mesma garota loira da viela estava em seu corredor. Estranhou.

— Boa noite? — Foi a única coisa que conseguiu falar, o que queria saber realmente era como ela teria encontrado seu apartamento. — Achou sua mãe?

— Sim! Quer dizer... é complicado, sabe?

— Não, não sei — respondeu confuso.

— Posso entrar?

Hesitou e isso deu a chance para a garota passar pela porta antes que respondesse. Rafael percebeu que ela estava com o rosto vermelho e os olhos inchados como se tivesse se debulhado em lágrimas há alguns momentos. Sua expressão aflita indicava também que poderia voltar fazê-lo a qualquer momento.

A garota ficou parada ao lado do sofá, observou Cal e logo depois se sentou com a tigela de Rafael no colo como se fosse a coisa mais natural do mundo alguém invadir a sala dos outros e comer de sua pipoca.

— Errr... — pigarreou sem jeito. — Você não pode ir entrando assim na minha casa.

— Não tenho para onde ir — ela respondeu com lágrima nos olhos.

— Como assim?

— É complicado!

— Tudo é complicado para você? — questionou ríspido.

Arrependeu-se de agir daquele jeito, porque logo depois a garota desatou a chorar como previra. Cal apenas o mirou com uma expressão fingida de reprovação, balançando a cabeça.

— Não precisa ser insensível — disse o demônio, finalmente se pronunciando depois de toda aquela cena. — Não vê o estado dela?

— Só porque está chorando não quer dizer que ela pode fazer o que quiser.

— Não esse tipo de estado... — Cal pareceu surpreso. — Não percebeu ainda?

Rafael estava confuso.

— Ela é uma vagante — explicou o demônio.

— Um o quê?

— Uma vagante... — insistiu. — Ela está morta.

Rafael sentiu o arrepio subindo da base da espinha e deu um pulo recuado em direção à porta.

— O quê? — indagou com uma voz esganiçada.

A garota soluçou mais alto.

— É! Tipo aquele filme, como é mesmo o nome? Que o cara descobre que morreu no final. — Cal gesticulou imitando uma das cenas do filme. — “I see dead people”. Sabe?

— Isso não existe — negou. — Não era para existir.

— Você realmente vai falar isso para mim?

Rafael se calou em meio aos soluços da garota. Soluços bem vivos na opinião dele.

Depois de se acalmar, a menina começou a tentar explicar sua situação.

— Eu estava confusa, não sabia onde estava nem lembrava como cheguei àquela viela, você foi o único que não me ignorou. Quando cheguei ao centro da multidão, eu vi. Eu e minha mãe dentro do carro esmagado. — Quase voltou a

chorar. — Ali eu percebi o que tinha acontecido.

A cabeça de Rafael estava a ponto de entrar em parafuso. Não sabia mais o que pensar.

— E por que não foi para a “luz” ou algo assim? — perguntou de maneira leviana.

— Não tinha “luz” nenhuma, minha mãe deve ter visto já que sempre foi mais religiosa que eu.

Cal cuspiu pipoca com uma sonora risada.

— As coisas não funcionam assim. Se está aqui é porque tem alguma pendência inacabada.

— Como pode falar isso com tanta certeza? — perguntou a garota zangada.

Rafael esfregou o rosto.

— Preciso de tempo para respirar — disse ao abrir a porta de correr para a sacada e se debruçar no parapeito. Muitas coisas passavam por sua mente naquele momento, mas uma coisa chamou sua atenção.

— Por que eu estou te vendo afinal? — Virou-se para ela e depois para Cal. — Não acabou a minha cota de experiências sobrenaturais por uma vida inteira?

— Isso é normal, os contratantes mundanos desenvolvem uma sensibilidade maior. É como um efeito colateral do contrato.

— Existe mais alguma coisa que você ainda não me disse sobre esse maldito contrato?! — explodiu. Cal apenas deu um sorriso matreiro.

Rafael se virou novamente para a vagante.

— Estou tão perdido nessa situação quanto você, o que quer que eu faça? Chame um exorcista?

— Que coisa brega, claro que não! — respondeu a garota. — Eu não sei o que fazer, só estou sozinha...

— Não temos mais quarto de hóspedes, já tem outro encosto ocupando. Obrigado! — Apontou para Cal.

Rafael não sabia se poderia (nem queria) encostar na assombração, mesmo assim conseguiu enxotá-la do sofá. Estava a ponto de ter um ataque de nervos.

— Por que não vai assombrar algum lugar?

A menina baixou a cabeça e por um momento Rafael pensou que ela fosse voltar a chorar, mas ao invés disso foi em direção à porta.

— Desculpe incomodar com os meus problemas — disse para ele. — Só não tive ninguém para desabafar...

Ela havia conseguido fazer Rafael se sentir culpado. Ele estava em conflito entre ser amável com aquela pobre garota ou evitar o máximo de contato com coisas de outro mundo. Um Cal já era coisa demais em sua cabeça. A fantasma agradeceu a ajuda dos dois e saiu do apartamento, atravessou a porta e não olhou para trás.

Rafael colocou a cabeça no corredor e tentou procurá-la, mas ela havia sumido.

— Me desculpe! — gritou para o corredor vazio enquanto coçava a cabeça irritado. Ele não era daquele jeito. Diferentemente do que acabara de demonstrar, sempre tentou ser sempre atencioso com todos. Suspirou.

— Desculpado! — A garota surgiu atravessando uma parede próxima de maneira fantasmagórica, fazendo Rafael ter um pequeno ataque cardíaco. — Obrigada por me escutar. Vou procurar essa pendência inacabada que seu amigo falou. — E ela se foi novamente mergulhando para dentro da parede como se fosse a coisa mais natural do mundo.

Fechou a porta e fitou Cal.

— Você disse que era normal pessoas com contratos começarem a apresentar efeitos colaterais. Me fale sobre isso!

— Sensibilidade é uma das coisas que todos os mundanos ligados por contratos com demônios ganham. Podem sentir, intuir, ver e ouvir coisas a mais que outros iguais a você. Quanto mais contato você tem com elementos fora da sua esfera mundana, mais você consegue enxergá-los. Já com contratos, é algo tão direto que temos um nome para isso. Ressonância.

Rafael não gostava de como aquelas palavras soavam juntas. O demônio continuou.

— O contrato liga duas entidades, o contratante e o contratado, como você já sabe. Mas é mais que uma simples troca de favores, é uma ligação de alma.

— Não quero nada seu.

— Pode não querer agora, mas não foi assim quando assinou o contrato — ele o lembrou. — E isso tudo que está experimentando agora é só o começo, outras habilidades complementares poderão surgir.

— Está falando de habilidades, como poderes? Vou ser um super-herói?

— Que coisa mais idiota, super-heróis não existem.

— Mas você é um demônio, sua existência põe em cheque tudo que acreditava até agora.

— Estou cansado dessa conversa. Posso terminar de assistir à droga do meu filme?

Rafael parou de falar e voltaram a assistir ao filme, que estava em seu clímax. A personagem principal, uma líder de torcida, estava encurralada pelo mascarado do pé-de-cabra depois de passar por dezenas de clichês previsíveis. E pensar que essa história tinha começado de maneira tão trivial.

Rafael parou de pensar quando finalmente a mocinha enfiou uma faca no olho do maníaco, terminando para sempre com aquele pesadelo. Pelo menos até ele voltar como morto-vivo pelas sete outras continuações.

Quando os créditos começavam a subir, inesperadamente Cal recomeçou a conversa.

— É impossível saber ao certo o que ou quando você vai desenvolver essas habilidades, nem se um dia vai perder isso caso o contrato acabe. Clarividência, kinesis, mediunidade, vampirismo. Já escutei muitas histórias, alguns mundanos tomam essas coisas como bênçãos, outros como maldições.

O canal já começava a próxima programação e Rafael soube que era hora de dormir.

Uma sensação ruim passou por ele, algo extremamente pesado estava no ar. A transmissão da tevê começou a falhar e saiu do ar, as lâmpadas da casa começavam a piscar loucamente. Era algo diferente do que sentia no metrô, algo pior, mas ainda sim partilhava da mesma natureza. Algo demoníaco.

Aquilo o sufocava, como se o ar a sua volta ficasse mais espesso e começasse a afogar seus pulmões, como se estivesse nas profundezas de um profundo e negro oceano.

Sentia algo do outro lado da porta que separava o apartamento do corredor, algo

aterrador. Levantou-se, foi até ela e tocou a maçaneta.

Por mais assustadora que fosse aquela sensação, um instinto primordial surgiu. Era como se estivesse em transe, como se a coisa mais natural do mundo fosse se jogar na boca de um leão voraz. Como se para acabar de uma vez com aquilo tudo. Estava fora de si. Preparou-se para girar o punho e abrir a porta.

Cal surgiu ao seu lado por meio de um salto e pôs as mãos sobre a maçaneta, o impedindo de usá-la.

— Não abra.

A sensação foi embora. Os dois ficaram ali, na expectativa de mais algo acontecer.

— Qualquer coisa que estivesse aqui, foi embora. — O demônio tinha uma expressão sombria no rosto. — Eu ficarei de guarda essa noite, vá dormir.

Rafael estava confuso e cansado demais para negar ou questionar. Caiu na cama e dormiu um sono sem sonhos.

Os dois não mencionaram o ocorrido na manhã seguinte, nem Cal parecia cansado de ficar a noite inteira acordado. Rafael se perguntou se tinha sonhado com aquilo.

O dia começou de maneira calma e tranquila e o café da manhã saiu sem atrasos.

Enquanto Rafael preparava uma xícara de café para ele, a garota fantasma da noite passada surgiu atravessando o centro da mesa. O rapaz quase derrubou o líquido na sua camisa limpa.

— Que droga, menina! Não aparece dessa maneira — reclamou, ainda não acostumado com a ideia de conseguir falar com uma alma penada que atravessava a matéria.

Cal pareceu não se importar com a presença, lia o jornal como uma pessoa comum.

— Ainda estou me acostumando — desculpou-se a vagante com um sorriso.

— Não sabemos seu nome — afirmou Rafael, sorvendo um gole de café.

— Me chamo Isabela, mas meus amigos me chamam de Isa — respondeu a aparição, que desatou a tagarelar. Virou-se para Cal, que continuava a ler. — Fui procurar algum assunto inacabado que deixei em vida que podia me prender

aqui.

Rafael se divertiu com a agitação da garota, pelo menos não estava mais chorando.

— Não descobri muita coisa nem achei ninguém que pudesse me ver. Uma hora até pensei que um mendigo que andava por aqui tinha acenado para mim, mas no final foi um engano. — A garota fez uma pausa e suspirou desanimada.

Rafael tentou consolar a triste fantasma, tentou tocar seu braço, mas acabou atravessando ele.

— Sai pra lá, seu tarado — protestou a garota.

— Nem consegui te encostar — respondeu, irritado.

— Não importa, só é estranho.

— Você atravessa paredes, o que há de estranho nisso?

— Não sei, apenas não gosto e ainda não controlo direito. — Isabela deu a língua para ele. — Vocês vão trabalhar?

— Sim e chegaremos atrasados por sua causa.

— Que injusto, não fiz nada! — protestou o fantasma.

— Eu não vou me atrasar — disse Cal finalmente abrindo a boca. Ele largou o jornal em cima da mesa e efetuou o salto, deixando apenas um pouco de fumaça em seu lugar.

— Maldito! — bufou Rafael. — Como eu queria poder fazer isso.

Isabela arregalou os olhos. O rapaz se lembrou que a garota não sabia ainda que seu inquilino era um demônio.

— Essas coisas não existem — disse ela com desconfiança após o rapaz revelar a verdadeira identidade de seu colega.

Deu de ombros.

— Que moral tem um fantasma de falar de demônios?

— Eu pensei que ele fosse seu namorado. — Foi a vez de Rafael arregalar os olhos, cuspiu o final do café na pia.

— Co-como assim? De onde tirou essa estupidez?

Foi a vez de a fantasma dar de ombros.

— Dois homens morando sozinhos, vendo filmes juntos. Só faltou dividirem a mesma pipoca, achei que era óbvio.

Pela primeira vez as conversas loucas de seu Arlindo fizeram sentido, não saberia mais onde enfiar a cara quando encontrasse com o porteiro. Ele havia deduzido isso, mesmo com Cal passando apenas uma noite em seu apartamento. O cara realmente tinha faro para fofocas.

Rafael decidiu deixar para lá, pegou suas coisas e foi direto para a porta.

— Eu preciso ir, vai ficar por aqui? — perguntou.

— Acho que vou continuar minha investigação.

— Tá, mas eu só tenho uma cópia da chav...

— Como?

— Nada, acho que você não vai precisar. — Saiu. Mas antes de ir em direção aos elevadores olhou novamente para a porta. Procurou sentir alguma sensação estranha, como na noite anterior. Nada aconteceu.


Anjel Club
ש
△
20
O Julgamento

CAPÍTULO V
ONDE HÁ UMA FESTA ENTRE AMIGOS

Rafael chegou ao escritório bem atrasado. Descobriu uma mensagem de seu chefe em sua caixa de entrada de e-mails, mas felizmente não era uma bronca e sim a confirmação da reunião que ocorreria em alguns minutos.

Todos pareciam um pouco tensos apesar de ser uma sexta-feira, pois, além da reunião ser para apresentação da nova funcionária do RH, também serviria para alinhar certos “problemas” que a empresa vinha carregando há um tempo. Coisa de grandes empreendimentos.

Quando a hora chegou, todos os empregados começaram a se levantar em silêncio. Parecia uma procissão bizarra de roupas sociais, a maioria de cabeça baixa ou cochichando. Rafael realmente não sabia se estavam receosos com o que havia acontecido com a falecida, ou preocupados com as próprias cabeças caso a empresa anunciasse que estaria mal das pernas. Alguns rumores indicavam que poderia haver cortes em alguns setores, mas Rafael permanecia tranquilo, já que seu emprego ali era essencial para aquele tipo de empresa. Ou pelo menos era o que achava.

Em menos de cinco minutos todo o escritório se aglomerava em um pequeno auditório. Lá estavam algumas pessoas muito bem vestidas, provavelmente acionistas, com seu chefe.

Emerson GG estava, como sempre, de mau humor. Andava de um lado a outro esbravejando para sua secretária qualquer assunto que Rafael não conseguia entender pela distância. E a pobre funcionária só fazia anotar em uma caderneta tudo que o homem falava.

A reunião foi mais tranquila do que imaginou, foram passados alguns relatórios por um projetor e desmentidos os rumores sobre o corte. No final de tudo, os funcionários bateram palma apaticamente enquanto GG cobria o microfone para cochichar algo com a secretária, que chamou uma menina que Rafael não conhecia.

— Essa aqui é Gabrielle — falou o homem sem qualquer tipo de tato. — Nossa

nova funcionária do RH. Qualquer problema, consultem-se com ela.

A nova funcionária se pôs a frente e GG lhe entregou o microfone.

— Gostaria de agradecer a Eletronik pela oportunidade. Farei o meu melhor para poder ajudar — disse de maneira gentil, com um sorriso no rosto.

A garota chamava a atenção de todos os homens ali. Usava um terninho feminino de cor clara e prendia seus cachos escuros com um arco vermelho. Possuía um rosto alongado e olhos escuros que combinavam com sua pele oliva e sua boca vermelha.

O dono da companhia olhou seu relógio e se retirou da sala de reuniões, desaparecendo de maneira abrupta, deixando sua secretária como uma barata tonta. Por fim, a mulher terminou a apresentação da novata e dispensou o restante dos funcionários.

Nunca houve tantos pedidos e tarefas para o setor de RH da empresa como naquele dia. Homens e mais homens se espremiam na sala em que Gabrielle fora colocada. E é claro que GG teve de se interpor e dar meia dúzia de gritos para espantar os abutres que só queriam ficar perto da graciosa novata.

A semana continuou de maneira arrastada e Rafael já implorava para que acabasse naquela sexta. Nem Cal parecia tão insuportável como aqueles e-mails mandados por Beatriz pedindo para que fizesse coisas para ela.

Estava prestes a explodir quando descobriu que o seu estagiário não havia ido trabalhar naquela sexta-feira, mesmo sabendo que o infeliz havia saído com ele de casa. Felizmente, antes que pudesse jogar seu monitor em alguma parede devido ao estresse, Rick surgiu com seu jeito malemolente e seu sorriso fácil.

— Fala aí, brow! — Surgiu em frente a sua baia. — Qual é a boa pra esse fim de semana?

— Dormir o máximo que posso até segunda — respondeu desanimado, com um sorriso torto.

— Que isso, Rafa, não vai fazer nada? — questionou o colega.

— Nada, nadinha em especial.

— Esqueceu da galera que vai para sua casa amanhã? — perguntou Rick, como se estivesse ofendido.

— Tá louco? Que galera? — indagou, confuso.

— A galera que vou chamar nesse momento para não deixar você sozinho. A gente pede umas pizzas e jogamos alguma coisa. — E antes que Rafael pudesse dizer qualquer coisa, Rick saiu pela porta. E assim Rafael teria um primeiro encontro entre amigos em muito tempo.

Bóris pulou em sua cabeça enquanto o rapaz dormia e a usou como trampolim para chegar à prateleira que percorria a parte superior do quarto, onde Rafael guardava seus livros.

O rapaz abriu os olhos de maneira sonolenta e se sentou na cama, resmungando. O gato passou pela sua coleção do Bernard Cornwell e saltou para o armário. Perseguia uma mosca um pouco zonza que tentava sair de qualquer maneira do ambiente fechado.

Enquanto Rafael observava a perseguição, lembrou-se que naquele sábado teria visitas. Sentiu um misto de felicidade e rabugice, já que teria de fazer todos os preparativos. Estava receoso, queria agradar a qualquer custo.

Quando saiu do cômodo para fazer sua higiene matinal, escutou uma música alta de um rock pesado saindo do quarto de hóspedes, onde Cal permanecia hospedado.

Bateu várias vezes na porta até decidir abri-la.

Rafael levou um susto com o que viu.

Não mais era seu antigo quarto, o lugar parecia duas vezes maior e mais incrível que qualquer lugar que Rafael já tinha visitado antes. O chão de madeira deu lugar a um piso branco de granito lustrado e brilhante, as paredes antigas estavam cobertas com pôsteres de filmes e bandas das mais diversas décadas. Um conjunto de bateria e guitarra estava estacionado do outro lado do quarto, que ainda dividia o espaço com uma cama gigante e uma mesa de sinuca. Cal estava ao lado de um pôster do filme Clube dos Cinco arrumando uns discos de vinil em uma grande prateleira com homúnculos que o ajudavam a separá-los. Fumava seu típico cigarro e vestia seu moletom vermelho de sempre. A música vinha de um jukebox colorido ligado a duas caixas de som potentes.

Rafael tentou reconhecer algo que poderia ter sobrado do antigo quarto, que apenas tinha uma cama velha e um criado-mudo comido por cupins. Não sobrou nada.

Teve de gritar para ser ouvido.

— Desliga essa droga!

O jukebox se apagou e o som parou.

— O que você fez com meu quarto de hóspedes? — perguntou deslumbrado, enquanto observava cada detalhe do novo aposento.

— Dei uma geral, não estava dentro dos meus padrões.

— Você que não é dentro dos padrões — respondeu ainda um pouco atônito. — Como pode escutar algo tão alto em um apartamento? Vou receber uma multa do condomínio!

— Não se preocupe. Imaginei que se preocuparia com isso, por isso fiz uma barreira acústica em volta de todo o apartamento. Posso matar cabras aqui e ninguém saberá.

Rafael suspirou.

— Prefiro que não faça isso. — Já conhecia o tom de sarcasmo de seu contratado, mas preferiu deixar claro que sacrifícios não seriam bem-vindos. — Faça uma barreira em volta desse quarto também, não quero acordar com uma orquestra no meu ouvido.

— Sem problemas — respondeu o demônio com uma continência debochada.

— Então rock é realmente coisa do diabo? — perguntou o rapaz enquanto tocava nas cordas de uma das guitarras presa a um suporte na parede.

Cal fez uma expressão como se não tivesse entendido a pergunta.

— É esse tipo de coisa que mundanos acham? — Gargalhou. — Gosto de música boa, apenas isso.

Rafael deu de ombros.

— Queria avisá-lo que hoje um pessoal lá do trabalho vem aqui. Seria ótimo...

— ... Se eu não aparecesse? — adivinhou. — Não se preocupe.

Cal estalou os dedos e a música continuou tão alta quanto antes, era o demônio querendo dizer que a conversa tinha acabado. Quando Rafael saiu do quarto, percebeu que seu apartamento se manteve em um silêncio quase total no momento em que girou a maçaneta. Apenas ouvia os barulhos de sempre, vindos

da rua.

Foi ao mercado no final da quadra, pegou tudo que um solteirão poderia precisar. Álcool, refrigerante e salgadinhos.

Quando entrou na fila do caixa, viu uma pessoa familiar a sua frente. Demorou um tempo até reconhecer de onde o conhecia. Era o cara que parecia um mafioso, que lia jornal todos os dias na frente do prédio.

O homem mal-encarado pareceu se exaltar ao vê-lo, se afastou e desapareceu entre as gôndolas, resmungando algo sobre ter se esquecido de pegar sabão em pó.

Rafael estava tão preocupado com o encontro que nem se lembrou da ausência de Cal no trabalho no dia anterior. Tratou de perguntar sobre isso quando chegou com as sacolas de compras.

O demônio tinha saído de seu quarto e arrumava a cozinha com seu avental. Alguns homúnculos se equilibravam enquanto desciam com alguns temperos de uma prateleira. Jogavam os vidros um para o outro com descuido e deixavam os recipientes em cima da pia.

— Precisava resolver umas coisas, coisas não mundanas — respondeu Cal.

Rafael não pôde negar que ficou curioso, mas não queria se meter naqueles assuntos, se misturando novamente com essa loucura sobrenatural que havia se metido. Decidiu dar o benefício da dúvida para ele. Mudou de assunto.

— Se lembrou de levar o lixo para fora? — perguntou após ver que o cesto da lixeira mal se fechava por completo de tão cheio.

— Eles vão levar. — Apontou para os homenzinhos pretos.

— Nem pensar! Não quero causar um tumulto nesse prédio.

O demônio bufou de raiva, crispou os lábios, abriu o cesto e retirou o saco abarrotado. Desapareceu com um estalo e um pouco de fumaça, voltando alguns segundos depois.

Rafael não acreditou que ele havia efetuado o salto apenas para levar o lixo, arriscando-se de ser visto.

— Tá maluco? Já avisei para não fazer isso dentro do prédio. E se alguém te ver?

— Queria o lixo fora daqui, fiz isso. Da próxima vez seja mais específico. — Virou a cara e voltou-se para a louça.

— Já que você quer “aparecer” vou tornar público e tranformá-lo em um macaquinho de circo, o que acha? — respondeu irritado. — Cobrarei uma nota preta para as pessoas te verem virando fumaça.

Um som estridente finalizou a discussão, um vidro de pimenta-do-reino caiu da prateleira para o chão. Os homúnculos responsáveis pelo acidente coçavam a cabeça de fumaça em dúvida.

— Vocês vão destruir a minha cozinha! — gritou. Achou que fosse entrar em parafuso a qualquer momento, nada poderia sair errado naquele dia.

— Relaxa.

— E se alguém se cortar com um caco de vidro? Vai arruinar tudo! Peça para que eles joguem tudo fora!

— Não quer mais o vidro? — perguntou o demônio.

O mundano o fitou sem entender.

Cal levantou a sobrancelha e tencionou o cenho, sem saco para discutir.

Mais homúnculos apareceram com um estalar de dedos de Cal, surgiram de frestas dos armários e debaixo da geladeira. Começaram a catar os cacos de vidro e organizaram todos em um pequeno monte. Fizeram um círculo em volta do vidro, ergueram os braços diminutos e rebolaram como uma pequena chama faz quando venta. Os pedaços começaram a se remontar na forma do pote e em pouco tempo o objeto antes quebrado estava como novo. Depois, começaram a juntar a pimenta espalhada do chão. Rafael não pode deixar de rir quando viu um experimentar a semente de pimenta e cuspi-la de volta com aversão.

— Tenho de admitir que é um belo truque.

O demônio deu de ombros. Rafael respirou fundo e decidiu que não poderia ser levado pela pressão daquilo tudo. Deveria relaxar.

A campainha finalmente tocou duas horas depois. O rapaz se ajeitou e achou infantil o frio na barriga que tomou conta dele.

Abriu a porta e Rick surgiu do outro lado, abraçando Rafael quando o viu. Usava uma boina escura, seu óculos de aro grosso, jaqueta azul, uma calça jeans

simples e um tênis esportivo.

— E aí? — cumprimentou.

Rafael conseguiu se desvencilhar e fez um gesto para que entrasse.

— Fique à vontade.

Rick entrou e assobiou enquanto olhava cada metro quadrado do apartamento.

— Que chique, irmão — concluiu.

— O-oi — disse alguém no corredor, era quase em um sussurro. Rafael colocou a cabeça para fora e viu Érica. Baixinha, usava uma saia curta de pregas, com uma meia-calça preta e uma camisa de manga comprida listrada, o que a fazia parecer uma adolescente. Prendia seu cabelo escuro com o típico rabo de cavalo, mas deixava duas mechas soltas sobre o rosto.

— Entre! — Sorriu Rafael.

A garota entrou tímida no apartamento e permaneceu grudada em Rick.

Rafael olhou novamente para o corredor do andar, não havia mais ninguém.

— São apenas vocês dois? — perguntou.

— Sim, apenas os melhores — respondeu Rick. — Não precisamos de mais ninguém.

Rick se sentou no sofá e retirou o tênis, ficando apenas de meia. Erica abriu a boca para censurar a falta de educação do colega, mas desistiu.

— Que abuso — brincou Rafael.

— Não viu meus olhos puxados? — disse ao esticar a pele ao lado dos olhos com a ponta dos dedos, fazendo-os ficarem apertados. — É costume do meu povo.

Os dois gargalharam e Érica até deu uma risadinha.

— Vou pegar algo para beber — anunciou. — Vão querer o quê?

— Vou de refrigerante mesmo — disse Rick. — Não bebo.

— Cerveja — respondeu a pequena Erika.

— Nunca imaginaria essa inversão de valores — disse Rafael, surpreso.

— Novos tempos, meu amigo, novos tempos — respondeu Rick.

Bóris surgiu do corredor e caminhou entre os convidados, como se nenhum deles estivesse ali. Com um impulso Rick o pegou e começou a acariciá-lo.

— Não sabia que tinha um gato.

— Que fofinho! — Os olhos da menina brilharam.

O gato silvou e se contorceu para fugir das mãos de seu captor.

— Ele não é muito amigável — avisou Rafael. — Se fosse você, não mexia com ele.

Depois de largar o animal, Rick ainda deu um tapinha em seu traseiro. Bóris sumiu pelo mesmo lugar de onde veio.

O clima estava ótimo e Rafael estava aliviado. Pelo menos até perceber que seus dois convidados arregalaram os olhos ao se focarem em algo na direção do corredor, por onde Cal surgia carregando uma travessa com petiscos, com um sorriso malicioso de canto de boca.

O demônio depositou a travessa na mesa de centro em frente aos convidados.

— O que você faz aqui, Cal? — perguntou Rick, ainda sem entender nada. — Não sabíamos que viria.

— Eu moro aqui, não sabia?

O queixo dos dois iria ao chão se estivessem em um desenho animado da década de 1930.

— Então essa briga toda entre vocês dois era o quê? Tensão sexual? — Rick gargalhou.

Érica ficou vermelha, não soube onde enfiar o rosto.

Rafael, sem opção, se pôs à frente para explicar aquilo tudo.

— Estou ajudando nosso estagiário, ele foi despejado... — disse com um olhar fulminante para o demônio, que se divertia com a cena de maneira discreta. — Ele vai ficar aqui por um tempo.

— Sei... — afirmou Rick desconfiado.

Aquela desculpa esfarrapada era difícil de engolir, mas quem desconfiaria da

verdade?, pensou. De qualquer forma Rafael encarou como sendo melhor eles saberem logo disso do que pela boca de alguma fofoca de escritório. Pediu para que os dois mantivessem segredos sobre aquilo por um tempo.

Cal se portou com discrição na maior parte do tempo. Apenas falava quando puxavam papo com ele, ou quando tecia algum comentário sarcástico.

O grupo comeu e se divertiu, conversando sobre amenidades, e aos poucos Rafael foi se tranquilizando novamente, esperava não ter mais nenhum susto. Infelizmente para ele houve mais um, já que o vingativo gato aguardava pacientemente em cima de uma cristaleira ao lado do corredor. Quando Rick se levantou para ir ao banheiro, o felino foi direto em sua cabeça, se agarrando em sua boina. Érica soltou um gritinho de terror e Rafael teve de acudir seu colega, que tentava inutilmente se soltar do gato irritado. Felizmente não se machucaram, nem o gato, nem o homem, apesar de Rafael ter levado mais um arranhão.

Bóris fugiu e se refugiou novamente atrás da máquina de lavar, onde permaneceu a tarde toda. No final das contas, Rick acabou rindo da situação enquanto Rafael se desculpava. Érica usou um kit de primeiros socorros que o anfitrião guardava no banheiro para tratar do ferimento.

Para completar, próximo de anoitecer, Isabela atravessou a cortina pela sacada, sem perceber as visitas. Rafael pensou ter um pequeno infarto, mas felizmente nenhum dos dois parecia perceber a fantasma. Isabela rodou e observou o ambiente, fazendo uma cara de entediada, depois acenou para Rafael e foi até a cozinha.

Quando teve a chance, Rafael perguntou se alguém queria mais alguma coisa e foi até lá, encontrar a garota.

— Não assombre meus convidados! — cochichou o rapaz exaltado.

— Não queria atrapalhar, mas é que aconteceu uma coisa…

Rafael irritado, não quis saber.

— Não é hora para ficar se lamentando!

— É que fiquei com medo. Acho que tinha alguém muito estranho me perseguindo.

— E o que o cara iria fazer? Te matar? A gente conversa quando estivermos

sozinhos no apartamento — disse irredutível.

Isabela fez um bico e virou a cara, como uma criança quando contrariada. Foi embora do cômodo e desapareceu no corredor.

Ao anoitecer, os dois se despediram e agradeceram. Rafael perguntou se tinham realmente gostado, mas Rick mandou que ele parasse de frescuras. Érica parecia um pouco incomodada com algo.

— Não é nada, acho que só estou um pouco tonta. — Riu a garota, perdendo um pouco da timidez.

— Tem certeza que está se sentindo bem? Se quiser temos como abrigar mais gente por aqui.

Rafael não sabia se aquilo havia soado como um convite estranho.

— Nã-não — respondeu ela, ruborizando. — Estou bem.

Os dois se foram e Rafael suspirou exausto.

A fantasma surgiu novamente enquanto os homúnculos limpavam a sala. Ela se assustou inicialmente com os monstrinhos, mas estava tão afobada que não deu mais atenção aquilo.

— Finalmente posso falar? — perguntou ainda enfezada. — Não aguentava mais aqueles dois!

Além do comentário abusado, Rafael ainda sentia o estresse do dia, por isso não conseguia achar muita paciência para ela.

— Pelo menos eles eram convidados.

Isabela o fitou em um misto de raiva e tristeza. Foi quando Rafael percebeu a besteira que tinha dito. A fantasma foi embora novamente, dessa vez deixando o apartamento, sem dar tempo para Rafael se desculpar.

— Que ótimo! — reclamou consigo mesmo.

Cal surgiu da cozinha, deixando o avental de lado. Sua expressão era sombria.

Foi quando sentiu aquilo novamente.

O aperto no peito e o ar pesado... Estava acontecendo mais uma vez. Uma presença assustadora invadia seu apartamento.

— O que a vagante queria? — perguntou o demônio se referindo a Isabela.

Rafael tentou se lembrar, mas ela não havia sido clara.

— Achava que alguém a estava perseguindo na rua, mais cedo. — Foi então que o mundano juntou as peças. A primeira vez que sentiu aquela sensação pesada foi exatamente na noite em que a conheceu. Será que realmente ela estava em perigo? Mas, antes que pudesse perguntar, Cal atravessou a sala e foi até a sacada.

— Me encontre em frente ao prédio — ordenou com um tom de voz que não estava acostumado a escutar, sua expressão era soturna. O demônio desapareceu e Rafael sabia que deveria obedecer.

Pôs seu casaco e tentou usar os elevadores, mas um repentino apagão o surpreendeu. O terror tomou conta! Sem querer voltar para o apartamento, desceu as escadas no breu o mais rápido que podia. Aquela presença diabólica o apavorava a cada segundo que passava.


ת
ח
21
O Mundo

CAPÍTULO VI
ONDE HÁ UM APÓSTOLO NEGRO

Tropeçou em um dos últimos lances de escadas e quase torceu o tornozelo. Seus ouvidos zuniam como nunca.

Alcançou a portaria do prédio com um Arlindo frenético. O homem estava assustado, enquanto falava sobre “assombração” e “apareceu do meu lado”. Provavelmente Cal não tomou cuidado na hora que efetuou o salto, só esperava que pudesse explicar aquilo mais tarde.

Foi até o pátio e saiu pelo portão do prédio, mas Cal não estava do lado de fora.

Uma chuva densa começava a cair pesado.

Rafael atravessou a rua correndo, com um pressentimento que Cal estaria próximo da praça. Uma luz ofuscou sua vista, deu um pulo quando viu o carro se aproximar. Não teve tempo de parar e se desculpar com o motorista raivoso que o xingava após ter freado.

A praça estava na completa escuridão e Rafael hesitou em continuar. Apesar de sempre vazia à noite por causa de assaltos, o lugar parecia mais perturbador que o de costume. O pavimento quebrado deu lugar ao barro quando o matagal que invadia o lugar se aproximava.

Em dado momento, não conseguia mais avançar e o ar não mais saía de seus pulmões. Não aguentava mais aquilo, era desesperador.

Assustou-se com uma mão que surgiu das sombras e o tocou.

Era Cal.

Por mais que não gostasse do demônio, não podia negar que ele passava um ar de segurança. Graças a isso, o desespero foi embora.

— A garota está em algum lugar por aqui, mas com essa aura pesada não vou conseguir encontrá-la.

Cal se agachou e remexeu a terra molhada.

— O que está fazendo?

— Não queria recorrer a “isso”...

Com uma bola de lama nas mãos, o demônio começou a moldar algo. Rafael se perguntava se realmente era hora para aquele tipo de coisa. Cal fez uma pequena figura de quatro patas de barro e o pressionou de volta contra a lama de onde o tirou. Escutou cochichos em uma língua estranha e desconexa, enquanto o demônio pressionava a terra com a palma da mão.

Cal se levantou e a terra se moveu, o barro pulsou e cresceu. Parecia como se algo enterrado vivo tentasse sair. A coisa brotou com violência entre ganidos e rosnados. Era um cão. Tinha o porte médio, mas era altivo e com orelhas curtas e pontudas. Sua pelagem era completamente negra, volumosa e desgrenhada. O animal se chacoalhou para tirar a terra.

Mirou seus olhos amarelos e ameaçadores para Rafael, mas logo se virou para seu invocador.

— Cal! — falou o Cão. — Quanto tempo, cara!

Rafael não sabia o que pensar. Mesmo já tendo passado por tanta coisa graças a Cal, aquilo já beirava ao absurdo.

— Realmente muito tempo, Mantis– cumprimentou o demônio.

— Faz uns 8 anos, não?

— Acho que por aí.

O cão Mantis começou a coçar a orelha com uma das patas traseiras.

— Preciso que ache uma vagante, estamos com pressa — pediu Cal.

— Sabe que minha especialidade não é essa, né? — resmungou o animal, mas logo se concentrou no pedido de seu velho amigo. Apontou o focinho para o alto e depois para o chão, farejou e então pareceu ter encontrado algo.

— Não vou te enganar não, tem algo errado — concluiu.

O demônio o fitou em dúvida.

— É um apóstolo, tem um apóstolo negro nessa área — revelou Mantis.

Cal ficou transtornado.

— Apóstolo? O quê? — Rafael estava mais uma vez confuso.

— Consegue achar a garota?

Mantis apontou novamente o focinho para o chão e adentrou no mato. Foi seguido por Cal e um hesitante Rafael.

O breu se instalava no lugar e o demônio acendeu um cigarro. Depois de duas batidas, o fumo se acendeu de maneira intensa e não natural e iluminou um pouco a sua volta. Não que o mato iluminado pudesse revelar muita coisa, mas era um ponto de referência que não deixava Rafael louco pela escuridão total.

— Quando um mundano morre, é natural que ele vá para algum lugar. Ou ele se eleva, ou decai. — começou Cal, enquanto andavam por ali. — Mas alguns estão tão apegados que ficam o mais próximo que conseguem do mundo dos homens. Então se tornam vagantes e perambulam pelo mundo espiritual, limbo ou qualquer outra coisa que queira chamar. Por isso é quase impossível para vocês ter qualquer tipo de contato físico com a garota a não ser que ela queira, ela está como em outra vibração. E esses espíritos errantes nunca podem ficar nesse estado por muito tempo. Sabe por que não há vagantes da antiguidade ainda por aí?

Rafael balançou a cabeça em negativa.

— Por que alguém sempre os leva.

O mundano sentiu um calafrio.

— Um dos responsáveis por fazer essa “limpeza” são os apóstolos negros, demônios muito poderosos que levam vagantes para as profundezas do She’ol.

— E ele quer levar Isabela? — perguntou o mundano assustado.

Cal ficou em silêncio por alguns instantes, antes de responder.

— Essa é a grande questão, esses demônios só aparecem para vagantes mais antigos ou que fizeram coisas bem ruins durante suas vidas mundanas. Energias negativas se atraem.

— Era “isso” que estava do lado de fora do apartamento no dia em que a conhecemos?

— Só pude ter certeza agora, graças ao Mantis. Provavelmente o apóstolo a sentiu naquele dia e se interessou por algum motivo, mas ela já havia deixado o apartamento antes de ele ter chegado. Ele só não invadiu o lugar porque eu estava lá. Mas isso não explica tudo, ele está desobecendo as regras.

— Não acho que alguém assim se importe com isso.

— Mas se importam, acredite ou não. Apóstolos são metódicos e obedientes, só fazem o que foram ordenados. Seu modus operandi é de perambular pelo mundo espiritual, causando apenas um mal-estar nos mais sensíveis quando está por perto. Mas essa coisa está criando uma zona crepuscular para agir ainda mais próximo da nossa realidade, não só colocando o prédio inteiro, como parte do bairro. Por isso não conseguiu ver as pessoas a nossa volta congeladas como no metrô, todas elas estão aqui dentro.

— E o que ele está querendo com isso?

— Vai saber... Isso é completamente irresponsável, até para um demônio. Só leva a crer que existem ordens superiores por trás disso tudo, objetivos escusos. E um apóstolo negro envolvido em algo assim é um terrorismo sem proporções. Precisamos agir com cautela.

O cão parou e virou a cabeça, observando os dois, depois continuou seu caminho.

— Tinha ignorado a presença desse mundano inútil, mas vejo que está perdendo tempo explicando essas coisas. Qual sua relação com ele?

Cal respirou fundo.

— Ele é meu contratante.

Rafael nunca imaginou que um cão pudesse rir, mas por algum motivo era o que lembrava a sucessão de ganidos que ele deu.

— Tá todo mundo louco te procurando no Abismo por quase duas décadas e você aqui brincando de casinha com esses idiotas.

— O que afinal é esse cachorro? — perguntou Rafael.

— Não sou cachorro — respondeu Mantis em meio a um rosnado. — Sou um mastim.

— Peço que mantenha sigilo do meu paradeiro e da minha situação atual — Cal pediu.

Mantis resmungou algo.

— Sabe que não abro a boca, cara! Mas me deve uma bisteca quando esse trabalho terminar. — O demônio concordou.

O matagal finalmente baixou e Rafael se surpreendeu com o que existia do outro lado do terreno baldio. Era um pequeno parquinho infantil abandonado, com brinquedos quebrados e enferrujados, que davam um ar ainda mais sinistro ao local.

Ao lado de uma gangorra partida ao meio, um balanço rangia enquanto se movia devagar. Isabela estava sentada nele, com um ar melancólico.

A garota percebeu a presença deles e fechou a cara.

— Não precisava vir tão longe para pedir desculpas.

— Não vim para isso... — tentou explicar Rafael. — Viemos te salvar!

— Do que tá falando? Não preciso de dois caras estranhos e um cão sarnento para me salvar de nada.

— Cão sarnento é a mãe, guria — rosnou o mastim.

Isabela se espantou ao ouvir o cão falando.

Cal jogou fora a bituca do cigarro e ia tirando outro, mas acabou deixando o maço cair na lama a seus pés. Uma figura sombria os observava do lado oposto do parquinho, vindo do outro lado da rua.

Só de pôr os olhos naquela coisa, Rafael teve certeza que seus problemas só estavam começando.

A entidade parecia humana à primeira vista, apesar de imensa. Lembrava um grande esquiador pela quantidade de roupa que vestia. Vários casacos estavam sobrepostos e criavam um enorme volume. Estavam por baixo de um sobretudo cáqui puído, que possuía um capuz que lhe ocultava o rosto. Calças largas manchadas e sujas e enormes coturnos escuros terminavam o vestuário bizarro da figura. Os braços mais pareciam toras de madeira de tão grossos, prontos para esmagar a primeira coisa que visse pela frente, e enrolados a eles poderosas correntes estavam enroscadas. De seu corpo apenas visível estava as duas orbes brilhantes que Rafael julgou serem olhos astutos e cruéis.

— Bem, meu trabalho está feito! Depois combinamos aquele rango — disse Mantis, enquanto se desfazia em barro e se esfarelava de volta ao chão.

— Mastim inútil — resmungou Cal com a saída do companheiro.

Isa desceu do balanço apavorada e começou a recuar em direção aos dois. O

apóstolo dava um passo atrás do outro e se aproximava lentamente. A garota se agarrou no braço do Rafael e ficou atrás dele, espiando quietinha.

Era como se o mundo estivesse em total silêncio, e apenas os passos do apóstolo pudessem ser ouvidos.

Cal se pôs a frente.

— Você não precisa dessa vagante — alertou. — Deixe-a em paz, está sob minha proteção.

A entidade virou a cabeça para ele e parou, ainda em silêncio. Após um momento de tensão, o monstro fez seu primeiro movimento. Uma chama alaranjada surgiu e começou a lamber-lhe os braços, passando pelas costas até formar um arco sobre sua cabeça. As correntes enroscadas ficaram incandescestes e avermelhadas.

— Se lembra que eu disse que você iria desenvolver algumas habilidades por causa do contrato? — indagou Cal.

— Lembro... — respondeu Rafael amedrontado.

O apóstolo grunhiu e ergueu apenas o braço direito com muita rapidez, fazendo a corrente se soltar e alcançar as alturas. Era mais longa do que parecia.

— Essa é uma boa hora para tentar descobrir.

Isabela se afastou e Cal empurrou Rafael, fazendo-o cair na lama. A corrente desceu com um zunido infernal e graças ao empurrão, o mundano estava salvo. O metal criou fagulhas ao tocar o solo e jogou grande quantidade de barro para cima, criando um grande sulco com terra enegrecida.

Rafael se arrastou, recuando o máximo que podia, mas a corrente já estava no alto novamente antes que percebessem, e o apóstolo já preparava seu próximo ataque.

Quando o metal flamejante desceu dos céus com um novo zunido estridente, Rafael levantou o braço com uma vã esperança de que aquilo salvasse sua vida. Isabela berrou.

O som do impacto foi outro, como se tivesse acertado uma superfície diferente. Rafael abriu os olhos, estranhando não ter sofrido nada.

Percebeu uma luz no alto. Dessa vez foi a vez das chamas safira de Cal surgirem.

A corrente acertara o braço erguido do seu contratado, que havia se jogado na frente para protegê-lo. Seu moletom vermelho estava completamente arruinado e sua pele chamuscada e ferida.

O metal enroscado apertava cada vez mais, afundando em sua carne. Se continuasse daquela maneira, o demônio perderia o braço.

Mas Rafael mal percebeu que o fogo azul começou a tomar conta das chamas alaranjadas do apóstolo. Arregalou os olhos quando percebeu a corrente tomando a cor azulada e se corroendo. O metal quente pingava derretido e produzia silvos característicos do choque térmico na lama molhada.

Com um puxão, o apóstolo voltou a corrente antes que o fogo opositor tomasse toda a extensão do metal.

Cal balançou o braço, fazendo o restante de metal preso a sua carne se soltar. Seu fogo azul se concentrou nos ferimentos, que começavam a regenerar.

— Sua briga é comigo, parceiro.

Rafael gaguejou e tentou se levantar, mas caiu desequilibrado novamente na lama.

— Se não conseguir lutar, é inútil aqui — avisou Cal com frieza. — Fuja com a garota e reze para que eu consiga vencer, ou ele vai atrás de vocês de novo.

O fogo azul em seu braço se concentrou em sua mão após a regeneração se concluir e se transformou em uma esfera brilhante. Cal a disparou em direção ao peito do apóstolo. A criatura moveu seu braço e esmurrou a esfera brilhante, fazendo-a se desviar pouco antes de acertar seu tórax.

Uma risada inumana abafada e assustadora saiu de dentro do capuz. A corrente do braço direito começou a crescer novamente, substituindo a parte corroída.

A entidade se preparava para o próximo ataque.

Isabela estava atordoada. Rafael se aproximou.

— Se afasta, Isabela, não vou deixar esse babaca virar herói.

A adrenalina lhe subiu à cabeça e seu único pensamento era de proteger a garota, por mais que ela fosse apenas um espírito, por mais que ele provavelmente não conseguisse. Levantou-se com raiva e chutou um pedaço de ferro cilíndrico retorcido que brotava do chão, provavelmente parte de um brinquedo velho ou

de uma placa. O puxou e o torceu. A barra se soltou facilmente graças à ferrugem, e Rafael a balançou como um bastão.

Cal o fitou de soslaio, possuía o mesmo sorriso de canto de boca que o mundano sempre odiou.

— Demônios têm um único ponto fraco, seu núcleo cristalizado — disse, ao apontar para o próprio peito. — Se destruído, ele não volta.

— E como chegamos perto?

Seu contratado deu uma gargalhada. E Rafael riu de nervosismo. Era óbvio que iriam se arriscar.

— Tenho um plano — anunciou Cal. — Mas você tem de ser rápido.

— Rápido? Quanto?

— O suficiente. Ele está focando em você por algum motivo e não me dirigiu nenhum ataque. Usaremos isso contra ele.

— Vai me fazer de isca? Que conveniente!

— Tem alguma ideia melhor? Você sabe que se te deixar morrer aqui, vou me ferrar, já que é quebra de contrato.

— O que preciso fazer? — perguntou por fim.

Cal começou a cochichar, prestando atenção na coisa.

— Fique sambando por aqui, apenas tente desviar dos ataques por conta própria. Vou me aproximar o máximo que der e, se ele virar pra cima de mim, você avança. Ficamos assim até eu conseguir chegar perto o suficiente. Suas correntes só funcionam de longo a médio alcance, só preciso forçar um combate corpo a corpo e vencemos.

— Parece um bom plano — admitiu. — Tirando a parte que só preciso não ser morto.

— Uma dica que posso te dar é: não se desespere e veja a corrente subir até o ponto mais alto, ele usa tanta força para o golpe que não pode influenciar a direção da queda depois. Quando estiver prestes a te acertar, desvie.

— É uma boa dica.

— Claro que é, fui eu que dei.

A corrente terminou de ser substituída e o apóstolo fez o movimento. A ponta do metal sumiu no céu chuvoso, era difícil para Rafael enxergar com os pingos acertando seu rosto, mas sua vida dependia daquilo.

Viu o brilho chegar a seu ponto mais alto e então o momento de queda.

Rafael esperou, e esperou. Aguardou o momento certo. Quando a corrente chegou perto o suficiente para ter certeza do ponto de impacto, deu uma finta desajeitada e pulou para o outro lado.

A corrente bateu no chão e levantou lama. Sentiu o calor do golpe. O frio e o medo foram substituídos por uma nova dose de adrenalina.

Conseguiu a primeira.

Cal avançou no momento em que a corrente desceu, mas, antes que pudesse se aproximar mais, o apóstolo deu um puxão mais rápido e fez o metal ir ao ar novamente.

Rafael observou o novo movimento. A corrente desceu mais rápida e mais poderosa. Quando achou ser a hora certa, viu que o metal flamejante apontava para outro lugar. O ataque agora mirava Cal.

O mundano correu como nunca correu antes, por sua vida, pelo direito de Isabela de encontrar paz e para que Cal não mais precisasse se machucar por ele. Cansou de esperar as coisas acontecerem. Gritou para avisá-lo. Mas Cal já havia percebido a mudança de alvo e se jogou para o lado, escorregando com os joelhos na lama como faz um rockstar atordoado pelo público em um show. A corrente bateu no chão sem acertar nada novamente.

Teria de aprender aquele tipo de confiança, o demônio não se preocupava com os ataques. Usava de tudo como uma oportunidade para avançar. O escorregão se transformou em um impulso novo para continuar a avançar. Cal correu em uma curva corrigindo sua trajetória, já que o movimento o jogou para fora da direção do apóstolo.

Estaria em cima do inimigo a qualquer segundo.

Repentinamente, a monstruosidade moveu o outro braço, que permanecia imóvel até então, soltando a outra corrente presa. Com um rodopio, o metal se tornou vermelho e quente. Os golpes agora alternavam os braços, enquanto o esquerdo atrasava o avanço de Cal, o outro tentava acertar Rafael, que já começava a se acostumar com o jogo. Apesar de o cansaço começar a pesar a cada minuto.

Perguntou-se como estava conseguindo se desviar, já que nunca havia sido bom em esportes, tanto pela sua condição física quanto pela sua reação lenta para as coisas.

Ali conseguia enxergar e agir com facilidade.

Aquela seria a tal ressonância criada pelo contrato? - pensava.

Percebeu que não havia nem tempo para o raciocínio, pois a cada segundo que refletia sobre aquilo ficava mais lento e a corrente se aproximava mais de seu corpo. Precisava se focar completamente nas ações e confiar em sua intuição.

Ofegante, pulou mais uma vez e conseguiu evitar mais um golpe violento, que chamuscou suas roupas e o desequilibrou, fazendo-o cair de joelhos.

Dessa vez, a corrente ficou imóvel enquanto do outro lado do parque Cal se desviava de uma saraivada de chicotadas fumegantes que esquentavam o ar e faziam uma chuva de faíscas alaranjadas. Rafael percebeu que Cal estava próximo demais e isso fazia com que o foco fosse ele.

Isabela estava recuada a vários metros, aterrorizada demais para fugir, com seu rosto vermelho e seus olhos brilhantes. Rafael se virou e tentou de tudo para convencê-la a desaparecer dali. E foi nessa falta de atenção que o pior aconteceu.

Sem perceber, a corrente afundada na lama serpenteou para fora como se tivesse ganho vida e alcançou um dos pés de Rafael. O metal se enroscou em uma de suas canelas.

A corrente em brasas queimou sua calça e tostou sua pele, corroendo seus músculos e todo o resto. Rafael urrou com a dor indescritível.

Cal, ao ouvir aquilo, se esforçou para conseguir continuar, mesmo que a troco de alguns golpes certeiros em seu corpo, que destrinchavam também suas roupas e criavam sulcos em seu peito. Por mais que quisesse voltar e ajudar seu contratante, nada poderia fazê-lo com o inimigo ainda ativo. Se voltasse para acudir Rafael, voltaria à estaca zero e ainda teria de cuidar de um alvo fácil. Sua única oportunidade era avançar e acabar com aquilo naquele momento. O mundano teria de aguentar.

Aproximou-se o suficiente para acertar um soco colérico no rosto do apóstolo, que fez seu capuz voar para trás.

Apesar da visão ficando turva, Rafael vislumbrou parte do rosto daquela

entidade diabólica, enquanto gritava de dor. Sentiu o horror pouco antes de desfalecer.

O apóstolo não cedeu, afastou a mão de Cal com um de seus braços e os dois demônios disputaram força. Foi então que Cal pisou em uma das correntes e imobilizou o outro braço da criatura, que, por maior que fosse, não conseguia se libertar. A guarda do apóstolo estava completamente aberta, com seus dois braços imobilizados. Cal deu um sorriso raivoso.

O segundo soco veio com mais voracidade que o primeiro, afundando o crânio do apóstolo, que dessa vez pareceu prestes a desmoronar.

Rapidamente, Cal segurou um dos braços do apóstolo e, usando seu próprio corpo minúsculo como contrapeso, arremessou a entidade para o alto, fazendo-a voar em um arco completo e cair de costas no chão, produzindo um baque surdo e alguns estalos que indicavam a fratura de algumas costelas.

A última coisa que Rafael viu antes da visão enegrecer de vez foi Cal ensandecido, com uma expressão bestial, destrinchando o peito do apóstolo com as mãos, procurando seu núcleo cristalizado.

Sentia frio, mas não sabia se era dos pingos da noite, a lama molhada ou os dedos gélidos da morte. Apagou.

Rafael teve um sonho.

Estava em um cômodo muito frio e escuro, um breu total. Mesmo assim enxergava alguma coisa. Ele era ele e ao mesmo tempo outra pessoa. Escutava o pingar próximo de água que não precisava beber e ratos que não precisava comer passavam pelos seus pés.

Suas mãos estavam pesadas, eram grilhões que, apesar de grandes, não possuíam lá muito peso físico. Era outro tipo de peso. O suficiente para prendê-lo ali, naquela realidade, naquele porão escuro.

Acordou com seu corpo ardente, não sentia sua perna.

— Segura ele! Vou ter de rasgar a calça — gritou alguém.

Sua cabeça doía, e a quentura era febre. Nunca sentiu uma dor tão forte.

Abriu os olhos, mas não enxergou muita coisa além de uma luz cegante e pessoas com rostos borrados em cima dele. Reconhecia as vozes.

Foi então que viu a luz azul brilhar e a dor piorou.

— É muito forte! Está lutando contra.

Quis gritar para que parassem, mas de sua boca não saía nada. A dor se alastrou por todo o seu corpo e sentiu sua mente como um vórtice que o puxava de volta para a escuridão.

Sua cabeça pesou e não viu mais nada.

Imagens desconexas surgiram, um salão luminoso, garotas dispostas em círculo, cantando em uma língua estranha. Um brilho no centro do círculo... Era um relógio dourado muito antigo. Refletiu o trovão que desceu dos céus rugindo como um tigre.

Acordou com um susto e se lembrou da dor aguda. Estava bem melhor e sentia novamente sua perna, mas seu corpo inteiro estava dolorido. Seu lençol de cama o cobria e possuía uma compressa úmida na testa, estava encharcado de suor.

Isabela o observava de uma cadeira próxima.

— Ele acordou! — anunciou a vagante com surpresa, quando o viu se mexer.

— O contrato não especificou troca de fraldas — disse Cal ao entrar na sala. Vestia o mesmo casaco de sempre, mas estava como novo. Perguntou-se se o demônio possuía muitos deles em seu armário. Alguns homúnculos andavam pela casa, ajeitando a bagunça causada pela noite anterior.

— O que aconteceu? — perguntou, fraco.

— O apóstolo fugiu — Anunciou Cal com frustração.

Rafael tentou se levantar, mas não conseguiu. Algo em seu ombro parecia queimar quando tentava se mover.

— Pega leve, mundano, você foi ferido gravemente e quase perdeu sua vida. Ataques diretos de demônios não costumam deixar sobreviventes, principalmente um tão poderoso.

Tentou novamente, mas com cuidado. Sentou-se. Observou sua perna direita, que estava como nova, a calça estava rasgada no lugar.

— Você foi contaminado pelo que chamamos de miasma, é um mal que corrói

entidades mais fracas que são atacadas por demônios poderosos e as destroem por dentro. É como uma doença, só que de cunho espiritual.

Rafael olhou para seus braços. Suas veias estavam saltadas e um complexo desenho de cor arroxeada estava estampado em sua pele, os padrões lembravam fractais que tanto estudou na faculdade.

— O que é isso?

— Marcas de que o veneno passou pelo seu corpo, felizmente elas vão embora com o tempo. Com exceção dessa. — O demônio apertou uma parte de sua pele entre o ombro esquerdo e seu peito. O mundano fez uma careta de dor.

Rafael abaixou o rosto e viu algo que parecia uma marca de ferro quente, usada para marcar gado, três linhas paralelas dentro de um círculo.

— Isso aqui é um Estigma. Vai ser um problema de agora em diante pra mim e pra você, mas depois vamos conversar sobre isso. Você deve agradecer a sua ótima sorte, alguém que sabia lidar o miasma estava com a gente. — O demônio suspirou.

— Quem?

Cal e Isabela se entreolharam.

Alguém se aproximou por trás de sua cabeça. A primeira coisa que viu foi a xícara de chá que a pessoa segurava.

Ariane puxou uma das cadeiras e se sentou junto com os três.

Rafael a encarou com surpresa, tentou esconder a marca próxima ao ombro com o lençol e empurrou um homúnculo que passava ali para debaixo do sofá.

— Posso explicar tudo. — Seu raciocínio estava lento. Não havia conectado os pontos de porque ela estava ali.

— Eu já sei — disse a garota, tranquila. Tomou um gole do chá. — Eu sempre soube.

— Co-como?

— Desde que bati o olho em Cal soube o que ele era. Na verdade, mesmo ocultando sua presença consegui sentir quando pisei no prédio no dia em que ele chegou. Também sei sobre sua amiga.

Isabela assentiu com a cabeça.

Rafael encarou Cal, procurando uma explicação para aquilo, mas o demônio apenas deu de ombros.

— Ela nos viu carregando você no meio da rua e nos prestou ajuda. Além de tudo, foi a responsável por retirar o mal do seu corpo, você deve sua vida a ela, não sei purificar mundanos. Só curar machucados físicos.

A cabeça de Rafael despencou. Era muita informação e estava ainda meio grogue.

— Eu sei que isso pode ser um pouco difícil para você — ela recomeçou. — Cal me contou toda a sua situação, sei que procura se afastar de tudo isso. A verdade é que eu sou uma exorcista. Não como aqueles da igreja como já deve ter visto em filmes, mas usando meus conhecimentos mais… “abrangentes”.

Rafael suspirou fundo, queria que aquela situação se findasse, não aguentava mais.

— Fui ensinada a aniquilar demônios e os males causados por eles. Nunca te contei porque não queria te envolver em nada do que se arrependesse depois — lamentou.

— Eu não precisava saber, isso é uma verdade — disse Rafael por fim. Sentia-se enganado.

— Eu deveria ter contado. — Ela desviou o olhar, parecia arrependida. — As coisas poderiam ter sido diferentes.

— Saiam.

A voz de Rafael soou fraca, mas audível o suficiente para que todos entendessem.

— Agora serei eu a pegar nas rédeas da própria vida.

— Não precisa ser dessa maneira. — protestou Cal, que parecia se importar, algo que nunca o viu fazer.

— SAIAM!

Rafael se levantou com esforço, segurando o ombro que ardia. Foi até a porta e a abriu. Não conseguia não olhar para o chão.

— Elas salvaram sua vida — insistiu o demônio.

— Não pedi para ser salvo, pedi para não ter minha vida arriscada nessa loucura sem sentido. — Sua consciência sabia que havia se arriscado porque quis, mas não queria dar ouvidos a ela. — Não pertenço a esse mundo de vocês. Eu só quero a minha vida de volta!

Cal se levantou e atravessou a sala indo em direção ao quarto de hóspedes. Ariane, desolada, passou pela porta e desapareceu. Isabela seguia junto, mas parou antes de atravessar o umbral da porta.

— Eu nunca quis que você se machucasse, a culpa foi minha — disse ela, se lamentando e indo embora em seguida.

Rafael ficou ali cambaleante e recostou sua cabeça em uma das paredes. Sem saber o que pensar ou em que fazer.


ה
ר
04
O Imperador

CAPÍTULO VII
ONDE HÁ UM CURIOSO JOGO DE PÔQUER

O despertador tocou loucamente na manhã da segunda. Xingou-se por ter ficado na cama o domingo inteiro. Mesmo ainda não completamente recuperado, se sentia muito melhor. Parecia apenas como se estivesse acabado de sair de um longo e penoso resfriado.

Preparou o próprio café na companhia de Bóris. Suspeitou que Cal estivera dentro de seu quarto desde a noite anterior, mas não queria pensar nele nem em nada do que acontecera. Por isso apagou os pensamentos da cabeça.

Seu Arlindo não parecia muito afetado pelo que havia acontecido. Mas Rafael percebeu que colocou a imagem de uma santinha dentro da cabine da portaria. Segundo ele, não vira que tipo de assombração o assustou, já que houve o apagão no prédio na mesma hora.

A calmaria se manteve durante alguns dias. O trabalho se mostrou mais tranquilo do que esperava, a empresa já colocava uma decoração natalina pela aproximação do período de festas e até seu chefe parecia melhor humorado.

A nova funcionária estava disposta. Havia se dado muito bem com todos.

E é claro que ele nem tentou se aproximar da garota, não queria arranjar mais problemas com seu chefe. Qualquer deslize poderia lhe custar o emprego, por isso decidiu não dar mais chances ao azar.

O primeiro contato entre eles ocorreu em frente à máquina de xerox no meio da semana.

— Pode me ajudar? — ela pediu enquanto Rafael ia em direção à copa para encher sua garrafa térmica.

Desviou de seu caminho e com dois tapas bem localizados fez a máquina cuspir o papel atolado que a fazia deixar de funcionar. Fez isso de maneira rápida e mal olhou em seus olhos. Não queria parecer como todos os outros que arranjavam desculpas para conseguir alguns minutos do tempo dela.

— Não conheço nada por aqui. Posso almoçar com você? — perguntou a moça, pegando Rafael de surpresa.

O rapaz se virou e a fitou desconfiado.

— Acho que sim... — respondeu sem jeito.

Gabrielle deu um risinho e voltou para sua sala.

Rafael crispou os lábios em dúvida. O destino era algo com um bizarro senso de humor.

— Você mora muito longe? — perguntou Rafael enquanto almoçavam. Estavam em um restaurante próximo ao escritório. — Desculpe a indiscrição, se não quiser não precisa falar.

— Tudo bem, você parece legal — respondeu a garota. — Moro na zona sul da cidade, é bem rápido chegar aqui, é bom para quem tem que fazer tudo.

— Então, morando sozinha?

A garota acenou com a cabeça enquanto dava uma garfada em uma folha de alface, dobrada meticulosamente. Usava um arco para prender o cabelo escuro.

— Hoje não reclamo disso. Na época da faculdade foi pior, ter de trabalhar para estudar é complicado.

— Concordo. Felizmente minha mãe ainda era viva quando frequentava o curso e me ajudava com as contas.

Gabrielle ficou visivelmente sem jeito.

— Não se preocupe, já tem muitos anos ela morreu.

— Mesmo assim, não queria que se lembrasse disso. Me desculpe. Deve ser horrível perder alguém tão próximo, tão novo.

Rafael fez uma careta.

— Acaba se acostumando.

Os dois mudaram de assunto e falaram de amenidades, trocaram risadas conforme os minutos foram passando.

— Está gostando do trabalho? — perguntou Rafael.

— Adorando! Gosto de trabalhar nessa área.

— Mesmo com todos os homens te enchendo o saco? Seu namorado não sente ciúmes?

Gabrielle o observou por um momento.

— O senhor “ninguém” não costuma sentir ciúmes — riu. — E você, está enrolado?

— Enrolado estou sempre, mas não da forma como você pensa. — A imagem de Ariane se formou na sua cabeça. — Na verdade hoje em dia eu ando sem muitas princesas para salvar do dragão.

— Então você curte um estilo princesa?

— Do jeito que está, até o dragão parece interessante.

Os dois riram.

Gabrielle se despediu antes da hora, dizendo que ainda tinha umas pendências para resolver antes do horário do almoço terminar. Rafael decidiu matar o tempo que lhe restava em uma banca de jornal em frente ao prédio. Quando finalmente se preparou para subir para o escritório, foi surpreendido por uma ligação.

— Alô?

— Sou eu — respondeu a voz inconfundível de Cal.

— Não sabia que tinha celular... O que você quer? — perguntou ríspido.

— É de um amigo. Preciso que me faça um favor. Esqueci algo na gaveta do almoxarifado, poderia trazer para mim?

— Onde você está?

— Vou te passar o endereço... Um segundo.

— Como assim!? — se exaltou. — Você não está trabalhando?

— Não fui trabalhar hoje, estou resolvendo assuntos importantes.

Rafael esfregou o rosto impaciente. Por isso seus e-mails da manhã não foram respondidos, lembrou-se.

— O que exatamente você precisa na gaveta?

O demônio descreveu o objeto parcialmente, mas Rafael não achou que teria dificuldades para achar.

Depois de anotado o endereço, Rafael deu uma desculpa para sua gerente sobre ter de procurar uma agência para futuros trabalhos. Uma desculpa que guardava para quando estivesse indisposto e quisesse dar uma escapada, isso lhe causou mais raiva do demônio.

Abriu a gaveta e procurou. Apesar da bagunça, encontrou o objeto que ele queria.

Era um pingente estonteante e a descrição de Cal não fazia jus ao objeto. Uma corrente fina de prata ligada a uma esfera de vidro do tamanho de uma bola de gude por um aro tão fino quanto. O magnífico era o que estava dentro da esfera transparente. Parecia um cristal translúcido muito belo, com veios finos que brilhavam com infinitas cores conforme era colocado próximo de qualquer iluminação. Nunca tinha visto algo como aquilo.

O endereço dado por Cal não era longe, precisou pegar apenas duas estações de metrô e chegar ao centro velho da cidade. Sentia-se bem, não soube se pela pausa no trabalho ou pelo excelente almoço com Gabrielle.

Andou por ali e aos poucos o movimento ia diminuindo, os prédios iam ficando mais velhos e as ruas mais sujas e estreitas. Parecia viajar no tempo a cada passo.

Parou para olhar novamente a anotação do lugar indicado. Foi quando sentiu uma fisgada de leve na bainha da calça. Olhou para baixo curioso, pensando que havia prendido o tecido em algum lugar, mas viu com terror que a situação era outra.

Estava parado ao lado da calçada, onde uma boca de bueiro suja recebia um pouco de água da sarjeta. Do vão do bueiro, uma mão etérea emergia e tentava agarrá-lo.

Com o susto, recuou horrorizado. A mão arranhava o asfalto e fazia gestos para que ele se aproximasse. Sua respiração disparou com as batidas de seu coração. Conseguia enxergar aquilo, mas ao mesmo tempo sabia que não deveria. Era algo do plano espiritual, assim como Isabela.

Virou a cabeça para todos os lados para ter certeza que mais ninguém conseguia ver aquela coisa. Foi quando se deu conta que não estava em um lugar amigável.

Pessoas estranhas o encaravam, protegidas da luz ofuscante do sol. Alguns de becos e vielas escuras, outros dentro de construções abandonadas, e até

conseguiu ver alguns pares de olhos brilhantes no alto de uma árvore esquálida a metros de distância. Não pareciam os estressados trabalhadores ou ambulantes do centro da cidade.

Começou a andar e apertou o passo, não sabia se deveria voltar ou se continuaria a procurar o maldito endereço. Sentiu uma pontada no ombro, uma dor aguda vinda do estigma, que estava em brasas.

Pouco dos observadores se atreviam a sair das sombras, mas alguns cobertos por mantos ou casacos fechados andavam a sua volta. Rafael conseguia sentir a aura inumana e pouco amigável vinda de cada um deles. Não eram demônios, teve certeza, mas decidiu não ficar ali para descobrir.

Estava começando a ficar cercado, sem escolha, quando entrou no que achava ser uma rua escura e descobriu ser um beco sem saída. Uma porta vermelha, descascada pelo tempo, estava isolada no fundo. “Devil`s Nest” em neon acima da porta e uma placa ao lado indicava o número do estabelecimento. Aquele era o local onde Cal estava.

Deu uma corrida esbaforida e alcançou a porta vermelha.

Não resistiu e olhou para trás antes de girar a maçaneta e entrar no antro. Os perseguidores não estavam mais ali, nem na luz, nem nas trevas. Pessoas normais agora andavam naturalmente do lado de fora do beco, outras estavam distribuindo panfletos. Havia também vendedores e office boys. Aquilo foi um pesadelo?, se perguntou. A marca não doía mais.

Quando abriu a porta e passou pelo umbral, respirou aliviado.

Descobriu um ambiente minúsculo de um boteco. O lugar era um pequeno e estreito corredor que compartilhava espaço com um balcão de madeira velho, que dividia espaço com um atendente tão ou mais velho ainda. O homem se vestia como um lanterninha de décadas atrás, usava um coletinho vermelho e um quepe do mesmo tom. Prostava-se curvado pela idade e tinha uma barba branca que se projetava até o pescoço. Esfregava um copo, sem muita energia, com um paninho sujo.

Rafael se aproximou e chamou a atenção do atendente, que não o escutou.

Quando começou a se irritar, o velho o percebeu e apontou para a própria orelha e fez um gesto de negação com o dedo indicador. Rafael já vira muitas coisas, nunca um atendente de bar deficiente auditivo. Quando imaginou que teria de

tentar fazer vários gestos incompreensíveis para explicar sua situação, o velho apenas se limitou a apontar para os fundos, a risíveis oito metros de onde estavam.

Duas portinhas jaziam ali. Uma era uma portinhola vai-e-vem parecida com a dos filmes de bangue-bangue que Rafael assistia quando era garoto. Dava para um imundo banheiro onde um bêbado estava desacordado sentado na privada.

A outra porta era convencional, com maçaneta e fechadura. Abriu-se com um único toque. Uma escadaria apertada descia até o subsolo, de onde saiam as vozes de várias pessoas.

Desceu com cuidado. As paredes eram escuras de sujeira e umidade, os degraus estavam molhados pelas goteiras do teto e a única luz vinha de uma abertura no final da escada. Quando pisou no último degrau, sentiu o cheiro forte de tabaco, misturado com mofo e álcool. Era um odor difícil de aguentar, mas foi se acostumando.

Cal estava lá, sentado em uma mesa redonda com mais três homens estranhos. Jogavam carteado.

— Eu disse que ele vinha — anunciou Cal se levantando.

Rafael irritado e assustado, mas preocupado pela presença dos outros, se conteve.

— O que está fazendo? — cochichou, contendo a voz. — Você matou o trabalho para jogar buraco?

— É apenas uma reunião antiga que fazemos, não podemos jogar durante a noite por diversos motivos.

— Relaxa, camarada! Seja bem-vindo ao encontrro informal — disse um homem alto com um sotaque carregado do que parecia ser russo. — Puxe uma cadeirra.

— O que vai apostar, Cal? O garoto aí? — riu outro que tinha mechas louras e fumava um charuto.

O lugar era uma adega, coberta no piso e paredes com paralelepípedos de pedra, um ventilador lento de teto girava no alto, com uma lâmpada tremulante segurada por um fio.

— Vou te apresentar o pessoal. — Cal estendeu a mão.

— Esse “camarrada” é o Kriger — apontou para o Russo. Era bastante alto e corpulento, sua pele era branca e macilenta, muito calvo, os poucos fios eram bem pretos, assim como seus olhos. Tinha um nariz grande e pontudo. Vestia um casaco de gola rolê escuro apesar do calor. O homem acenou bruscamente, sem sorrir.

— O paquito aqui é o Tábris — disse apontando para o homem com mechas louras que chegavam até os ombros, barba por fazer, fumava um charuto cubano e usava um chapéu panamá grafite. Vestia uma camisa social clara e uma calça marrom segurada por suspensórios. Quando apresentado, tirou o chapéu e deu um sorriso torto, equilibrando o charuto.

Por fim, o terceiro homem que permanecia em silêncio até então, era um maltrapilho. Um mendigo sorridente. Com uma barba volumosa e cabelos desgrenhados. Rafael se surpreendeu ao reconhecê-lo. Era o mendigo do ônibus que encontrou no dia em que fez a entrevista de emprego.

— Nós o chamamos de Zé — apresentou Cal. — Ele não fala coisa com coisa, mas é um ótimo jogador.

Um macaquinho preto se aproximou, pulando de um grande barril. Usava um diminuto chapéu marroquino vermelho.

Rafael o encarou, não sabia se deveria cumprimentá-lo ou não. Depois de tudo, não duvidaria se o macaco começasse a falar.

— O que está fazendo? — perguntou Cal quando notou que ele observava o primata com certo fascínio. — É a macaca Sophia, mascote do bar.

— Vai jogar? — perguntou Tábris.

— Não, não gosto de carteado — respondeu Rafael.

— Não fale uma besteira dessas, meu rapaz! — disse ao dar uma baforada com o charuto. — Esse é o mais puro e sincero pôquer que você vai poder jogar nas redondezas. Tenha certeza disso.

— Esperro que não seja tão purro quanto esse uísque vabagundo que me oferrecem toda vez — respondeu Kriger com ironia, enquanto enchia novamente o copo.

Rafael puxou o cordão do bolso com discrição. Todos tentaram olhar curiosos o que ele trazia ali, mas Cal pegou o objeto com rapidez.

O demônio se sentou à mesa e Rafael pegou um banquinho no fundo do bar. Decidiu observar um pouco do jogo.

Enquanto os quatro apostavam — com exceção de Zé —, conversavam sobre todo o tipo de assunto, e o papo era mais normal do que imaginou que fosse. Mulheres, política e filmes antigos. Uma briga quase surgiu quando Kriger e Tábris discordaram, já altos pela bebida, sobre se Tarantino era um gênio ou uma farsa.

Zé apenas ria e fazia comentários genéricos fora de contexto. Parecia um louco qualquer, apesar de jogar como um profissional.

Rafael se perguntou se deveria ir. Foi quando percebeu que Cal pegou o pingente e jogou na mesa.

Todos pararam as risadas e ficaram sóbrios num instante. Inclusive Zé, que pareceu ganhar por alguns instantes um brilho de sanidade nos olhos.

— Vai apostar isso? Tem certeza? — indagou Tábris.

— Já me viu brincar com uma aposta? — o demônio respondeu com seriedade. — Não tô nem aí pra sua filosofia barata, o problema é cobrir esse valor.

O demônio se inclinou para trás e fez um aceno com a mão, como se não se importasse.

— Demônio vagabundo — xingou Kriger. O russo retirou de um de seus bolsos uma vareta metálica, um pouco maior que uma caneta.

Tabris riu.

— Vocês tão querendo me ferrar. — Apagou o charuto em um cinzeiro de metal amassado. Pegou seu sobretudo preto pendurado nas costas da cadeira e puxou do bolso um livreto grosso com capa de couro. Jogou-o em meio aos outros dois objetos.

Zé procurou e procurou em suas vestes, mas nada achou. Com um estalo pareceu se lembrar de algo. Arregalou os olhos e enfiou a mão na barba suja, puxando algo estranho. Colocou o que parecia ser um broto de feijão com as outras três apostas.

Para Rafael, parecia um bando de loucos apostando lixo.

Os jogadores ficaram apreensivos. O ambiente mudou. Daquele momento em

diante todos ganharam rostos sérios e concentrados.

— Apostas altas — riu Tábris, secamente. — Isso não vai dar certo.

Uma nova rodada começou no jogo. Rafael não sabia quem estava ganhando ou perdendo. Cal crispou os lábios e franziu o cenho.

— Acho melhor alguém de confiança distribuir as cartas — opinou Cal. — Que tal meu amigo aqui?

Rafael não queria se meter naquilo.

— Qual é o seu trruque, Cal? — indagou Kriger com desconfiança.

O demônio deu os ombros.

— Olhe para ele — apontou para Rafael. E todos o observaram. — O que você vê?

— Um simples humano — respondeu o russo, ríspido.

— Então por que tem medo?

Kriger fechou a cara, mas permaneceu em silêncio.

— Alguma objeção, senhores? Apostas altas requerem uma segurança maior.

Todos acabaram concordando.

— Apenas faça o que eu digo — disse Cal para Rafael, com seu típico sorriso de malícia.

O pôquer é essencialmente um jogo de combinação de cartas misturado com um pouco de blefe e observação. Todos ali não demonstravam nenhuma reação nos movimentos ou jogadas, pelo menos para Rafael, que não entendia muita coisa e era desatento. Mas acontecia uma verdadeira guerra de olhares, sem tréguas.

A cada rodada, os jogadores puxavam novas cartas para a mão e tinham de fazer uma combinação de valores diversos. A combinação de maior valor jogada na mesa vencia a rodada.

Nesse momento entrava o blefe. O verdadeiro “ás” do pôquer era quando um jogador conseguia ter sucesso em manipular os oponentes para que confiassem ou não na mão que tinham. Fazendo-os se acovardarem ou encorajarem uma péssima jogada.

O demônio se levantou com um pulo e deu um tapa na mesinha de madeira.

Kriger se ergueu e virou a mesa, Rafael conseguiu se apoiar em uma das mãos e não cair com tudo junto. O homem agarrou o demônio pelo colarinho.

— Seu verrme sorrateirro! Você trrapaceou! — acusou.

Cal tinha um sorriso malicioso nos lábios, mas Tábris interviu, fazendo todos acalmarem os ânimos.

— Você sabe que eu estou aqui, não houve trapaças, posso garantir isso — defendeu o homem de mechas louras.

Zé gargalhava da cena. Kriger bufou e sentou-se novamente, ainda com raiva.

Cal depositou todos os itens ganhos em seus bolsos dianteiros do moletom.

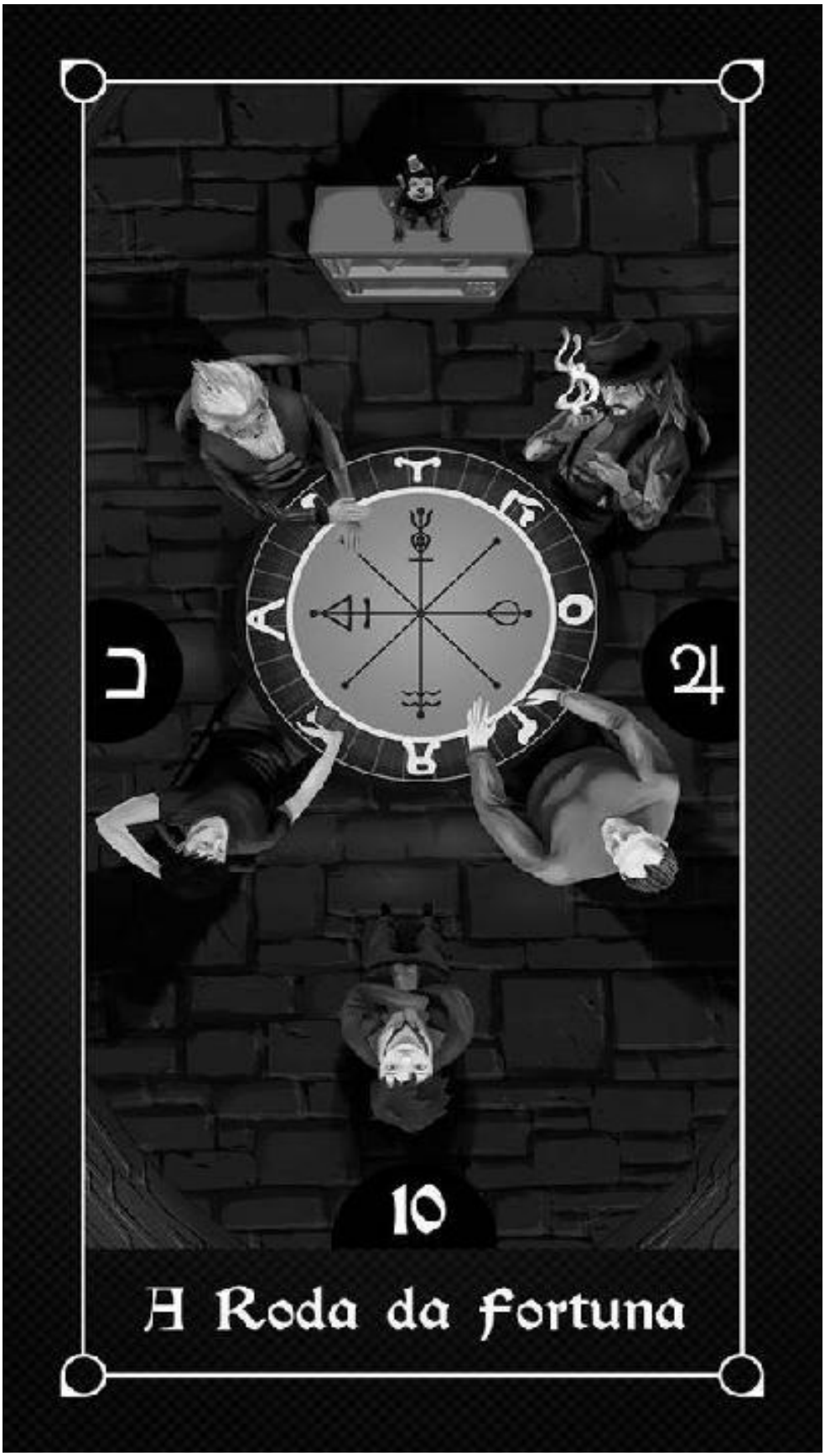
— Senhores! Foi um ótimo encontro esta tarde — despediu-se o demônio com uma reverência exagerada, cheia de ironias. — Mas agora preciso ir.

Os dois se dirigiram em direção à porta.

— Não se esqueça do que conversamos — disse Tábris enquanto os dois atravessavam a porta.

— Do que ele está falando? — perguntou Rafael para o demônio enquanto saiam do bar.

— Só uma troca de favores — respondeu misterioso.


כ
21
10
A Roda da Fortuna

CAPÍTULO VIII
ONDE HÁ ERVAS E FEITIÇOS ESTRANHOS

O expediente terminou poucos minutos depois que chegaram ao escritório e ninguém havia percebido a ausência dos dois. Rafael arrumou suas coisas e foi procurar o demônio, que se enfurnou no almoxarifado no primeiro momento, mas ele já havia ido embora.

Apesar de temeroso, nada de mais aconteceu no trajeto para casa. Nem mãos saindo de vãos da calçada, nem encapuzados perseguidores.

Cal o esperava na sala, com os quatro objetos postos em cima da mesa.

— Nunca te questionaram sobre suas escapadas? — perguntou o mundano.

— Tenho meus truques.

Rafael sentou-se e contou o que havia acontecido pouco antes de chegar ao bar. O demônio balançou a cabeça.

— Bem... Como posso dizer? Me esqueci de mencionar esses detalhes.

— Sim, você se esqueceu — corroborou o mundano, enfezado.

Cal balançou novamente a cabeça. Explicou que seria difícil fazê-lo entender, mas que ele precisava saber.

O estigma era a forma como os demônios marcavam seus escolhidos. Se Rafael morresse marcado, iria direto para as mãos do dono do símbolo, aquele quem deu as ordens para o apóstolo. Todos os estigmados não duravam muito tempo após um ataque, mas Rafael estava vivo e isso desafiava todo o senso comum. Iria virar uma caça, alguns para obter vantagens, outros por trabalharem diretamente para o demônio que o havia marcado.

— Sou um alvo ambulante — afirmou horrorizado, ao escutar cada palavra.

— Na prática, sim. Sua aura mudou, atrairá até coisas menores, qualquer habitante do plano espiritual saberá te distinguir de um mundano comum. A boa notícia é que nada vai acontecer na minha presença.

Rafael abaixou a cabeça e a segurou. Permaneceu em silêncio.

— Por isso vamos precisar resolver essa situação — disse Cal. — Vamos fazer um joguinho.

O mundano o encarou irritado, não era hora para jogos ou brincadeiras. O demônio pegou o pingente pelo cordão e o balançou.

— Escolha dois desses itens — anunciou. — E serão seus.

Aquilo o surpreendeu. O que poderia significar? Uma armadilha?, pensou. Cal não teria interesse que ele se ferrasse, graças ao contrato. Decidiu entrar no jogo, mesmo que ainda contrariado.

Observou-os bem. Com exceção do pingente, nada ali parecia interessante. O demônio deu uma gargalhada ao notar a cara de desdém do mundano.

— Sabe o que são?

Rafael o encarou até o demônio responder a própria pergunta.

— Preciosidades, tesouros que nenhum mortal comum consegue alcançar.

Rafael não acreditava naquilo. Pegou a vareta prateada e a examinou, parecia ter inscrições orientais riscadas em sua superfície e era bem leve. Perguntou-se se era feita de alumínio. Sacudiu-a e a jogou para cima de brincadeira. Cal efetuou um salto e surgiu ao seu lado, pegando o objeto no ar antes que Rafael pudesse agarrá-lo novamente.

— Isso não é brinquedo — se irritou, recolocando ao lado das outras opções. — Vamos, escolha!

Rafael olhou os itens. Uma vareta, um pingente, um livro velho e um broto estranho. Hesitou em um primeiro momento apesar de curioso com aquela tralha.

Levantou o indicador e apontou para suas escolhas. A mais óbvia primeiro, o pingente. Havia ficado impressionado com sua beleza. Logo depois, por eliminação, apontou para a vareta.

Cal pegou os itens escolhidos.

— O pingente e o cetro são seus com uma condição.

O mundano o encarou. Era, afinal, uma armadilha.

— Você disse que era só escolher e eram meus. Sabia que tinha um truque sujo aí!

O demônio recostou na poltrona e cruzou as mãos, inexpressivo.

— O que você quer, afinal? — perguntou Rafael.

— Quero que perdoe as meninas.

Foi pego de surpresa por aquelas palavras. Não pôde deixar de rir.

— Um demônio tentando comprar perdão? — debochou. — Onde está a vil criatura que não se importa com “mundanos”?

— Não importa o que você acha ou deixa de achar. É apenas meu desejo que isso aconteça e que vocês voltem a se falar. Ter alguém como Ariane do nosso lado pode ser valioso.

Rafael deitou a cabeça no encosto do sofá e olhou para cima. O riso se transformou em um sorriso amarelo de pura melancolia.

— Não preciso perdoar ninguém, elas não tiveram nenhuma culpa. Estava completamente assustado com tudo aquilo que aconteceu. Eu tinha acabado de escapar da morte, droga! Eu me arrisquei, foi decisão minha, não tenho direito de culpar ninguém pelas minhas escolhas.

— Também não precisa se culpar por isso, o medo da sombra da morte é uma característica mundana, está em seu cerne.

— Não — suspirou. — não tenho medo de morrer, isso perdi há muito tempo.

Cal virou a cabeça com curiosidade.

— O que realmente me assusta é a perspectiva da mudança, estava lutando até agora pra me manter longe disso tudo. Não sou herói, nunca fui, não me importava com ninguém e muito menos comigo mesmo. Mas, depois daquela noite, eu quis proteger Isabela, o meu peito se encheu de algo que por muito tempo não tive, desde que minha mãe morreu. A necessidade de ter alguém a quem proteger. — Cerrou os punhos. — É por isso que senti tanta raiva, raiva de mim mesmo, depois de ter chegado tão longe acabei falhando. Ariane e Isabela não devem nem mais querer olhar na minha cara.

O demônio gargalhou alto e sua voz ecoou na pequena sala daquele apartamento.

— Tenho de admitir que às vezes mundanos são interessantes.

— Esse cetro... — Cal balançou a vareta prateada — é um cetro raijuu.

O objeto portátil, pouco maior que uma caneta, cresceu nas mãos do demônio. Como um truque de mágica. Cilíndrico, com detalhes em kanji entalhados em sua superfície. De um dos lados possuía a cabeça de um tigre, rugindo.

O demônio o segurou como um controle remoto e apontou a cabeça de tigre para uma das cadeiras da sala que estava isolada.

— O que você tá…

Um clarão iluminou tudo e um relâmpago foi disparado, interrompendo Rafael no meio da pergunta. Chicoteou pelo ar e desintegrou a cadeira em uma explosão. O trovão foi ensurdecedor. Rafael se jogou no chão com as mãos sobre o ouvido.

— O que você tá fazendo com o meu apartamento!?

— É só uma cadeira, os homúnculos dão um jeito.

Rafael se levantou com os ouvidos zunindo.

— Isso é um prédio! Pare de fazer essas demonstrações barulhentas — gritou, ainda recuperando a audição.

— Ninguém nunca julgaria que trovejou dentro de um apartamento, ou mesmo que ele foi causado pelo seu ocupante. Sem falar da barreira acústica, lembra?

O demônio tinha razão.

— Isso é algo muito raro, funciona exatamente da maneira como você acabou de ver. Ele ioniza o ar na direção em que você apontar e “kaboom”. Só tenha certeza que não esteja próximo o suficiente do alvo e que ele seja o único na mira. A coisa mais fácil do mundo é um relâmpago acertar qualquer outra coisa no meio do caminho. Kriger me mostrou isso há muito tempo, é um artefato bem impressionante.

Cal jogou o cetro em cima de Rafael, que pulou para fora do sofá com o susto e acabou indo parar no chão novamente. O demônio deu uma risada.

O cetro havia se encolhido novamente.

— Ele não ativa se você não o estiver segurando da forma como fiz. Agora já tem algo com o que possa se defender caso haja mais um ataque.

Cal pegou o pingente com cuidado enquanto Rafael tocava curioso a vareta que havia acabado de demonstrar tal poder de fogo. Ao perceber que realmente era inofensivo, se sentou novamente e a colocou no bolso da camisa.

— Isso aqui é algo realmente caro, por isso deve ser guardado. É um dos materiais mais preciosos que se pode obter — disse segurando o pingente como um pêndulo.

— Como assim?

— Se lembra que o ponto fraco do apóstolo era o núcleo cristalizado? — Segurou a esfera de vidro entre dois dedos. — Aquilo é extraído de um demônio vivo por um perigoso e complicado ritual de reversão e purificação. Como resultado, temos poucas gramas desse cristal extremamente raro, chamado de Innocentia.

— E o que eu faria com algo assim?

— Esse minério tem diversas finalidades, é energia pura. Pode ser usado como uma arma de destruição em massa, para reviver alguém ou simplesmente funcionar como uma “pilha” para algum aparato que precise de muita energia. Mas no seu caso é mais útil se usado para purificação.

Rafael não entendeu o que ele queria dizer com aquilo.

— O estigma que você ganhou do apóstolo.

O mundano tocou o ombro, que ainda doía um pouco, mas não tanto quando quase fora atacado mais cedo.

— A “marca da besta” — se lembrou do termo de alguns filmes de terror.

— Para se livrar do estigma, uma das formas é usar a Innocentia, mas eu não sei o processo de como fazer isso. Só sei que precisamos fazer rápido, enquanto estiver marcado vai atrair todo o tipo de mal para você.

Depois da conversa, Cal colocou novamente o pingente no bolso. Iria ele mesmo guardá-lo para o mundano, já que era mais difícil de ser roubado em sua posse. Ficaria na gaveta do almoxarifado, onde já havia feitiços de proteção, até Cal achar algum ritual ou feitiço específico para apagar o estigma.

O demônio guardou o livro no bolso e não quis responder o que era, apenas que guardava segredos que interessavam a muita gente.

— E isso? — Rafael apontou para o broto. Uma semente murcha de um tom verde-escuro. Podia ver que começava a germinar.

O demônio a pegou na mão, a observou bem e por fim a jogou dentro do vaso de porcelana que enfeitava a mesa da sala.

— Não faço a mínima ideia.

Rafael não havia dormido direito à noite, algo que começava a se tornar natural.

Durante o café da manhã, Cal parecia mais inquieto que o de costume. Observava-o a todo o momento, como se procurando algo de estranho em seu contratante.

— São as olheiras?

O demônio engoliu uma colherada de cereal.

— Não é isso... só estou verificando.

— O quê?

— Tem algo errado, não é?

Rafael estalou a língua em sinal de irritação, largou a xícara de café na mesa.

— Andei notando um carnaval sobrenatural nas últimas semanas. Ah, esqueci! É claro que você sabe, já que é o causador disso tudo! — acusou.

— Não nesse sentido. Geralmente quem recebe o estigma sofre algumas alterações. Vai ter cada vez mais dificuldade de dormir. De alguma forma seu corpo sabe que durante a noite tem mais chance de ser atacado, por isso não consegue entrar no sono profundo tão bem.

— Só boas notícias. Quando poderei me livrar dessa coisa?

— Já disse! Não sei como.

O mundano se levantou irritado, jogou a xícara na pia e ajeitou a camisa. Começava a passar do horário de sair para o trabalho.

— Mas talvez exista alguém que possa — adicionou Cal, sem abandonar a conversa.

Rafael se virou e sentou-se na cadeira, encarando o demônio, o convidando a falar mais da opção.

— Não queria apelar para isso, mas vejo que essa coisa só vai causar mais problemas.

— Quem é?

— Uma conhecida.

— Então vamos visitá-la!

— Não sei se seria o melhor... não gosto muito dela.

— Me interessei mais ainda. Quando vamos?

— Pode ser agora.

— E o trabalho? Não posso ficar faltando. — Depois de passar metade do dia anterior fora, não acreditava que GG pegaria leve.

— Posso fazer com que ninguém note sua ausência por um ou dois dias no máximo, quebro esse galho para você.

Rafael o encarou, desconfiado.

— Pronto? — perguntou o demônio.

Antes de o mundano responder, Cal segurou seu braço e efetuou o salto.

Poucas vezes Rafael ficou tão desconfortável em sua vida. Sentia seu corpo esticar e torcer muitas vezes, e quando pensou que iria morrer centrifugado por uma força invisível a sensação passou.

Quando deu por si estava caído no chão, com gosto de poeira na boca. Seu estômago estava revirado e sua cabeça doída. Tonto, apalpou o chão e sentiu a madeira sólida.

Levantou-se, mas quase desabou novamente.

— Você se acostuma — falou o demônio ao seu lado.

— Onde estamos? — conseguiu falar pesarosamente, depois de muito esforço.

— Em uma rua pequena e esquecida, do outro lado da cidade — respondeu o demônio, sem muito interesse.

— Nunca... — Tossiu. — Nunca mais faça isso comigo novamente!

— Vai falar que não estava curioso? Um dia iria me pedir para experimentar que eu sei. Como se sente?

— Com uma ressaca depois de muita tequila.

Cal sorriu e virou as costas.

Estavam em uma pequena antessala tenebrosa do que parecia ser um casarão bem antigo. A luz cortava a penumbra, vinda de pequenas janelas sujas. Olhando para fora o mundano não reconheceu em que região estavam, apenas que parecia ser uma rua tão antiga quanto a própria casa. Quase esbarrou em um cabideiro, onde uma aranha enorme fazia sua teia.

Olhou para trás e viu a porta do que parecia ser a entrada, pois a luz tomava a soleira. Logo em frente, outra porta parecia guardar o restante da casa. Ela possuía diversos entalhes escritos em uma língua que Rafael não soube deduzir qual era.

— Madame Collete é um pouco exótica para padrões mundanos, não se assuste muito.

Para Cal dar um aviso daqueles, boa coisa não era.

Os dois se aproximaram da porta com inscritos que dava acesso ao próximo cômodo. Era um pouco diferente de portas convencionais do interior de residências. Feita de uma madeira escura. Possuidora de um batedor bem chamativo, uma gárgula opaca que mordia um grande aro de prata.

Um som seco e forte foi produzido depois que o demônio bateu com o aro na madeira.

O pomo da maçaneta, do mesmo material do batedor, girou e a porta abriu para fora. Ninguém estava do outro lado.

Rafael se impressionou. O hall era o lugar principal da casa e o maior deles, uma grande área aberta com algumas cortinas fechadas. O chão de mármore claro quase chegava a refletir com exatidão tudo que estava sobre ele. Várias luminárias nas paredes estavam acesas, dando a luz necessária ao ambiente, mas todas elas eram ofuscadas pelo grande lustre de cristal que cintilava com cada partícula de luz. Duas escadas serpenteavam de lados opostos na mais perfeita sincronia, dando acesso ao segundo andar, onde podiam ver mais portas e alguns quadros pendurados nas paredes.

Ainda no primeiro andar, duas entradas estavam separadas do restante do hall por um pequeno balcão cheio de rococós. Nele uma estonteante garota lia um livro de bolso. Possuía o cabelo em dois tons de ruivo que terminava em seu

ombro e dava um bom contraste com sua pele morena. Uma das mechas era presa com uma presilha em forma de caveira. Usava um vestido provocante que realçava seu corpo esguio e bem dotado.

O demônio pigarreou para avisar de sua presença.

— Cal! — disse a mulher surpresa, fechando o livro. — Madame Collete ficará feliz em revê-lo.

— Não compartilho do mesmo sentimento, certamente — respondeu. — Ela está com um cliente?

Um grito masculino soou abafado de uma das entradas de trás do balcão, o eco o fez se repetir algumas vezes antes de cessar de vez.

A garota deu um sorriso convidativo e logo se voltou para o livro. — Aguarde um pouco.

— Oi, me chamo Rafael — se apresentou o mundano com um sorriso tolo no rosto.

— Seja bem-vindo à casa de Madame Collete — respondeu a garota monocordicamente, com muito menos empolgação de quando se dirigiu para Cal. Ela lembrava alguém que Rafael conhecia, aquilo o intrigou.

Os dois esperaram por longos minutos. Escutaram outros gritos e mais gemidos, acompanhados de batidas. Rafael não pode deixar de admitir que estava com certo receio daquilo tudo. Assim como tudo que envolvia Cal.

— Acabei de lembrar de algo! — disse o demônio. — Vou precisar voltar.

— O quê? Vai me deixar sozinho? — perguntou assustado.

— Não se preocupe, eu volto logo.

Cal efetuou o salto, ignorando os pedidos para que ficasse.

— Não se preocupe, ele volta — disse a garota do balcão. — Ele não gosta daqui, não o culpe por isso.

A porta ao lado do balcão se abriu com violência, produzindo um baque alto. Rafael deu um pulo e arregalou os olhos ao ver o que saía de lá.

Um homem de porte médio surgiu. Vestia-se bem, com terno e gravata. Até poderia ser considerado bem apessoado não fosse pelo seu estado aterrador.

Andava de quatro, como um animal agitado. Batia os punhos no chão e grunhia, como um gorila ensandecido. Seu rosto estava contorcido com uma expressão bestial, dentes à mostra, narinas abertas e pupilas dilatadas. Aparentemente parecia apenas isso, mas Rafael podia ver algo a mais, algo que sabia que outros humanos normais não poderiam. Uma névoa branca que brotava de sua pele, nariz e boca. Subia e flutuava, em uma grande massa disforme em suas costas.

Não conseguiu evitar um pequeno grito de horror quando percebeu uma forma mal definida dentro da névoa, uma entidade indescritível e completamente aterradora. Era algo ruim, maligno, corrupto, algo que não parecia fazer parte daquele mundo, ou de outros conhecidos. Algo além até mesmo dos demônios.

Em seguida, outra pessoa saltou de dentro da sala para o hall, urrando com o homem possuído. Era uma minúscula senhora que trajava grandes vestes de cor púrpura. Segurava com sua mão enrugada um cajado, que usou para dar uma estocada na cabeça da entidade que controlava o homem. Qualquer coisa que estivera ali desapareceu com o ataque e com a névoa que a cobria. O possuído pela “coisa” caiu inerte no chão, babando.

A estranha velha se curvou após pousar no chão, apoiando-se no cajado que quase ultrapassava sua altura. Se Rafael não tivesse visto a estranha velhinha em ação, iria jurar que ela seria incapaz de dar um salto como aquele. Ela soltou uma risada enérgica, que mais parecia um cacarejo.

— Isso foi esplêndido, madame! — elogiou a ruiva.

— Não tenho mais idade pra essas coisas — disse Madame Collete, ofegante, enquanto afastava suas mechas prateadas da testa suada. Usava um grande coque para prender o cabelo.

A velha encarou Rafael com surpresa.

— Quem é esse, Lili? — indagou com ânimo.

— É um amigo do Cal. Estava aguardando a senhora para uma consulta.

— Cal?! Ele está por aqui?

— Ele foi resolver alguns problemas, deve voltar quanto antes — respondeu Rafael.

— Que boa notícia! Vamos, meu jovem, me acompanhe até minha sala.

Madame Collete desapareceu atrás da porta e Rafael a acompanhou receoso,

pulou o homem desacordado e entrou na sala.

O lugar era incrível! Rico em objetos diferentes e inusitados. Podia sentir como se estivesse vendo vários séculos de humanidade em uma só sala. Era um cômodo pequeno, com um papel de parede antigo de um florido desbotado. O piso de tábuas de madeira lustradas exalava preciosismo. Várias estantes estavam espalhadas pelas paredes e guardavam livros e itens atemporais. Uma enorme cristaleira em um dos cantos da sala tinha recipientes distintos, potes, garrafas, misturas, ervas e líquidos de várias cores. Vasilhames cheios de formol também estavam expostos, com diversos tipos de criaturas estranhas. Podia jurar que uma delas era uma pequena fada, flutuando pela eternidade. Outros eram tão vívidos que pareciam se mover levemente, por mais que Rafael não conhecesse ao certo o que eram.

A velha senhora se sentou em uma cadeira grande atrás de uma grande escrivaninha de mogno. Pousada nela, uma bandeja de prata com copos e taças. Alguns livros antigos empilhados de um lado e um crânio do outro. A dona da casa mexia em gavetas, procurando algo. Pegou um papel de aparência antiga e uma caneta tinteiro.

Depois de desenhar alguma coisa que Rafael não pôde ver, a senhora se levantou com avidez. Colocou o papel virado para baixo, pressionando-o contra o chão de madeira. Como uma tatuagem infantil à base de água, a velha retirou o papel com cuidado e viu a impressão ser duplicada para o chão. Era um círculo composto de símbolos estranhos.

— Calignis et nubilus es principium omnium rerum, at non es finem! Homo sine anima, moderatus per voluntas, surge!

Um pequeno filete de fumaça surgiu da tinta do chão, logo outro e mais outro, em seguida, uma explosão de fumaça invadiu a sala e cobriu a visão de Rafael, que abanou e tossiu. Com a dispersão da mesma, notou que algo a mais estava na presença deles. O estranho ser tinha uma enorme cabeça preta, com olhos brilhantes como faróis no meio da neblina e uma boca sorridente que formava um rosto abobalhado. Seu corpo era esfumaçado, feito do mesmo material negro que os homúnculos de Cal. Era como uma versão maior do que o demônio conseguia invocar.

— Sim! — exclamou Madame Collete. — Eu ensinei o feitiço para invocação de homúnculos para ele.

Rafael ficou surpreso.

— E sim! Sei de tudo: passado, presente e futuro. Também sei o que passa dentro dessa sua cabecinha tola.

Não soube como reagir aquilo. Se a velha não estivesse brincando, estaria inseguro. O último bastião de sua privacidade, sua mente, havia sido invadido.

A velha soltou um cacarejo novamente.

— Querido, cuide do meu último cliente, está bem? — pediu a senhora ao homúnculo gigante. Ele atravessou a porta, com passos lentos e desastrados.

— Isso é realmente incrível! — Rafael deixou escapar.

— Concordo. — A velha senhora coçou a cabeça. — É incrível como a dona do estabelecimento não consiga mais lidar com casos de possessão sem quase acabar matando o cliente.

— Não foi o que quis dizer…

— Sei que não. Rafael Branco. Te conheço mais do que imagina, na verdade, sei exatamente o que foi, é e será! Vejo que ainda está pensando no que viu mais cedo, a névoa branca.

Rafael acenou um “sim” com a cabeça.

Madame Collete voltou para a mesa e novamente se sentou na enorme cadeira. Seus olhos cinzentos eram penetrantes e vívidos.

— Não era um fantasma, se realmente quer saber, muito menos um demônio. Por isso a cena ficará marcada em você pelo resto da eternidade. Se naturalmente os seres humanos têm medo de simples vizinhos planares, imagina algo vindo de tão... distante. — A velha pegou o cajado e o depositou em cima da mesa. Recostou na cadeira e puxou um cachimbo de dentro das vestes. Baforou um pouco e ele se acendeu magicamente. — Sabe… existem coisas muito mais antigas do que nós, coisas tão abissais, que nem deveriam poder chegar perto desse plano. Mas estão começando a forçar a entrada e fazer baderna. Felizmente existem pessoas como eu para proteger vocês.

— Entendo. — Não. Não entendia.

— Mas acho que é assunto para outro dia! Perdoe a má educação dessa velha decrépita, meu filho. Há muito tempo não vejo um estigma como o seu.

Rafael se lembrou que era esse motivo de ter ido até lá. Tocou seu ombro, sem encostar na marca.

— O destino é poderoso e inexorável. Mas vez ou outra uma lebre acaba saltando longe demais.

A velha deu um sorriso e seus olhos brilharam.

— Não sei se vou conseguir ajudá-lo.

— Então, nem a senhora sabe?

Madame Collete estalou a língua com desgosto.

— Não sou nenhuma senhora! Sou Madame Collete! E é claro que vou ajudá-lo — respondeu, transbordando de orgulho. — Apenas ainda não sei como — Cacarejou.

Aquilo não fazia sentido.

— Posso jogar toda a minha preciosa magia em cima de você e a única garantia é que poderei matá-lo. Por isso preciso achar o equilíbrio certo e para isso precisamos pular a parte teórica.

Só restava Rafael ser direto o suficiente, já que era a sua vida em jogo.

— O que preciso fazer?

— Para sua sorte, quase nada, só preciso de um pouco de sangue fresco! Obedite!

Rafael sentiu um balançar na cadeira e se viu preso antes que pudesse fazer algo a respeito. Uma dúzia de mãos de madeira brotadas da cadeira o agarraram. Madame Collete girou o indicador ossudo e moveu o braço esquálido como um maestro, fazendo-o se soltar das vestes. A cadeira parecia obedecer de alguma forma. Os dedos de uma das mãos artificiais de madeira se tornaram pontiagudos e furaram sua pele na região do estigma. Aquilo doeu horrores.

— O que está fazendo?

As gotas rubras viajaram em uma espiral, feita pela superfície da madeira, indo parar em um bocal, onde um pequeno recipiente de vidro flutuava vazio.

O sangue gotejou até encher metade do vidro e então a cadeira voltou à forma convencional. O recipiente flutuou para as mãos da velha e Rafael, agora livre,

pressionou o estigma, tentando estancar o sangramento.

— Resista à dor como um homem!

Escutou o bater de algo e Rafael viu que Madame Collete fazia um preparado misturando seu sangue a algumas ervas e galhos, amassando tudo com um pequeno pilão. Preparou uma taça com o líquido escuro.

— Beba isso e masque o que sobrar da borra.

A taça flutuou para ele.

Obediente, Rafael o fez, apesar de desgostoso com a situação. Apenas queria que tudo aquilo acabasse. A bebida tinha um gosto estranho, um pouco amargo com toques de ferro. Quando sentiu com o lábio o material que sobrou, começou a mastigá-lo.

O gosto impregnou toda a sua boca e começou a adormecê-la. Começou a achar graça de não sentir mais sua língua. Riu daquela situação até começar a gargalhar com vontade.

— Você me drogou? — perguntou entre os dentes, sem fôlego.

— Drogas mexem com ligações químicas do seu cérebro, provocando alucinações. — A voz da velha parecia mais lenta para o rapaz. — O que você tomou nada tem a ver com isso, é uma essência capaz de abrir todo seu potencial energético! Se prepare, pois a viagem vai ser um pouco tumultuada.

Pulou da cadeira com agitação, se sentia eletrizado. Observou a fumaça do cachimbo se dissipando no ar e os grânulos de poeira dançando na luz. Seu corpo ficava cada vez mais quente. Com um rompante, começou a pular feito um louco para tentar se esfriar.

Quando socou a primeira coisa que pôde, Madame Collete se aproximou e soprou algo em sua direção, que o imobilizou.

— Me solta! — Riu Rafael. — Se não me soltar vou queimar vivo!

— Apenas relaxe. — A velhinha se aproximou e tocou sua testa com a ponta de seu cajado. Rafael não se lembrou de mais nada.

Era outro novamente. O prisioneiro, e ao mesmo tempo, o observador. Como no sonho que tivera logo após o atentado com o apóstolo negro. A sala escura em que estava era reconfortante, apesar de fria e vazia. A fome não existia, mas a

sede de sangue demorou a cessar. Era um vício.

Matar. Matar. Matar.

A abstinência de morte e calamidade o feria, como uma estaca profunda. Mas Rafael, que não era Rafael, sabia que deveria resistir. E resistiu. Ouviu a porta se abrir e uma irritante luz entrar.

A luz viajou com rapidez e fez suas pupilas retraírem.

Rafael acordou e se viu sentado novamente na cadeira de Madame Collete. Não se lembrava de ter saído dela nem de beber nada, nem pular ou socar qualquer coisa. Na verdade, demorou para sacar o que estava realmente fazendo ali. Olhou para a camisa e pressionou o estigma, não havia rasgo, nem sangue, nem dor.

— Não é muito educado dormir na casa dos outros, sabia? — debochou Cal ao seu lado. Rafael notou certa irritação em seu tom de voz.

— Está bem? — indagou Madame Collete. Rafael notou um brilho de malícia em seus olhos que não se lembrava de ter demonstrado antes.

Sentia-se exausto.

— Meu querido Cal está aqui para te levar embora, mas ainda falta uma coisa para tentar quebrar o enigma de seu problema.

— Não há mais nada o que fazer aqui, vamos indo. — O demônio o puxou, mas Rafael queria ouvir até o final o que a velha bruxa iria dizer. Se Cal não pudesse ajudá-lo, não desperdiçaria uma chance.

— O que falta para resolver meu problema?

— Preciso estudar um pouco mais sobre isso, tenho algumas ideias, mas precisarei de algo emprestado.

O demônio cerrou os dentes e tensionou o cenho. Colocou a mão no bolso da frente do moletom, como se tentando proteger algo.

— Qualquer coisa — respondeu Rafael.

A velha se levantou e se aproximou, apoiada pelo cajado. Cutucou com ela o casaco do demônio.

— Confiar em diabos é sempre um perigo. Esse, por exemplo, esconde um livro

bem antigo, que pode ser a chave para nos livrarmos de um estigma demoníaco.

Rafael não esperava por aquilo. O demônio e o mundano trocaram olhares e a irritação de Cal começava a transbordar.

— Isso é verdade? — Perguntou Rafael.

Cal retirou o livro de couro do bolso, o mesmo dado por Tábris na mesa de pôquer.

— Esse livro não tem nada a ver com isso, essa bruxa está jogando com você.

— Então para que ele serve?

O mundano nunca viu aquela expressão antes. O rosto de Cal se contorceu em um misto de raiva e agonia, como se quisesse cuspir alguma informação que não podia. Nunca vira Cal ser pego de surpresa, sabia que o demônio sempre preferiu tomar o controle e manipular tudo a seu bel-prazer.

— Se for de seu desejo, ele me dará o livro. Afinal, demônios não conseguem quebrar seus contratos.

Antes que Rafael pudesse dar seu veredito, Cal deu uma bufada lenta e pesarosa. Abaixou o livro e entregou para a velha bruxa antes que Rafael se decidisse. Estava derrotado.

— Muito bem.

Batidas na porta interromperam a conversa.

— Entre, Lili —pediu gentilmente a dona da casa.

A porta se abriu lentamente e o rosto da bela atendente surgiu, para encanto de Rafael.

— Desculpe a interrupção, o próximo cliente chegou — anunciou e voltou a fechar a porta.

— Foi bom colocar a conversa em dia, Cal. Apareça mais vezes para fazer companhia — disse com um sorriso estampado no rosto.

O mundano podia jurar que a qualquer momento o demônio pularia para detrás da mesa e a enforcaria.

— Que seja, velha estúpida.

Madame Collete cacarejou uma risada.

— Sempre um doce, não? — Virou-se para Rafael. — Volte também quando puder, meu rapaz, terei as respostas que procura em pouco tempo. E também tenho certeza que a Lili te achou uma graça.

— Sério? — Rafael deixou escapar um sorriso sincero e abobalhado.

— Vamos logo, Don Juan — o demônio resmungou. Segurou a camisa de Rafael e efetuou o salto novamente para casa.

Lili entrou na pequena sala quando teve certeza que os dois já haviam ido embora. E se colocou ao lado de sua senhora.

— Por que pediu para mentir, Madame? — perguntou. — Não temos mais clientes hoje.

— O demônio está recuperando seu poder, nunca pensei que isso fosse possível aqui no mundo dos homens, não de maneira tão rápida. — Bateu a cajado no chão com firmeza. — Não confio mais nele dentro da minha casa.

A bela garota acenou com a cabeça.

— A boa notícia é que estamos 20 anos na vantagem, filha de Lilith. — A velha pegou o livro e o pôs em cima da mesa. — O que achou daquele mundano?

— Ele parece ter potencial — respondeu.

— Por isso precisamos ter cuidado redobrado. Cancele todas as minhas consultas desta semana e vá vigiá-los enquanto eu começo a decifrar nosso mais novo artefato.

— Sim, Madame, bons estudos.

Rafael xingou o demônio quando se viu novamente em seu apartamento. Apesar do enjoo ter diminuído, ainda não havia se acostumado.

— Temos visitas.

Olhou confuso com a mão na cabeça. Viu os olhos esmeraldas de Bóris o encarando no alto do armário. Ariane estava sentada no sofá com Isabela ao lado dela, que o encarava com um sorriso orgulhoso.

— Te deixei lá para marcar esse encontro como você me pediu.

Rafael o fitou confuso.

— Mas eu não pedi... — antes de terminar, o demônio entrou na cozinha, deixando-o a sós com as meninas.

O mundano coçou a cabeça tentando disfarçar a vermelhidão no rosto. As garotas o encaravam com expectativa, em silêncio. O rapaz não sabia o que Cal tinha dito para elas.

Pensou falar de maneira calma e pausada. Mas no final saiu tudo de uma vez.

— Me desculpem pelo modo como tratei vocês. — Abaixou a cabeça em um gesto de arrependimento e vergonha, ficou mais difícil falar. — Vocês são as únicas pessoas que conheço e que são o mais próximo de família que eu tenho.

Ariane sorriu e Isabela se encabulou.

— Me perdoem, por favor — pediu com sinceridade.

A vagante se levantou com avidez e pulou em suas costas, puxando suas orelhas. Ela não pesava nada, mas parecia ter aprendido a ter controle sobre o mundo físico.

— Não me expulse novamente, seu idiota — disse a fantasma, que escondia o rosto vermelho em suas costas. Rafael nunca pensou que fantasmas pudessem ficar tímidos.

Depois que Isabela desgrudou, foi a vez de Ariane se aproximar e o abraçar. Rafael ficou surpreso, as lágrimas quentes da garota pingaram em sua camisa, ela escondia o rosto em seu ombro.

— Eu também não tenho ninguém — revelou aos sussurros. — Obrigada.

O rapaz ficou com o peito apertado. Não soube o que era, ou soube e não queria admitir para si mesmo.

Os três se reuniram para o jantar e Isabela os acompanhou naquele clima de felicidade momentânea.


ג
02
A Sacerdotisa

CAPÍTULO IX
ONDE HÁ SOMBRAS TÃO ESCURAS QUANTO O PRETO

Fazia as compras semanais no mercadinho da esquina quando uma inquietude o fisgou. Uma sensação que vinha de lugar nenhum e seguia para o nada. Brotava aos poucos enquanto atravessava os corredores cheios de produtos. Parecia que vivia um minerador dentro de sua cabeça, dando com a picareta em um ponto profundo, que até pouco tempo não conhecia. Poderia ser algum tipo de intuição, mas não teve certeza já que nunca acreditou nesse tipo de coisa.

Aquilo foi crescendo e começou a incomodar de verdade. A inquietude se tornou aflição e logo se transformaria em um ataque de ansiedade.

Parou, apertou a alça do carrinho com força e deu um longo suspiro. Não havia sentido para aquilo, tentou se pontuar. Foi quando uma adorável velhinha passou ao seu lado, com outro carrinho de compras.

— Sei bem como é isso — disse, com um tom frustrado. — Eles não param de aumentar os preços.

Rafael retribuiu o comentário com um sorriso gentil, mas logo continuou seu caminho evitando que aquilo se transformasse em um diálogo.

Descobriu que poderia conviver com aquela sensação se deixasse o minerador quieto no cantinho. Só bastava não pensar muito.

Ergueu o braço para pegar um pacote de molho de tomate e viu trevas entre os vãos da gôndola. Algo o atraía para lá.

Molho de tomate poderia esperar para as compras da próxima semana, desistiu e voltou para a casa com o que tinha em mãos.

O ritmo começou a aumentar já prevendo o recesso que a empresa teria conforme se aproximavam das festividades. Rafael lutou para acordar mais cedo todos os dias para evitar sair muito tarde do escritório. Não lhe parecia boa ideia ficar zanzando à noite pela cidade, por mais que nada estranho tenha acontecido desde o dia do jogo de pôquer.

Foi em um daqueles dias atribulados que recebeu a notícia. Enquanto caminhava pela empresa, escutou a fofoca entre duas secretárias na frente do banheiro feminino.

Érica desapareceu do escritório, sem dar qualquer aviso. Não havia estranhado sua ausência até aquele momento já que, assim como ele, todos os funcionários estavam como loucos, tentando aprontar tudo para o Natal e Ano-Novo.

Deve ter pego um resfriado, pensou. Mas lembrou de Sandra em seguida e a sensação ruim voltou a atacá-lo. Decidiu agir e tirar aquela história a limpo, por mais que provavelmente fosse alguma paranoia. Concluiu que Rick poderia ter alguma pista.

Seu colega de trabalho respondeu o que ele temia. A última aparição da garota foi em uma happy hour que marcaram com alguns funcionários e que Rafael não havia comparecido. A garota se despediu e foi para o mesmo ponto que pegava o ônibus para casa. Além disso, informou que a menina nunca havia faltado e achava que era um comportamento definitivamente estranho. Ela teria pelo menos avisado caso ficasse doente.

A paranoia foi começando a aumentar e o minerador em sua cabeça achou mais alguns companheiros, marcaram uma festa e tiraram toda a concentração de seu trabalho. Hipóteses absurdas começaram a passar pela sua cabeça, como um filme, e todas elas o ligavam ao fato de alguma forma.

— O apóstolo poderia ter feito algo contra ela?

Cal parou por alguns instantes para pensar na pergunta repentina que seu contratante lhe disparara depois de entrar como uma bala no almoxarifado.

— Não.

— Pode ser coisa da minha cabeça — admitiu.

— Provavelmente é.

— Mas lembro que o apóstolo atacou logo depois que eles foram embora do encontro.

— O ataque do apóstolo foi há um mês e até semana passada ela estava aí, dando seus pulinhos.

— Mas isso não sai da minha cabeça.

— A garota ou o desaparecimento dela?

Rafael se virou incrédulo para o demônio enquanto caminhava de um lado a outro da pequena, apertada e bagunçada sala. Era um absurdo ele pensar essas coisas, não tinha qualquer interesse na pequena Érica.

Decidiu esquecer aquilo e tentar se tranquilizar, mas sua produtividade caiu mais depois do telefonema. Ao que parecia, uma das tias de Érica, que mal falava o idioma, entrou em contato com a empresa, completamente alarmada. Falando que a menina também não estava em casa. Ao que parecia, a família já havia informado a polícia.

Todos no escritório ficaram atordoados com a possibilidade de ter acontecido qualquer coisa com a gentil menina.

Esperou o expediente terminar e novamente entrou no almoxarifado, bem no momento em que o demônio se preparava para ir embora.

— Precisamos encontrá-la.

— Não é problema nosso.

— Seu contrato ainda não acabou!

O demônio cerrou os olhos, mirando-o com extrema raiva. Levantou-se da cadeira e apontou o dedo para ele.

— Quando esse contrato acabar, você tá ferrado! — O dedo em riste se moveu e a mão do demônio se abriu. — Me dê seu celular?

— O quê?

— Preciso dele, não tenho um.

Rafael procurou em seu bolso e achou o smartphone que havia comprado há pouco tempo, jogou para o demônio com dúvida.

— Por que não compra um pra você?

— Odeio essas coisas.

Depois de digitar alguns números, colocou o celular próximo da orelha.

— Sou o Cal, tenho algo perdido… — pausa. — ... No mesmo lugar de sempre.

Desligou o aparelho e o jogou para Rafael de volta, que quase o deixou cair.

— Para quem ligou?

— Vai logo saber. — Desligou o computador e pegou seu casaco. — Precisamos ir.

Rafael voltou para casa e se trocou. Não sabia que horas ia voltar, então decidiu pegar também seu casaco. Pouco antes de sair de casa, lembrou-se do cetro raijuu. Colocou a vareta prateada no bolso interno do casaco, coube quase perfeitamente.

Os dois seguiram pelas ruas de um dos bairros próximos. Passaram pelo teatro municipal da cidade e por mais alguns prédios comerciais. Logo chegaram a uma praça, onde alguns bares estavam abarrotados de gente aproveitando o final do dia. Cal foi até o outro lado da praça, onde estava mais vazio, e encostou-se em um pedestal que servia como base para uma estátua de um dos heróis nacionais. Rafael, mais preocupado do que irritado com a falta de informações, esperou com ele em silêncio o cair da noite.

Percebeu um furgão preto passando por eles e parando em seguida. Uma figura desceu e foi até eles. Parecia inicialmente um turista fora de moda, usando uma camisa florida meio aberta em que escapava um tufo de pelos e um crucifixo. Possuía um cabelo desgrenhado e usava óculos de lente púrpura, quase totalmente escuro.

Ele olhava de um lado a outro, desconfiando de tudo ao redor. Não parecia ser uma pessoa normal.

— Não nos vemos a uns bons anos, Cal. — Os dois deram um aperto de mão e o homem se virou logo para o mundano. — Sou Beni.

Antes de poder perguntar, o homem sacou um cartão de apresentação e o entregou para Rafael. O cartão era branco e possuía pouca informação. Apenas estava escrito “Serviço de Recuperação Ltda.” de um lado e um discreto número de telefone do outro.

— “Serviço de recuperação”?

— É um modelo novo de negócios. Não temos muitos concorrentes.

— Poderiam me explicar o que fazem exatamente? O que vocês recuperam?

— Tudo — respondeu Beni, como se fosse algo realmente óbvio. Ainda não fazendo sentido para Rafael. — Sou especializado em recuperar qualquer coisa

que queira. Artefatos, peças de arte, tesouros, animais de estimação e até pessoas.

— Nunca ouvi falar em um ramo como esse. Se alguém quer achar algo procuraria a polícia...

Beni deu um sorriso ao ver a cara de espanto de Rafael ao perceber o que aquilo poderia significar. Uma empresa secreta que trabalhava com o ilícito, talvez para clientes criminosos. Estava em choque, não pensava que algo assim poderia existir.

Já próximo, o mundano enxergou melhor os olhos por trás das lentes escuras daquele homem. Eram olhos completamente atentos e desconfiados, que transbordavam certa loucura. Olhos de alguém que viu coisas demais.

O demônio explicou a situação para Beni, que anotava tudo em um caderninho sem pauta que carregava no bolso da camisa. Deram uma foto de Érica e informaram endereço, conseguido secretamente nos arquivos do RH. Informaram também a trajetória em que poderia ter seguido até desaparecer.

Beni pediu para que entrassem no furgão e Cal foi na frente. Rafael teria de ir no compartimento de trás, por onde entrou pela porta traseira. Era espaçoso lá dentro, com uma rede de proteção que separava a carga da parte dianteira e alguns bancos presos na lataria para que pudesse se sentar. Umas seis pessoas caberiam ali dentro. Parecia um veículo que poderia ser usado para sequestros.

— Se tivesse sido capturada por criminosos já teriam ligado para a família há muitos dias — disse com uma expressão tranquila. Rafael percebeu que ele digitava em um computador no painel do carro. — Estou fazendo uma limpa nos servidores da polícia, bombeiros, hospitais e necrotérios, mas nenhum parece ter recebido uma garota como a da foto.

Rafael ficou nervoso. Procurar em necrotérios levantava a hipótese de alguém a ter assassinado, algo completamente cabível no tipo de violência de grandes metrópoles como aquela. Mas não havia sequer pensado nessa possibilidade. Não a pequena Érica.

O furgão refez os supostos passos que a garota teria dado ao tentar voltar para casa, mas passando por todos os lugares possíveis no caminho e perguntando sobre ela em restaurantes, postos de gasolinas ou qualquer tipo de estabelecimento aberto àquela hora.

— Sumir assim do nada... — começou Beni repentinamente enquanto paravam para comer um cachorro-quente depois de duas horas. — Não parece ter sido feito por qualquer um. Talvez estejamos lidando com os Outros.

— “Outros”? — Rafael perguntou.

Beni deu uma risada arrastada. O homem parecia ter envelhecido rápido ao longo dos anos. Tinha brancos fios já surgindo de sua costeleta e grandes rugas de expressão.

— Existem muitas coisas se esgueirando por aí — disse ao apontar para Cal. Então ele sabia sua verdadeira identidade. — Ela poderia ter sido capturada para diversos fins escusos. Algum ritual ou simplesmente para alimentar os famintos, talvez.

— Não é cedo para afirmar isso? — perguntou o demônio.

— Estou nesse ramo há anos, garoto. Se fosse trabalho de algum criminoso pé-rapado ela teria sido achada há muito tempo, ou pelo menos o que sobrou dela.

Aquilo fez a espinha de Rafael gelar. Também não conseguia imaginar a inocente Érica na mão de demônios ou espíritos malignos.

— Se for esse o caso, o que faremos? — perguntou Rafael.

Beni tirou um grande papel dobrado do porta-luvas do carro, era um mapa completo da cidade. O cachorro-quente que comia pingava de molho.

— Teremos de investigar — disse o homem abrindo o mapa e o colocando apoiado no porta-malas. Chupou o resto de molho que ficou em seus dedos e limpou o resto na calça. — Essa cidade é dividida em algumas zonas de controle, funciona tanto pro crime organizado quanto para os Outros.

— Esses caras dominam as ruas?

— Essa cidade abriga muitos deles, de diversas culturas diferentes — Beni apontou para algumas regiões da cidade, circulando pontos-chave. — Há brigas por territórios algumas vezes, alguns aqui e outros acolá, mas pouca coisa é relatada pelos jornais de grande circulação. Geralmente dá pra ter uma pista por tabloides se souber procurar.

A cada minuto, Rafael perdia ainda mais as esperanças, pois todas as vezes que escutava a palavra “outros” se lembrava da mão emergindo do bueiro tentando agarrá-lo.

— Vão querer continuar com isso? Não posso me responsabilizar por vocês.

Cal cruzou os braços e fitou Rafael.

Sentindo que poderia se arrepender daquilo, respondeu o que achou que deveria.

Passavam com o furgão por várias áreas tenebrosas. Em dado momento o veículo fez a primeira parada próxima de um grupo de sem-tetos que estava tentando achar coisas valiosas em latas de lixo. Quando um deles se aproximou, percebeu que ele possuía algumas características bizarras. Dentes pontiagudos, olhos negros e pele do rosto completamente tatuada. Vestia uma manta cinzenta que cobria boa parte de seu corpo.

— O que querem? — Sua voz era rouca e tinha um sotaque que não pôde reconhecer.

Beni descreveu Érica para o mendigo, que coçou a barba e foi falar com seus companheiros. Voltou depois de alguns minutos.

— Não fomos nós, mas se quiserem ficar para o banquete temos muitas vagas. — A coisa sorriu de maneira sinistra.

Beni deu uns trocados para o “homem” e saiu dali.

— Como essa coisa anda por aí tão abertamente?

— Apenas alguns conseguem ou querem ver — respondeu Beni.

Rafael guardou isso na cabeça e matutou enquanto eles atravessavam lugares completamente obscuros da cidade. No fundo sabia o que poderia significar, mas não sabia se aceitava uma resposta. Achou que era como o discurso de Cal quando perguntou sobre se alguém conseguiria vê-lo desaparecer em meio a seus saltos. Quem acreditaria se visse algo como aquilo? Provavelmente sua mente se envergaria de maneira a negar uma realidade mais cruel e insólita, para evitar que a sanidade se despedaçasse ao alcançar a borda da realidade. Essa seria a proteção do véu da ignorância?

Então Beni o fitou pelo retrovisor.

— Já fui um policial, um dos bons. Sabia que um dia uma bala viria e arrombaria meu crânio a qualquer momento. — Beni fez um movimento com um dos braços enquanto dirigia, imitando a trajetória da suposta bala explodindo sua cabeça. — Tinha certeza, poderia vir de um traficante ou mesmo de um dos meus colegas para evitar que xeretasse demais. Mas ela nunca veio. O destino pagou para ver e

eu também, e no final o que acabou comigo foi justamente o vício de querer saber mais. Trabalhei mais de dez anos na narcóticos e já fui informante no meio da bandidagem, e sabe o que percebi, garoto?

Rafael não respondeu, não precisava, sabia que nada iria parar a história daquele homem.

— Existem vítimas em meio à guerra que não foram atacadas por nenhum dos lados. Porque não existem lados. — O homem sorria, como se lembrando de velhos tempos. — Estudei a Primeira, a Segunda, Vietnã, Golfo, Iraque. Os mesmos padrões que se estendem pela cidade como uma aranha tecendo sua teia, controlando a vida das pessoas como se não fossem nada.

O homem deu mais uma risada arrastada.

— Pareço louco, não é?

Compreendeu como os olhos de Beni pareciam tão profundos. Aqueles eram olhos impregnados pela sujeira das sarjetas daquela cidade, tão antiga e tão escura naquela hora da noite.

Chegaram a um boteco sujo de beira de estrada no meio de um nada pouco iluminado, que uma gangue de motoqueiros havia escolhido para passar a noite bebendo. Um homem com dreadlock se aproximou, após Beni apontar para ele. No primeiro momento, o motoqueiro parecia um humano normal até ver que Beni não falava com ele, mas com uma sombra que o acompanhava.

Depois de mostrar a foto da garota, a sombra balançou o que seria sua cabeça, em negativa. O motoqueiro coçou o queixo.

— O que quer, Beni? — perguntou o que parecia ser o líder da gangue, insatisfeito.

— Trabalho de rotina, Murdock. Só passei para dar um oi.

— Dê o fora, as coisas estão estranha nesses últimos tempos e o meu pessoal anda bem irritado com invasores.

A sombra pareceu olhar fixamente para Rafael.

Eles se afastaram com o furgão e o mundano respirou com alívio.

— Como sabe que ele não está mentindo? — perguntou.

— A maioria me deve uma. — Não tirava os olhos da rua. — Abrir um negócio

é muito mais do que pensa, preciso ter suporte, contatos de maneira geral. Eles sabem que, se mentirem, acabou qualquer chance de fazer algum serviço comigo.

— Eles já precisaram?

— Não acreditaria nas coisas que as pessoas perdem por aí — respondeu. — Todo o tipo de gente perde todo o tipo de coisa.

A próxima zona era onde Érica morava, um bairro bem famoso. Conhecido como um dos maiores redutos de comunidade japonesa do estado.

Pareciam ter mudado de país depois de atravessarem uma ponte. O lugar era decorado no estilo da terra do sol nascente, os postes eram lanternas suzuranto, e bares e casas noturnas eram na maioria karaokês animados. Uma fina neblina surgiu, dando ao lugar um aspecto mais místico.

Começaram a descer um acesso e logo chegaram a uma parte mais sombria. Lembrava uma versão moderna do clássico “Aventureiros do Bairro Proibido”.

— Não conheço muito essa área — avisou Beni. — O pessoal daqui tenta manter uma tradição mais conservadora, gente de fora não é bem vista.

Rafael olhou para fora pelo vidro traseiro, tentando ver alguma coisa. A única viva alma era um gato andando pelo muro, nada mais.

Foi surpreendido por uma freada brusca, que o fez bater a cabeça na lataria.

— Vamos ter de continuar daqui a pé — anunciou o motorista.

— Por quê? — perguntou Cal irritadiço. — Quero acabar com isso logo.

— Porque sim. Da última vez que passei por aqui um sei-lá-o-quê ferrou meus pneus.

Desceram uma ladeira que dava acesso a um complexo emaranhado de ruazinhas que levavam a casas menores e mais humildes. Decidiram começar por lá. As residências se mantinham todas apagadas e em um silêncio sepulcral, sendo a maioria habitada por idosos ou famílias mais tradicionais.

— O lugar é grande. Se nos dividirmos vamos nos dar bem. Vou ficar com a foto já que vocês poderão descrevê-la com mais facilidade.

Beni desapareceu em meio aos prédios e casas, deixando Cal e Rafael sozinhos.

Algumas ruas ainda conservavam os paralelepípedos de pedra ao invés de asfalto, dava um ar clássico ao local e evitava que carros perdidos viessem em alta velocidade e acabassem ameaçando os transeuntes. Havia muita vegetação decorativa, algumas árvores distribuídas pelas calçadas, todas bem cuidadas. Mesmo o lugar mais humilde do bairro era algo bonito de ver. As casas eram antigas, a maioria tinha um telhado pagode com a típica inclinação que lembrava os grandes templos nipônicos que se via na tevê.

Rafael olhou no relógio, eram duas da manhã.

O frio aumentava a cada minuto e o clima ficava cada vez mais sinistro.

— Aja naturalmente — disse Cal repentinamente, em um cochicho. — Não quero te assustar, mas tem algo acontecendo.

Cal fez menção em continuar, mas Rafael parou com os olhos arregalados.

— O que houve?

— Estamos sendo observados há mais de vinte minutos, desde que atravessamos a avenida principal do bairro. Não falei nada porque você não sabe agir naturalmente nesse tipo de situação. Exatamente como acabou de fazer.

— Então por que disse? — sussurrou apenas alto o suficiente para o demônio ouvir.

— Porque agora sei que o que está à espreita não é um mundano e sua presença já deixou clara que não sairemos daqui sem passar por ele.

Rafael respirou profundamente.

— O que faremos então?

— Faremos o que ele quer, vamos conversar um pouco.

— Como você sabe que ele quer conversar e não nos matar?

Cal não parecia se preocupar.

— Um predador não se revela até o momento derradeiro, quando tem certeza que não vai perder sua presa. Se ele se deixou ser percebido é porque não é esse o objetivo, pelo menos não inicialmente.

A lógica era clara, mas ir direto para a boca da baleia não parecia uma boa ideia. Cal foi em direção a um beco que sabia que não seriam incomodados caso algum

outro mundano aparecesse. O lugar ficava entre dois pequenos edifícios. Nada lá havia a não ser o lixo que esperava ser recolhido pela manhã, um carro velho estacionado e a porta traseira de um restaurante fechado.

O demônio encostou no muro e começou a puxar uns fios soltos de seu casaco, por simples diversão. Ao contrário de Rafael, que não podia esconder o nervosismo. Olhava para a entrada do beco com atenção. Esperando qualquer monstruosidade surgir.

— Fique calmo, nada vai te acontecer comigo aqui — disse tentando tranquilizá-lo, mas Rafael se lembrou da noite do apóstolo.

Escutaram um som vindo de telhados próximos, algo grande caminhava sem qualquer cerimônia sobre as telhas. Dois olhos iluminados brilharam na penumbra da noite. Rafael imaginou muitas coisas, mas ainda assim foi surpreendido pela forma da besta, que caiu, usando as paredes dos dois prédios muito próximos para saltar e abrandar a queda. As patas enormes encostaram no chão, fazendo a sujeira da calçada voar. Apesar do corpanzil imenso, não pareceu ser mais pesado que uma pena.

A face leonina surgiu das sombras, assim como sua juba branca. Arfava, fazendo o vapor condensado flutuar para fora do corpo. Seus dentes à mostra eram enormes.

— O que fazem aqui? — era uma voz grave e sobrenatural.

— Estamos perdidos, pode nos ajudar a sair, senhor leão? — O tom de Cal era de deboche.

— Não és bem-vindo aqui, demônio... — respondeu a besta. Olhou para Rafael. — Nem tu, já que andas com tais seres vis.

— Não queremos problemas — anunciou Rafael, lentamente recuando. A presença da entidade era temível, mas diferentemente do apóstolo, era uma presença que lhe parecia neutra.

Aquele animal estava longe dos reis da selva africana, percebeu o mundano após a criatura sair das sombras e caminhar em sua direção. Era totalmente albino, com uma coroa de chifres negros e perolados que surgiam de dentro da juba. As patas traseiras não eram felinas, mas cascos como os de um búfalo. A cauda, muito longa, que terminava com um tufo de sedosos pelos brancos, chicoteava o ar com certa graciosidade.

— Você parece ser o guardião deste lugar, estou correto? — inquiriu o demônio.

A quimera o fuzilou com os olhos de maneira assustadora. Começou a rodeá-los.

— Eu sou Hakutaku, guardião da família Takehime. — O animal produzia um rosnado leve e não movia a boca para falar. — Se não me responderem agora, vou destrinchá-los.

— Estamos investigando o desaparecimento de alguém. — Cal era direto e continuava sem temer nada.

— O que um caído tem a ver com isso?! — A criatura rosnou um pouco mais alto e sua cauda chicoteou mais forte. — Acha que vou acreditar em ti?

— Sou eu que estou investigando — Rafael se pôs a frente. — Esse demônio é meu servo.

— O quê?! — Tanto a entidade, quanto o demônio falaram ao mesmo tempo.

— É uma pessoa muito importante, apenas queremos saber onde ela está — tentou justificar.

A entidade deu as costas, virou a cabeçorra e fitou Cal com certo escárnio. O demônio por sua vez fechou a cara.

— Vejo que vós tendes realmente uma ligação energética. Tu deves ser muito poderoso, humano — afirmou. — Mas o que está acontecendo aqui não é da conta de gaijins. Vão embora.

— Como assim? — perguntou Rafael. Se algo estava acontecendo por ali, podia ter algo a ver com o desaparecimento da garota. Apesar de não acreditar que aquela “coisa” tinha realmente alguma ligação com ela.

— Não é de seu interesse, não atrapalhem a minha caçada. — O leão se afastou aos poucos, perdendo o interesse neles.

Rafael colocou a mão dentro do casaco.

— É você que não deve se intrometer com a gente.

Cal fitou o mundano com curiosidade.

— Como!? — O leão virou a cabeçorra para ele e se aproximou a longos passos. — O que está tramando?

Não soube por que, mas aqueles dois olhos amarelos pulsantes o paralisavam. A

juba se eriçou e as garras surgiram como navalhas das patas dianteiras. Sentia-se novamente como uma presa indefesa.

Foi com uma força de vontade além do que poderia que quebrou seu medo. Puxou a vareta já transformada em cetro e apontou para a besta.

Um raio pareceu cair na cidade com o céu limpo.

A entidade se moveu com uma velocidade sobrenatural avançando contra o mundano. Rafael acabou caindo de susto ao ver a fera já na sua cola, pronta para lhe arrancar o pescoço com aqueles dentes do tamanho de sua cabeça. O raio havia pego de raspão no focinho da fera, que teve destreza o suficiente para desviar da carga completa.

Um escudo feito pelas chamas cor safira de Cal protegeu o mundano e o separou da peleja. Mesmo sabendo que não poderia atravessar, o vislumbre daquela fera sem tamanho tentando atravessar o fogo com suas presas era aterrorizante. A criatura foi repelida e rugiu com ferocidade ao perceber que seria inútil chegar até ele. Rafael achou que aquilo fosse acordar toda a vizinhança, mas a onda de som apenas afetou o mundo espiritual a sua volta.

Orbes vindas de todos os lugares começaram a surgir, atravessando o chão, as paredes e as árvores próximas. Pareciam vagalumes, mas Rafael percebeu que eram seres etéreos. Possuíam diversas formas e tamanhos diferentes. Não conseguia notar uma aura maligna. Eles brincavam e dançavam pelo ar e rodopiavam a sua volta com curiosidade. Tinha certeza que vira algo assim em ilustrações seculares sobre a mitologia japonesa quando estudava na faculdade.

— Seu idiota! — Cal estava irritado. — Imagina se não estivesse por perto para te proteger das próprias idiotices?

A besta-leão se virou então para o demônio e começou a luta. Entre esmurradas e garras afiadas, Rafael recuou quando percebeu que as chamas se dissiparam. Cal foi pego pelo calcanhar pela cauda do monstro, que começou a jogá-lo de um lado a outro, fazendo o concreto afundar em vários pontos onde o corpo minúsculo do estagiário atingia.

Era impossível acertar a besta com o cetro sem garantir a integridade do demônio, não sabia se aquela arma podia feri-lo. Decidiu aguardar e ver no que dava.

A adrenalina foi suprimida por toques gentis em seus ouvidos. Uma melodia

começou a surgir, quebrando o barulho daquela batalha infernal. Uma voz feminina cantava trechos irreconhecíveis de uma música que nunca ouvira, mas que era completamente deliciosa de escutar. Sentiu seus braços relaxando e seus olhos se fechando. Não podia evitar, era uma adorável melodia.

A música quase se tornava física, sólida em sua pele. Serpenteava a sua volta de maneira aconchegante. Quando percebeu que o que sentia era completamente real, foi tarde demais. O que tocava sua pele tornou-se frio e lhe apertou o corpo. Ao abrir os olhos, viu outros dois o encarando. Eram olhos grandes e escuros, que terminavam em fendas brancas que não deixavam passar nada. O focinho ofídico se aproximou e a língua bifurcada encostou em seu nariz. Tentou gritar, mas perdia seus sentidos a cada minuto com um feitiço traiçoeiro.

Foi arrastado pela cobra imensa até uma esquina, onde uma carruagem fantasmagórica lhe esperava. Viu as rodas flamejantes do veículo com rostos humanos que grunhiam em horror eterno. A serpente o puxou para cima, para a traseira da carruagem sem cavalos, onde conseguiu enxergar uma linda mulher de traços orientais cantando. A serpente não parecia ter fim, sua cauda estava escondida dentro do quimono azul da feiticeira.

Rafael foi puxado até ela e os dois ficaram cara a cara. Achou que fosse levar um beijo da bruxa, mas ao invés disso uma língua bifurcada saiu de sua boca, com um hálito agridoce que fez com que desmaiasse.

Nem o demônio, nem a besta guardiã perceberam a partida daquela carruagem espiritual pela noite.


09
O Eremita

CAPÍTULO X
ONDE HÁ UM SONHO EM UMA NOITE DE VERÃO

Rafael se perguntava como diabos podia cair naquelas furadas.

Sentia seus braços pequenos se movendo como pêndulos no ar e, ao abrir finalmente os olhos, enxergou o chão a uma distância considerável. Sua primeira reação foi se contorcer pelo susto, mas algo enorme o apertou mais forte. Rafael estava sendo carregado por alguém muito grande, tão grande que o equilibrava pelo ombro como um saco de arroz. Sua cabeça estava virada para as costas do captor, que ameaçava quebrar suas costelas caso decidisse se mover demais.

Logo atrás vinha a mulher de quimono azul, com um cabelo preso, ao estilo dos filmes japoneses clássicos de luta. Ela sorriu ao vê-lo acordado e cobriu o risinho contido com as longas mangas da vestimenta.

Ela falou algo em japonês.

— Como é que é? — perguntou, levemente grogue. Não sabia se havia sido dopado.

Sentiu todo o seu mundo virar de ponta a cabeça. Um impulso o levou direto ao chão da maneira mais dolorosa possível. Vendo de baixo a altura do sujeito que o carregava era algo de outro mundo. Do pouco que conseguiu perceber na penumbra, via que ele também tinha traços orientais muito fortes, cabeça raspada e uma enorme tatuagem, que começava em sua testa e descia por baixo da camisa sem manga que usava. Parecia um yakuza.

Sentiu seu tornozelo doer pela queda ao tentar se levantar. Estava em um cubículo escuro. Uma cela, logo pensou. Os dois foram embora sem olhar para trás e uma pesada porta de madeira foi fechada em uma batida pesada.

Levantou-se com cuidado e sacudiu a porta com esperança de que pudesse arrombá-la. Xingou os dois inutilmente ao perceber que seria impossível.

— Tem alguém aí? — gritou desesperado, enquanto segurava nas barras de ferro da abertura da porta. Não aguentaria ficar preso naquele lugar.

Ninguém respondeu. Sua voz dividia espaço apenas com sons de goteiras e dos ratos indo de um lado a outro nos corredores. Rafael se sentou encostado na madeira. Felizmente sua canela não doía tanto quanto uma torção, poderia usá-la depois de algum descanso.

Algo que parecia uma voz bem fraca veio do lado de fora enquanto pensava como poderia fugir dali. Não conseguiu distinguir se realmente era outra pessoa, sua imaginação ou eco. Levantou-se e tentou enxergar algo pela abertura.

— Quem é? — perguntou.

Já desistia quando houve uma resposta mais clara. A voz distante ecoou pelo corredor. Deveria estar em uma das celas mais ao fundo. Saber que outra pessoa estava presa com ele não adiantava de nada, mas era um pouco mais reconfortante que não estivesse sozinho.

— Vou tirar a gente dessa! — gritou enquanto balançava as grades. Não conhecia a pessoa, mas se estava presa ali provavelmente fora sequestrada da mesma forma. Era uma vítima como ele.

Queria que Cal o achasse, mas esse pensamento o irritou. Não podia depender do demônio para sempre. Pensou nas possibilidades e lembrou-se do cetro, apalpou seu casaco em desespero, mas havia sido tomado dele com seu celular e sua carteira.

Tentou se acalmar e suspirou. Novamente se sentou na pedra fria e fechou os olhos. Concentrou-se.

A porta de madeira era grossa, percebeu pelo barulho que fazia ao ser balançada. Passou os dedos por toda a sua extensão, esperando encontrar as dobradiças. Eram feitas de metal, lisas demais para um lugar úmido como aquele. Significava que foram trocadas recentemente e provavelmente resistiriam firmes a qualquer tentativa de arrombamento. A porta também não tinha qualquer tipo de puxador ou maçaneta do lado de dentro, algo óbvio para uma cela.

Tinha de haver uma saída.

Decidiu procurar a solução pelo ambiente. Se encorajou. Foi tateando tudo pela escuridão, rezando para não encontrar alguma nojeira deixada pelo antigo inquilino. O chão estava molhado graças a goteiras do teto, não havia janelas nem privada. Vários minutos se passaram e nada surgiu. Se pelo menos a pessoa presa em outra cela fosse o MacGyver, estaria salvo.

Deitou na pedra fria, estava cansado e com sono. Não sabia quanto tempo havia se passado desde sua captura. Se estivesse no subterrâneo, poderia ter amanhecido e nunca perceberia. O sono chegou e não tentou resistir, uma boa cochilada poderia trazer ideias novas.

Só bastou acordar na nova realidade para perceber onde estava. Um sonho estranho, um corpo que não era dele, mas dessa vez não estava em um calabouço na escuridão, estava tocando um violão no quarto que agora era de Cal.

Foi quando pela primeira vez percebeu que estava no corpo do demônio por algum motivo. Também percebeu que compartilhava parte das sensações daquele momento e parte daquelas memórias.

Aquele instrumento foi o primeiro objeto mundano que ganhou de alguém. Sabia. A última música tocada pelo violão era melancólica, uma balada sem nome ensinada por um estranho que conheceu, o mesmo que o presenteou. O artista original se fora e a melodia ficou. Cal era o último que a sabia.

Depois do último acorde, o demônio se levantou e foi até o quarto de Rafael. Estar na cabeça de Cal era uma experiência tenebrosa, pois a tormenta que existia em sua mente era algo aterrorizante. Ali só existia um deserto, coberto com instinto, um resto de bestialidade e uma profunda e apavorante dúvida. Cal abriu a porta com cuidado e total silêncio. A experiência de Rafael em outro corpo enxergar a ele próprio dormindo era completamente alienígena. Percebeu como o demônio enxergava o mundo, conseguia ver as próprias emanações psíquicas e energéticas enquanto dormia, era uma aura compacta e tranquila.

Fechou a porta.

Sentiu certa nostalgia, aquela situação parecia familiar. Cal, assim como ele antes do emprego, estava sozinho e sem rumo. Foi até a sacada e observou a madrugada tranquila.

Bóris cochilava no braço do sofá e o demônio passou a mão sobre suas costas, acariciando o pelo branco do animal.

— Sorte a sua — disse para o gato. O felino levantou a cabeça e o encarou em advertência. Seus olhos estavam contraídos em uma fenda fina e diabólica. — Não se preocupar, apenas existir, isso é o que eu chamaria de bênção.

O bichano arranhou sua mão e pulou para o chão. Arqueou as costas em uma espreguiçada longa e foi embora sem olhar para trás. O arranhão não causava

qualquer dor, e desapareceu em alguns instantes.

— Como consegue ser pior que eu?

Pior que qualquer um que já encontrei, pensou.

As imagens desapareceram e evaporaram como em um antigo canal de tevê em um momento de estática. Não mais existia apartamento.

Uma chuva forte castigava a cidade naquela tarde, daquelas que alagavam avenidas inteiras, destruíam casas e derrubavam barrancos. Os homens se esqueceram há muitas eras o que uma verdadeira tempestade trazia além de uma boa colheita. A água que vinha do céu era cultuada como uma divindade em tempos imemoriais. O fervor e a fé das pessoas se voltavam aos mitos naturais e deuses pagãos sem nome. A chuva é um grande arauto das mudanças.

Aqueles que gostam de tempos chuvosos nos dias de hoje são abençoados, já sabia a velha bruxa. Pessoas assim ainda mantém uma raiz no mundo antigo e na magia natural. Sentem na chuva algo ancestral, que não sabem ao certo dizer o que é. Uma nostalgia estranha, de quando homens e deuses caminhavam juntos e experimentavam com torpor a energia primordial, antes das diversas quedas de civilizações inomináveis.

Madame Collete sentia as gotas selvagens batendo em seu rosto enrugado. Estava do lado de fora de seu casarão, com as vestes empapadas e a cajado molhado. Aquela era a mesma água que caía em ciclos por toda a eternidade, ainda trazendo um pouco dos componentes que formavam o universo.

Tudo era cíclico, bem sabia. Assim como a história daquela triste casa, que havia passado na mão de diversos donos, todos vítimas da própria maldade. Era um dos últimos resquícios de tempos glamourosos de séculos atrás. Seu último dono foi um poderoso e influente barão há quase dois séculos, que havia perdido tudo graças a uma maldição de uma terrível bruxa.

Aquele pingo de gente, que vivera muito mais do que lhe era permitido, era uma das mundanas mais poderosas que já caminharam por aquele pequeno planeta nos confins do universo. Carregava em seus genes a magia de toda uma velha linhagem de bruxas.

Por um minúsculo momento, conseguiu ter uma pequena visão do que as grandes engrenagens cósmicas diziam sobre o futuro. Variáveis infinitas que dançavam no caos por éons agora se juntavam da maneira correta. O dia

prometido havia chegado.

— Madame — chamou Lili. Caminhava na calçada com um guarda-chuva verde limão. — Está na hora.

— Às vezes esqueço o quanto essa chuva me rejuvenesce.

— Está magnânima como sempre, madame.

A bruxa arrastou os pés pela calçada de volta para o casarão, se apoiando por seu cajado.

O corredor era o mesmo que Rafael se lembrava. A porta de entrada se abriu sozinha e o salão se revelou. Algumas garotas estavam dispostas em círculos, ajoelhadas. Entoavam cânticos em uma língua esquecida e dançavam em um ritmo único, em completo transe. Eram garotas que haviam desaparecido de seus lares há várias semanas, nove ao todo. Filhas de terceiras filhas.

Um elaborado emaranhado de formas e escritos antigos estava desenhado com o negro do carvão e o rubro do sangue no chão de mármore. Sangue também havia sido derramado sobre um relógio dourado já gasto pela idade.

Cada uma das garotas pontuava as extremidades do círculo formado, fazendo a corrente energética convergir para o centro. Assim como está fora, assim como está dentro. Um círculo menor aguardava vazio a paridade do ritual, dentro de si o triangulo de evocação.

— Sabe por que meninas, demônio? — indagou a velha a sua serviçal.

— Não, ama. Perdoe minha ignorância.

A bruxa bateu seu cajado no mesmo ritmo dos cânticos.

— Homens são energia pura, incontrolável, volátil, sementes da vida, inúteis em sua maioria se não puderem ser controlados. Mulheres são o catalizador natural, frutos do conhecimento, como referenciadas no conto do pecado original. Pagam com sangue de tempos em tempos para garantir esse poder. Por isso são naturalmente mais suscetíveis a esse tipo de ritual.

— Não sei se entendo.

— Magia de sangue. É claro que nunca vai entender, não faz parte de sua natureza.

Um clarão explodiu do lado de fora, rugindo como uma fera ensandecida, louca

para entrar.

— Ele está chegando, prepare-se.

Outro raio caiu, dessa vez acertando o telhado do casarão e o mandando pelos ares. O relâmpago entrou e acertou o velho relógio no centro do círculo, fazendo com que a velha bruxa protegesse os olhos da luz cegante. O tremor abalou o bairro inteiro e destruiu completamente a precária rede elétrica da época.

Um corpo débil que não estava ali antes surgiu. Coberto parcialmente por um manto negro rasgado.

A velha bruxa ao notar sua presença deu um sorriso maquiavélico.

— Vos scitis quia ego sum, mundanam immundam? Magnis Kalciferum — rosnou a figura de preto, com a boca seca e o rosto esquelético protegido por sombras.

— Ouvi boatos de que estaria interessado em novas… oportunidades. É verdade?

Alguns dias se passaram e a entidade invocada permaneceu dentro do espaço marcado com sangue e carvão à sua volta. O feitiço o prendia ali e pouco podia fazer depois do ritual drenar toda a sua energia. A motivação da bruxa ainda continuava um mistério e só lhe restava esperar.

Seu corpo pouco tinha de diferente de um homem desnutrido qualquer. Caucasiano, pele retesada, lábios rachados e feridos, costelas saltadas e braços como gravetos, prontos para quebrar a qualquer pancada.

Depois do terceiro dia, a bruxa apareceu. Acompanhada de seu cajado e de sua assistente, que desde já reconheceu como sendo de sua mesma natureza e origem.

— Quid vis tibi?

Madame Collete bateu com a ponta do cajado no chão e grossas correntes rubras surgiram do sangue, os elos abocanharam seus pulsos.

O círculo não fazia mais efeito, sendo substituído pelos grilhões. Sabia que poderia se libertar, mas não enquanto permanecesse fraco daquele jeito. A entidade se levantou debilmente e encarou a bruxa com certa diligência. Seus músculos flácidos não permitiam que fizesse qualquer movimento de ataque.

Sua assistente o puxou pelo braço fino e o conduziu até uma porta escondida por um feitiço ilusório. A parede se desfez como em um holograma, revelando a massa de madeira escura e a maçaneta de ferro. Desceram por curtas escadas até um calabouço na total escuridão, parecia ser um porão usado pela bruxa para fazer seus macabros experimentos de magia negra.

A algema foi colocada em uma haste de metal chumbada em uma das paredes. E assim permaneceu por vários meses. Isolado do mundo em que havia chegado. Pelo menos, até finalmente chegar a proposta.

— Lavabo me in sua sanguem calidem et vestiam sua corium velut pallium. — ameaçou, após a nova visita da madame.

— Pare com essa ladainha! Sei que consegue falar a minha língua — respondeu autoritária.

O demônio riu.

— Insolência… Pisarei em seu cadáver, isto é tão certo quanto a noite há de chegar.

— A noite já chegou e suas ameaças vazias não me intimidam. — A velha tirou o relógio dourado de dentro da manga e o ergueu na altura dos olhos da entidade. — Conhece isto?

Apesar da escuridão total, o demônio conseguiu enxergar.

— Imortalidade é o que desejas? Existem formas menos perigosas de conseguir o que queres.

— Não sabe o que quero, habitante da Gehenna.

A entidade riu e logo tossiu sem forças.

— Mundanos imundos só têm o mesmo entediante propósito. Tu és a primeira a chegar tão longe. — Sorriu com escárnio. — Use sua lacaia para conseguir um pacto desse tipo.

— Não é todo dia que podemos usufruir do poder de um da sua estirpe.

A entidade hesitou.

— Quero um contrato.

— Sabes que não farei isso.

— Vai fazer. Quando a hora chegar.

O demônio gargalhou.

— Pior do que qualquer um que já encontrei, víbora maldita. Vais pagar caro pela cobiça.

A velha foi embora com sua serva e o demônio, enraivecido, capturou uma ratazana gorda que passava pelos seus pés. Esmagou-a, tentando saciar sua sede de morte.

ב
☿
01
O Mago

CAPÍTULO XI
ONDE HÁ CALABOUÇOS E FANTASMAS

Rafael acordou suado apesar do frio da cela. Havia sonhado com algo intenso, mas não se lembrou de todos os detalhes. Perguntou-se como conseguia sonhar com algo tão nítido naquela situação.

Sentou-se e abraçou os joelhos, aborrecido.

Um calafrio percorreu sua espinha quando sentiu algo tocar seu braço. Uma presença estava com ele dentro da cela.

— O que vão fazer comigo? — perguntou o menino que surgiu ao seu lado. O susto se foi quando percebeu que sua presença era inofensiva e bem fraca, sua vibração era a mesma de Isabela. O garoto usava roupas fora de moda, como em um filme ou novela de época, e estava chorando.

Sem reação, o mundano encarou a visão com estranheza. Foi se acostumando com a ideia. Afinal não era a primeira vez que via um fantasma.

— Não sei. — Tentou entender por que o espírito de uma criança estaria ali. Provavelmente havia morrido há muito tempo e não era provável que teria sido vítima dos mesmos sequestradores.

— Será que vamos sair daqui? Se eles querem dinheiro, meu pai tem. — O garoto abafou o choro.

Rafael se frustrou, sentiu pena e impotência. Queria chorar pelo garoto, mas se convenceu que nada mais poderia ser feito, apesar de saber que provavelmente seu pai já estava morto há tempos, assim como ele. Aquilo tudo foi se misturando em seu peito e nasceu uma estranha força e coragem.

— Vou tirar a gente dessa. — Não sabia se Cal sabia mandar um espírito para o céu, se é que ele existisse, mas acharia um jeito de libertá-lo.

O garoto parou de chorar e limpou o rosto.

Rafael se levantou e encarou a porta. Uma tênue luz vinha do corredor e atravessava em um rastro ainda mais fraco para dentro do cubículo. Tentou se lembrar da maioria dos filmes de ação que os protagonistas conseguiam

arrombar portas sem muito esforço. Tentou se imaginar como um brucutu do cinema.

A pancada que deu com a sola do pé reverberou no tornozelo e fez com que voltasse a doer. Caiu no chão gemendo de dor enquanto a porta permanecia firme e sólida.

— Acho que não vai funcionar assim. — disse o garotinho fantasma, segurando a risada.

— Vou ter de concordar com o vagante.

Uma silhueta curvilínea surgiu das sombras.

O mundano se arrastou para trás com os olhos arregalados. A sombra tomou forma e ganhou traços femininos enquanto flutuava em sua direção. Reconheceu-a quando o facho de luz refletiu no cabelo ruivo da assistente de madame Collete.

— O que você… — Está fazendo aqui, foi o que pensou, pouco antes da óbvia verdade surgir. Pôs uma das mãos sobre a boca, espantado. — Você é um demônio?

— Sempre foi tapado assim?

Lili se aproximou mais, ergueu a mão e ultrapassou o mundano. Conseguia ver que estava completamente nua. Com um clique, escutou algo pesado cair do lado de fora e a porta ranger ao abrir.

— Como sabia que eu estava aqui? Cal contou que o salto só pode ser feito em lugares já visitados.

— Minha natureza é agir por meio dos sonhos, pelo mundo etéreo, não estou aqui fisicamente.

Era verdade. Rafael percebeu graças à luz vinda da fresta da porta que o corpo dela era quase que completamente transparente.

— Peço para que não conte a Cal que estive aqui nem para a ama. Considere isso um ato de boa-fé. Vá agora e não me decepcione.

Por mais etérea que fosse, sentiu suas mãos em seu rosto antes de desaparecer. Suas feições pareciam ligeiramente mais amáveis que quando se encontraram pela primeira vez.

Não era hora de pensar naquilo, não havia tempo a perder. O garoto parecia não ter percebido a presença dela, muito menos que a porta estava aberta.

— Vamos!? — Rafael se levantou e abriu a porta, mas o fantasma continuou preso em suas lamúrias, condenado eternamente a repeti-las, como um toca-fitas engasgado. Prometeu que voltaria logo e então saiu de sua prisão.

O ambiente a seu redor era estranhamente como havia imaginado. Um corredor longo feito de pedras, com diversas portas enfileiradas como em um calabouço medieval. Uma única fonte dava luz ao ambiente, pendurada por um fio em uma das portas. Era uma lamparina de aparência antiga, que emitia uma luz pálida. Percebeu mais auras surgirem, sentia-as claramente graças à ressonância do contrato. Vagantes de todos os tamanhos e formas lamentando seus destinos colocavam suas cabeças e braços para fora das aberturas de outras celas, chamando por uma ajuda que nunca viria. A energia ali era pesada, sobretudo de tristeza e raiva. A presença de Rafael no ambiente só fez com que eles se atiçassem mais.

No final do corredor, uma porta gradeada o aguardava. Antes precisaria descobrir se a voz que escutara anteriormente era realmente de um vivo, mas descobrir no meio daquele caos era impossível.

— Quem está aí? — perguntou em voz alta, um pouco preocupado se algum dos captores pudesse ouvi-lo. A decisão estúpida foi brindada com a óbvia resposta: todos os vagantes gritaram para ele.

Pensou em uma solução para aquele enigma, nunca pensou que passaria algum dia por aquela situação. Viu uma pequena mesa no final do corredor, ao lado da porta de saída, onde algumas peças de ferro e barras estavam jogadas. Provavelmente usadas pela mesma pessoa que estava fazendo as reformas ali.

Agarrou a primeira barra mais resistente que conseguiu achar para poder arrombar a porta da cela correta. Todas eram trancadas com uma presilha de metal unidas com um grande cadeado.

Mas, antes, o enigma. Não podia perder mais tempo.

— Que dia é hoje? — A ideia surgiu.

A horda de fantasmas ficou em silêncio por alguns instantes, para logo em seguida retomarem para um curioso debate. Cada um defendendo a óbvia data em que achavam que estavam. Assistir àqueles programas de caça-fantasmas

sensacionalistas da tevê a cabo finalmente mostrou seu valor. Todos ali estavam presos em seus ciclos a partir do dia em que morreram, assim como o garotinho de sua cela.

Alguns poucos acertaram o dia da semana. Tinha de ser mais específico.

— Preciso de um mês e um ano!

Andou pelas celas e escutou com dificuldade a única resposta próxima da realidade, que vinha de uma porta a metros de distância de onde tinha sido preso.

— Se afasta!

A pancada de metal contra metal ressoou pelo corredor.

Seus braços começaram a doer depois de uma sucessão de golpes, mas ele resistia, assim como o cadeado. Pensava em outra alternativa quando finalmente o metal começou a se retorcer. Ao descobrir que estava sendo eficaz, um novo ânimo fez com que finalmente arrebentasse a presilha e fizesse o cadeado voar para o outro lado.

Abriu a porta e nada viu além de escuridão na cela que parecia idêntica à sua. Algo se moveu nas sombras e veio até ele.

— Rafael?

A menina o agarrou com força ao reconhecer seu salvador, apertando seu rosto contra o peito de Rafael enquanto chorava. O mundano tentou dizer algo, mas percebeu que seria inútil. Não havia nada o que falar.

Érica estava ali soluçante, assustada e com as roupas surradas.

— O que faz aqui? — Foi o que ele entendeu enquanto ela permanecia lá, agarrada com ele.

— Vim te salvar, oras… — sorriu. Muitas perguntas surgiam, muito o que falar, mas não era a hora.

— Precisamos ir, vou te levar pra casa.

Ao invés de acalmá-la, suas palavras foram um novo choque de realidade para a garota. Percebeu que ela estava em estado de choque e o desespero começou a tomar conta. Primeiro veio a tremedeira, logo depois os soluços se intensificaram e seus temores saltaram pela boca de uma vez, todos embolados.

— Vão matar a gente! — ela repetia histérica. — Eu vejo, vejo todos eles, ninguém volta desse lugar.

Rafael olhou a sua volta e percebeu do que ela falava.

— Você os vê? — referia-se aos fantasmas ali.

A garota balançou a cabeça positivamente e apertou novamente o rosto contra seu peito, tentando se esconder, fugir daquela situação. Não poderia culpá-la por isso... Depois de todos esses dias, quem sabe o que poderia ter passado.

Por mais que a apertasse, que a tranquilizasse, ela ainda continuava fora de si. A gritaria continuou e Rafael temeu que aquilo fosse chamar atenção de seus captores. Não queria estapeá-la como nos filmes nem machucá-la. A única alternativa brotou em sua cabeça de maneira espontânea e o desgaste mental e físico fez com que agisse sem pensar.

A última garota que ele havia beijado foi sua ex-namorada, há anos. Não se lembrava de ser algo tão molhado, nem do calor que sentiu ao fazê-lo. Calor esse que brotou em sua barriga e viajou até seu peito, trazendo uma sensação de euforismo. Quando se afastou, Érica estava com os olhos arregalados e o fitava sem reação. Pelo bem ou pelo mal, ela tinha finalmente parado de gritar.

— Me desculpe por isso, mas precisamos ir. Agora! — Rafael apertou sua mão e a conduziu pelo corredor. Ela o seguiu ainda sem reação. O mundano agradeceu não ter de explicar aquilo naquele momento.

A porta gradeada não estava trancada, para sua sorte. Decidiu levar a barra de ferro por segurança. Escadas compridas o esperavam, subiam por uma abertura cavernosa que mais lembrava a garganta de um monstro. Não sabia onde estavam nem que aquela cidade possuía um lugar como aquele.

A luz no final das escadas vinha da fresta de um portal de metal que teve esforço em abrir, era pesado e se arrastava no chão. Descobriram a seguir um grande salão escuro, sem janelas e completamente medonho.

Só poderia haver um tipo de lugar que ainda abrigava aquele tipo de arquitetura gótica. Estavam no subterrâneo de uma igreja, mais precisamente em suas catacumbas.

Túmulos eram escavados nas paredes de cima a baixo como em uma colmeia. Cadáveres mumificados descansavam eternamente com seus sorrisos soturnos e horripilantes. Várias estátuas angelicais guardavam os mortos e mantinham uma

expressão agourenta nos rostos, o que aumentava ainda mais o aspecto aterrorizante do local. Uma fileira de sarcófagos de pedra estava no chão, deixando uma pequena passagem no meio deles como única saída para atravessar o salão.

Érica soltou um gemido e novamente se agarrou nele, recusando-se a avançar. Sem opção, Rafael recuou para as escadas.

— Essa é a única saída — argumentou.

Lágrimas voltaram a rolar por suas bochechas vermelhas e sujas.

— Feche os olhos. — Segurou sua mão com mais força. — Estamos no escritório, lembra? Saímos do elevador e encaramos aquela recepcionista antipática. Consegue ver?

A garota balançou a cabeça com leveza, tentando entrar no mundo construído por Rafael.

— Passamos por ela e chegamos nos corredores até os setores, passamos pela sala do GG e das atendentes.

Eles começaram a andar vagarosamente.

— Agora precisamos chegar a nossa área, onde Rick vai nos cumprimentar com aquelas piadinhas dele e seu sorriso bobo. Acena para ele.

Com o braço colado no corpo, ela faz um pequeno movimento com a mão livre.

— Ele tá vindo logo atrás, falando as coisas que geralmente fala. Estou com minha garrafa térmica. Vou lá encher no bebedouro da copa, vem comigo?

Antes de perceber, começaram a subir mais um lance de escadas, deixando as catacumbas para trás. Érica abriu os olhos e secou as lágrimas.

— Boas notícias. Fomos aceitos no novo filme do Indiana Jones.

Subiram até um novo corredor, melhor iluminado, onde uma escada em caracol de metal os esperava no final. Subiram com todo o cuidado do mundo, já que cada passo fazia com que toda a estrutura rangesse. Perguntou-se por quanto tempo subiriam, mas uma corrente de vento vinda do alto indicou que estavam próximos do ar livre.

Mais uma porta gradeada surgiu, dessa vez trancada por um cadeado muito maior do que o anterior, segurado por grossas correntes enrolada nas grades.

Mesmo que por algum milagre conseguissem arrebentar as barras de metal, fazer algum barulho ali era arriscar demais.

Xingou-se enquanto tentava pensar em uma nova solução, mesmo que tudo indicasse que fosse um beco sem saída. Não queria morrer na praia.

Mal percebeu que Érica se aproximou e segurou as correntes.

— É impossível, mas vamos dar um jeito — disse ele, tentando tranquilizá-la, mas não havia mais medo em seus olhos.

A garota não o escutou, parecia ter entrado em um estado de transe. Quando Rafael estava prestes a balançá-la, achando que tivesse cochilado em pé, sentiu uma brisa gélida. Escutou algo trincar e não acreditou no que seus olhos viram no momento seguinte. Ficou chocado.

Partículas brilhantes de gelo flutuavam em volta das mãos de Érica e uma fina película branca surgia por baixo delas, envolvendo parte da corrente.

— Tenta acertar agora — ela disse repentinamente e se afastou.

Só foi preciso um único golpe contido da barra de ferro para que lascas voassem pelo ar. Colocou a ponta da barra por baixo de um dos elos e forçou uma alavanca para fazer pressão no metal esbranquiçado, que se desfez como se fosse um pedaço de reboco.

Sabia só de se aproximar que, se tentasse encostar na parte branca, poderia ter uma queimadura por frio. Por isso puxou a corrente pelo lado menos gelado e a desenroscou das grades.

— Acho que… você me deve algumas explicações, mocinha.

Pela primeira vez naquele lugar, um tímido sorriso surgiu de seus lábios.

מ
12
O Pendurado

CAPÍTULO XII
ONDE HÁ UMA BRIGA DE FAMÍLIA

O portão era velho e enferrujado e com pouco esforço conseguiu ser aberto em total silêncio. Os dois saíram por uma passagem oculta por trás de uma estátua da Virgem Maria dentro da nave da igreja, em frente ao altar. Rafael se perguntava como algo assim podia existir naquela região.

A sensação claustrofóbica se foi, mas seu cérebro entrou em parafuso. Apesar do altar e da estátua, não pareciam estar dentro de uma igreja. À sua frente, um grande jardim coberto por grama verdejante e árvores vistosas o aguardavam. Um lago fazia uma volta em “u”, onde carpas de cores vivas nadavam sem compromisso.

Atravessaram uma pequena ponte no meio do lago e chegaram ao centro do jardim, coberto por flores cheirosas e onde uma pequena mesa de madeira quadrada estava posta com vários utensílios de porcelana.

Rafael sentiu uma presença ardilosa em suas costas e se virou com a barra de ferro erguida.

Uma gueixa de rosto pálido e lábios carmim se aproximou em um quimono azul. Era a mesma mulher que o havia enfeitiçado. Reconheceu mesmo com a maquiagem e o cabelo preso de um jeito diferente. Ela segurava um leque que cobria parcialmente sua boca.

Ela se curvou.

— Sei que está confuso, Rafael-san. — Escutou sua voz pela primeira vez, parecia doce. — Gostaria de um pouco de chá?

Rafael se aproximou de Érica, sem tirar os olhos da mulher de quimono azul.

— É extremamente desrespeitoso apontar uma arma para uma dama e ainda recusar um convite tão sincero. Vamos apenas conversar.

Érica puxou sua camisa.

— Faça o que ela pede.

— O quê!? — Rafael estava indignado! Não era hora de tomar chá.

Sua colega de trabalho se afastou e ficou de joelhos em frente à mesa, começou a usar os utensílios de porcelana. Sua expressão era de extrema tristeza.

— Vê? Ela ainda não esqueceu os velhos costumes, talvez ainda tenha salvação. — A mulher de quimono azul sentou-se ao lado dela e com o leque fez um gesto para que a acompanhasse.

Ficou mais confuso ainda. Não sabia onde estava. Se haviam preparado tudo aquilo era porque já sabiam e esperavam que eles escapassem.

O homem gigantesco que parecia ser da Yakuza não estava em lugar algum, mas algo dizia que aquela encenação estava sendo observada. Notava uma presença ímpar muito distante.

Rafael tentou se sentar de joelhos, como faziam. Mas descobriu que era difícil, suas coxas doíam. Sentou-se então de pernas cruzadas, ainda não acreditando que aquilo estava acontecendo. Teve esperança que conseguissem ser libertados com uma velha e boa conversa, sem conflitos ou brigas.

— Sabe quem somos, Rafael-san?

A resposta veio após seu silêncio.

— Não creio que entenda nossa natureza ou nossos costumes. Para nós vocês são criaturas desonradas. — Ela cobria a boca para falar com o leque. — Toda a raça de youkais hoje em dia se esconde no fundo das florestas e dos rios em nossa terra natal. Nós somos aqueles que escolheram não se prostrar.

As mesmas formas de vida etéreas que surgiram após o rugido da besta leão começavam a aparecer para eles naquele momento. Por algum motivo a maioria se agrupava em volta de Rafael.

— Mas, ao contrário dos outros, você parece ter uma ligação mais forte com nosso mundo. Essa coisa no seu ombro tem algo a ver com isso? Estou certa?

O mundano pôs as mãos sobre o estigma, dentro da camisa.

— Não é da conta de vocês.

Pôde ver pela sua expressão, mesmo parte coberta com o leque, que sorria.

— Pois bem, Rafael-san.

— Por que está contando essas coisas se tem tanta raiva de mim e de onde eu venho? Apenas nos deixe ir…

Érica pôs o chá que havia acabado de preparar em duas taças rasas de porcelana escura, uma para Rafael e outra para a feiticeira.

— Você viu o que ela consegue fazer, não viu?

Rafael não soube do que falava, até que a imagem da corrente congelada surgiu em sua cabeça.

— Estamos dando uma chance única para Érica-chan, não há espaço para aberrações no seu mundo, nem no meu. O destino lhe reserva um fim trágico, mas estamos dispostos a aceitá-la.

— Ela não é uma aberração!

— Observe com atenção…

As lágrimas de Érica voltavam a correr, mas mesmo assim ela mantinha a expressão dura. Rafael não conseguia enxergar auras ainda com clareza, apenas sentir. Para ele, a menina era uma humana como outra qualquer, mas ao se concentrar notou algo a mais. Seus olhos brilhavam, como em um globo de neve, preenchido por flocos brilhantes.

— Ela é uma meio-youkai, caminhante do reino físico e etéreo.

Érica tentou falar algo, mas um olhar de censura veio da mulher de quimono, fazendo com que continuasse inexpressiva. Aquilo começou a irritá-lo.

— Por que você está fazendo isso? — perguntou Rafael para Érica, mas não obteve resposta.

Aquela não era a meiga garota que conheceu no seu primeiro dia de emprego, aquela que visitou seu apartamento, aquela que de tão fácil sorriso deixava bem todos à sua volta.

Rafael esmurrou a mesa e jogou tudo que havia sobre ela para fora, quebrando toda a porcelana.

— Essa é uma cerimônia do chá, Rafael-san. Diferentemente de você, ela nasceu em berço de ouro e foi educada como tal.

— Estou pouco me ferrando para o que você acha. — Fez um gesto obsceno.

A mulher fechou o leque, irritada.

— Ela deve respeito ao homem presente, por isso deve ficar em silêncio.

Antes de responder aquele absurdo, uma voz onipresente quebrou o silêncio do ambiente.

— PARE COM ESSAS BOBAGENS, VÁ DIRETO AO PONTO!

A mulher de quimono se virou de costas e se prostrou para o vazio, na direção das árvores que envolviam o jardim.

— Desculpe, mestre. Perdoe essa serva inútil.

A voz não respondeu. A mulher se voltou para a mesa e continuou a conversa, com uma ligeira aflição em seu rosto.

— Meu mestre está um pouco impaciente, quer saber onde conseguiu o cetro que estava em suas vestes.

Rafael se surpreendeu com a pergunta.

— Foi um presente… de um amigo.

Não era um amigo, mas não queria se perfazer na conversa.

— MENTIROSO! — a voz surgiu novamente, mas dessa vez o mundano conseguiu enxergar quem gritava no meio da floresta.

Um garoto que não tinha mais que dez anos estava sentado em um galho de uma das árvores, que não era árvore, mas sim um vitral. A presença do menino parecia ter de alguma forma quebrado a realidade, que se desmoronou à volta de todos. O belo jardim desapareceu, deixando o interior de uma fria, cinza e sombria igreja. Era tudo uma ilusão criada pela feiticeira de quimono azul.

A mulher se prostrou novamente e Érica estremeceu.

O garoto tinha olhos puxados e uma cara redonda, suas sobrancelhas eram grossas e davam um ar rabugento a ele. Vestia um casaco infantil azul e uma bermudinha marrom, deixando suas finas pernas brancas para a fora. Ele pulou da janela com o vitral ao chão e caminhou em direção a eles. O brutamonte de tatuagens estava logo atrás.

— Mentiroso! —sua voz fora da ilusão era fina como a de qualquer criança.

Rafael o encarou. E o garoto emburrado o encarou de volta.

— Quem é o pivete? — perguntou o mundano, estranhando a reação de todos.

Tanto Érica como a mulher de quimono e o brutamontes fizeram cara de espanto, como se tivesse falado um absurdo.

— Como ousa! — a bruxa praguejou, mas ficou novamente quieta enquanto o garoto a encarou irritado.

O menino puxou de dentro do casaco o cetro raijuu e o entregou para o brutamonte, que o exibiu para todos ali presentes.

— Isso foi roubado da nossa família, ladrão! — o menino gritou com o dedo apontado para Rafael. Sua birra era risível. E foi com uma risada que ele o recebeu, deixando todos ainda mais chocados.

— Não, sério. Qual é a do moleque?

— Quer morrer!? — o garotinho ameaçou.

Rafael se levantou, deixando a diferença de tamanho clara.

— Não quero nada, pode ficar com ele. Só quero minha amiga de volta.

— Porque iria negociar duas coisas que já são minhas?

Rafael não entendeu o que queria dizer com aquilo e provavelmente o garoto notou a confusão em sua expressão.

— Essa cadela impura é minha noiva, temos de nos casar para manter nossa família poderosa como nos tempos antigos.

Aquilo realmente o havia chocado. Não apenas por sua pretensão e arrogância, mas por tratar alguém daquele jeito, como um objeto a ser usado. Rafael empurrou a cabeça do garoto para trás. O gesto, apesar de inofensivo, era completamente humilhante.

— Moleque boca suja. Tem de aprender o que é ter respeito pelos outros.

O ambiente mudou e algo dizia para Rafael que havia ido longe demais. Os olhos do garoto ficaram alaranjados e as pupilas se contraíram. Sentia uma ameaça invisível se aproximando com sede de sangue.

Érica se pôs entre eles e a ameaça foi embora.

— Por favor, não tem o direito! — disse Érica chorosa. — Eu quero escolher o meu caminho, Kit.

Os olhos do garoto voltaram ao normal e ele fez uma cara de desinteresse.

— Você me irrita, mortal idiota.

Érica se prostrou, assim como a bruxa tinha feito.

— Ele só está preocupado comigo. Deixe-o ir.

— Aceite a proposta então. — disparou a feiticeira para Érica.

A menina hesitou.

— Não posso me casar com meu primo, que nem conheço.

— Arranque um pedaço dele, Kitsune-sama, para provar que somos capazes. — implorou a feiticeira.

Uma batida fez a igreja tremer. Morcegos voaram no alto e saíram pelos vitrais quebrados. Mas não foi o suficiente para tirar o foco da discussão.

— Vai continuar defendendo essa corja imunda? Eles riem da nossa cara, humilham nossa família e sujam nossos costumes! — gritou o garoto irritado, com seu rosto ruborizado.

Uma nova batida. Poeira e pedaços de sujeira caíam do teto.

— Ele é importante pra mim — revelou a garota, ainda abaixada.

— Sou o único que deveria importar — rosnou o garoto mimado.

Uma terceira batida. Algo estava prestes a quebrar.

— Por favor…

Um estrondo fez as portas de madeira da igreja explodirem em pedaços, lascas voaram para todos os lados. Chamas azuis vieram da rua e tomaram o resto de velas que ainda permaneciam nos castiçais. O cinza foi substituído por um anil pálido.

— Nunca vi um pirralho fedendo a leite mais megalomaníaco. — Cal adentrou a igreja com alvoroço, limpando seu casaco vermelho de poeira e teias de aranha.

O brutamonte pôs a mão no peito do demônio e o agarrou pelo casaco, avisando-o que não ia dar mais nenhum passo. Um murro fez o yakuza voar e destruir metade da igreja no caminho, levando alguns bancos e parte do altar.

Outro homem entrou na igreja, acompanhando o demônio. Sua aura lembrava

alguém que já havia visto antes, mas Rafael não o reconheceu. Também possuía traços orientais, vestia um terno branco e prendia o cabelo escuro com um rabo de cavalo.

— Não fale assim do jovem mestre, oni desgraçado — disse o homem de branco impaciente.

— Falo do jeito que eu quiser, Kimba.

Kimba… Kimba… Simba?, Rafael o reconheceu. Aquela presença era, de maneira muito mais sutil, pertencente à besta leão que o atacou. Rafael não sabia que ele podia se transformar em um ser humano.

O brutamonte se levantou coberto de poeira, seu ombro estava deslocado um palmo abaixo do que deveria. Com um “crec”, ele o colocou no lugar. O leão em forma de gente se inclinou para frente e se pôs de joelhos.

— Por favor, jovem Kitsune, precisamos conversar.

Cal se aproximou dos três, fazia uma cara de tédio tremenda. Ignorou a feiticeira e o garoto mimado que era chamado de mestre por eles.

Entregou algo nas mãos do mundano. Era o cetro. Não viu o momento em que o demônio tirou das mãos do brutamonte, mas estava lá.

— Vocês não devem se meter nisso — pediu Hakutaku.

Após a perda das muitas terras que controlava enquanto o Japão tentava se unificar, Tsukihime Satoro foi exilado com seu clã para o alto das montanhas, condenado a viver entre os youkais malignos que ali viviam.

Sua sede por vingança contra os daimyos, líderes da região, só cresceu enquanto encarava as forças sinistras do lugar. Seu gênio indomável permitiu a sobrevida de seu clã naquelas noites intermináveis. A guerra que começou nos feudos se estendia agora no alto das montanhas. Mas, ao invés de enfrentar humanos traidores, agora lidavam com terríveis criaturas sobrenaturais cruéis.

Mas a mente de Satoro era afiada para estratégias. Sua vontade de ferro e honra inabalável o fizeram aguentar e sua mortal habilidade em um campo de batalha quase batia de frente contra os temores noturnos. Quase.

A destruição de seu clã era certa. Mesmo assim ele continuou. Morreriam com honra, decidiu.

Em meio a uma pequena trégua, foi visitado em uma noite sem lua por um grupo de youkais que se denominavam imperadores do cume. Cada um possuía uma habilidade exímia e prometeram que, se o líder passasse em um teste, seu clã seria poupado e sua vingança poderia ser feita.

Um por um, Satoro os derrotou. Quase a custo da própria vida.

Os imperadores do cume, espantados com suas habilidades, decidiram selar um pacto naquela noite e revelaram seus segredos. A expansão dos homens havia marginalizado todos os youkais da região. O verdadeiro objetivo do teste era encontrar um supremo líder para comandar um ataque contra toda a raça humana, já que eles também estavam exilados ali.

Nomeado como grande líder Nurarihyon, Satoro e todos os integrantes sobreviventes de seu clã se tornaram parte do folclore sinistro. A benção-maldição foi selada e, a cada noite sem lua, os monstros desciam das montanhas e faziam seu desfile noturno, o Hyakki Yakou, e praticavam sua vingança contra os homens.

O Nurarihyon viveu por séculos, aterrorizando seus inimigos, mas a evolução dos homens era implacável e assim acabaram por serem exilados também do plano físico. Apenas alguns deles possuíam poder suficiente para se materializarem, como o próprio líder e alguns de seus generais.

Novamente marginalizados, os youkais foram surpreendidos no começo do século 20 com a notícia que seu líder supremo havia sumido com um de seus mais fiéis colaboradores.

— Por que está contando isso a esses impuros, Hakutaku? — perguntou a feiticeira.

O homem se levantou e retirou o chapéu, mas continuou com a cabeça baixa na direção do garoto Kitsune.

— A verdade virou lenda, foi distorcida pela sede de poder e de vingança.

— O clã é a única verdade — defendeu o garoto.

O homem leão balançou a cabeça em negativa.

— No nosso último encontro, você não me deixou contar o verdadeiro lado da história. O lado de seu tio.

— Não escute esse traidor, mestre Kitsune! Enxergo a mentira tentando escapar

da ponta de sua língua venenosa! — A feiticeira se levantou, enraivecida.

Nurarihyon já fora Tsukihime Satoro, um gênio entre homens. Mas, assim como todos os seus companheiros sobrenaturais, estava melancólico. Todos do clã transformavam sua frustração em ódio e rancor, maquinando assim pequenas vinganças contra indivíduos únicos, acabando com famílias, criando fantasmas revoltosos e amaldiçoando gerações. Tornaram-se apenas uma sombra do passado, um folclore para fazer crianças obedecerem aos pais.

Mas algo diferente aconteceu com Satoro. Ao invés de ser levado pelo ódio, buscou iluminação. Entrou em peregrinação pela região onde nascera, seu antigo feudo, e terminou onde estava seu túmulo, onde havia deixado de ser homem e se tornado monstro.

Foi quando tomou uma dura decisão.

Pegou os poucos artefatos de grande valor espiritual e levou também seu mais confiável general. Embarcaram em um navio para longe dali, para o outro lado do mundo. Deixando toda a sua vida para trás.

Nesse outro continente, ele buscou inspiração e viveu parte de sua vida como um lavrador comum.

Sonhos terríveis o visitavam durante a noite e o lembravam de cada maldade que fez durante sua vida sobrenatural. Cada sangue derramado, família destruída e alma condenada. E durante décadas buscou uma paz que nunca veio.

Uma jovem, intrigada pela quietude e seriedade do homem, se aproximou e os dois se apaixonaram. E foi nos braços de uma mestiça que ele havia encontrado sua verdadeira felicidade.

Quando sua única descendente nasceu, meio humana, meio youkai, sabia que seu trabalho estava no fim. Seu general, que por anos nunca entendera as escolhas de seu líder, se viu como um guardião da menina e continuou fiel ao desejo do Nurarihyon. Que novamente deixou tudo para trás e desapareceu.

“Chegou o momento, Hakutaku, de me encontrar com meus ancestrais.” E partiu para o mar, de onde nunca mais voltou.

Uma coisa invisível atingiu Cal, que foi arrastado até ir de encontro com uma estátua. Pela primeira vez Rafael conseguiu ver um resquício de algo que envolvia o garoto, parecia um chicote.

— Eu juro que é tudo verdade — afirmou Hakutaku. — A jovem Érica é a verdadeira filha do Nurarihyon.

O demônio Cal se levantou, coberto da poeira branca da estátua quebrada. As chamas azuis brotaram de suas mãos e tomaram seus braços, subindo até suas costas.

— Ele é perigoso, se afastem! — gritou para Rafael e Érica antes de ser acertado pelas costas. O brutamonte sinistro não parecia mais humano, possuía a cabeça de um boi escuro, com os chifres apontados para o teto. Sua investida jogou o demônio para longe de Rafael.

— Cuidem dele — Kitsune acenou sem se importar.

Enquanto Cal tentava reagir, o pescoço da feiticeira se esticou e seu quimono caiu no chão sem conteúdo. Havia se tornado uma serpente com um disforme rosto humano. Enrolou-se no demônio e sua constrição ameaçava quebrar todos os seus ossos.

Rafael não podia deixar que nada acontecesse com Érica, não iria falhar daquela vez.

Concentrou-se e aos poucos conseguia ver a forma que brotava das costas do garoto. Não era um chicote, parecia uma cauda de raposa alongada que flutuava inquieta a sua volta. Tentou se convencer que ele não era humano, assim como todos os outros, mas era difícil para Rafael se imaginar machucando um garotinho.

O mundano segurou o cetro com rigidez, mas não sabia se conseguiria fazê-lo.

— Jovem mestre, precisa parar com essa loucura — suplicou Hakutaku do outro lado da igreja.

— Está disposto a me desafiar? — Kitsune virou-se para ele. Seus olhos brilhavam com uma insaciável maldade, assim como crianças dispostas a destruir formigueiros pelo simples prazer.

O homem de branco hesitou.

— Estou disposto a dar minha vida pela minha missão, mesmo que isso signifique ter de colocar um pouco de juízo na sua cabeça.

— Infiel! — bradou a feiticeira em forma de cobra, largando o demônio para o brutamonte e indo em direção a Hakutaku. O homem puxou uma espada de

dentro de sua roupa e conteve a investida. As escamas escuras da bruxa eram duras como o aço e repeliram a lâmina com o contrair de seus músculos ofídicos. Do outro lado, em meio a murros e pontapés, o demônio brigava contra o brutamonte e a proporção do conflito ameaçava destruir as estruturas da igreja.

O garotinho deu uma olhadela de soslaio para Rafael.

Foi o tempo necessário para se decidir. O mundano apontou o cetro contra o youkai raposa.

— Você nem sabe usar, está segurando errado — debochou a criança. — Não vai funcionar contra mim, sou o herdeiro e verdadeiro sucessor.

Não soube se falava a verdade ou se estava blefando, o fato era que se usasse o cetro contra ele forçaria o conflito. Era uma maldita criança de dez anos, talvez pudesse usar sua inteligência para vencer sem que ninguém saísse ferido.

— Érica está feliz desse jeito. Por que a estão obrigando a casar?

O garotinho pareceu surpreso.

— Alguém como você não entenderia. Tudo estava perfeito na nossa terra natal, meu pai virou líder quando todos pensavam que seu irmão havia morrido. — Apesar de imaturo, o garoto parecia inteligente e falava bem. — Quando meu pai passou para o mundo dos mortos, descobriram que o antigo Nurarihyon teve uma filha impura em outro país. Foi quando todos os idiotas se perguntaram se eu deveria mesmo assumir como líder supremo.

Rafael não soube o que dizer.

— Eu a mataria aqui e agora, mas todos considerariam traição e o clã se dividiria. Tenho um dever de retomar nosso poder e trazer as criaturas da noite para o auge novamente.

Érica abraçou Rafael pelas costas.

— Desculpe pelo que fiz você passar, acho que devo parar de ser fraca. Tenho que consertar tudo isso.

O garoto Kitsune deu um sorriso ardiloso.

Érica avançou e cruzou os braços. Seu rosto ainda estava vermelho e inchado, mas não chorava mais.

— Não vou mais fugir, Kit. Você quer a liderança da família? Vai ter de brigar

por isso. Não tem o direito de ordenar com quem vou me casar. Vá embora!

O sorriso do rosto do garoto morreu, seus olhos se contraíram e brilharam. Sua irritação transbordava de seu rosto achatado.

— Meu sangue é puro, muito mais forte que o seu. Sou eu quem vai liderar o clã e matarei todos que ficarem no meu caminho!

Uma segunda cauda surgiu ao lado da primeira, logo depois uma terceira. A cada uma que aparecia, a aura do garoto parecia ficar mais intensa.

Rafael empurrou Érica para o lado para evitar que se ferisse. A ponta da cauda em forma de pincel se tornou rígida e perfurou o ombro do mundano, que fez uma careta e caiu no chão com a dor lancinante. Mais que uma dor física, o estigma queimou no ombro oposto como ferro em brasa direto na sua alma.

As outras duas caudas seguraram seus braços e ameaçavam arrancá-los. Rafael foi erguido do chão, aturdido de dor.

Aquela situação o acordou, não via mais aquela criança como humana. Esperou que fosse seu dia de sorte. Apertou o cetro, que estava prestes a cair de sua mão e com a pouca força que tinha o pressionou mirando contra o youkai raposa.

A luz correu pelo ar em ranhuras luminosas e acertou em cheio o corpo minúsculo de Kitsune. O trovão retumbante soou e foi amplificado pela acústica da igreja, fazendo com que todo o conflito parasse.

A boa notícia era que o relâmpago havia funcionado contra o garoto, que urrou e se contorceu enquanto era eletrocutado pelo raio. A má era que ele ainda segurava Rafael e as ondas elétricas percorreram suas caudas etéreas e eletrocutaram também o mundano.

Rafael ficou acordado a todo o momento, mas estava inerte no chão. Paralisado, não sentia seu corpo, apenas um grande formigamento no peito. Tentou respirar nos primeiro segundos, que pareciam décadas, e foi tomado por alívio quando uma golfada de ar encheu seus pulmões, fazendo-o tossir.

Escutava Érica chamando-o e gritos de terror por todos os lados, mas estavam bem longe.

A cada segundo se perguntava se tinha valido a pena.

Todos ficaram em silêncio quando, com uma força sobre-humana, Rafael se levantou lentamente. Seu corpo protestava em agonia, cada músculo, cada nervo,

mas não desistiu.

Viu Érica embaçada tomando forma a sua frente, chorosa. Ela parecia bem. Cal o olhava com os olhos arregalados, sem acreditar no que estava vendo.

Valeu a pena, teve certeza.

Seu corpo se desligou e Rafael desabou, perdendo a consciência. Dessa vez sem sustos, sem falhas, foi um belo cochilo.


♀
03
A Imperatriz

CAPÍTULO XIII
ONDE HÁ MAIS PERGUNTAS DO QUE RESPOSTAS

Cal perambulou pela parte boêmia da cidade. Vestia um terno bem cortado e seu cabelo estava mais comprido, bem diferente do jeito despojado que Rafael conhecia. Nada vagava em sua mente e sua única necessidade era saciar seus tormentos.

Andava em torno de boates e bares famosos, com músicos de rua e transeuntes buscando diversão. Lá via e experimentava de tudo, para depois desprezar logo em seguida. Alguns vagantes passavam por ali, a maioria buscando atenção, absorvendo energia dos vivos ou achando que ainda estavam entre eles. Estes se afastavam da presença de Cal. Era uma época em que o demônio não se preocupava muito em esconder sua aura perigosa, era mais sombria e pouco convidativa.

Por mais que bebesse quantidades astronômicas de todo o tipo de bebida, nada o deixava alcoolizado, muito menos o fazia fugir de quem ele mesmo era. Apesar disso, foi em uma sarjeta que despejou metade do que bebeu, aquele corpo era fraco demais e isso o irritava. Havia chegado ao seu limite depois de dias de abuso, do lícito ao ilícito.

Um pequeno espelho de bolso repousava no chão, naquela mesma sarjeta. Estava quebrado, mas conseguia ver o suficiente para deixá-lo abalado. Aqueles não eram seus olhos.

— O que faz aqui? — perguntou para si mesmo e Rafael não entendeu com quem ele falava.

O demônio pisou no espelho, que se dividiu em milhares de cacos. Mesmo assim, todos ainda mostravam aqueles olhos.

— O que está fazendo dentro das minhas lembranças? — gritou. Abaixou-se e pegou o maior dos cacos, com uma ponta afiada e começou a cortar o próprio rosto. Tentava chegar à origem daqueles olhos estranhos.

Rafael percebeu que o demônio falava diretamente com ele. Foi nesse momento em que foi jogado para fora do sonho.

Acordou com um solavanco, aquela sensação de queda quando somos acordados enquanto estamos prestes a cair em sono profundo. Não reconheceu o lugar e precisou de alguns segundos de terror para perceber que tinha voltado para a traseira do furgão de Beni, o recuperador.

Estava cansado e seus braços e pernas doíam como o diabo. Voltaria ao cochilo caso não percebesse uma leve pressão em seu ombro, onde uma cabeça adormecida repousava com tranquilidade. Érica se apoiava nele e não se perdoaria caso a acordasse.

Um vento frio batia em seu rosto, as portas do furgão estavam abertas e o veículo estava parado. O céu apresentava o típico púrpura pálido do amanhecer e o sol não demoraria mais que uma hora para surgir e decretar o começo de mais um dia de labuta.

Tentava pensar em uma desculpa convincente para poder dormir o dia inteiro, até vir outro solavanco. Hakutaku se aproximou ao vê-lo acordado e se curvou em agradecimento. Rafael pediu que não fizesse aquilo, era estranho para ele.

Depois de convencido, a entidade com extremo pesar no rosto se sentou no assoalho do veículo, com os pés para fora apoiados no asfalto. Mesmo daquela maneira, sua presença continuava poderosa.

— Obrigado, Rafael-san. — E permaneceu em silêncio.

Foi preciso que o mundano quebrasse o gelo para que ele começasse a falar o que de fato havia acontecido.

Ele explicou que depois de uma longa conversa com o garoto-raposo, ele o convenceu a deixar Érica em paz e ir embora. Tudo isso graças ao ataque do cetro, que evidenciava a escolha dos deuses em quem seria o verdadeiro sucessor do clã. Ele não era imune e por isso nem o mundo espiritual o considerava digno de direito.

— Entendo… — Rafael percebeu que o estigma continuava ardendo, aquela dor começava a fazer parte dele. Não deveria ser um bom sinal. Graças a ele, se lembrou de perguntar:

— Como nos encontraram na igreja?

— Depois que o seu servo percebeu seu desaparecimento, terminou com a luta. Percebi um resquício da magia da feiticeira e fiz um acordo com ele para que trabalhássemos juntos, por mais que ele odiasse a ideia. Disse que não conseguia rastreá-lo, o que era estranho. Apenas no final da noite sua aura reapareceu e conseguimos achar o local.

Rafael pensou um pouco.

— Não sei se tem ligação com isso, também não sei explicar o que vi ou senti lá dentro. Vi muita gente… muita gente morta...

Hakutaku não respondeu e Rafael achou que ele fosse ficar em silêncio novamente.

— Um bando de espíritos errantes causaria esse efeito? Creio que não. Mas, se eles estavam lá, talvez tenha alguma ligação. Investiguei um pouco e parece que essa igreja é cercada por alguma energia poderosa — respondeu seriamente. — Os meus companheiros de clã chegaram a algumas semanas e quem quer que tenha feito isso com esse lugar demorou décadas, talvez séculos. Provavelmente Kitsune e os outros a acharam e a usaram para esconder os rastros da jovem Érica. Por mais que ela não seja totalmente youkai, ainda sim conseguiria achá-la tão embaixo do meu nariz se fosse um lugar comum.

Aquilo aumentava ainda mais o mistério. Hakutaku olhou para ele e suspirou.

— Não vale a pena pensar nisso agora, você não pode ajudar a todos.

— Não posso?

— Você é audaz, mas ingênuo e um pouco estúpido — deu uma risada sincera. — Não pode esperar salvar o mundo todo, Rafael-san, como se fosse alguma espécie de divindade ou como vocês chamam? Messias, não é? Cada um de nós nasce com um destino, uma linha traçada que segue até o fim da nossa existência. Seu dever é segui-la da melhor maneira possível, por mais que nem sempre consiga enxergá-la.

— Não sei se acredito...

— Olhe para ela — pediu a besta ao apontar com a cabeça para a jovem. Rafael observou sua colega dormindo calmamente. Sua respiração era pesada e contínua, estava tão cansada quanto ele.

— Acha que a ajudou, mas o que fez foi criar um laço e manter esse laço, o

mesmo laço do destino. A partir desse momento ela deve a vida ao senhor.

— Ela não me deve nada — respondeu ríspido, não gostava daquele tipo de pensamento sobre o mundo. Gostava de pensar que ele era dono do próprio destino. — Se fosse para alguém morrer lá dentro, não queria que fosse ela.

— Pouco antes de passar por um problema, ela conhece e se torna amiga de um homem capaz de salvá-la, algo que apenas ele poderia ter feito. Esse mesmo homem que conseguiu um artefato extremamente raro que meu mestre se livrou há décadas, que girou a cidade e hoje foi a chave para evitar um desastre. Acha que ela conseguiria dormir tranquila desse jeito caso não fosse o destino? — riu novamente. — Você é um mistério para mim. Ao mesmo tempo em que parece ser um homem de fé, luta até o fim para acreditar no contrário. Por que acha que criamos laços, Rafael-san? No final de sua vida, vai olhar para trás e vai perceber que todos os nós que fez pelos anos o levaram para o único e óbvio caminho. E não somos responsáveis pelos nós que não fazemos. Esse, Rafael-san, é o caminho da fé dos homens e da vontade dos deuses.

— Mas você mesmo falou que não é para eu tentar salvar todo mundo, que sou estúpido por isso.

O homem ajeitou o chapéu na cabeça e olhou para a cima. Ergueu a mão com a palma levantada e sentiu as primeiras gotas caírem.

— Essa é a beleza do nosso mundo. Vivemos em um grande paradoxo, porque, se não fosse assim, seria fácil demais. E isso não teria a mínima graça.

Rafael não soube o que argumentar, nem queria. Sua mente aos poucos se desvanecia e ele cairia novamente no sono.

— De qualquer forma, obrigado. — A entidade se curvou mais uma vez e desapareceu dali.

Não sabia quanto tempo passou até escutar o barulho do motor do furgão ser ligado. Beni e Cal estavam ali, como se nunca tivessem saído desde o começo da noite. Até as roupas do demônio estavam como novas.

— Parece que acabou tudo bem. — Beni abaixou o freio de mão e o carro começou a se mover. — Por isso eu sempre falo: odeio esse lugar.

Cal estava, como sempre, em silêncio, mas Rafael percebia que algo o irritava mais que o normal, provavelmente iria escutar suas reclamações quando chegassem a casa. Decidiu que dormiria antes de ser atazanado por ele.

Quando chegaram o sol já estava completo no céu e várias pessoas saíam para o trabalho. Desceram e, sem ter o que fazer com Érica, guiou a garota semiconsciente pela a rua e a deixou em um banco da portaria do prédio enquanto se despedia de Beni.

— Fica de olho na guria.

— Pode deixar.

Ele puxou do porta-luvas um pedaço de papel-jornal, onde diversos dados de uma conta corrente e um valor extremamente alto estavam escritos.

— A conta, meu chapa.

Rafael pegou o papel, não sabia se tremia pelos custos da operação ou se pelo frio da manhã.

— M-mas… você só fez metade do serviço! — choramingou Rafael.

— E essa é metade do valor. A empresa agradece a escolha, tenha um bom dia.

O vidro escuro se fechou e Rafael não pôde mais argumentar. O veículo se foi antes que pudesse sequer reagir, deixando uma cortina de fumaça vinda do escapamento.

Cal o olhava em um tom de censura.

— Já sei! Já sei! Eu que me meti nisso. — O mundano desistiu e guardou a conta no bolso.

Os três subiram, passando pelo porteiro que os olhava com espanto. Érica esfregava os olhos, ainda não desperta, estava completamente suja, como vindo de alguma mina de carvão. O mesmo para Rafael. Mesmo com a ferida já sarada pelos poderes de Cal, suas roupas estavam em frangalhos. O único que parecia ter saído ileso era o demônio, com seu típico casaco de moletom vermelho que parecia ser invulnerável. Pelo menos era o que Rafael achava.

Cal foi direto para o próprio quarto quando entraram no apartamento, enquanto Rafael colocava a menina em sua cama. Cobriu-a gentilmente e com um travesseiro debaixo do braço foi dormir na sala.

Atravessou o corredor e deu de cara com uma Isabela curiosa.

— Parece que a noite foi divertida — atazanou.

— Me deixa em paz. — Rafael moveu o braço como se espantando uma mosca. — Preciso de um cochilo.

— Ela é a novata?

— Novata?

— A nova integrante do seu harém particular, achei que estivesse montando um.

Rafael balançou a cabeça em reprovação ao deboche e continuou seu caminho.

— A Xing Ling vai morar com a gente? Não sei se fui muito com a cara dela.

— Está com ciúmes? — Rafael deu uma risada cheia de cansaço. Isabela fez um bico. — Tenho cara de Demi Moore? Fica na sua, fantasminha camarada.

— Nem em um milhão de anos isso aconteceria, idiota! — ela se irritou e desapareceu por uma parede.

Rafael caiu novamente no sofá e adormeceu vendo os olhos do gato no alto da cristaleira.

Quando acordou, sentiu algo fazendo peso em seu travesseiro. Érica cochilava ao seu lado sentada no chão. Estava limpa e com o cabelo molhado, apesar de usar as mesmas roupas em que chegou. Perguntou-se se ela queria ir embora e esperou que ele acordasse. Timidez e gentileza faziam parte de sua personalidade.

Rafael observou seu rosto inocente por alguns instantes. Ela era realmente uma graça, pensou. Logo se lembrou do beijo que roubou para fazê-la acordar do ataque de pânico. Poderia ficar ali a tarde toda, mas decidiu que era estranho ficar olhando daquele jeito. Decidiu acordar a menina.

Ela se espreguiçou, mas recuou assim que percebeu que estavam tão próximos. Érica o encarou de maneira estranha e ruborizou. Os dois ficaram em um silêncio constrangedor até Rafael se sentar e oferecer água e comida.

Sentiu um volume no bolso e se lembrou do celular novo em folha que havia comprado. Puxou-o para saber as horas e descobriu que não mais funcionava. A descarga elétrica provavelmente o fritou. Sentiu fome e pelo sol na varanda percebeu que estavam já no meio da tarde.

Quando fez menção em levantar para preparar almoço, Érica tentou falar algo baixinho, então cobriu a boca envergonhada. Rafael fez um afago em sua cabeça

e a tranquilizou.

— Não se preocupe.

A garota fechou os olhos e deu um gemido, avançando contra Rafael e lhe dando um poderoso abraço. Sem entender muito bem, Rafael sorriu e retribuiu. Sentia sua respiração e seu corpo quente.

— Vai ficar tudo bem.

— Não estou chorando.

— Ah sim…

Os dois ficaram daquela maneira.

— Por que fez tudo isso? — ela perguntou. Sua voz estava abafada pelo abraço.

Rafael pensou em um milhão de respostas, nenhuma parecia correta para ele. Lembrou-se da conversa que teve com Hakutaku no final de tudo.

Érica foi relaxando e começou a soltá-lo. Não chorava, mas seus olhos estavam brilhantes e encontraram com os dele. Os dois rostos estavam a poucos centímetros um do outro e Rafael travou, sem reação, enquanto Érica o encarava daquela maneira. A menina começou a se aproximar mais e seus lábios quase se tocaram. Não havia hesitação ou pensamentos além daquele momento.

Foi nesse exato momento em que Cal entrou na sala e os dois deram um pulo. A garota ficou mais vermelha do que nunca e seus olhos não saíam do chão. A única vontade do mundano naquele momento era enterrar a cabeça de Cal nas profundezas da terra.

— Desculpe interromper vocês… — o demônio levantou as sobrancelhas. — Mas tenho muito que conversar com o dono da casa.

A garota se levantou como um raio, confusa como uma barata tonta. Agradeceu os dois e foi embora. Sem coragem para olhar para trás.

Rafael esfregou o rosto com irritação.

— Parece um patético adolescente, sabia?

— O que quer discutir?

O demônio se aproximou e colocou a mão no bolso do casaco, onde sempre guardava o maço de cigarro. Tateou, mas pareceu mudar de ideia. Coçou a

cabeça e então deu um soco na parede que atravessou o cômodo.

— Perdeu a noção, seu grande imbecil? — Sua aura escureceu o apartamento e seus olhos brilharam de raiva.

O mundano se encolheu.

— Uma coisa foi o caso do apóstolo negro, aquilo sim era um problema nosso, pois envolvia meu esconderijo. Outra, completamente diferente, é se meter nos assuntos que não lhe dizem respeito! Ainda mais arriscando a sua vida com ataques suicidas. — Cal tirou o cetro do outro bolso e jogou em seu peito. — Se tivesse acontecido com o mesmo imbecil que conheci há alguns meses antes do contrato, estaria empanado! Agradeça a ele, de alguma forma você aguentou uma carga dessas e não tem outra explicação para isso.

Rafael estava cansado daquilo, se levantou e apontou o dedo para o demônio.

— Pega leve, chifrudo! Não tô nem aí com o que você acha. Se quiser sair daqui, vá! — suspirou e tentou se acalmar. — O que quer de mim, afinal? Nosso contrato vai expirar em algumas semanas e pelo que entendi você pode procurar outro otário para fazer de anfitrião.

— Não vou arriscar mais minha liberdade. — Ele tateou novamente o bolso, mas lembrou que o cigarro tinha acabado. — E nem era isso que eu queria falar, droga!

Cal o fitou, em dúvida.

— Estava nas minhas memórias, não estava?

Pego de surpresa, Rafael cerrou os olhos, tentando saber do que o demônio falava. Aquela pergunta não fazia sentido.

— Do que está falando?

— Entrou na minha cabeça? — Cal bateu com dois dedos no próprio crânio.

Rafael desistiu de tentar entender aquilo e deu de ombros.

Cal saiu praguejando toda a sua árvore genealógica, e o rapaz pensou que estivesse livre de toda aquela inquisição.

Foi quando o demônio reapareceu na sala com um saco de terra que usava para as plantas do apartamento. Rasgou o saco e despejou seu conteúdo no carpete do quarto, fazendo Rafael arregalar os olhos.

— O que está fazendo?

— Cale a boca.

O demônio saiu novamente, pegou uma tigela de água, despejou sobre a terra e misturou um pouco de lama com as mãos. Moldou um pequeno cachorrinho tosco e fez o mesmo processo de quando estavam na praça. Mantis surgiu mais irritado ainda, parecia que aquele processo de invocação causava algum tipo de dor a ele.

Repentinamente estava Rafael, Cal e um cachorro negro dentro da sala.

— Cara, porque você não me procura das formas convencionais? — resmungou o cão enquanto coçava uma sujeira do pescoço com uma das patas traseiras.

— É o único que sabe da minha situação atual, não quero que nenhum outro da nossa laia nos veja por aí.

O cachorro abaixou o focinho e farejou o carpete.

— Estou com fome, me prometeu uma bisteca da última vez.

Os três foram até a cozinha e Rafael liberou o demônio do serviço em frente ao fogão. Precisava relaxar e cozinhar era uma das maneiras de conseguir isso.

Ainda sentia algumas dores, mas seu corpo parecia se recuperar rapidamente. Perguntou-se se também era por causa do contrato.

Imaginou o que aconteceria se alguém visse aquela cena: um cão sentado em cima de uma das cadeiras da cozinha, conversando com um cara mal-humorado enquanto esperava o almoço.

Rafael chegou com a panela cheia de picadinho de carne e distribuiu os pratos. O cão não precisava de talheres e enfiou o focinho na comida, espalhando tudo.

— Pelo visto está gostando — falou Rafael enquanto terminavam de comer.

— Vai comer isso aí? — perguntou o cão depois de ver que sobravam alguns restos no prato de Rafael. O mundano empurrou o prato para ele.

— Já teve notícias de algum mundano conseguir ler a mente de um demônio?

— Fala de telepatia ou algo do tipo? — Mantis parecia mais entretido no prato. — Já ouvi falar de alguns que desenvolvem depois de um contrato, mas é impossível que esse contato aconteça entre um mundano e um habitante da

Gehenna. Até me lembrei de uma piada muito boa envolvendo um pastor alemão e um mundano telepata…

— Se concentre na questão, Mantis.

— Como falei, é uma ideia absurda. Os caídos podem entrar na cabeça de mundanos, não o contrário...Nunca o contrário. É impossível, saca?

Cal se virou para Rafael.

— Como andam os sonhos?

— Normal, eu acho.

— Se lembra de algum?

— Não muito, não consigo dormir muito bem há algum tempo.

— Demorei para perceber, mas está acontecendo. Está entrando na minha cabeça quando dorme, principalmente quando acontece algo traumático.

— Não tenho certeza. — Lembrava-se em partes de alguns sonhos.

O mastim largou o prato e começou a coçar a orelha.

— A ressonância fica mais forte quando o contratante está em perigo, mas nunca ouvi falar nesse tipo de coisa — afirmou o cão. — Tem certeza que esse cara é mesmo um mundano comum?

Cal e Mantis se entreolharam e encararam Rafael. Logo depois explodiram em risadas.

— Essa ideia seria mais ridícula ainda — respondeu Cal.

— Com toda a certeza… — O cão pulou da cadeira e foi ao chão, farejar o ambiente. — De qualquer forma foi bom termos nos encontrado, iria te procurar cedo ou tarde para dar um aviso.

— Que aviso? — Cal estava surpreso.

— O Abismo está um verdadeiro caos desde que você se foi, como deve imaginar, mas as coisas estão ficando cada vez mais estranhas.

— Alguém tentou se rebelar de novo? Isso acontece quase todos os dias, me dê um descanso, Mantis.

— Pelo contrário! Aparentemente há uma calmaria esquisita por lá. Comecei a

investigar depois do caso do apóstolo e acabei esbarrando com algo pôr de baixo dos panos, algo realmente grande.

— Grande como a Guerra Herética? Isso é impossível nos dias de hoje.

— Não sei, cara! Caí fora quando soube que ia feder, antes que alguém descobrisse que estava xeretando por aí e mesmo assim preferi dar uma sumida. Um dos grandões estava por trás daquele apóstolo, uso pessoal dele.

— Qual deles? — Cal parecia mais soturno.

— O ganancioso.

— Cazzkharan… — disse o demônio para si mesmo. — Por que iria querer algo com vagantes comuns? Ainda mais criar uma zona crepuscular e engolir metade do bairro…

— Está sacando o lance?

— Acho que estou, obrigado por ir tão longe, te devo mais uma.

O cão fez um aceno com a cabeça.

— Apenas tome cuidado. Soube de uns boatos sobre algo que aconteceu ontem no bairro japonês. Assim fica cada vez mais difícil encobrir os seus rastros. Quanto mais poder você usar, mais sujeira vai deixar para os carniceiros farejarem.

— Sei disso, Mantis, sei disso.

— Fica na boa, cara.

O cão começou a secar e enrijecer, se esfarelando em seguida. Apenas um punhado de terra restou no chão da cozinha.

Cal se levantou, pensativo, se apoiou na geladeira e se perdeu em seus pensamentos. Rafael nunca o vira assim. O mundano não entendeu muita coisa do que haviam conversado, mas para deixar o demônio dessa maneira parecia um assunto sério.

— Já sabe como usar o cetro, não é? — disparou Cal, depois de parecer se decidir. — Leve-o com você para todo o canto, vá trabalhar com ele e volte direto para a casa.

— Do que está falando.

— Acho que vou precisar me ausentar por um tempo, preciso chegar ao fundo disso.

Cal o fitou.

— Tenha cuidado.

E se foi, deixando um pouco de fumaça para trás. Pela primeira vez poderia achar que o demônio se preocupava, mas seu “tenha cuidado” foi em um tom de “não faça mais nenhuma idiotice ou eu te mato”.

Em meio a esses pensamentos foi que percebeu a sujeira com terra deixada em sua casa e um inacreditável buraco na parede. Olhando pelo lado positivo, poderia ficar de olho na sala mesmo tirando um cochilo no quarto.


ו
ה
05
O Papa

CAPÍTULO XIV
ONDE HÁ A VOLTA DA PRECIOSA VIDINHA DE RAFAEL

E, como um passe de mágica, sua vida se tornou como a de qualquer ser humano comum. A rotina diária consistia em acordar, tomar café, pegar um ônibus para o trabalho, passar metade do dia e voltar para casa quando tivesse a chance. Nada de encontro com monstros sobrenaturais, feitiçarias ou qualquer coisa estranha. Nem mesmo Isabela surgia para assustá-lo ou perturbar seu juízo.

Érica tinha voltado para o escritório e foi recebida com muita comemoração. Teve de inventar mentiras cabeludas para explicar seu desaparecimento, envolvendo sequestros relâmpagos e um resgate heroico de um anônimo. Todos, é claro, ficaram chocados com aquela versão.

— E como era esse homem? — perguntava um dos funcionários para ela, em meio a uma roda de fofoca na copa.

A menina pensou, provavelmente inventando o tipo de pessoa que poderia ser, apesar de parecer que depois de tanto estresse era difícil lembrar.

— Ele era alto, tinha o cabelo preto e era forte.

Foi o melhor que conseguiu inventar?, pensou Rafael nervosamente, enquanto escondia o rosto em sua garrafa térmica. Era o tipo de descrição genérica que poderia se encaixar em qualquer um.

Enquanto contava, Érica dava olhadas rápidas e discretas para Rafael, ficando vermelha cada vez mais.

— Uau! Que incrível, queria eu ser salva por alguém assim — disse uma das pessoas ali presentes.

Érica ruborizava um pouco mais a cada comentário.

Rafael teve de sair da copa às pressas, antes que cuspisse sem querer a água que bebia em todos os seus colegas em um acesso de nervosismo.

Uma concordância velada foi trocada quando os dois se reencontraram pela

primeira vez: com apenas olhares decidiram fingir que nada aconteceu. Seria melhor assim, pensou Rafael.

Entrou no almoxarifado antes de voltar para a mesa, mas Cal ainda não tinha aparecido, apesar de nenhum dos funcionários ali perceber sua ausência.

Finalmente havia terminado todos os seus afazeres. Aproveitando essa morosidade do trabalho, fez o depósito para Beni e começou a pesquisar na internet sobre do que os demônios falavam na cozinha antes de Cal desaparecer. Poderia achar uma pista ou pelo menos se preparar caso algo acontecesse. Nenhum termo sobre a tal Guerra Herética surgiu, em compensação o que tinha de resultados para “Gehenna”, “Abismo” e “O ganancioso” não era pouco. Mas cada site ou blog alegava coisas completamente diferentes uns dos outros.

Foi quando se lembrou da igreja.

Havia se esquecido de pedir a Cal para ajudar com aquilo. Deveria existir algum tipo de exorcismo para salvar todas aquelas almas presas.

Pesquisou durante algum tempo até achar as primeiras referências.

“A Igreja da Ordem Terceira, uma das mais antigas da cidade, realizava procissões que atraíam centenas de pessoas, principalmente na Páscoa. A construção data de 1708. Hoje se encontra abandonada e nenhuma missa é realizada no local.”

“Com a morte do padre Ivo, a Igreja da Ordem Terceira teve suas atividades encerradas após quase dois séculos de funcionamento.”

Rafael pesquisou o nome do padre, mas nada fora do comum surgiu. Nenhum ponto fora da curva até aquele momento. Decidiu por pesquisar pela data de fechamento da igreja.

Em meio a notícias sobre política, futebol e violência, acabou por encontrar as notícias regionais da cidade. Onde algo chamou sua atenção.

“14 de junho de 1962, presos suspeitos por desaparecimentos.

Dois homens suspeitos de assassinato e ocultação de cadáveres estão sob custódia após se entregarem. Eles alegam terem sido os responsáveis e que a motivação para os crimes foi ‘para acalmar a soberba dos homens’. A população está indignada e muitos relatos surgem da região acusando os dois homens como praticantes de magia negra. Indícios de um ritual foram encontrados nas

cercanias de suas casas, atrás da igreja local, mas nenhum deles consegue afirmar onde estão os corpos das vítimas.”

— Onde está o Cal? — perguntou Gabrielle ao bater na madeira de sua baia, fazendo-o tomar um baita susto.

— Não sei — respondeu de imediato. Pensava que o demônio tinha algum truque para ocultar sua ausência, mas pelo visto não funcionava para sempre. Felizmente achou que nas duas últimas semana do ano ninguém se importaria com um simples estagiário.

— Não sabe?

— Na verdade ele pediu um adianto de férias, sim… Ele foi visitar a mãe em outro estado.

— Entendo. Você parece se dar bem com ele.

— Eu? Bem? Com ele? — Rafael riu. — Que nada, por que acha isso?

— Vejo você entrando e saindo do almoxarifado várias vezes, e quase ninguém faz isso.

— Uso muito material de lá, eu acho.

A garota sorriu e se afastou. Se Cal não voltasse logo, ficaria cada vez mais difícil explicar seu desaparecimento. Sem falar que era a última semana do terceiro mês. GG provavelmente cumpriria a promessa de decidir se os dois haviam trabalhado bem juntos ou se estariam na rua a partir do ano que vem.

Decidiu clarear a cabeça e deixar de se preocupar. Seja lá o que fosse acontecer, não estava mais em sua alçada.

Fechou suas pesquisas e dedicou o pouco do tempo que ainda restava para planejar os trabalhos dessa última semana.

À noite, foi surpreendido com a volta inesperada de Ariane. A vida pessoal da garota era um completo mistério para ele, sempre viajando e sempre ocupada. Era raro ter o prazer de sua visita.

Ela acenou com o mesmo sorriso afável de sempre e deu um abraço no rapaz após ter aberto a porta. Dizia trazer algumas notícias, já que se comprometera a desfazer o estigma feito em seu corpo, por mais que Rafael achasse que era pedir demais para alguém com tantos afazeres.

Usava um vestido bege e um cardigã azul que combinava com o cinzento de seus olhos. Estava com o cabelo solto e usava óculos tartaruga, algo que nunca a tinha visto usar. Também carregava consigo uma bolsa grande e de aparência pesada.

— Tive de pesquisar bastante, mas a maioria dos livros que falavam sobre a marca da besta não possui nenhuma pista.

— Não encontrou nada pela internet?

A garota disparou um olhar impaciente para ele.

— Tire a camisa. — Rafael obedeceu.

— Por que precisou viajar para consultar esses livros? Não queria te atrapalhar.

— Não me atrapalha — disse ela. — Onde acha que posso encontrar esse tipo de material? Não é na biblioteca da cidade, certamente que não. E quem os tem não empresta tão facilmente.

— Não dava pra tirar uma cópia?

Ariane tocou a marca, que ainda tinha aparência de ter sido recentemente queimada. Rafael gemeu.

— Estamos falando de livros antigos, muitos estão se desfazendo e até a simples leitura pode causar danos. O mais novinho que consultei foi do início do século 18 e já está em frangalhos. Sem falar que os colecionadores e demonologistas que visitei não têm muito apreço por cópias, principalmente por causa da banalização da informação na era digital.

— Não sabia que ia dar tanto trabalho.

— Já disse que não deu. — Ela abriu a bolsa e tirou alguns recipientes de dentro, colocando-os em cima da mesa de centro. — Fiz a pesquisa graças a uns amigos. A vida de um exorcista é na maioria das vezes captando informações sobre o mal e como combatê-lo. Raramente temos a oportunidade de colocar tudo em prática, mas é sempre bom estar preparado.

— Então é por isso que viaja tanto?

Ariane o fitou com um sorriso torto.

— A curiosidade não mata apenas gatos, garotão.

— Só fico curioso. Não sei por que você faz tanto mistério. Isabela nem sabe de

nada e Cal nem se esforça para me dizer as coisas. Pareço um cego no meio de um filme de bangue-bangue.

Depois de misturar duas substâncias diferentes, a garota as esfregou entre os dedos e formou uma pasta esverdeada. Rafael pensou que fosse doer, mas não sentiu nada quando Ariane o esfregou contra o estigma.

— Não pense que é por egoísmo… É só que eu realmente não posso falar muito abertamente. Como acha que consigo bancar todas as minhas despesas e viagens?

Rafael pensou.

— Tem família rica?

— Não vejo minha família há muito tempo, e é melhor assim, antes que pergunte.

— E então?

— Eu trabalho para um grupo, Rafael. Desde o começo dos tempos os seres humanos lutam contra todo o tipo de influência negativa, é mais que natural que eles se organizem para isso.

— Quer dizer que tem uma organização que banca agentes secretos que lutam contra o mal?

— Não deboche do que não sabe.

Ariane pegou de dentro da bolsa um pingente composto por um cristal em forma de prisma amarrado em um barbante. Era bonito, mas nada comparado a tal Innocentia. Segurou o cordão e deixou o cristal balançar de um lado a outro como um pêndulo. Aos poucos ele começava a virar mais para a direção do estigma, como se o centro de gravidade agora fosse a marca. Ficou assim até ficar completamente apontado para ele, flutuando de maneira sobrenatural.

— Há uma força muito grande sobre ele. Não sei se vou conseguir mudar essa situação.

Colocou o pingente sobre a mesa. Tirou os óculos e esfregou os olhos cansados. Rafael percebeu que ela estava com olheiras profundas.

— Acho que você precisa descansar.

— Só mais um pouco. — Ela recolocou os óculos, mas, quando foi pegar o

pingente, ele estava grudado no vaso da mesinha de centro.

Com uma expressão de espanto, ela puxou o cordão e viu o prisma se movendo lentamente até o vaso.

— Onde conseguiu esse vaso?

— Era da minha mãe, não lembro.

— Ele também está com alguma influência, mas ao que parece não é negativa.

Rafael ficou nervoso.

— Calma aí, o que quer dizer com isso? — ele apontou. — Tem algum poltergeist dentro dessa coisa?

— Deixa de ser bobo, não é nada ruim, tenha certeza. É interessante, aliás, pode ser algum tipo de objeto protetor.

— Tipo um talismã, ou algo assim?

— Podemos dizer que sim.

Ariane começou a guardar todos os seus pertences e colocá-los novamente dentro da bolsa e pediu para que colocasse a camisa de volta.

— Sobre essa marca, não vou poder fazer muita coisa, mas tem uma história em que esbarrei há algum tempo e que pode ser útil de alguma forma.

Segundo ela, o conto fazia parte de um livro cheios de supostos relatos obscuros, escrito no renascimento por um ocultista famoso que era conselheiro da rainha Elizabeth I.

Segundo a história, havia um padre que sempre desfazia as artes negras de uma rival que morava no mesmo vilarejo. Um dia, cansada de ser feita de boba, a bruxa pediu ajuda direta à entidade que ela servia. O demônio, irritado, tocou todos os carneirinhos do pastor e os condenou a uma vida de infortúnios.

O padre rezou durante uma semana inteira, fazendo diversos votos e penitências para alcançar a ajuda superior. Depois de quase morrer de fome, foi agraciado no sétimo dia por um anjo enviado pelo Senhor. Que o contou a forma como poderia enganar o demônio avarento.

No dia seguinte o sacerdote começou seu trabalho de purificação do vilarejo como uma forma de atrair o embate. Na mesma noite o demônio apareceu,

caindo na armadilha.

A atitude perigosa e pouco ortodoxa do padre divertiu o demônio, que ria de sua miséria. Prometeu que, se o seguisse, poderia ter fama e fortuna, em troca de todos os fiéis do vilarejo.

Obstinado, o padre ofereceu um acordo diferente para o demônio, que pareceu surpreso. Prometeu que poderia subjugar sua alma se deixasse a de todos os outros livres. O Avarento achou a alma daquele servo fiel muito mais valiosa do que a de todos os outros e aceitou o acordo.

— Que final triste.

— Mas foi assim que a história contou e acabou sendo banida com o resto do livro. Se é verdade ou não, nunca saberemos. Mas é certo que é uma alegoria para o ato do sagrado ofício, ou sacrifício. Pode ser uma pista, ou não.

Ariane se foi, deixando Rafael com seus pensamentos e um ligeiro desconforto no estigma.

A história do padre o fez lembrar suas pesquisas sobre a igreja em que fora preso. Havia séculos de diferença, além dos quilômetros, mesmo assim, de alguma forma, achava que havia alguma ligação.

Cal precisava voltar logo, algo o incomodava, como se o minerador em sua cabeça abrisse o guarda-chuva à espera de uma tempestade.

Os dias se foram e Rafael estava de frente aos feriados festivos e as férias coletivas. Os funcionários estavam se juntando para uma grande comemoração em um dos estabelecimentos locais.

Esperava ter alguma conversa com seu chefe a semana toda, mas a mensagem tardia só chegou nas últimas horas. Se GG descobrisse que fazia dias que Cal estava ausente, os dois estariam encrencados.

O homem estava com as malas prontas, preparado para passar férias no Caribe ou algo assim. Havia acabado de cortar sua cabeleira prateada e vestia um terno novo azul-marinho, falava ao telefone com o que parecia ser algum amigo. Com um gesto, fez com que esperasse na cadeira à frente de sua mesa.

Após terminar a ligação, o homem começou a digitar algo no computador.

— Já disse como odeio a internet?

— Mas ela vende tanto quanto as lojas — justificou Rafael.

— Exatamente.

Os dois ficaram em silêncio e apenas o som de digitação permaneceu. O homem soltou um palavrão aliviado, deu um sorriso orgulhoso do tipo: “Te venci, máquina estúpida”.

— Minha secretária se esqueceu de comprar as passagens, tive de fazer isso agora — explicou. — Está com sede?

Rafael balançou a cabeça negativamente.

GG abriu um pequeno armário ao lado da mesa e retirou uma garrafa de uísque bem ornamentada.

— Não vai dispensar esse, Royal Salute 63, a garrafa custa 6 meses do seu salário.

— Então não vai querer gastar comigo, não sou muito fã de destilados.

Ignorando seus comentários, o homem pegou dois copos largos e completou um terço de cada um com a bebida. Empurrou com os dedos um deles para Rafael.

O rapaz não ousou recusar e os dois beberam, seu chefe com uma grande golada e Rafael apenas provando. O líquido desceu pela sua garganta ardendo como as correntes do apóstolo negro. Rafael teve de ter muito autocontrole para não tossir.

GG estalou os lábios e fez uma cara de satisfação.

— Você mudou bastante desde a nossa última conversa — começou ele.

— Como assim?

O homem esvaziou o copo e voltou a colocar mais, enchendo agora até metade.

— Hoje você parece mais confiante no trabalho, apesar de não se misturar muito, ouvi coisas positivas.

— Estou apenas focando no serviço nesses últimos tempos.

— Sei... Estava assim há uns anos até meu médico me mandar relaxar, aquele insuportável. Comecei ioga por causa dele e da minha mulher.

— Parece interessante.

— Uma droga, fique longe dessa coisa se puder. — O homem gesticulava com o copo na mão e apontou para ele. — Mas se divertir é importante para alguém da sua idade, ou vai acabar ficando ranzinza como eu.

GG deu uma gargalhada, nunca o viu de tão bom humor. Rafael achou que aquele não era apenas o segundo copo do dia. Mas não o culpou por isso, escutou que sua esposa tinha falecido há pouco tempo.

— O senhor tem filhos?

O homem foi pego de surpresa com aquela pergunta. O mundano achou que tinha passado dos limites.

— Nenhum.

Beco sem saída, não soube mais como continuar a conversa.

— Está se dando bem com o garoto? — seu chefe mudou de assunto e Rafael demorou a entender que falava de Cal.

— Ah, sim! Superbem, acho que até nos tornamos amigos. Estou inclusive ajudando-o com algumas coisas fora do escritório. Ele é uma boa pessoa.

— Mentiroso! — GG bateu o copo na mesa.

E a espinha de Rafael gelou. Até o homem rir novamente e fazer um gesto com a mão livre. Era uma piada.

— Fique tranquilo, você continua aqui por mais um tempo.

Rafael deu uma pequena respirada aliviada, o suficiente para que seu chefe não percebesse.

— Acho que é só filho, quero que se dê bem por aqui.

— Obrigado, GG.

Rafael se levantou e saiu da sala, fechando a porta atrás dele. Aquela tinha sido uma experiência assustadora, de diversas maneiras.


D
14
A Temperança

CAPÍTULO XV
ONDE HÁ UMA SOCIEDADE

Mesmo antigos e pouco conservados, os edifícios ainda guardavam certo glamour de outrora. Poucos ali eram utilizados como moradias. Apartamentos grandes demais, caros demais. Alguns já pertenceram a abastadas e tradicionais famílias, mas deram lugar a modernos escritórios controlados por figurões de terno e gravata.

Aquela região tinha história. Muito mais do que Rafael se atrevia a imaginar. Prostíbulos, casas de jogos, teatros e cinemas clássicos. Não importava mais, aqueles ciclopes de concreto e aço pareciam julgá-lo por estar saindo tão tarde de casa, com tão pouca segurança. O glamour aos poucos foi dando lugar a um mosaico opressor.

As ruas pareciam ainda mais degradadas durante à noite. Pó e papel dançavam de um lado a outro sem muita plateia, cheiro de urina a cada esquina e moradores de rua se escondendo do frio da madrugada sombria, se amontoando em estruturas de papelão e cobertores finos.

Foi como havia sido combinado. Certa noite, um envelope foi passado por debaixo da porta com as instruções da garota. O motivo pelo qual ela não conversou com ele pessoalmente era um mistério. Procurou-a no dia seguinte ao de quando encontrou o envelope embaixo da porta, mas não havia sinal dela no apartamento vizinho ao seu.

Poderia ser uma armadilha? Descartou a hipótese, duvidou que demônios trabalhassem com correspondência. O conteúdo do envelope era composto apenas de uma folha amarelada, escrita à mão, aparentemente pela própria Ariane.

“Venha me encontrar depois da décima badalada”. Dizia, com as instruções do local e a imagem de algo que parecia ser a cabeça de uma garça.

Percebeu alguns seres que se esgueiravam a todo momento em seus calcanhares, mas não conseguia saber o que eram, nenhum parecia corajoso o suficiente para se aproximar. Conseguia sentir debilmente a aura deles e imaginou que também

sentiam a marca que rasgava a pele de Rafael. Enxergava apenas sombras, algumas rastejantes, outras de pé, de olhos brilhantes e avermelhados como animais no escuro da mata. A marca devia exalar um delicioso aroma, já que se amontoavam como abutres com fome de podridão.

A dor que sentia do ferimento era fraca, diferente de quando sentia os demônios de carne e osso. Eles pareciam ser algo menor, carniçais que nem ao menos tinham força para atravessar o plano físico.

Muitos deles acompanhavam pessoas e até pareciam com elas, mas tinha certeza de que não eram enxergados por humanos comuns. Parte deles habitava o alto de árvores, outros sentavam-se com os moradores de rua como iguais, ou se grudavam em transeuntes que passavam por ali e permaneciam colados por alguns momentos, outros pelo tempo suficiente para desaparecerem na noite com os mundanos com quem pegavam carona. Parecia com o dia do jogo de cartas.

Usuários de drogas eram comuns na região. Pareciam ser os preferidos desses espectros, pois muitos se amontoavam sem serem percebidos, curtindo aquela atmosfera insalubre, sugando os últimos fios de vida que em breve se findariam.

Sabia de seu destino. Uma rua quase deserta e pouco iluminada, onde uma travessa se abriria entre um hotel e um prédio abandonado. Passou por aquele lugar sua vida toda e nunca percebeu aquela passagem que mais parecia a garganta sombria de um monstro de pedra. Encontrar alguém tão doce quanto Ariane ali era no mínimo estranho.

Se não confiasse muito nela, diria que seria total loucura sair àquele horário sem o demônio para protegê-lo. Cal ainda continuava sumido.

Havia se afastado o suficiente para não encontrar nenhuma viva alma. Rafael mordeu o lábio, olhou para os dois lados. Nenhum sinal de Ariane. Queria saber mais sobre a garota, mas a cada momento achava que tinha se metido em uma roubada.

Foi num quase surto de ansiedade que percebeu que aqueles espectros também sumiram. Não era mais seguido por ninguém e sua marca havia deixado de doer.

Rafael experimentou aquela sensação de tranquilidade até perceber que definitivamente havia, sim, algo ali. Algo diferente.

Estava se acostumando desde que assinou aquele maldito contrato a sentir certas estranhezas ao redor. Começava como uma leve fisgada na boca do estômago, às

vezes como um arrepio na espinha ou uma leve dor de cabeça. De início, nem notava. Repentinamente esses mal-estares se desenvolveram para algum sentido que Rafael nunca teve, ou nunca conseguiu desenvolver. Podia sentir quando uma pessoa se aproximava, ou quando um vagante estava prestes a surgir. Em pouco tempo, já conseguia acertar com certa frequência o que essas sensações poderiam querer dizer sobre alguém, parte de suas emoções e às vezes diferir verdades de mentiras.

Essas estranhezas eram sutis, como a brisa gélida ao abrir a geladeira, ou aquela coçadinha no ouvido ao subir em um elevador rápido. Às vezes vinham como ondas fracas, marolas à beira de uma praia, raras vezes como se caísse na água gelada. Nunca enxergava nada como Cal dizia conseguir fazer.

Auras demoníacas eram diferentes da de mundanos, como água e óleo. Demônios passavam uma sensação de terror, desespero e vulnerabilidade. Eram mais pesadas e geralmente deixavam Rafael sem ar. Como se seu coração fosse apertado por mãos invisíveis. Tão forte que, mesmo antes do contrato, podia sentir que algo errado estava acontecendo.

Mas aquela sensação era ainda mais alienígena. Teve o impulso da curiosidade, como uma criança experimentando um mundo novo. Aproximou-se do que seria a fonte daquela estranheza. A boca da travessa.

Não queria admitir, mas Rafael realmente queria saber um pouco mais daquilo.

Aproximou-se como um gato escaldado. Sentiu paz, conforto e serenidade. Tudo bem diferente do que havia sentido até ali por aquelas ruas. Não era uma aura produzida por demônios, nem por youkais, nem vagantes. Era... outra coisa.

Parecia algo engendrado, um mecanismo complexo, um castelo de cartas pronto para cair a qualquer momento.

Aquilo era uma armadilha.

Rafael se desequilibrou e quase se jogou ao chão. Seria uma péssima ideia, já que não achava que a poça ao seu lado era composta de água.

Não existia nada ali se não uma passagem de paralelepípedos que dava para uma penumbra sepulcral sem fim. Mas, por dentro, o mundano sentia seu instinto gritar por socorro.

A suposta armadilha não disparou.

Respirou fundo e se concentrou, queria ter certeza onde estava se metendo. Sentiu um fluxo grande de energia passando por ele. Qualquer coisa que aquela aura sintética estivesse procurando, não era ele.

Não sabia como, mas algo dizia que a arapuca era feita por humanos. Era um alerta, para qualquer entidade que não fosse mundana.

Rafael achou o primeiro oásis construído por homens. Sua origem até então era uma charada.

Seria magia? Mas era definitivamente diferente do que vira, ou achava que vira, com Madame Collete.

Aprofundou-se mais na escuridão, tocando a parede irregular de pedra como se tentasse entender. Por um segundo não estava mais na cidade em que sempre viveu. Estava em muitos tempos diferentes, compartilhando fragmentos de conhecimentos perdidos. Rafael achou seu monólito.

A mente parecia ficar nebulosa, como se sua percepção fosse areia escapando por entre seus dedos. Uma proteção do lugar. A todo momento era como se o mundano lembrasse que poderia ter “um compromisso inadiável” e que precisava sair logo dali, mas algo permitia que ele avançasse. Com discernimento, passou pela barreira do desfoque. Lembrou-se do almoxarifado quase mágico criado por Cal, onde funcionários que passavam muito tempo no escritório esqueciam com certa frequência o que faziam ali.

Olhou para o convite com o desenho da ave, aquele papel poderia trabalhar como uma chave que permitia achar aquele lugar. Talvez desse meia-volta sem lembrar do que fazia ali sem ele.

Viu um ponto amarelado cintilar na escuridão. Depois de atravessar o arco da travessa, se aproximou e enxergou uma pequena chama tremulante em um poste que parecia vir de séculos atrás. Ignorou o anacronismo depois de perceber a sombra de um homem que se aproximava, fazendo o caminho oposto de Rafael. Estava com a cabeleira loira presa em um coque e segurava seu sobretudo em uma das mãos. Com olhos cansados, Tábris parecia ter envelhecido cinco longos anos. Bem diferente do bem-humorado amigo de Cal que conheceu no jogo de pôquer.

Rafael o observou, achou que fosse uma miragem pronta a se esvaecer na sua frente.

— Achei que eram inseparáveis. — O homenzarrão não desapareceu, apenas riu com simpatia. — Vamos.

— Você conhece Ariane? — inquiriu surpreso.

Tábris deu as costas e com um gesto pediu para que Rafael o acompanhasse. Avançaram sem qualquer sinal de que aquela passagem teria fim. Decidiu deixar sua lógica pra lá e apenas acompanhar o sujeito.

— Por vezes frequentamos os mesmos estabelecimentos, não posso dizer que sou amigo de longa data. Diferentemente do Cal.

— Você sabe que ele…

— Sim — respondeu sem pestanejar e logo emendou a pergunta. — Onde ele está?

— Não sei.

O homem deslizou a cabeça para Rafael e fez uma expressão de “deixe estar”.

— Cal sempre foi assim. Às vezes some por meses e repentinamente volta à mesa para jogar com a gente. Acho que ele gosta de tomar um tempo pra si.

Fizeram curvas, subiram ladeiras, para depois descer novamente. O céu continuava lá em cima e o chão de paralelepípedo abaixo de seus pés, mas perdeu qualquer orientação naquele lugar sem sentido.

— Como assim “um tempo”? — O tom de Rafael era de deboche.

— Poderia citar Shakespeare agora, mas a frase soaria clichê. De qualquer forma… — O homem finalmente parou. — Chegamos.

Mesmo com a travessa ainda continuando sem fim, uma porta retangular surgiu como se brotasse da pedra. Era atarracada, formada por várias tábuas de madeira carcomidas pelo tempo. As frestas revelavam luz do outro lado. Um entalhe quase imperceptível na altura do olho do mundano dizia “Deixe seu conhecimento, saia com três vezes mais. Entre pequeno, saia três vezes grande”. Acima das palavras, surgia um ser com corpo de homem e cabeça de pássaro. Reconheceu o desenho como sendo muito parecido com o que estava na carta de Ariane. Era um deus egípcio que Rafael não lembrava o nome, só sabia que não era garça, mas um pássaro íbis.

Tábris forçou a maçaneta e abriu a porta sem muita dificuldade. Abaixaram a

cabeça para poder passar, como a abertura não parecia ter sido alinhada à porta. Um degrau de quase um metro aguardava os incautos. O que parecia uma câmara de leitura se revelou, com paredes porosas cor creme e um carpete puído. Duas poltronas estavam alinhadas com uma imensa estante de livros, que dividia o espaço da saleta. O homem pediu para que se acomodasse.

— Vou avisar pro cliente que a “encomenda” chegou. Relaxe um pouco. — Ele desapareceu entre as estantes.

Após sentar, viu que a parede por onde entrou estava coberta de gravuras, diferentemente do restante da sala. Passou os minutos de espera observando a complexidade daquilo, até perceber que pareciam contar uma história. Tentou identificar um ponto de início e viajou com os olhos pela narrativa das imagens.

Vários homens se reuniam em volta de uma fogueira, vestiam pouca ou nenhuma roupa e pareciam conversar entre si. Então, o sol surgiu e ele possuía um único olho. Com surpresa, os homens se ajoelharam perante o astro ciclópico. Do que pareciam ser raios, vinham plantas — que Rafael imaginou serem colheitas — e animais diversos. A pintura chegava ao seu centro, com o imenso sol em profundo esplendor e em volta dele várias colheitas e animais. — Muito tempo se passou?, perguntou para si. Os homens se reuniram novamente e pareciam possuir insatisfação em seus rostos. Ergueram-se uns nos outros, até formar uma grande pirâmide humana, alcançando assim o astro-rei e roubando seu único olho. Mas ninguém conseguia segurar a orbe flamejante, pois queimava a mão de todos. Então o olho foi deixado lá, em volta de uma flor que Rafael nunca tinha visto. O sol se foi pela primeira e última vez e a escuridão reinou. Os homens se esconderam em cavernas amedrontados, mas quando perceberam um íbis surgiu do lado de fora e engoliu o olho do sol. Os homens foram atrás, mesmo temendo a escuridão, e o pássaro fugiu. Perseguiram a ave até perceberem que não poderiam mais voltar, pois tinham medo do breu total e o único ponto de luz era a barriga do pássaro. Estavam condenados à perseguição eterna. O pássaro parou de voar — essa parte estava confusa e Rafael não soube o que significaria —, falou com os homens e então foi para longe, na mesma direção em que o sol brotou, para começar um ciclo eterno de dia e noite.

Antes que pudesse terminar a leitura, sentiu um toque em seu ombro. Era Ariane. Estava descabelada e visivelmente abatida. Rafael se levantou e recebeu um abraço caloroso.

— Obrigada por ter vindo.

Os dois ficaram ali por um momento, mas antes do que gostaria a garota o liberou.

— Achou que eu não estaria aqui, não é? — indagou Rafael.

— Pelo contrário, você se mataria de curiosidade. — Ela se afastou e abriu os braços. — Aqui estamos, onde sua misteriosa vizinha passa dias enfurnada.

— É um pouco diferente do que achei que fosse.

Ela sorriu.

— Então finalmente o cosmopolita desceu de seu pedestal de marfim? — debochou.

— Rárá! Muito engraçada, garota dos muitos mistérios. — Rafael olhou novamente para o mural. — O que é isso?

— A Sociedade de Tot. Um mito antigo, que conta um pouco da história de uma sociedade perdida anterior ao que conhecemos como antigo Egito, bem antes da unificação.

— Nunca ouvi falar sobre isso.

— Certos mitos nunca foram muito populares no mundo profano.

Ela pediu que a seguisse. Atravessaram a passagem entre estantes, a mesma por onde Tábris tinha sumido e por onde ela provavelmente havia chegado, para revelar um labirinto de livros. Não tinha mais dúvidas, era uma biblioteca. As estantes eram de materiais diferentes, de tamanhos irregulares e dispostas de maneira confusa. Às vezes os corredores com livros e tomos eram tão estreitos que causariam arrepios nos claustrofóbicos. Não parecia ter uma viva alma até chegarem ao que parecia ser o centro do lugar.

Aquilo pegou Rafael de surpresa.

Seu teto estava muito longe de seu toque, com uma abóbada hemisférica. Tentou se lembrar de prédios com cúpulas naquela região, mas não veio nenhum à cabeça. As paredes imensas dividiam espaço com rotundas colunas amareladas que seguravam as estruturas. O chão era um mosaico de arabesco de cores terrosas, que formava um concêntrico desenho de complexa elaboração. De cima de um pedestal, uma estátua imensa chegava até metade da altura do lugar, era

escura, de um corpo masculino e cabeça de íbis. Segurava no braço esquerdo diversos rolos de papiros e na direita um cetro em riste.

Dezenas de outros corredores formados por estantes se abriam em todas as direções, formando uma estrutura aberta que circulava a estátua. Algumas pessoas atravessavam o centro, indo de uma passagem a outra, parecendo muito ocupadas e apressadas. Alguns vestiam ternos, outros robes coloridos. Nem sequer prestavam atenção nos dois.

Ariane circundou a estátua e entrou em uma das passagens. O mundano não desejava se perder por ali e foi atrás. Chegaram depois de muitas estantes cobertas de publicações e registros a um espaço aberto com mesas alongadas feitas de pedra, grande parte das pessoas ali lia enormes livros. A garota não parou, e depois de mais alguns passos chegaram a uma parede com diversas portas.

— É aqui onde geralmente fico a maior parte do tempo. São espaços reservados que podem ser alugados para quem quiser pesquisar em paz, ou algum conteúdo que não queira partilhar.

— É muito caro?

— Tenho algo combinado com um dos donos.

— E o que exatamente é essa biblioteca? — perguntou enquanto atravessavam o umbral. Era tão minúsculo quanto achou que fosse. Uma sala quase vazia, com uma estante lateral e uma mesa com tamanho suficiente para quatro pessoas poderem usá-la com certo conforto.

— Essa é a Sociedade de Tot. Uma comunidade secreta que trabalha fazendo registros diversos sobre diversas coisas.

— “Coisas”?

— É o máximo que posso falar ou corro o risco de perder minha vaga.

— E o que faz aqui exatamente?

— Confidencial — Ela sorriu. — Mas não para você.

E foi aí que Rafael se viu, como temia, perdido. Parecia que tinha pego o acesso a algum lugar diferente. Não havia mais estantes de livros, apenas a pedra fria, isenta de julgamentos em corredores diversos, com portas diversas, curvas intermináveis e um silêncio que o acompanhava de maneira insistente. Vez ou

outra produzia sons de batida com o tênis, para ter certeza que não estaria ficando louco.

Foi depois de mais de 5 minutos tentando achar o caminho de volta que escutou a primeira vez.

“Sois vós.”

Virou para trás. O gemido arrepiante não parecia ter vindo de lugar nenhum. Continuou sua jornada até a saída, apenas para começar a escutar novamente.

“Sois vós, que buscais salvação?”

Um arrepio, suor gelado. Deveria ignorar, ou aquilo poderia ajudá-lo? Perguntou a si mesmo, mas sua intuição ordenava que deixasse aquele lugar o mais rápido possível.

Mas não estava mais em sã consciência. Era atraído para aquilo como uma mosca para a luz.

Estava de cara para uma porta escura. Negra como a noite. Uma chapa de sombra que de tão rente à pedra parecia estar esculpida nela. A passagem se abriu com um único toque, e sem barulho a porta negra revelou o interior de uma sala penumbrosa, que fedia a umidade e mofo.

“Encontraste tal desejada salvação, Rafael.”

— Como você sabe o meu nome?

“Sei o nome de muitos, mesmo não possuindo um meu.”

Desejou perguntar se era um demônio que falava com ele.

“Não.” Sussurrou. Pausa. E então veio uma luz. A mente de Rafael parecia ter sido invadida, imagens diversas, desconexas, túneis de luzes intermináveis e ressoantes gritos ecoavam em sua caixa craniana. Repentinamente, a imagem que o mundano nem mais lembrava ter vivenciado surgiu por um microssegundo. Pôde sentir tudo de novo, a grama pinicando suas pernas, o vento batendo em seu rosto, a presença de sua mãe. Não sabia ler ainda, apenas via com interesse as figuras da enciclopédia antiga. Levantou-se sem cuidado e quase tropeçou nas próprias pernas. Mal tinha dominado ainda o andar ereto, se aproximou da progenitora e apontou para aquela figura que lhe era estranha no livro.

Era uma pessoa no desenho, nem homem, nem mulher, mas possuía asas nas costas, como os pássaros, e podia voar.

— Quê isso, mamãe?

Estava novamente na sala escura e a memória afetiva se foi, nem sequer percebeu que quem quer que estivesse vasculhando sua consciência procurou a resposta mais próxima que a mente mundana poderia conceber.

“Sou um anjo.”

Antes que a vontade de Rafael se perdesse para a eternidade, algo o manteve bem ali. Uma mão em seu ombro o ancorou no que conhecia por realidade.

— Se perdeu?

Era Tábris.

Rafael com olhos arregalados e marejados se virou para o homem e então se voltou novamente para frente. Estava sentado, apesar de não se lembrar de ter ficado nessa posição, de frente para um antigo baú de vidro. Dentro dele, uma máscara distorcida. Amarelada, quebrada em diversos pontos, com olhos vazios e uma joia encrustada em sua testa.

— Sei que é novo por aqui, mas não pode ficar bisbilhotando tudo ao seu bel prazer. Muito menos além da Porta Preta.

A cor voltava novamente para o rosto do mundano enquanto andava com Tábris pelos corredores de volta às salas reservadas. Carregava uma garrafa cheia de água, a pedido de Ariane, mas se soubesse que daria essa confusão nem sequer se ofereceria.

Pouco antes de chegarem à estátua central, o homem o puxou para uma passagem quase escondida onde eram colocados materiais de limpeza.

— Um segundo — cochichou.

Escutaram uma tempestade em forma de gente do outro lado, pelo corredor em que passavam.

Era engraçado ver o homenzarrão de barba dourada se escondendo como um menino que matava aula.

— Não gosto de muita gente daqui, em especial de certo senhor pé-no-saco. Mas estar nesse lugar faz parte do meu trabalho.

— Não vou perguntar, já que nem Ariane me fala muita coisa.

— E nem deve. Particularmente eu não tenho rabo preso com ninguém aqui, então posso responder alguma dúvida sua. É claro que me manterei no direito de não responder. Tem coisas que os mundanos não precisam se meter, e nem deveriam.

— Só demônios tratam pessoas como “mundanos”. O que é você afinal?

Tábris o encarou com um sorriso malandro no rosto.

— Esse tipo de pergunta, por exemplo, não vou responder.

— Tá, tudo bem, você é um cara discreto e gosta disso. Pelo que entendi esse lugar é tipo uma sociedade secreta? Algo que envolve historiadores.

— Historiadores, arqueólogos, sociólogos, magistas, curiosos e fofoqueiros. Não existe profissão ou curso que seja cobrado para frequentar esse lugar. Se fosse definir em uma palavra, e mesmo assim ainda estaria sendo negligente com a totalidade de trabalhos que são feitos aqui, diria que a Sociedade de Tot faz o papel de testemunha.

— Como em uma investigação criminal?

— Em uma investigação universal. Desde que entraram na era do fogo, o registro foi importante para construir o que hoje se tornaram. Mas, sabe, instituições mais ortodoxas às vezes não conseguem aceitar que todo o tipo de informação é válida. Um dos trabalhos desse lugar é registrar e compilar todo o tipo de conhecimento.

— Mas como saber o que é para ser levado a sério ou não? Eu nunca procuraria algo se soubesse que ele poderia estar em meio a mentiras.

— Verdades deturpadas podem guardar frivolidades e fantasias infantis. Ilusões febris ou mentiras descabidas podem conter fragmentos de verdades se souber separá-los. Continuar bisbilhotando por aí enquanto segue sua amada Ariane… Pode acabar esbarrando em mentiras transvertidas de verdade e vice-versa.

— Mesmo deturpado e floreado, não sei se preciso discordar de momentos chaves da nossa história. Já chegamos aqui com elas.

— Não, discordar nunca, essa é a ideia. Só deixar o louco procurar as loucuras que deseja.

— Não sei se faz sentido.

O homem riu, baixo o suficiente para não serem descobertos.

— “Nada é verdadeiro, tudo é permitido”. Vai esbarrar cedo ou tarde com essas palavras.

Antes de poder se despedir com mais calma, Tábris desapareceu novamente no meio daquele caótico lugar. Felizmente o havia deixado próximo à sala de leitura onde sua vizinha estava.

— Sabia que não deveria ter deixado você ir, deve ter se perdido.

— O lourão me salvou.

— Tábris é um amor. Não arranjou problemas para ele?

— Não sei se conseguiria, mesmo se quisesse.

Ariane estava com quase uma dúzia de livros empilhados, divididos em duas colunas. Pareciam mais velhos que juntando a idade dele, a da garota e multiplicasse por sete. Muitos não possuíam nomes na capa ou lombada.

— Ele se foi, não é?

Por um segundo achou que estivesse falando de Tábris, mas percebeu que o alvo do questionamento era outro.

— O bom de frequentar esses lugares é que parece que todo mundo sabe mais da minha vida que eu mesmo.

— Desculpe por isso. — Ela se virou para os registros ao seu lado. — Parei o que estava fazendo desde o último semestre para procurar informações sobre o estigma, tentei achar o dono do símbolo, mas ainda nenhuma referência. Nem sequer como se livrar dele.

Demônios eram perigosos, mais ainda, gostavam de lembrar a todos disso. Poucos eram os que não tinham assinaturas conhecidas, símbolos únicos. Às vezes suas variações até chegavam a sair do berço oculto e ir parar em elementos da cultura profana. A veneração desses emblemas dava poder a essas entidades. Aquela em específico, marcada próxima ao ombro de Rafael, dizia Ariane, não parecia com nada que já tenha visto. Desde os mais famosos goéticos até os mais obscuros que ditavam suas presenças pelos registros secretos de instituições sagradas. Aquilo só poderia significar que seu dono galgou uma posição alta

recentemente ou ele era discreto. Muito mais discreto que os outros.

— Eles não são discretos. Nunca — reafirmou ela.

E realmente não eram. O mais estranho era que, para controlar um apóstolo negro, só poderia ser um dos líderes do que conheciam como She'ol ou Gehenna, variações de como os hebreus denominavam o inferno. Lar dos caídos.

Assim como os sentimentos mais baixos dos seres humanos, a área dos demônios era governada pelos pecados dos homens. Era uma relação cíclica, alimentada por tudo de ruim que a humanidade produzia. Como um espelho negro e cruel. Também existiam guerras e conflitos por soberania. O último grande deles havia sido especialmente sangrento, destronando muitos dos líderes, alguns com milênios de existência. Um período de bonança — para os padrões deles — era mais que esperado, o que explicaria tramas diabólicas confabuladas em silêncio. Alguém novo, esperto demais para arriscar o que estava tramando.

— E isso era extremamente perigoso — explicou Ariane.

A razão pela qual simples mundanos estariam envolvidos nisso é o que a eludia. Isabela era um espírito vagante, Rafael um cara que havia sem querer caído nesse mundo, mas que não tinha nenhum dom especial.

— Mas o que esse garoto pode ter de tão especial?

— Não faço a mínima ideia.

Rafael não soube se a marca era do mesmo mandante do apóstolo. Não queria envolver a garota em algo grande, então decidiu ocultar o nome proferido por Mantis.

Ariane tirou de sua bolsa a caixa que guardava as cartas de tarô, a mesma que marcou o primeiro encontro dos dois. Rafael sabia o que fazer, cortou em duas a pilha inicial depois de embaralhadas. Puxou com a mão esquerda duas cartas de cada uma e as colocou ainda viradas para baixo.

As cartas de passado revelaram um homem de cabeça para baixo, preso por um galho. Suas pernas formavam um número "4". A outra um esqueleto que colhia cabeças com sua foice em algo que parecia um campo de batalha.

— O Enforcado e a Morte, período de mudança e aprendizado, tomou uma

decisão e agora está pagando por isso. Sua vida pregressa morreu para dar lugar ao esforço do aprendiz.

Ela apontou para a dupla do futuro. A primeira revelou um anjo soprando uma trombeta para diversas pessoas que se levantavam de túmulos. A carta estava invertida.

— O Julgamento. Vai vir um turbilhão por aí e mais escolhas. Vai duvidar delas, mas precisará ter coesão, foco e confiança.

Antes de Rafael conseguir virar a próxima carta, Ariane o deteve. O clima do lugar mudou e a aura de Ariane parecia ter passado de uma brisa de verão para um sopro gelado de início de inverno. Os dois viraram juntos e sem tirar os olhos da carta disse:

— A Torre. — Uma alta torre era acertada por um relâmpago do céu negro e tempestuoso, lançando labaredas e pessoas para o chão. — Sempre escondendo as surpresas para o final.

Ariane escorreu o olhar pelas cartas, sorriu, então prosseguiu.

— Aproveite a folga que Cal te deu, tenho certeza que se te deixou sozinho é porque nada de grave deve acontecer por esses dias.

E realmente nada aconteceu. Ariane permaneceu cada vez mais focada em seus livros e até o tratava com certa frieza. O trabalho parecia cada vez mais monótono.

A quebra de rotina aconteceu quando Gabrielle o chamou pelo telefone para dar uma passada em sua sala pouco antes do dia terminar.

Antes de qualquer coisa, a mulher pegou uma resma de papéis da mesa e entregou para ele.

— Preciso que passe isso para Beatriz, pode fazer esse favor por mim? — perguntou e Rafael confirmou. Mas, antes que pudesse sair da sala, ela se espichou e o empurrou com seu corpo para uma parede. Sem entender e com quase dois quilos de papel na mão, apenas observou estático aquela situação. A garota passou as mãos por cima de seus ombros e fez com que olhasse diretamente para seus olhos.

— Você disse uma vez que tinha família em outro estado, acho que deveria largar tudo isso e se juntar a eles.

— Do que está falando?

— Não importa, apenas faça, peça demissão, arrume suas coisas e saia da cidade ainda hoje. Você é um cara especial, Rafael. Deve ser feliz em um lugar que te faça feliz.

Ficou parado fora da sala por uma eternidade, tentando entender o que havia acontecido.

Após entregar os papéis para sua gerente, o rapaz ficou atordoado até o final do expediente. Foi quando viu uma cabecinha do outro lado do escritório o vigiando. Aqueles olhos puxados não o enganavam e, após ser percebida, Érica se abaixou, sendo coberta pela divisória de sua baia.

— Porque mulheres são tão complicadas? — desabafou em voz alta.

Por coincidência, Rick passou por trás dele carregando um computador defeituoso no exato momento.

— Se fosse fácil não teria graça. O que conta é o molejo — disse mais uma de suas sabedorias e voltou ao trabalho.

O mundano deitou em seu sofá, largou seus sapatos no chão, fez um muxoxo e viu Bóris desfilar pela casa, soltando tufos de pelo.

Isabela veio correndo quando percebeu sua presença e se jogou na poltrona ao seu lado. Estava mais animada do que o costumeiro.

— Então… Posso falar como foi o meu dia?

— Acho que não posso evitar isso — reclamou rabugento.

— Vish! Que baixo-astral, hein? Quem foi que te deu um toco?

Rafael a fitou por um momento, levantou-se e foi até a cozinha. A garota o seguiu.

— Homens só ficam assim quando levam um fora — falou. — Já dei alguns enquanto era viva.

Rafael abriu a geladeira, pegou comida e uma latinha de cerveja.

— Tudo bem, me fale como foi seu dia.

— Sim! Meu dia... — Isabela sentou-se na bancada da pia. — Tomei uma decisão.

— Ah é? — perguntou ele com um pedaço de presunto enrolado na boca.

— Vou parar de procurar sobre minha antiga vida, não lembro mais onde moro nem o rosto da minha mãe — disse ela, apertando as pontas dos indicadores um contra o outro, era como mostrava ansiedade, Rafael sabia. — Então vou ficar aqui por um tempo.

— Olha aí, que ótimo — disse em tom irônico. — Acho que meu harém aumentou mais um pouco.

— Seu mala! — A fantasma deu a língua e foi embora. — Por isso nenhuma garota quer ficar com você.

Rafael ficou ali na cozinha, acompanhando os noticiários da noite, esperando aquela sexta terminar. Só voltaria a trabalhar depois das festas.

O novo celular que havia acabado de comprar tocou em seu bolso. O número que chamava era privado e aquilo o irritou profundamente.

— Sou eu… — Era Cal, ainda sem qualquer jeito em começar uma conversa por telefone.

— Olha aí quem apareceu! Como vão as férias adiantadas?

— É sério! — A chamada começou a ficar péssima, exatamente como da primeira vez que atendeu o demônio. Sua voz sumia e chiava bastante. — Você precisa dar o fora daí.

— É o segundo que tenta me expulsar da cidade hoje.

— Não é uma droga de piada, cai fora daí ant…

Não se surpreendeu pela ligação ter terminado, sentiu-se engolfado pela mesma sensação pesada que já conhecia. Uma zona crepuscular havia sido criada.

Estava em apuros.

O interfone tocou, se levantou correndo e o pegou da parede. Era Arlindo, com uma voz esganiçada e assustada.

— Sinhô Rafael… Tem umas pessoas estranhas subino pro seu apartamento, eles perguntaram sobre você. Tentei impedí, mas… — Estampidos altos soaram,

parecia que algo estava sendo quebrado no fundo da conversa. Arlindo deu um grito de terror. — Nó sinhó! Tem um homi imenso subino aí também. Tô ligando pra pulícia agora, mas acho que eles tão indo te pegá.

Rafael desligou o interfone e nesse momento a campainha tocou. Tentou pensar, mas logo batidas eram dadas contra a porta. Batidas que se transformaram em murros.

Aquilo era um pesadelo.


צ
17
A Estrela

CAPÍTULO XVI
ONDE HÁ UMA PROMESSA

Os murros continuaram, impacientes e cada vez mais fortes.

Foi até a sala e pegou o cetro do bolso do casaco. Bóris ainda sonolento olhava para a porta com rabugice. Rafael o agarrou também e o levou para o quarto dos fundos.

— Vou te atrapalhar, amigão, mas é pro seu bem. — O mundano o jogou em um dos armários sem uso e o gato não protestou, continuou seu cochilo noturno, mas sabia que iria se vingar do primeiro que abrisse o armário.

Isabela surgiu assustada da cozinha e foi até ele.

— O que está acontecendo?

Ao escutar um estrondo, soube que a entrada tinha sido arrombada. Possuía pouco tempo. Ficou com a porta do quarto fechada, apenas deixando uma fresta para espionar o que estava acontecendo.

Um grupo de pessoas entrou em seu apartamento. Suas auras denunciavam a origem demoníaca.

— Precisa ir embora! — falou Rafael, enxotando a fantasma.

— O quê? — inquiriu nervosamente. — Quem é essa gente?

— Quando descobrir te mando uma carta. Agora, vai!

A vagante notando a seriedade e urgência do mundano atravessou a parede, deixando apenas seu tronco e cabeça visíveis.

— E você? Precisa fugir também!

Os maltrapilhos atravessaram a sala destruindo tudo o que encontravam. Faziam uma verdadeira algazarra enquanto se divertiam com o ataque. Suas risadas eram bestiais e seus olhos brilhantes buscavam a morte.

— Vai logo! — rosnou o mundano, abrindo a porta e entrando no corredor, onde foi notado pelos invasores. A vagante se foi, desesperada.

— Essa casa é minha! — gritou para eles.

Um dos invasores se pôs a frente dos outros, parecia o líder da corja. Lembrava pouco uma mulher, vestia um grande casaco de peles por cima de um vestido marrom sujo. Sua pele era albina e retesada como couro curtido, sua cabeça estava coberta, toda enfaixada com ataduras, deixando apenas visível seus olhos vermelho sangue e sua boca sem lábios.

Ela fez um grande e debochado cumprimento, levantando parte do vestido, mostrando suas pernas esquálidas e seus quadris largos.

— Prazer, senhor Branco. — Sua voz era áspera e vil, que de humana não tinha nada. — Somos humildes pedintes.

— O que querem? — Segurou o cetro com a mão firme.

A mulher demônio deu uma risada inumana e foi acompanhada por todos os seus asseclas.

Com um comando, todos os demônios foram para cima de Rafael. Avançaram ao mesmo tempo, como carniceiros em busca de um corpo putrefato, mas a maioria se atolou no corredor. Exatamente como Rafael tinha planejado.

Sabia que a melhor maneira de enfrentar uma grande quantidade de inimigos era em lugares onde fossem obrigados a andar em fila.

Não tinha como errar. E não errou.

Zap.

A luz saltou de corpo em corpo e os atravessou com um poderoso relâmpago trovejante. Os demônios atingidos caíram debilmente, com um buraco no lugar do peito, se liquefizeram e se transformaram no que parecia carne moída podre. O fedor era pungente.

Escutou um barulho na cozinha, provavelmente a porta dos fundos havia sido arrombada da mesma forma. Estaria encurralado caso eles também chegassem ao corredor. Obrigado a avançar antes que acontecesse, lançou mais um raio na direção dos que andavam em meio aos restos dos companheiros. O restante dos sobreviventes correu de medo ao descobrir que não podia enfrentar aquela arma. Eram muitos mais fracos e mais burros do que esperava, não tinham qualquer tipo de estratégia a não ser o “cada um por si”.

Sua mão estava dormente, nunca tinha mandado tantos disparos antes. Quando

chegou à sala, poucos restavam. Apenas a líder com um bando de covardes que se escondia atrás dela. Ela guinchou para Rafael e começou a se contorcer. O espetáculo medonho era aterrorizante e chocante demais, o mundano não conseguiu reagir.

Sua forma mudou como o demônio do metrô. Lembrava mais uma mistura corrupta de mulher e ratazana, seus olhos saltavam rubros das órbitas lacrimejantes, grandes como bolas de bilhar. Um fino e torto focinho saltou no lugar do nariz, rompendo as ataduras. A pele albina foi coberta por uma curta pelagem branca que crescia desordenadamente e bigodes de carne coroavam o nariz murcho.

A ratazana não permitiu reação e saltou sobre ele, mais rápido do que previu. Os dois rolaram no chão, derrubando a poltrona e indo parar ao lado do sofá. O cetro rolou para baixo dele e o desespero tomou conta quando os finos braços do monstro se levantaram e mostraram as garras como navalhas afiadas.

Tentou como pode segurá-los, mas ela era forte demais, deixou um braço escapar e foi salpicado com o próprio sangue quando a mulher ratazana conseguiu estraçalhar seu casaco.

Os dois lutaram e Rafael conseguiu acertar um soco no focinho da besta, fazendo-a guinchar desorientada. Foi o tempo necessário para alcançar a arma com os dedos e a puxar para si.

Já recuperado, o demônio voltava a golpeá-lo. Felizmente o mundano conseguiu se defender já com o metal em suas mãos. O cetro estava de mal jeito, apontado para ele. Se o ativasse naquele momento, Rafael seria fulminado e a luta terminaria. Com um rápido movimento oportuno, tentou girá-lo por entre os dedos enquanto a outra mão livre tentava se proteger.

Foi lento demais e o bastão escorregou, conseguiu segurá-lo, mas já o havia ativado e estava apontado para o próprio rosto. A luz surgiu, mas, ao invés de eletrocutá-lo, algo diferente aconteceu.

Seja destino ou apenas sorte, o fato foi que aquela arma tinha uma segunda função desconhecida por ele e, aparentemente, por Cal. Uma língua azul perolada saltou pelo lado oposto da cabeça de tigre e atravessou o peito da criatura. Aquele não era um relâmpago bruto, mas filamentos de plasma que fluíam ordeiramente e faziam uma curva até voltar novamente para o cetro. Em outras palavras, uma espada relâmpago.

Em meio aos fracos grunhidos ofegantes, o monstro percebeu seu fim com espanto.

— O que você é? — foi a única coisa que conseguiu falar antes de uma bolha de sangue negro coagulado sair do ferimento. Seus olhos vermelhos se esbranquiçaram e o corpo morto cedeu. Rafael conseguiu chutar o monstro para o lado antes que ele fosse atingido pela gosma podre.

— Acho que sou um jedi — respondeu olhando aquela arma com espanto.

Ao levantar percebeu que estava completamente cercado. As criaturas pareciam discutir entre ganidos e rosnados o que seria aquilo que segurava nas mãos. Alguns pareciam assustados, prontos para fugir a qualquer momento com a líder morta. Outros pareciam crescer os olhos na possibilidade de levar para casa uma pilhagem tão valiosa.

As chances de sair daquela situação eram mínimas e Rafael não sabia como poderia abater todos ao mesmo tempo, já que nem sabia manejar uma espada.

Judica Domine nocentes me; expugna impugnantes me.

A voz inconfundível fez todos os demônios virarem as cabeças em direção ao umbral.

Confundantur et revereantur quaerentes animam meam.

Todos se alvoroçaram, conheciam aquelas palavras.

Avertantur retrorsum et confundantur, cogitantes mihi mala.

Os demônios rosnaram e se encolheram, pareciam sofrer. Alguns já se contorciam agonizantes no chão, deixando para trás apenas um punhado de areia escura ao invés da massa gosmenta.

Sicut erat in principio et nunc et semper, et in saecula saeculorum.

Quando a voz cessou, apenas alguns se mantinham de pé, gemendo em resistência. Foi a chance que Rafael teve. A lâmina os atravessou como manteiga e, mesmo sem qualquer habilidade, conseguia matá-los sem dificuldade. Quando terminou, desativou o cetro, fazendo a lâmina se retrair de volta.

Ariane entrou no apartamento carregando sua bolsa, tinha um livro bem antigo nas mãos e o terminava de recitar. Não parecia mais haver inimigos, nem do lado de fora nem dentro do apartamento.

— O que está acontecendo? — parecia brava e assustada.

— Como vou saber?

— Aprontaram alguma, tenho certeza. Fazer esses páreas sem rumo se juntar é difícil, não vejo uma legião como essa, agindo dessa maneira, a muito tempo. Cal não voltou?

— Não ainda, ele me ligou de um número privado para tentar me avisar pouco antes de acontecer. Por que ele simplesmente não se transporta para cá como sempre faz?

— Por que o “cá” não existe no nosso mundo atualmente, ninguém pode entrar nessa dimensão sem que o arquiteto dela permita.

A zona crepuscular, lembrava-se de Cal falar sobre isso.

— Mas todos os demônios estão mortos, não estão?

— Não todos.

O clima ficou mais sinistro com a aura opressora de algo que Rafael conhecia muito bem. Seu estigma, que já estava em brasas, parecia que ia começar a queimar a pele, como se ressoando ao chamado daquele que o marcou.

— Aquela coisa está vindo.

— Se a gente conseguir desfazer essa dimensão, Cal poderá aparecer e talvez o inimigo vá embora. Vou precisar me concentrar, acha que consegue ganhar tempo?

— De quanto tempo estamos falando aqui?

— Talvez alguns minutos, o suficiente para terminar o ritual.

Rafael começou a ter um ataque de pânico, tremia e suava frio. Parte por causa da dor febril que sentia no ombro, parte porque aquela aura o aterrorizava.

Ariane lhe deu um abraço.

— Precisamos pensar positivo, você consegue!

Sentiu-se apaziguado, seu abraço era quente e reconfortante.

A garota se sentou no chão e começou a tirar diversos itens de dentro da bolsa. Afastou o tapete para o lado e começou a riscar com um giz em cima do piso de

taco escuro. Fez um desenho de um círculo e diversos símbolos dentro dele. Acendeu quatro pequenas velas e as colocou cada uma para cada direção de um ponto cardeal. Logo depois, desenhou um segundo círculo menor em frente ao primeiro.

— Quando for a hora, fique de pé sobre ele, irá te proteger.

Enquanto ela terminava a preparação, Rafael decidiu se preparar também. O apóstolo se aproximava lentamente e achou que teria um bom tempo para pensar em uma estratégia. Levantou a poltrona, que estava com um rasgo em um dos braços, e se sentou.

Tentou se acalmar e pensar nas possibilidades. Tentar atrasar o apóstolo parecia impossível, mesmo com o cetro. Olhou para o bastão de metal, a cabeça de tigre rugia com ferocidade pelo lado onde o relâmpago convencional saía. As semelhanças com o cabo de uma espada, fazendo da cabeça do animal seu pomo, eram óbvias.

Enfrentar aquele tipo de adversário no corpo a corpo não parecia a melhor ideia. Uma falha e estaria morto. Tentaria alvejá-lo quando surgisse, mas teria de dar sorte do tiro ser o suficiente, não teria espaço dentro do apartamento de fazer esquivas.

Pensamento positivo!, repetia para si, mas a cada vez, mais se via em um beco sem saída.

— Se acalme.

Olhou para trás. Ariane estava no centro do círculo, sentada de pernas cruzadas e de olhos fechados. Era como se ela soubesse de tudo que passava em sua cabeça. As velas acesas tremulavam sem vento, convergindo para o centro do desenho.

— Você é forte, Rafael, já provou isso diversas vezes.

Não, não sou. Sou um fraco e inútil., o pensamento surgiu.

— A quem está querendo provar? A mim? A Cal? A você mesmo ou sua mãe?

Rafael gelou.

Aquela era sua questão primordial. O que o motivava? Por que precisava dessa aceitação? Talvez, e só talvez, poderia usar da própria confiança e sair dali com as próprias pernas. A chance de vencer poderia ser de uma em um milhão, mas se existisse essa chance poderia se agarrar a ela.

Não vai conseguir. A voz sibilou dentro de sua cabeça, tão vívida como se fosse sussurrada por alguém em seu ouvido. Vai falhar e todos vão morrer.

De onde vinha aquela voz?, pensava. Seu estigma sangrava e ardia como nunca antes.

É um fraco e nada mais.

A fraqueza era sua inimiga, a falta de vontade o cimento que o detinha e o medo o algoz antes de a luta começar.

Outra voz falou em sua cabeça, uma que pensava ter esquecido.

Seu eu tivesse sua força talvez conseguisse lutar como você lutou por mim, meu amor.

Era sua mãe.

Não sabia por que lembrou logo daquela cena, suas últimas palavras para ele naquele quarto de hospital.

Tocou o próprio rosto, as lágrimas que achou que haviam secado desde aquela noite voltaram a rolar em abundância. Depois de todos esses anos, o espinho em sua alma havia sido retirado e pela primeira vez aquelas palavras fizeram sentido. Como se tivesse finalmente acordado, depois de uma longa noite de sono.

— Se conseguirmos sair vivos daqui, teremos nosso primeiro encontro. É uma promessa — disse Ariane, ainda de olhos fechados.

— Serei a pessoa mais otimista da face da terra essa noite. — Limpou o rosto com a camisa.

O apóstolo negro estava lá e Rafael pela primeira vez estava pronto.

Um tigre rugiu novamente dentro do apartamento, o último deles. O relâmpago saiu mais rápido que o olho do mundano podia captar. A descarga procurava o alvo enquanto enchia o ar em volta de ranhuras luminosas. O som do trovão chegou microssegundos depois e estourou a vidraça da porta de correr que separava a sacada.

O raio acertou o peito da entidade e Rafael ficou cego momentaneamente pela luz da explosão. Quando recobrou a visão, não pode acreditar no que viu.

Nem um único centímetro. O apóstolo não se moveu. Seu casaco estava

queimado no ponto em que foi acertado e a carne tostada e escura do monstro não parecia lhe incomodar.

Rafael bateu no cetro, como em uma lanterna com bateria fraca.

— Não é uma luta, nunca foi. É uma caçada — disse Ariane sombria, ao abrir os olhos.

— Do que está falando? Era pra eu atrasar ele.

— Não pode.

A garota sorriu com os olhos cinzentos cheios de água.

O mundano percebeu seu plano, não sabia como, nem o porquê, mas sabia o que iria acontecer.

— O universo tem as próprias leis, não podemos quebrá-las.

O apóstolo liberou as correntes em brasas, que caíram pesadas no chão. O piso de taco começou a queimar.

— Você mentiu para mim?

— É a única maneira, só… Me perdoa, por favor. Só mais uma vez.

As correntes avançaram para cima deles e Rafael se jogou para protegê-la.

— Adeus.

Rafael abriu os olhos. Estava a quilômetros dali. Em um lugar que já tinha visitado antes, mas parecia mais soturno do que se lembrava. Sentiu um enjoo repentino e vomitou o que tinha no estômago. Era a mesma sensação de quando deixou que Cal o levasse em seu salto. Ariane havia ficado para trás.

Ofegante, bateu no chão diversas vezes, até seus punhos sangrarem. Berrou a plenos pulmões, enquanto sentia o frio o envolver e a escuridão o preencher.

— Linda noite, meu rapaz.

Olhou para frente e viu Madame Collete saindo das sombras. Estavam no hall de seu casarão. Ela não parecia acompanhada de sua assistente.

— Por que estou aqui? — perguntou, como um animal acuado.

A velha o encarou.

— Eu quis assim — respondeu a bruxa, como se fosse óbvio. — Me precavi de que ela fizesse algo desse tipo. Se sacrificar para salvar alguém que nem conhecia direito? Não é à toa que se tornou a ovelha negra.

Rafael a encarou, sem entender.

— Não há nada que eu goste menos do que gente que não dá valor a família. Virar as costas para quem sempre a alimentou e educou. — Estalou a língua. — Por isso que acabou desse jeito.

— Ariane é sua filha?

Madame Collete cacarejou pela surpresa do mundano, sua risada ecoou pelo salão.

— Sou velha demais? Seca como palha? Nunca duvide de uma bruxa, é o que se falava quando tinha a idade dela há alguns séculos atrás.

— E por que não fez nada se sabia que isso ia acontecer?

— Porque ela era um fruto podre de uma semente oca.

Estava chocado.

— Era para você estar morto agora e Cal livre, mas previ que ela ia se meter nos meus planos. Eu sempre sei. — A velha sorriu de maneira diabólica. — Por que acha que veio parar logo aqui após um ritual que o levaria para qualquer ponto aleatório dessa imensa cidade? Trapaceei no último segundo e agora você está pronto para cumprir a sua sina.

O luar cortava a escuridão graças a algumas janelas e só assim pôde ver a lâmina sendo tirada de dentro das vestes da bruxa.

— Obedite.

O piso tremelicou e mãos feitas de pedra emergiram do mármore e o agarraram. Rafael não lutou, não tinha mais forças nem queria. A velha se aproximou com a adaga em riste, preparada para abatê-lo como um porco.

Rafael abaixou os olhos e virou a cabeça para não ver. Foi quando enxergou nas sombras do fundo do lugar dois olhos brilhantes. O vulto correu e saltou sobre a velha, pouco antes de ela conseguir dar o golpe fatal. Era um enorme cão negro, sarnento e imundo.

O cão ganiu de dor e logo foi seguido pelo grito da velha, que deixou a adaga

cair após levar uma mordida que quase arrancou seu braço fora. O animal recuou de costas em direção a Rafael. Lambia os pelos do focinho, cobertos de sangue, enquanto dava uma risada misturada com ganidos.

— Teu brother está à sua espera. Só conseguimos te achar depois que apareceu por aqui — disse Mantis verificando se ele ainda estava vivo. Virou a cabeça para velha. — Tua chapa tá quente, coroa! O Protetorado não vai aliviar pro teu lado.

Rafael e Mantis desapareceram no ar, deixando apenas mármore e poeira para trás.


♊
06
Os Amantes

CAPÍTULO XVII
ONDE HÁ UM CERCO

Não havia como pôr mais nada para fora, mesmo assim sentia o mal-estar. Decidiu ficar ali, estirado no chão, até que passasse. O teto rodava, um teto familiar.

Escutou gritos, berros e xingamentos de Cal, e o som de coisas sendo arremessadas e arrastadas. Virou a cabeça e viu a porta do almoxarifado aberta.

Mantis foi até lá avisá-lo de sua presença, mas Cal não parecia dar atenção. O cão voltou e ficou ali, coçando o pescoço.

— Fomos atacados... — começou Rafael.

— Foi o que imaginamos, por mim você já era caso perdido, mas o cara mandou ficar atento.

Rafael se sentou e abraçou os joelhos, pensando em Ariane. Não havia como ter sobrevivido. Lamentou.

Cal saiu do almoxarifado bufando de raiva.

— Alguém roubou a Innocentia!

Rafael o fitou, sem se importar. O cachorro se levantou.

— Você guardava algo assim aqui!? — Mantis estava pasmo. - Um lugar ordinário como esse?

— Exatamente! Era o lugar perfeito, quem iria desconfiar? Mas é claro que tinha colocado dezenas de feitiços de proteção naquela porcaria de gaveta.

— Se invadiram a casa de vocês é óbvio que iriam xeretar por aqui.

— Mas nada foi revirado! É como se soubessem exatamente onde procurar.

— Podemos ficar aqui discutindo a noite toda, mas sabe que não vai dar.

Os dois foram interrompidos por Rafael, que se levantou sem prestar atenção na conversa e foi até sua baia.

— O que está fazendo? Temos de ir agora!

Rafael puxou um grande pacote de baixo da mesa, uma encomenda que tinha recebido há vários dias.

— Pode ir, vou ficar por aqui.

Cal esbravejou. Pediu para o cão ir na frente, enquanto tentava convencê-lo. Mantis avisou que buscaria reforços e se foi, se transformando em areia.

— Eles estão vindo para cá, é uma horda muito maior do que foi até seu apartamento.

— Não me importo.

— Qual é o seu problema! — berrou. — Posso te dar o que quiser, uma casa maior, dinheiro, tudo isso são coisas mundanas. Se ficar o seu destino vai ser pior do que a morte.

Rafael deu de ombros.

— Isso é quebra de contrato, garotão! — Ele fez um pedaço de papel surgir em sua mão em meio a seu fogo azul. - Tenho que te proteger ou estou ferrado.

— Tenho certeza que vai encontrar um cara bem mais disposto a aceitar suas ofertas. Ariane morreu por minha causa, vou matar aquele apóstolo ou vou morrer tentando.

O demônio tensionou o cenho. Para ele, tudo o que o mundano falava era ilógico, mas compreendeu seu sentimento.

— Ela te mandou para fora, não é? Por isso o Mantis conseguiu te achar.

Rafael balançou a cabeça, dizendo que sim.

Cal virou o rosto, zangado. Andou até uma coluna próxima e a esmurrou, da mesma forma que fez no seu apartamento. Pedaços de concreto salpicaram o carpete de branco.

— Eu até que gostava da menina — suspirou. — Tudo bem, mundano. Se você quer uma briga, vai ter uma.

Rafael andou com o pacote até onde sabia existir um banheiro dos fundos do escritório.

— O que está fazendo?

— Vestindo meu melhor traje — respondeu, como se fosse fazer a coisa mais natural do mundo.

Rafael se aproximou do demônio, estava de banho tomado e havia jogado fora o que sobrou de sua roupa. Ajeitava a gravata vermelha e o terno escuro que havia comprado. Sabia que cedo ou tarde teria algum evento da empresa que o obrigaria a usá-lo, mas achou aquela ocasião melhor. Não acreditou que depois daquilo teria um emprego para onde voltar.

Cal estava em uma grande janela no setor da administração. De lá conseguiam ter uma vista completa da grande avenida.

Sentiu a densidade do ar aumentar e uma onda de choque que surgiu de todos os lados. A zona crepuscular havia se formado. Cada vez mais ele parecia se acostumar com aquilo.

— Espero que aproveite, a partir de agora não tem mais volta.

O mundano sacou o cetro e esperou.

A iluminação urbana começou a falhar na avenida, postes e letreiros luminosos piscavam e logo depois se apagavam um atrás do outro. A madrugada estava mais densa que o normal. Os poucos homens e mulheres que perambulavam pela rua pararam como estátuas.

Conseguiu ver os primeiros chegando. Emergiam de bueiros e ruas adjacentes pouco iluminadas. Era um verdadeiro exército. E no fundo, no último poste que restava funcionando, um vulto imenso os observava. O poste se apagou, mas os olhos permaneceram brilhantes e visíveis.

Rafael se virou para seu contratado e estendeu a mão. Cal resmungou, mas a apertou. Poderia ser a última vez que se veriam. Independentemente de tudo, aqueles foram três meses que significaram muito para o mundano.

Os primeiros invadiram o prédio, levariam poucos minutos até chegar àquele andar.

A briga começaria na recepção do escritório, os demônios se amontoavam do lado de fora da porta de vidro como abutres esperando a presa doente morrer. Os dois também aguardavam, mas do lado de dentro.

Uma figura alta que vestia um casaco camuflado e um quepe se aproximou, parecia um general, apesar de Rafael não achar que fossem assim que se

vestissem no inferno. Usava calças escuras e um coturno pesado. Parecia mais sério que a maioria, que os olhava como comida, enquanto espumava e grunhia.

Ele deu o primeiro passo e Rafael ativou a porta automática, que se abriu apenas para ele passar.

Seus olhos eram pequenos e sorrateiros, quase inteiramente cobertos por uma touca ninja. Um rasgo na parte de baixo revelava sua bocarra que mais parecia um corte de orelha a orelha. Ele a abriu e revelou seus dentes de tubarão e sua língua descolorada.

— Sou Brahrmam, líder gamigin do quarto círculo. Estou aqui para levar comigo um fugitivo do She'ol e punir o mundano que ousou fazer um contrato ilegítimo.

Sua voz era gutural e sem emoção. Passou um ar metódico que espantou Rafael.

— E, como podem ver, não adianta tentar resistir. — A boca sem lábios se retraiu em um sorriso torto. — Apesar de admitir que seria divertido se tentassem.

O demônio aguardou, como se esperando algum tipo de reação, desde algum xingamento até pedidos de misericórdia.

— Por que tem um apóstolo lá fora? — Cal perguntou.

— Não há apóstolos negros nessa região. Se houvesse eu seria o primeiro a saber.

— Seu chefe poderia chamar um mentiroso melhor, mas acho que ele te considera descartável, já que tem um plano B lá embaixo.

O demônio líder silvou. Cal balançou a cabeça em decepção, deu a volta e puxou o demônio militar com ele para um canto. Rafael podia escutar tudo.

— Já que é um líder de segundo nível deve ser inteligente o bastante para saber o que posso oferecer em troca...

Quem Cal achava que era para mandar um papinho furado daqueles?, perguntou-se Rafael. De qualquer forma, viu o demônio de coturnos ficar tenso com aquelas palavras, mas logo se desvencilhou, ofendido com a proposta.

— Shashasha! — riu o líder nervosamente. — Não me importo com isso, é um traidor e vou receber uma bela…

O demônio com roupas militares foi fulminado com uma bola de fogo azul,

atirada por Cal.

— Não deveria ter feito isso — julgou Rafael com impaciência.

— Ele podia ter aceitado a oferta, mas o pessoal do quarto círculo não é muito conhecido pela esperteza.

A horda do lado de fora ficou ensandecida, como animais irracionais. Avançaram contra a porta de vidro e esmagavam os companheiros de vanguarda tentando entrar a força, todos mesmo tempo. O vidro trincou e logo cedeu à força da maioria.

Rafael e Cal recuaram para os corredores e, quando a porta finalmente fora abaixo, começaram a disparar contra eles tudo o que tinham. Raios fulminavam e chamas tostavam em um verdadeiro baile de destruição, mas a cada segundo mais demônios surgiram das escadas.

Os demônios avançavam sem temores por mais que o poder de fogo da dupla fosse superior. Estavam frenéticos, diferente de todos os outros. Eles eram diferentes entre si, mas usavam táticas similares para se camuflar em meio à sociedade. Toneladas de roupas, muitas vezes velhas ou gastas. Alguns pareciam não se preocupar com isso, já que deixavam expostas partes do corpo, que, apesar de parecer à primeira vista humanas, eram muitas vezes cadavéricas e mal cuidadas.

Demônios eram, ao que tudo indicava, orgulhosos e desleais. Como poderiam se unir daquela maneira? Lembrou-se das palavras de Ariane naquela mesma noite antes de tudo acontecer, era um tipo de evento raro. Algo aconteceu para transformá-los em um verdadeiro exército.

Haviam colocado uma recompensa em suas cabeças.

Era a única explicação possível, algo tão grande que nem as tentativas de suborno de Cal adiantaram. A cada vez que Rafael escapava, mais o preço aumentava, já que estavam cada vez menos covardes. Um valor que realmente valeria a pena, mesmo que a troco da própria sobrevida que levavam na marginalidade longe do lugar a que pertenciam.

Conforme se afastavam do saguão de entrada, mais o ambiente se abria e os disparos ficavam menos eficientes. Pelo volume de inimigos, estariam cercados se não fizessem alguma coisa.

— Consegue segurar a situação por um minuto? — Rafael conhecia aquele lugar

como a palma da mão, tinha um plano.

— Quer que eu passe um cafezinho enquanto isso? — resmungou Cal. — Seja rápido.

Cal bateu o pé no carpete e o incendiou com chamas azuis, as criaturas pararam ao ver a barreira flamejante, mas não pareciam dispostas a ficar ali por muito tempo.

Rafael pegou uma cadeira de metal da sala de conferências e foi até próximo de seu setor, onde havia o banheiro dos funcionários. O lugar fedia e sempre foi motivo de reclamação da maioria, até seu chefe mandar reformar. Um cano grosso foi colocado de improviso perto do sanitário e foi nesse alvo que se concentrou. Depois de dois golpes com as pernas da cadeira, o cano de PVC desencaixou e a água jorrou com abundância.

— Eles estão avançando! — gritou Cal a alguns metros.

A água projetou uma pequena cachoeira para fora do banheiro e foi direto parar no corredor, onde o carpete começou a absorvê-la. Rafael foi com a ponta dos pés e subiu em sua mesa. Tirou os sapatos molhados e ficou apenas de meias.

Cal olhou para trás e entendeu o que ele pretendia. As chamas não mais os continham. Vários a desafiavam e, mesmo após perecerem, seus corpos eram usados como pontes seguras por meio das chamas pelos seguintes.

— Quando quiser.

O mundano preparou o cetro e quando Cal recuou a horda avançou. Aguardou até o momento-chave e disparou a descarga.

Alguns mais espertos saltaram para o teto e lá ficaram, enquanto todos os outros foram eletrocutados até se desfazerem. A fumaça negra e fétida tomou conta do escritório e os sprinklers foram ligados.

Não poderia mais usar o modo de longa distância da arma com o risco de se tornar um alvo já que estava molhado. Colocou o cetro de ponta a cabeça e ativou o modo espada.

Cal, que havia efetuado o salto para o seu lado para evitar ser atingido, ficou sem palavras.

— Estou me arrependendo de ter dado isso a você.

— Agora já foi.

Rafael balançou a arma como faziam os samurais dos filmes do Kurosawa e picotou aqueles que se aproximavam muito.

O andar tremeu, e várias figuras gigantescas surgiram do saguão. A menor tinha o mesmo tamanho do apóstolo, outras quase batiam no teto. Não havia como aquelas coisas se passarem por seres humanos. Nem pareciam que se preocupavam com isso. Lembravam grandes besouros negros, com grotescas carapaças chapiscadas, uma cabeça pequena com diversos olhos e uma boca vertical cheia de hastes que mais lembravam dedos nojentos que empurravam tudo para dentro. Cada um possuía um braço magro, coberto com o duro exosqueleto, enquanto o outro era gigantesco onde uma pinça se eriçava.

Eles estavam levando aquilo a sério, era uma verdadeira estratégia militar, pensou Rafael. Primeiro mandaram os mais fracos, para que gastassem as ideias, depois os fortes, que lutariam contra combatentes exaustos.

E as coisas só melhoravam. A aura do apóstolo se aproximava.

Cal desmembrou o último dos pequenos e se preparou para os enormes que vinham atrás. Uma verdadeira manada.

— Como você se protegeria de uma bomba?

Rafael não esperava responder algo tão estranho em uma situação mais inapropriada como aquela. Os olhos de Cal brilharam com o mesmo azul e as chamas a sua volta aumentaram.

Agora aquela pergunta fazia total sentido.

O mundano correu e as criaturas imensas cercaram Cal. O demônio fez uma careta, como se estivesse levantando muito peso nas costas. Ergueu os braços e os cruzou na frente do peito. Com um movimento rápido os abriu e a explosão azul fez tudo o que estava a sua volta voar para a direção oposta, quebrando todas as janelas com uma poderosa onda de choque.

Rafael quase não conseguiu alcançar as últimas baias, mas graças ao impulso foi jogado com todo o resto para o canto.

Seus ouvidos zuniam e parte da sua roupa pegava fogo. Depois de apagá-lo, tentou fazer força para levantar, mas o peso de tudo aquilo jogado em cima dele era monstruoso e ficou com medo de ter quebrado alguma coisa.

O escritório estava acabado, viu pela fresta de um buraco feito pela explosão de uma das mesas jogadas por ali. Cal estava ajoelhado no chão, exalando fios de fumaça branca por seu corpo, boca e olhos.

Seu casaco em frangalhos começava a se regenerar. Então é assim que ele faz, concluiu o mundano após ver a trama do tecido se reconstruir.

Sentiu uma aproximação, enxergou as canelas de algumas criaturas bem próximas. Pareciam ter descoberto a porta dos fundos, que dava para a copa.

O peso em suas costas foi diminuindo conforme eles iam jogando o que estava acima dele para o lado, sabiam que estava ali. Agarrou o cetro ao seu lado e ficou imóvel.

— Está morto... — cochichou um deles, sibilando uma risada baixa, que mais parecia o ronronar de um gato. — Ou desmaiou.

Quando sentiu algo tocar seu ombro, ativou a lâmina e cortou que estava pela frente. O demônio gritou quando parte de seu antebraço voou para o lado oposto.

— Mundano imundo! — O demônio com cara de felino segurava o cotoco que havia sobrado, enquanto expelia um líquido negro que sujava tudo a sua volta.

— Eu disse para ter cuidado com esse cara. — A voz veio de suas costas.

Enquanto discutiam, o mundano se arrastou entre os escombros e os documentos do setor comercial.

— Rásrásrás — riu o que tirava sarro do outro demônio com o cotoco. — Temos um verme aqui embaixo.

O demônio com cara de morcego bateu seus longos braços em forma de asas até um conjunto de mesas por onde Rafael pretendia escapar. Ele mantinha certa distância, depois que viu como a arma funcionou com seu colega.

— Vai chamar a mamãe? — debochou. Seus olhos eram pequenos e seu nariz se abria e fechava conforme respirava.

Percebeu que os sprinklers daquele setor não haviam sido ligados, um terrível defeito que poderia colocar a vida de todos os funcionários em risco, mas que dava para Rafael uma alternativa. Segurou o cetro com a cabeça de tigre apontada para o demônio.

— Somos em cinco. Se atirar em mim vai morrer do mesmo jeito. — avisou. Era

verdade, outros se aproximavam enquanto ele brincava com sua presa.

— Tenho de dar crédito a vocês, não parecem ser burros como os outros.

— Está confundindo as coisas aqui, mundano. Não somos como estes lacaios, fomos convocados diretamente das profundezas. Somos de uma outra estirpe.

O mundano virou levemente a cabeça de tigre para a esquerda, tirando o corpo do morcego demônio de foco. O alvo era a caixa de energia.

A explosão foi grande e uma fumaça escura criou uma cortina que tornou a respiração e visão impossíveis. Os outros demônios pegos de surpresa não sabiam o que fazer e por isso foram alvos fáceis do mundano, que, por mais que estivesse com a visão prejudicada, conseguia sentir a aura e saber onde estavam.

Todas as luzes do local se apagaram e as vermelhas de emergência foram acesas. Saiu do setor, limpou o terno já surrado, e agradeceu não ter quebrado nada.

Foi em direção a Cal, que chutava uma das carapaças dos grandões.

— Se me disser tudo alivio pro seu lado. — Cal segurou o pescoço de um dos pequenos e o ergueu no ar. O monstro não tinha mais parte da cintura para baixo e o mesmo líquido negro escorria dos cantos de sua boca.

— Eu não sssei, ssenhor… Sssou um ssimpless vassago. O que ssei é que estão atrás dele — apontou para Rafael com um dedo fino.

Cal fitou o mundano.

— Esse inútil? O que querem com ele?

— Issso eu já não ssei, ssenhor. Kekeke. Por favor, me deixa ir, nunca mais vai ver minha fuça outra vez.

Seu parceiro soltou o monstro, que caiu no chão em um baque seco. A entidade se arrastou em direção à saída, deixando um rastro de sangue corrupto pelo chão.

— Um deles disse que foram convocados das profundezas, o que isso quer dizer?

— Quer dizer que tem gente levando essa brincadeira a sério.

— Por que iriam querer algo comigo?

— E eu vou lá saber? Estou tão perdido quanto você.

Cal ergueu a mão e uma bola de fogo carbonizou o demônio que estava se arrastando, já quase na portaria.

— Um deles disse que era de outra estirpe. Pensei que era tudo a mesma coisa! Como funciona esse negócio?

— Perguntas, perguntas e mais perguntas — esbravejou o demônio impaciente. — Os habitantes do She'ol se dividem em níveis hierárquicos de poder. Vassagos são os demônios de mais baixa hierarquia, mais novos e fracos, precisam se alimentar para juntar energia e passar para os próximos níveis, como uma metamorfose. Os gamigins vêm logo depois, geralmente fazem parte da casta de comando e controlam os mais fracos. Possuem mais inteligência e são ligeiramente mais fortes. Agares vêm logo depois. Agentes do caos e da desordem, sempre aprontando guerras no abismo e tentando tomar o controle. Não espere encontrar com um. São anunciadores de catástrofes quando conseguem adentrar o mundo dos homens. Apóstolos negros são agares modificados de maneira brutal para responder a ordens específicas, por isso são menos voláteis, mas não menos perigosos.

— Você parece tão diferente de todos eles. Por que tem forma como a de um humano?

— Essa não é minha verdadeira forma e meu nível hierárquico não é da sua conta.

Sentiram que o apóstolo havia acabado de alcançar o andar, estava chegando.

— No final das contas, ele não estava atrás da Isabela. O alvo sempre foi você, por algum motivo. Deve ter seguido o rastro dela pelo seu cheiro.

A aura opressora ficou mais forte. Aquele era então um demônio de terceiro nível dentro da escala de poderes? Rafael desejou com todas as suas forças não saber se existiam aberrações mais poderosas do que aquela.

— Está preparado, mundano?

Ficou em silêncio. Lembrou-se de Ariane mais uma vez e sua primeira reação seria se culpar. Mas não foi isso que fez.

Ela acreditou em seu potencial desde o começo.

Não iria decepcioná-la no momento derradeiro. Queria correr dali, fugir sem olhar para trás. Sentia o frio na espinha congelar sua alma. Era a presença de um

predador se aproximando e todos os seus instintos o avisavam que estaria ferrado se continuasse.

Muito mais que ferrado. Estaria morto.

Mesmo assim, por um segundo aquilo tudo foi embora. Uma faísca brotou em seu peito e correu por cada veia de seu corpo. Sorriu de nervosismo.

— Está preparado, demônio?

Cal deu uma risada enérgica e terminou com um sorriso de um maníaco.

— Vamos acabar com esse idiota.

O apóstolo chegou pelo corredor, quebrando o pedaço do crânio que havia sobrado do demônio fujão. Ele continuava intimidador, mais agora com o estigma que cismava em reagir a sua presença.

— Só um aviso: ele provavelmente mudou de estratégia depois de ter perdido pra nós. Então tente não fazer nenhuma besteira.

A paz durou pouco e, antes que estivessem preparados, a entidade avançou com uma velocidade sobre-humana e, em menos de um segundo, estava a poucos centímetros de Rafael, pronto para matá-lo. Enxergou de perto seus olhos alaranjados que o miravam de maneira perversa.

O monstro o agarrou pela camisa e o jogou contra a parede de gesso que dividia o almoxarifado do resto do escritório. Não houve nada lá dentro que o parasse exceto a parede de concreto que os separava do lado de fora do prédio.

Tudo foi rápido e só enxergou a escuridão, como se tivesse desmaiado por alguns instantes. Suas costas queimavam e chutou que algumas costelas pudessem estar quebradas. Contraiu-se por uma tosse repentina e sentiu a mão molhada, uma mancha de sangue misturada com saliva foi expelida. Não podia se preocupar com isso agora.

Também não podia ver direito, pois um corte no supercílio lavava parte de seu rosto com sangue.

O apóstolo foi agarrado pelo sobretudo e jogado por Cal, destruindo sua mesa e parte do setor de T.I.

Rafael tentou se levantar, mas Cal fez um gesto para que ficasse quieto e ele obedeceu.

Um homúnculo surgiu, subindo em sua calça.

— Não é hora para consertar as coisas — falou com dificuldade.

Outros apareceram ao seu redor e o mundano os viu fazer algo diferente do habitual. Moveram seus pequenos bracinhos em direção a ele, em um tipo de gesto que parecia adoração. Viu as luxações nos braços sumir aos poucos e os cortes cicatrizando. Estava sendo curado.

Por menor que Cal fosse, enfrentou o gigante de igual para igual. As correntes do apóstolo emergiram do chão e pegaram seu parceiro de surpresa, apertando-o com o metal em brasas. Cal apenas riu e as chamas alaranjadas se tornaram azuis, fazendo as correntes de desfazerem.

Acertou uma cotovelada no rosto do apóstolo quando se viu livre e a monstruosidade foi jogada para trás. A estratégia era a mesma de antes: Cal subiu na besta e começou a tentar quebrar seu núcleo cristalizado. Mas dessa vez, foi agarrado pelo pé e jogado em direção à sala de GG. Rafael conseguiu escutar as prateleiras com troféus e premiações serem postas abaixo.

O mundano tentou se levantar e descobriu que já estava bem. Afastou os homúnculos e limpou o sangue que restou da ferida fechada em sua testa. O cetro estava jogado a alguns metros dele.

O apóstolo ignorou Cal e foi em direção a Rafael, que tentou inutilmente se proteger com uma descarga elétrica. Rolou para o lado e conseguiu não ser acertado pela investida. O apóstolo só parou após destruir parte da parede de concreto, criando um buraco para o céu noturno. O mundano correu para a copa e a entidade foi atrás.

A copa era uma área grande com três mesas alongadas que eram cedidas aos funcionários caso quisessem almoçar dentro da empresa. O apóstolo entrou, arrastando suas correntes em brasas que produziam faíscas ao se atritarem com o piso de granito.

Olhou para um lado e depois para o outro, não havia sinais do mundano.

Andou entre as mesas, sempre em silêncio. Apenas seus passos e suas correntes eram ouvidos.

Um barulho o fez virar a cabeça. Vinha de uma pequena porta do lado oposto onde se encontrava a cozinha.

O som se repetiu em suas costas. Ao olhar para trás notou um botijão de gás rolando até ele. A descarga veio alguns segundos depois, destruindo metade da copa com uma poderosa explosão. O chão cedeu e o apóstolo caiu para o andar inferior.

Rafael saiu de dentro da cozinha e assobiou ao ver o estrago. Tentou imaginar quantos anos de cadeia poderia pegar por causa daquele tipo de destruição de propriedade privada.

Cal o esperava na entrada da copa, completamente surpreso com o buraco.

— Ele está mais forte, alguém andou colocando esteroides no mingau dele.

— Então precisamos lutar juntos. — Rafael ligou o cetro na forma de espada.

— Você vai morrer. — O demônio acendeu um cigarro. — Mas acho que do jeito que está é melhor do meu lado do que dando sopa por aí.

Duas correntes atravessaram o chão e acertariam Rafael caso Cal não tivesse se jogado para tirá-lo do caminho. Infelizmente para os dois, o demônio teve a perna transpassada pelo metal. As correntes se retraíram e voltaram a desaparecer para o andar inferior.

— Droga! Isso vai demorar para regenerar.

— Então não podemos ir muito longe, precisamos resolver isso agora.

— É o que parece.

As correntes surgiram novamente, mas acertaram o teto. O apóstolo foi erguido por elas até o andar em que estavam.

Parte do casaco estava completamente carbonizado, com alguns pontos ainda em chamas. Seu capuz não mais existia e seu rosto deformado brotava do que sobrava dos trapos tostados. Rafael estremeceu ao se lembrar da noite em que viu aquela aparência pela primeira vez, antes de ter desmaiado de dor. Não havia qualquer sinal de cabelo ou pelos no rosto. Não possuía também mandíbula, como uma caveira diabólica. Vários símbolos estavam marcados na testa em forma de estigmas, e cicatrizes profundas também marcavam a pouca carne apodrecida que tinha no crânio. Ainda sim, parte daquele conjunto de elementos torpes ainda estava mais deformado pelo tamanho da explosão. Seu olho esquerdo e parte de sua cabeça se transformaram em um bolo de carne escura e apodrecida.

O pior pesadelo de qualquer ser humano não fazia jus àquela criatura vil, monstruosa e completamente inumana.

— Salvador Dali mandou lembranças — debochou Cal, mas Rafael estava horrorizado demais para tecer qualquer comentário.

O apóstolo acertou um murro no peito de Cal, mas foi cortado no ombro pela lâmina de plasma de Rafael. A lâmina entrou na carne do demônio, mas sua carne não era tão fácil de cortar quanto a dos outros. A entidade deu uma risada depravada ao perceber que Rafael tentava mais uma fez feri-lo.

Ao se virar para o mundano, Cal teve tempo de segurá-lo com uma chave de braço. Rafael perfurou o peito do apóstolo e fez força até a lâmina o atravessar.

— Errou — avisou Cal. — Um pouco mais embaixo!

O ferimento se abriu e entre todas as vísceras enegrecidas do monstro conseguiu ver o topo de uma rubra estrutura esférica brilhante, do tamanho de uma bola de basquete. Aquele era o famigerado núcleo cristalizado, só poderia ser.

Mas, antes que pudesse fazer alguma coisa quanto a isso, foi acertado por um tapa e acabou sendo jogado para o lado, quase sendo engolido pelo buraco da explosão. Segurou o cetro pouco antes que a cratera o engolisse. Cal se concentrou e desferiu uma série de socos nas costelas do inimigo, que caiu de joelhos. Foi a oportunidade para mais um golpe. O demônio segurou a cabeça do apóstolo negro fincando seus dedos em sua carne e acertou uma poderosa cabeçada onde deveria estar o nariz da entidade, esfacelando a parte da frente de seu crânio e afundando o último olho que restava.

Rafael se recuperou e segurando o cetro com as duas mãos enterrou a lâmina de plasma um pouco mais abaixo do primeiro ferimento. Sentiu a carne sendo perfurada até encontrar algo mais rígido, que, quando penetrado, fez com que um urro saísse do rosto esfacelado da monstruosidade.

O apóstolo se contorceu e estrebuchou, se desfazendo de dentro para fora no mesmo muco negro, como todos os outros.


פ
♂
16
A Torre

CAPÍTULO XVIII
ONDE HÁ UMA QUEBRA DE CONTRATO

Uma vez Rafael perguntou para Cal como funcionava exatamente aquela coisa de zona crepuscular. E como certas coisas como eletricidade e água encanada ainda funcionavam dentro daquelas dimensões.

Segundo o demônio, havia uma lógica para tudo aquilo. Apesar de a raça humana não conseguir produzir um efeito daqueles, era certo que podia explicar parcialmente seus resultados por meio da limitada física moderna em que acreditavam.

O mundo dos homens, ou o mundo real como Rafael gostava de chamar, seria como um grande lençol perfeitamente esticado e liso. E as outras dimensões e mundos seriam como vários outros lençóis paralelos esticados um acima do outro que não chegavam a se encostar de fato, mas seriam muito rentes.

Os demônios não poderiam frequentar o mundo dos homens, mas, se por ventura alguém empurrasse o lençol para baixo, aplicando um ponto de pressão, tanto o mundo dos homens quanto dos demônios entrariam em contato naquela deformação do tecido. Os dois lençóis nesse caso compartilhariam um mesmo formato, onde ocorreria essa pressão.

Essa analogia podia explicar quase todos os efeitos que se passam dentro dessa dimensão artificial. A semelhança com o mundo real, a dilatação da gravidade e consecutivamente a lentidão do tempo, que não chegava a parar, mas horas duravam como o piscar de olhos. Então a zona crepuscular não se desligava do mundo onde estavam inicialmente, mas se tornava uma zona de intercessão.

Água e energia dependiam do tamanho do lugar que era puxado para a deformidade e se o seu criador desejaria ou não que tivesse coisas desse tipo, além das pessoas que ele deixaria entrar ou sair.

Caso uma pessoa se afastasse do epicentro da deformidade, encontraria uma divisão no espaço e se desintegraria sem qualquer cerimônia. Rafael se lembrava da sensação que teve no metrô ao tentar sair da estação.

Na prática, seria quase que uma dimensão paralela criada a partir dos desejos do

dono por um curto período de tempo que não é nem rastreável, nem poderia ser invadida.

Seu único porém era que tudo que fosse feito naquele plano artificial estava sendo feito no original e inevitavelmente, quando a zona se rompesse com a aniquilação de seu criador, tudo continuaria da mesma forma.

E foi o que aconteceu.

Os primeiros a chegar foram os bombeiros, com a ativação dos sprinklers. Logo depois a polícia por causa de todo o alvoroço que quase partiu o andar no meio. Rafael e Cal foram mandados sob custódia para o hospital e, se não dessem explicações plausíveis, iriam para a cadeia. Poderiam ter fugido por meio de um salto a qualquer momento antes de serem pegos, mas Rafael sabia que chegariam neles cedo ou tarde, já que seu apartamento também havia sido atacado.

No sábado mesmo, um dia depois do incidente, um advogado mandado pela Eletronik foi ao hospital e pediu para que os dois comparecessem em uma semana na mesa de GG, que foi obrigado a voltar das férias apenas algumas horas depois de ter saído do País. Rafael teve de convencer Cal a permanecer na cama por mais que estivesse recuperado, já que se fugisse ia ser pior para o lado dos dois.

Mas algo curioso aconteceu enquanto descansavam na cama do hospital. Algo que os dois acusados não haviam sequer imaginado foi que todas as câmeras de segurança também foram parar na zona crepuscular e toda a luta foi gravada. Não perfeitamente, mas partes das cenas conseguiram ficar visíveis. As fitas de segurança, segundo o advogado, foram parar na mão de GG e da polícia. E de alguma forma acabaram vazando e caindo na internet em poucos dias.

“A batalha na Eletronik”, como foi chamada, viralizou de tal maneira que em poucas horas o mundo inteiro já conhecia o caso. Sem que ninguém soubesse se aquilo tudo era real ou não. O trabalho de quem colocou o vídeo no ar foi tão bom que ele até editou uma trilha sonora de metal pesado para dar clima ao embate.

Alguns teóricos afirmaram logo que poderia se tratar de um marketing viral de algum filme novo do M. Night Shyamalan, sendo que outros mais conspirólogos discutiam que seria na verdade uma farsa engendrada pelos illuminatis para

desacreditar alguma teoria doida que nem ao menos eles sabiam. “Por que todo incidente sobrenatural é gravado com uma câmera tão ruim?”, já questionariam os mais céticos.

No final ninguém acreditou que poderia ser real, mas todos concordavam que eram cenas legais para caramba.

Érica e Rick mandavam mensagens adoidados para o celular de Rafael, perguntando o que havia acontecido, dando apoio e dizendo que GG havia proibido qualquer comunicação com eles. Qualquer um que fosse pego no hospital seria demitido no ato.

A polícia interrogou os dois suspeitos todos os dias até serem liberados. Na casa de Rafael também foram encontrados rastros de destruição com o corpo de Ariane, confirmando sua morte. A notícia foi recebida pelo principal suspeito com pesar e tristeza. Felizmente o porteiro e mais algumas testemunhas falaram a favor do dono do apartamento. Segundo eles, foi um grupo de punks criminosos que invadiram o prédio e fizeram a algazarra.

— O que eles queriam? — perguntou o oficial da Polícia.

Cal e Rafael chegaram a um consenso quanto à história que iriam vender.

— Fomos atacados por volta das 21 horas no meu apartamento, não conhecíamos nenhum deles nem sabemos por que fomos nós os escolhidos. Eles nos arrastaram para fora… — Apesar do porteiro não notar toda aquela gente saindo pela portaria. — E nos obrigaram a dizer onde trabalhávamos, foram para lá só para fazer baderna. Felizmente não tiraram nossas vidas apesar de termos apanhado muito.

Um dos oficiais anotava tudo o que diziam.

— E sobre huum… uma gravação de vídeo feita no dia do incidente. Sabem de algo sobre isso?

Rafael olhou para Cal, que deu de ombros.

— Não sabemos de nada, senhor.

— Nada de pessoas fantasiadas, algum ritual estranho ou materiais de cenografia do tipo fogos de artifício?

— Fogos de artifício?

— Nada… deixa para lá. — desconversou o policial. — Estão liberados, mas deverão estar nessa data para prestar outros esclarecimentos. Não saiam do País enquanto isso.

Os policiais iam saindo quando o interrogador parecia ter se lembrado de algo.

— Duas perguntas rápidas — falou antes de ir. — Encontramos um gato muito irritado dentro do seu armário e, apesar de ele ter quase arrancado um olho de um oficial da corporação, posso dizer que está bem. Acho que o porteiro está tomando conta dele.

— Ele é muito mal educado, peço desculpas.

— Outra coisa é que encontramos uma… — o oficial leu novamente seu relatório. — ... árvore, nascendo no meio da sala do senhor.

Rafael e Cal se entreolharam.

— Não sei nada sobre isso.

Depois de liberados, Rafael não conseguiu voltar para casa e acabaram alugando dois quartos de hotel para passar a noite. Rafael ficou matutando sobre a árvore que o policial mencionara, mas realmente não sabia do que estava falando.

O dia seguinte chegou e com ele a obrigação de ter de encontrar com seu chefe para finalmente serem demitidos. O contrato de trabalho seria desfeito, e o demoníaco seria quebrado poucos dias antes da virada do ano em que ele se concluiria.

Não havia ninguém para recebê-los no escritório, já que todos estavam de férias, exceto o advogado que compareceu no dia. Ele os levou para a sala de GG. Enquanto passavam pelo local viram as marcas da batalha, o escritório inteiro estava em reforma e vários operários iam de um lado a outro para consertar o estrago que fizeram.

O advogado entrou e logo depois Rafael e Cal. GG usava uma mesa improvisada, bem menor que a anterior, com um computador novo e paredes refeitas. Não havia sinais dos troféus, provavelmente não era o tipo de coisa que dava para recuperar.

GG nem parecia dar atenção, digitava freneticamente em seu computador e o advogado os mandou sentar, saindo logo em seguida. Seu chefe esfregou os olhos e suspirou.

— De todos esses anos de empresa — ele começou — lidando com funcionários de todos os tipos, eu realmente não sei como começar essa conversa.

Rafael não soube o que falar e Cal parecia não dar importância.

— Na verdade, eu queria começar com um grande “Estão demitidos! Saiam da minha frente!”, mas não vou.

— Nós sentimos muit…

— Silêncio! — gritou GG dando um tapa na mesa. — Estão aqui e agora vão escutar. Passei noites em claro por causa da… “festa” que aconteceu aqui. Noites inteiras!

Rafael engoliu a seco.

— Quando vi pela primeira vez os vídeos, santo Deus! Não pude acreditar. Consultei todos a quem conhecia, queria pelo menos entender o que passava na cabeça de vocês.

O mundano não sabia onde aquilo tudo ia chegar, mas não acreditava na possibilidade de o homem acreditar em tudo o que a câmera tinha gravado.

— Podem ter enganado a polícia, mas a mim não enganam! Acham que só porque sou velho não sei o que vieram fazer aqui naquela noite? Essa coisa que está na moda, o tal do “Rolenplai”, acha que não sei que vocês vieram brincar e vandalizar tudo?

Rafael levantou uma sobrancelha.

— Vir até o local de trabalho pra brincar de lutinha e destruir tudo pareceu por algum momento uma boa ideia? Não sei como ninguém escutou vocês, pagamos uma fortuna de condomínio para aqueles preguiçosos lá embaixo garantirem a segurança de todos e é isso que acontece.

GG ficava cada vez mais vermelho, a ponto de começar a espumar.

— Sabemos que vai nos demitir, por que não anda logo com isso? — adiantou Cal. Por um momento Rafael achou que o velho iria jogar a mesa para o alto e esganar os dois ali mesmo, mas incrivelmente não o fez.

— Era o que eu queria, mas por uma grande ironia do destino e muita sorte de vocês uma grande reviravolta quase me fez ter um infarto no começo da semana.

— Reviravolta?

— Parece que o tal vídeo que foi colocado na internet por algum idiota já está com mais de meio bilhão de visualizações, tudo isso em uma semana. Nosso nome está estampado nos portais, sites e blogs no mundo todo e os acionistas da empresa decidiram começar a aproveitar essa fatia do mercado. Desde essa segunda estamos vendendo livros, filmes e seriados e nossa curva de lucro nunca cresceu tanto nos últimos 10 anos. Estão entendendo a gravidade do caso?

— Acho que estou um pouco confuso.

— Eles me convenceram de não só deixar o emprego de vocês, como querem que eu dê uma promoção e os coloque na área de marketing da empresa. — GG suspirou lentamente, quase sem acreditar no que ele próprio falava.

Não tinha noção de nada daquilo dentro do hospital. Era tudo uma surrealidade para Rafael, que mesmo após ouvir aquelas palavras ainda custava a acreditar na história. Já Cal mantinha o mesmo sorriso de canto de boca que ele tanto odiava.

— Agora, fora daqui! Não quero ver a cara de vocês até o ano que vem. Na volta das férias decido o que faço.

Rafael e Cal se levantaram, mas perceberam que algo estava errado.

Seu chefe parecia ofegante e vermelho demais, seus olhos se arregalaram e começou a respirar de maneira estranha. Ao apertar o peito, o mundano soube o que estava acontecendo.

— É um ataque cardíaco. Chame ajuda, Cal!

— Deixa esse babaca morrer. — O demônio não se importava, mas Rafael gritou novamente e ele se foi.

GG jogou todas as suas coisas no chão e seu funcionário correu para acudi-lo. O homem tentava tirar algo do bolso interno do paletó, mas parecia não encontrar, talvez um possível remédio para deter o mal.

Emerson o fitou de maneira estranha, como se tentando falar algo, mas parecia que o ar estava preso em seu peito. Morreu ali, nos braços de Rafael e ele nada pôde fazer para aliviar sua dor.

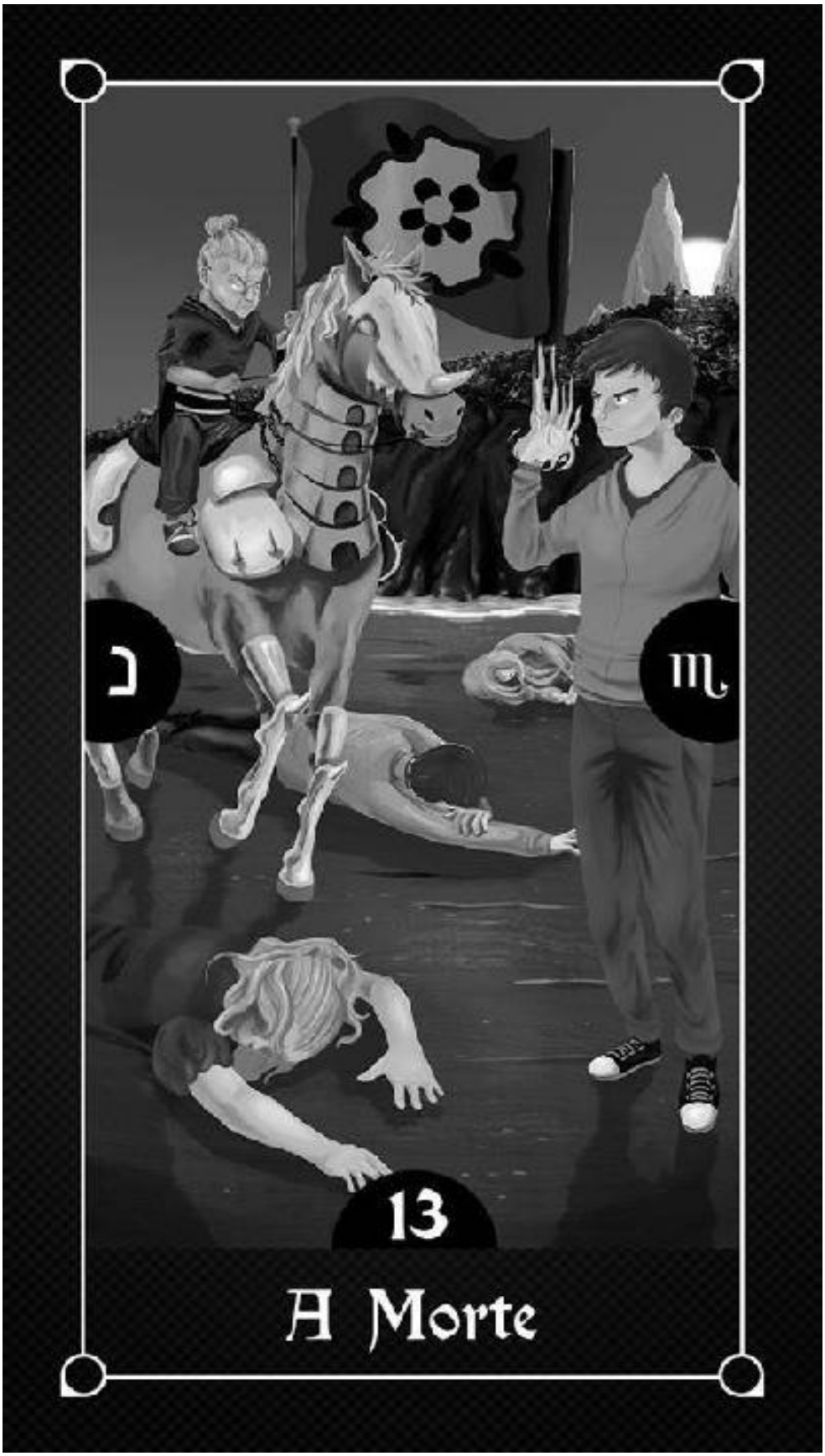
Os paramédicos saíram da sala carregando o corpo de GG e Cal encontrou Rafael sentado no banco em frente. O rapaz estava arrasado.

Aquela situação parecia um completo pesadelo, mas foi apenas quando tudo ficou escuro que ele descobriu que estava só começando.

Não eram demônios, nem youkais, nem qualquer coisa que Rafael sentira na vida. Era um vazio no peito, desesperança e insanidade. Ele e o demônio não estavam mais no escritório, mas em um lugar completamente diferente.

Escutou o som de batidas.

O pesadelo não havia terminado.


נ
♏
13
A Morte

CAPÍTULO XIX
ONDE HÁ KALCIFERUM

Diferentemente de todas as outras vezes, aquilo não era nem um pouco similar a uma zona crepuscular. Não havia pessoas, não havia escritório, apenas o vazio. Tentou enxergar a si mesmo, mas por mais que tentasse aproximar a mão de seu rosto apenas o breu prevalecia.

O tempo passava e uma sensação de desespero tomava conta. Não por estar provavelmente mais uma vez em perigo, mas por sentir claramente que ali Rafael não mais existia. Estava com frio.

Da escuridão, fez-se uma luz, que revelou parcialmente o ambiente onde estava e deu a ele um fôlego a mais de esperança.

Uma confusão de sentidos se formou na cabeça de Rafael, como se a simples existência daquele lugar fosse uma lógica completamente refutável, como se sua presença ali fosse como a de um grão de areia dentro de uma ostra, como se a simples menção de algo como aquilo existir fosse absurda.

Seus dedos começaram a sentir, tocava um chão que estranhamente parecia se mover entre seus dedos. Sentia estruturas minúsculas, encavaladas umas nas outras, apontando para todas as direções, inclusive para aquelas que não pareciam fazer muito sentido. Seu tato pareceu se ajustar e notou que nada se movia de fato, era como se tudo ali estivesse parado desde o começo. Estaria ficando finalmente louco?, pensou.

Inicialmente não enxergou nada além do ponto iluminado, mas aos poucos o negro foi se tornando uma penumbra cinzenta e sem vida. As cores que não faziam parte da escala cromática que seu cérebro conseguia interpretar foram sendo substituídas por semelhantes que conseguia. Não que realmente a palavra certa para aquilo fosse “semelhança”, mas era o mais próximo que sua cabeça conseguia compreender.

As paredes pareciam mucosas, uma estrutura coloidal descolorida que lembrava o interior de algum animal. Como se estivesse na barriga da baleia onde Gepeto acabou parando enquanto procurava seu boneco de madeira.

A luz se aproximou, vinha de lugar nenhum, transformando a penumbra em um estado natural e absoluto de todas as coisas por ali. Desconfiou que havia sido drogado e que fosse uma viagem de ácido, mas achou que nem a mais poderosa droga poderia causar algo como aquilo. Nada que viesse do planeta, pelo menos.

— O que está acontecendo? — perguntou em vão, após sentir ar em seus pulmões e perceber que continuava vivo. Seu cérebro parecia negar tudo a sua volta, ao mesmo tempo em que buscava uma lógica que era para sempre ter existido. O silêncio era tão profundo que até sua voz parecia diferente. Ecoava de maneira que nem ao menos se reconheceu.

Sua cabeça doía sobrecarregada. Mais um pouco e viveria até o fim de seus dias trancafiado em um sanatório, balbuciando sobre aquela experiência inominável.

— Não gosto nada disso. — A voz de Cal estava diferente como a dele, mas era inconfundível. Seu tom indicava que não parecia ser afetado pela estranha e alienígena força do lugar. De alguma forma, saber que o demônio estava ali parecia servir como âncora para sua cabeça.

Enxergou o semblante pouco discernível do seu contratado, como se estivesse envolto por uma estranha névoa branca. Uma névoa que lembrava já ter visto.

Antes que pudesse especular ou perguntar algo a ele, escutou batidas e se lembrou dos últimos momentos antes de ser levado para aquela insanidade toda. Vinha da luz que se aproximava.

A luz se intensificou e Rafael conseguiu distinguir duas formas escuras que se aproximavam deles. Uma visivelmente mais baixa que se equilibrava curvada em um cajado torto e um esbelto corpo que flutuava ignorando a presença da gravidade.

Metade do mistério estava explicado.

As batidas feitas pela Madame Collete cessaram quando conseguiu enxergar seus olhos perversos.

— Estamos onde acho que estamos, velha? — Cal pareceu puxar um cigarro do bolso, mas por mais que tentasse a ponta não queimava. Irritado, guardou novamente.

— Muito longe de casa — respondeu a bruxa, com mais uma batida de seu cajado. A estrutura de todo o lugar pareceu se mover, como se realmente estivessem dentro de algum organismo vivo. O mundano perdeu o chão em seus

pés e caiu, perdendo de vista tudo e todos. A escuridão havia voltado.

Sentia-se flutuando como se fosse um astronauta perdido em meio à vastidão do cosmos.

— Você conhece esse lugar, rapaz. — A voz da bruxa soou, mas nada além do mais perpétuo breu estava a sua volta. — Tenho certeza que se lembrará de ter sentido antes.

E Rafael então se lembrou, como se a resposta estivesse vagando em sua cabeça e só naquele momento conseguisse agarrá-la. Aquela sensação de solidão, de morbidez, de desesperança e da mais profunda insanidade. O cliente que havia sido atendido antes dele no dia em que conheceu a maldita bruxa, que expelia a neblina branca com a entidade que não parecia pertencer ao seu mundo.

Escutou uma risada contida.

— Poucos são os homens que já pisaram em uma região tão primeva. Estudei por décadas sua existência, formulando teorias pelas pistas deixadas por antepassados a tanto esquecidos. Mas falhei muitas vezes, inúmeras. Até conseguir o livro cedido pelo nosso amigo caído. Ah! Como vocês me foram úteis… Não faz ideia das coisas que já encontrei por aqui, das que contactei…

Rafael não parecia ser capaz de responder, nem queria, havia se tornado um espectador em um espetáculo sem igual.

— Tenho de parabenizá-la. Sua estupidez alcançou níveis que nenhum outro da sua laia conseguiu. — A voz de Cal indicava que ele também estava por ali, mas o mundano não era capaz de saber em qual direção. — Por qual motivo?

A velha cacarejou.

— Tão ingênuo. Aqui tenho o controle, poderei cometer todas as minhas perversões, livre dos olhos altivos daqueles que temem o poder ancestral daquilo que não compreendem.

Mais uma batida e Cal surgiu iluminado a dezenas de metros de onde Rafael estava. Havia sido preso em uma estrutura que parecia ser uma gaiola formada por tentáculos rígidos que emergiam do chão e se ligavam ao teto. Estavam separados por um vasto abismo trevoso.

O mundano agarrou o cetro no bolso em um movimento quase automático, apontou para lugar nenhum e nada pareceu acontecer.

— Nada que eu não queira acontecerá aqui. — Madame Collete surgiu ao seu lado com um sorriso de orelha a orelha. Uma nova batida ecoou da ponta de seu cajado e um calombo se formou em suas costas. Usou-o para sentar-se. — Deixe a vovó contar uma história antes de te colocar na cama.

Com um balanço das suas mãos ossudas e enrugadas o negro se tornou luz e imagens se formaram ao seu redor. Cores, sons, cheiros. Rafael via ali todos os seus vívidos sonhos, que andava tendo desde que havia conhecido o demônio. Sabia depois de muito pensar sobre aquilo que só poderia ser os primeiros anos de Cal no mundo dos homens.

As imagens mostraram os primeiros sonhos que teve. O ritual no casarão em meio à tempestade, com as garotas em círculo e o relógio dourado no centro.

— Ele já foi um diabo malvado, um dos piores, mas por motivos que desconheço algo mudou em sua vil natureza. Estava disposto a recomeçar uma vida nova e infelizmente não conseguimos colocar nossa relação em um contrato. Ele tinha receio do que uma pessoa como eu poderia fazer com esse tipo de poder.

— E a sua assistente que anda sempre com você? Conseguiu o que queria, não é? — questionou Rafael.

Lili surgiu como um passe de mágica ao lado de sua senhora. Vestia uma roupa de couro apertada que mais parecia pertencer a uma dominatrix.

— Por mais que minha adorável serva seja poderosa, ela está longe de ter as capacidades de Cal.

Rafael se virou para o demônio preso. Seu rosto estava sombrio.

— Isso não é da conta do mundano, velha imunda.

— Passando de mãos em mãos, fazendo contratos em troca de miséria. Atendendo os pequenos e pecaminosos prazeres de humanos tão baixos. Tudo para escapar do olhar vigilante. Acredite ou não, ele é um cara importante lá embaixo.

— Se é tão poderoso assim por que ele se preocupa com isso? Por que não a matou quando teve a chance?

— Desconhece regras tão básicas do universo que nos cerca que realmente me pergunto o que fez até agora com um contrato tão valioso. — A bruxa retirou das vestes o relógio dourado. — Cal usa uma coleira bastante efetiva. Um limitador

usado na hora da invocação para manter esse diabrete sob controle com seu fabuloso poder.

— Você tinha o controle de tudo desde o começo.

— Não existe controle de tudo, meu rapaz. Livre-arbítrio não pode ser subestimado. Até demônios podem fazer o que desejam, por mais que agora Cal não passe de uma pulga se comparado com antes de chegar até aqui. O poder de um baal é incomensurável em sua amplitude máxima.

— Baal?

Madame Collete desapareceu de sua vista e reapareceu ao lado da gaiola de Cal. Cutucou-o com seu cajado, mas o demônio não reagia.

— Você já deve ter escutado esse nome antes, é conhecido até pelos mais insignificantes dos homens. É claro que seu contexto por aqueles que não conhecem as artes ocultas não é das mais acuradas. Baal significa lorde em hebraico. São os lendários senhores do submundo, que comandam tropas infinitas de seres abissais para o terror dos elevados. Falastrões, mas não consigo deixar de admirar a capacidade de destruição desses seres magníficos.

Cal segurou a ponta do cajado da bruxa.

— É por isso que fez um acordo com um de nós? — perguntou o demônio. — Agora entendo. Tudo isso só para despistar as próprias intenções… Qual foi o preço da barganha? Aquele idiota ganancioso com certeza não pediu nada barato.

— Por isso Cazzkharan é tão fácil de manipular, diferente de você. Não houve barganha, apenas uma aliança que há de render bons frutos. Frutos proibidos.

A velha cacarejou e o demônio saltou em seu pescoço, fazendo a estrutura do lugar tremer. Mas, antes que pudesse alcançá-la, a velha estava de volta ao lado de Rafael.

— Estou sempre a um passo à frente, lembra? — Virou-se para o mundano, seus olhos brilhavam vívidos de empolgação. — Todos os ataques serviram para ludibriar aqueles que vigiam, só assim para conseguir chegar até aqui sem ser atrapalhada. Tive de prometer algumas coisas em troca para o baal da ganância, mas agora que chegamos ao clímax da nossa história não precisamos mais nos preocupar com isso.

O demônio do outro lado começou a gargalhar de maneira tão intensa que até a velha bruxa perdeu um pouco do delicioso momento que aproveitava.

— Foi ousado para uma mundana, tenho de admitir. Com falhas grosseiras, mas ainda assim um astuto e admirável plano. Pensou nisso sozinha?

A batida do cajado fez com que os tentáculos se contorcessem em volta do demônio, fazendo-o ficar imóvel. Mesmo assim, ele não perdeu o sorriso debochado.

— Não há falhas! — respondeu a mulher irritada, caindo na provocação. — Previ cada passo até esse momento. Meses antes de você conhecer o mundano já sabia por qual subterfúgio usava para enganar os cães do submundo. Como ardilosamente usava a burocracia humana para enganar a do inferno. Por esse exato motivo andei brincando de investidora com minha fortuna, comprando boa parte das ações de certa empresa.

Cal perdeu o sorriso.

— Acha mesmo que contaria isso tudo para que pudesse ter a chance de colocar tudo a perder? Eu venci, verme.

— O que isso quer dizer? — Rafael não queria acreditar no que havia acabado de escutar.

— Quer dizer que depois que me livrei daquele velho babão me tornei sócia majoritária. Sou dona da empresa e Cal agora me pertence. Um contrato extraoficial em vigor.

— Não! — Cal rugiu sem poder se mover, por mais que tentasse usar toda a sua força.

— Não se exalte, querido. Ainda há um pequeno porém que não me permite ter total controle sobre você.

Madame Collete retirou sua adaga da manga, a mesma que usara antes para tentar assassinar Rafael. O mundano tentou se proteger, mas só fez a velha achar mais graça da situação.

— Ainda não é a sua vez.

A bruxa perfurou o peito de Lili com a lâmina afiada, fazendo-a cair no chão sem forças. Uma poça rubra se acumulou em volta de seu corpo e lágrimas de sangue escorreram por seu rosto. Absorto, Rafael a segurou em seus braços, sem

entender porque sentia algo forte por aquele demônio em forma de garota. Ela o havia ajudado, mas tinha algo mais.

Os olhos de Lili perdiam vida, mas ao mesmo tempo expressavam uma compaixão que o mundano não soube se era compatível com a natureza dos demônios.

— Por que não fez alguma coisa? Ela ainda é uma simples humana — perguntou sincero enquanto a vida se esvaía em seus braços.

A garota tocou seu rosto, enquanto seu corpo ficava rígido.

— Devo minha existência a ela e por isso morro feliz. — No fundo do ferimento, Rafael via brilhar o núcleo cristalizado rompido. — Somos apenas cordeiros perdidos, lembre-se disso no momento em que seu amigo mais precisar.

Sua forma havia mudado, Gabrielle estava em seus braços e tanto ela quanto Lili morreram ali. O demônio se tornou areia e se desfez naquele mundo tenebroso.

— Os caídos não passam de marionetes dos próprios desejos, máquinas sem sentimentos comandadas pelo instinto. Não perca tempo lamentando a morte deles.

A jaula contorcida que prendia Cal se desfez e o demônio caiu no chão.

— Prove para mim, servo. Prove que falhei! Está livre para me matar.

O demônio se aproximou com o semblante soturno. Seus olhos brilhavam de um azul profundo, mas, por mais que parecesse querer obliterar a existência da velha bruxa, algo parecia impedi-lo.

— Acha que não consegue? Vou ajudá-lo nisso.

O relógio dourado surgiu do vazio e caiu no chão como um fruto maduro, quicando de maneira sonora até se estabilizar nos pés da bruxa. O cajado o esmigalhou em um golpe certeiro que fez metal, engrenagens minúsculas e molas saltarem para todos os lados. O corpo de Cal se incendiou com as próprias chamas azuladas, que pareciam funcionar naquele mundo distorcido, ao contrário do fogo convencional.

Rafael enxergou com o canto dos olhos algo se revirar na escuridão a volta de todos, como se respondendo àquela luz intensa produzida pelo demônio. Não se atreveu a encarar o que era.

— Acho que precisamos de ar puro, por que não acabamos logo com isso? Se livre do seu antigo contratante e sele nossa nova aliança. Use todo o seu poder se quiser, os olhos julgadores não recairão sobre você.

A velha deu as costas para Rafael e se afastou.

Sem tempo de reação, o mundano levou um murro de direita e caiu para trás. Não havia expressão alguma no rosto do demônio, nenhum traço de arrependimento ou piedade. Rolou até o outro lado do lugar com um chute nas costelas e lá ficou.

O demônio o agarrou pela camisa e o ergueu acima do chão.

— Não posso desobedecer um contrato, você não entenderia. — Sua voz pouco parecia humana.

Rafael riu e cuspiu um pouco de sangue.

— Acaba logo com isso.

As mãos de Cal brilhavam com as chamas safira e Rafael sentiu que pela primeira vez podia ser queimado nelas. Aquele seria um golpe fatal.

— Um momento! — Madame Collete bateu com o cajado novamente. — Apenas gostaria de avisar que, se morrer aqui, sua alma será completamente destruída. Não há retorno.

Não era um problema tão grande para alguém que há tão pouco tempo passou a vida inteira acreditando que nada mais existia do outro lado.

A mão do demônio balançava em riste, pronto para o golpe final que mirava o coração do mundano. Foi quando Rafael percebeu que havia hesitação em seus olhos brilhantes.

Caiu no chão depois que foi solto e, sem entender, olhou para cima e viu uma inesperada risada se transformar em uma maldosa gargalhada.

— Agora eu vejo… a falha.

Madame Collete virou sua cabeça enrugada como uma uva passa na direção do demônio.

— Não fale bobagens! Como disse antes…

— Cale essa maldita boca, velha. Eu consigo sentir que nosso contrato não vale

mais do que a que tenho com esse mundano.

— Isso é impossível, você é meu!

Cal ria mais e mais, se contorcendo de tanta diversão. Rafael via os vultos das coisas em volta deles se agitando cada vez mais. Não conseguia distinguir o que eram nas trevas de fato, mas o simples aspecto das formas escuras causavam temores primitivos que sabia que lhe provocariam pesadelos por muito tempo.

— Até que foi bom ter nos trazido para esse ambiente depravado! Posso usar tudo que tenho sem ser descoberto. — Cal rosnou e a caverna do fim do mundo tremeu. O fogo o envolveu como uma aura mística. Rafael sentiu uma presença maior e mais densa que a do próprio apóstolo negro. Era como se a própria existência estivesse prestes a se rasgar em milhões de pedaços próximo a algo tão poderoso.

— Sou Kalciferum, o Orgulhoso, baal do sexto círculo e seu algoz. Os crimes cometidos ultrapassam a esfera mundana e ameaçam a ordem universal das coisas. A punição para isso vai além da morte. Sua essência ficará aqui e será consumida por aqueles que foram banidos para sempre do firmamento.

Dois imensos e curvados chifres brotaram da fronte do demônio. Pelos castanhos tomaram toda a extensão de sua pele e das costas se elevaram placas brutais em forma de espinhos. As mãos se tornaram garras e os pés cascos fendidos. Por até sete vezes mais aumentou de tamanho e uma cauda felina surgiu de sua retaguarda. O rosto humano se contorceu até se tornar um focinho leonino. O fogo tomava conta de tudo, nascia de suas costas, subia até seus ombros e se elevavam até os chifres, que pareciam formar uma enorme coroa flamejante.

Rafael estava completamente aterrorizado e Kalciferum o fitou com aqueles imensos olhos de predador.

— Sabe por que decidi abandonar o She’ol, mundano? — Sua voz era inumana, um rasgar demoníaco que de longe parecia a voz de antes. — Eu me cansei. Cansei de tudo o que se passava por lá.

Os olhos impiedosos voltaram a encarar a bruxa, que pela primeira vez estava pálida e tão assustada quanto Rafael. Recuava sem perceber, enquanto segurava firme seu cajado torto.

— Isso é impossível, sou sua mestra!

— Não tenho mestres! — A besta rugiu e até as coisas no vazio se encolheram.

— Posso finalmente aquecer minha velha forma, te aniquilar e de quebra ainda farei com que nunca mais consiga retornar ao nosso plano. Tenho de concordar, isso não foi uma falha. Foi um grotesco erro de cálculos.

— Isso nunca surgiu em minhas visões. — A mulher havia entrado em um completo estado de negação. Seus olhos estavam arregalados e sua boca tremia e espumava de raiva.

— Repita para você mesma quanto quiser. Não vai mudar as variáveis do jogo.

A bruxa bateu com o cajado no chão e estacas pontiagudas saltaram do teto e acertaram a cabeça do baal, mas nada havia feito contra o crânio do demônio. Cal havia se cansado da conversa e suas presas saltaram para fora da boca. Um azul intenso surgiu de dentro de sua garganta. Ao invés de fogo, um raio destrutivo concentrado foi expelido na direção da velha.

Pouco antes de ser atingida, a língua azulada foi dividida em dois pelo cajado e logo a mulher convocava todas as suas forças para entrar naquele combate e tentar enfrentar aquela criatura monstruosa.

Tentáculos se formaram nas paredes e tentaram novamente prender o demônio, que conseguiu se soltar com facilidade, rasgando e estraçalhando tudo com suas garras e dentes afiados como navalha.

— Não de novo.

O demônio se aproximou e com um bater de asas estava cara a cara com a mulher diminuta. A velha se transportou rapidamente e ganhou distância necessária para conjurar uma imensa onda flamejante que consumiu o demônio. As coisas no vazio, percebeu Rafael, se amontoavam novamente umas nas outras, esperando o resultado daquele embate titânico.

O próprio teto se moveu a comando da bruxa, e tentou esmagar a bola de fogo vermelha na qual Cal havia se transformado. A massa disforme o cobriu e pareceu sepultá-lo em meio ao caos de centenas de toneladas. Madame Collete ainda sim continuava estática, com o cajado esticado, esperando alguma reação.

Uma rajada azul atravessou o material escuro e acertou em cheio a mulher, que pouco teve tempo de reagir e criar uma barreira para protegê-la. Foi atirada por dezenas de metros até próximo de um abismo profundo e escuro.

Nada parecia segurar Cal. O demônio aberrante realmente parecia ter o poder supremo de uma entidade que dominava todo um plano de seres caídos.

Cada vez mais a bruxa recuava com o avanço do inimigo, como um animal acuado. Seu coque havia se desmanchado há muito e longas mechas prateadas caíam pelo seu rosto. Ergueu novamente a adaga que havia usado para destruir Lili/Gabrielle e fez com que a lâmina se esticasse, até se tornar uma espada fina e afiada, que mais parecia um palito em comparação ao corpanzil da criatura.

A bruxa entoou cânticos estranhos e desconexos e, com um balanço do cajado, milhares de espadas surgiram do nada e circundaram Cal. A mulher fincou a espada no solo e todas as lâminas voaram na direção do demônio, perfurando-o como flechas de um exército.

Não durou muito, pois com um impulso todas elas foram expelidas e jogadas em todas as direções. Nada mais parecia restar no repertório da mulher e mais uma vez ela foi obrigada a lançar uma onda flamejante que varreu o corpo demoníaco. Mas Cal apenas fez continuar a avançar em meio ao bafo infernal e arrancar o cajado das mãos da bruxa. Com um único movimento, fez o cajado ser completamente destruído em milhares de pedaços.

— Mundanos e seus brinquedos.

Quanto mais recuava, mais alcançava a borda do vazio e isso fazia com que Cal se deleitasse mais e mais com a situação. Por fim, sem escapatória, Madame Collete retirou das vestes algo que Cal e Rafael bem conheciam.

A velha bruxa fez uma careta nervosa e desesperada. Enquanto segurava pelo cordão o pingente feito com o material mais precioso do universo. A Innocentia brilhava de forma tão pura que mais parecia um grande farol em meio a toda aquela escuridão. Seus olhos alcançavam aspectos de insanidade enquanto o objeto iluminava seu rosto de maneira doentia.

— Nunca teve a chance de me derrotar. — Ela cacarejava de maneira histérica. — Vamos todos desaparecer nesse infinito de caos e loucura.

O demônio permaneceu imóvel. Se Cal estivesse certo, Rafael pensou, aquela coisa poderia ser usada como uma poderosa arma.

Apenas era audível a respiração da forma inumana de Cal que mais parecia um roncar de um pesado motor. Fitou o minúsculo objeto e encarou logo depois o rosto da mulher.

— Que se faça vossa vontade — desafiou o baal.

Madame Collete ergueu o braço e tentou se concentrar da melhor maneira

possível enquanto gesticulava com sua mão ossuda contra o objeto. Mas nada aconteceu.

A cabeça leonina pareceu sorrir e seus olhos brilharam com malícia.

— Essa é a energia pura da criação. E vejam só! Nesse exato momento estamos fora do firmamento. É engraçado como mesmo depois de tanta profanação vocês ainda apelam para o poder divino.

Os olhos do demônio arderam e os da bruxa suplicaram, até se lembrar de quem era e aceitar a derrota. A vida de Madame Collete se findou com uma expressão orgulhosa, enquanto desaparecia no infinito abissal que Rafael nem se atrevia a direcionar o olhar.

A Innocentia flutuou até as garras de Cal, que fechou seus grossos dedos em volta do pingente.

O mundano sentiu o chão do lugar vibrar e percebeu que ele se esfacelava entre seus dedos. A penumbra começou a ser devorada pela total escuridão e o abismo cresceu a volta dos dois. Imaginou que o único motivo de conseguir ainda se manter são havia ido com a magia que criava uma atmosfera amigável para ele. Com Madame Collete fora do jogo, nada mais parecia controlar aquele espaço odioso em que estavam. A borda que os separava de todo o resto cada vez mais se estreitava e as coisas do vazio pareciam estar ansiosas para que isso acontecesse.

Cal se aproximou com suas asas e o mundano teve de recuar alguns passos para não ser esmagado por sua forma verdadeira. Ainda não havia se acostumado com aquela imagem, mas de alguma forma conseguia sentir a presença do velho Cal por aqueles olhos em fenda.

Foi a partir daquele momento que o rapaz admitiu que sua vida nunca mais seria a mesma.

— Tem ideia de como sair daqui?

A besta revirou os olhos impaciente, da mesma forma como sua figura humana fazia.

— Não seria idiota de matar a única chance de nos mandar para casa.

Rafael sabia o que ia acontecer, por isso fechou os olhos e prendeu a respiração. Como se isso facilitasse o processo de alguma forma. Descobriria que não.

Cal encostou uma de suas garras na testa do mundano e efetuou o salto. O último que Rafael esperou dar em toda a sua vida.


♌
08
A Força

CAPÍTULO XX
ONDE HÁ UMA TEORIA DO CAOS

O velório de Emerson GG foi agendado no dia seguinte de sua morte e todo o escritório estava lá, com exceção de Cal, que justificou dizendo que não tinha motivos para ficar vendo um corpo morto dentro de uma caixa de madeira.

Rafael compareceu, mas graças aos últimos acontecimentos preferiu não se misturar na multidão, ficando um pouco mais afastado e mantendo a discrição. Tinha comprado um terno mais barato depois que o último que usara fora completamente destruído.

Seu chefe não possuía familiares e sua mulher tinha morrido há poucas semanas. Seria para qualquer um uma odiosa tragédia, apesar de Rafael saber que tudo não passava de um plano de uma velha bruxa para tomar o controle de tudo. O que mais o entristecia de fato era que o homem trocou toda uma vida em prol de uma empresa e naquele momento morria sozinho.

Foi enterrado em um cemitério comum, como constava no testamento, em uma lápide simples ao lado de sua mãe.

Conseguiu ver ao longe Érica e Rick, os dois pareciam arrasados assim como todos os outros. Felizmente não o notaram, não achou que era hora de falar com eles.

Depois de o caixão descer até a cova, decidiu que seu trabalho ali estava feito.

Andou pelo cemitério que, apesar de ter um clima melancólico demais para o seu gosto, ainda assim tinha uma tranquila e bonita paisagem. Achou um pequeno espaço com bancos que descansavam à sombra de algumas árvores e lá ficou, até ter certeza que todos haviam ido embora.

Não demorou muito e alguém sentou ao seu lado, seu rosto estava coberto com o jornal do dia.

Depois de alguns minutos o homem começou a falar.

— Sabe quem eu sou? — Abaixou o jornal.

Rafael o fitou por alguns instantes, até lembrar que era o mesmo homem que

sentava na praça em frente a seu prédio quase todos os dias para ler jornal. Há meses não o via mais por lá. Então afinal, ele poderia ser um perseguidor.

O homem puxou um cartão e entregou para ele.

— Sou Afonso de Paiva, detetive particular da região. Minha especialidade é achar pessoas.

— E que pessoa o senhor quer achar?

Afonso tirou um envelope do bolso e o entregou para Rafael.

— Essa pessoa é o senhor, Rafael Branco. Leia e acho que ficará a par da situação.

Um detetive particular atrás dele, a pedido de quem? Nada passou pela sua cabeça.

“Olá Rafael,

Escrevo essa carta depois da saída do consultório de meu médico. Ele é uma droga, mas é de confiança. Meu coração vai muito mal e por isso decidi deixar um registro de próprio punho.

Acho que não era assim que queria começar a escrever isso aqui, mas é meu jeito, me perdoe por isso.

Quando abri a Eletronik sabia que seria um sucesso, apesar de não esperar que ela fosse crescer tanto. Tomou minha vida e em um piscar de olhos perdi tudo o que mais importava.

Soube que a mulher que amava estava doente há alguns anos e fiz de tudo para convencê-la que pagaria todos os melhores tratamentos, mas ela me negou esse direito. E tinha razão. Fui um péssimo homem.

Sabia que ela tinha um filho. Eu o vi a visitando uma vez.

Ela negou até o final, mas não pude deixar de contratar um profissional, o mesmo que deve entregar essa carta a você.

Se isso aconteceu, não tive coragem.

Descobri sua idade, onde estudou e o que fazia da vida para sobreviver. Também descobri todas as suas contas bancárias e sabia que estava dependendo do

seguro para sobreviver. Foi por isso que coloquei seu currículo nas mãos de Sandra e pedi para que ela dispensasse todos os outros candidatos.

Tentei diversas vezes entrar em contato antes disso tudo, mas sempre me acovardei ao escutar sua voz do outro lado da linha.

Vi você pela segunda vez apenas quando entrou na minha sala para a entrevista e me decepcionei, admito. Parecia um cão sem dono, quase implorando por atenção. Foi apenas quando me enfrentou que soube que havia uma fagulha minha dentro de você. Um leão pronto para ser solto. Por isso tomei a liberdade de pegar um pouco da sua saliva e fazer um teste em uma clínica particular. O resultado estará com esse envelope.

Amei Lorena até o final, mesmo com todas as mulheres que passaram por minha vida. E fico feliz que o resultado disso hoje consiga andar com as próprias pernas.

Não existe sorte, meu filho. Apenas a luta diária.

Outro envelope será entregue para as pessoas que precisam saber disso e em pouco tempo, acredito, você deverá receber algumas boas notícias. Você e a minha empresa são meus verdadeiros legados.

PS.: tente não destruir tudo em um final de semana.

Ass. Emerson Geraldo Gerônimo.”

— Parece que meu trabalho aqui está concluído. Tenha um bom dia. — O detetive bateu com as mãos no joelho e se levantou, acenou com a cabeça e foi embora.

Aquilo explicava tudo.

— Meu pai… — Rafael estava chocado.

— Eu não queria estragar a surpresa. — Cal surgiu em suas costas, estava sentado no banco de trás. — Tudo ficou claro para mim segundos depois de quase ter te matado.

O homem não pareceu ter percebido o surgimento do demônio e continuou seu caminho.

— E eu aqui pensando que foi só por que gostava de cozinhar pra mim.

O demônio não riu.

— Deixa eu ver se entendi. Está tudo tão embolado, por isso odeio burocracia. — Rafael olhou para o céu. — Você continua sendo meu estagiário.

— Correto.

— O que acontece agora?

— Acho que a mesma coisa, enquanto você continuar dono da empresa.

— Então terei de te aturar para sempre?

— O “sempre” não é uma característica das mais mundanas.

— E o que vai acontecer? O tal “Cazaquistão” vai vir para cima de mim de novo?

— Perguntas, perguntas, perguntas. Cazzkharan não vai se atrever a fazer mais nada depois de tudo isso, a velha morreu e seu pacto miou. Sem falar que o protetorado está na cola dele.

— O que é…

— O protetorado são aqueles que tentam equilibrar um pouco essa bagunça. São compostos por vários guardiões de ambos os lados para garantir que ninguém saia prejudicado. Mantis é um deles e acho que conheceu outro no jogo de pôquer, quanto maior a concentração humana, maior o número de guardiões. Mais alguma pergunta?

— A última. O que aconteceu com o livro?

Cal deu de ombros.

— Os códices… — interrompeu-se. O demônio não parecia querer se aprofundar naquele assunto. — Ninguém mais vai encontrar “aquela coisa” novamente. Peguei da mansão da velha assim que tive a chance e o destruí com as traduções feitas por ela. Bem ou mal foi esse objeto que segurou todo o plano daquela velha asquerosa. Se não tivesse visto o livro em suas visões teria matado você há muito tempo. A ganância sempre cegou os mundanos desde tempos imemoriais,

e vai continuar fazendo suas vítimas enquanto as engrenagens cósmicas continuarem girando.

Os dois se levantaram e foram andando em direção à saída.

Pela primeira vez teve tempo de conversar sobre vários assuntos pendentes. Um deles era sobre o estigma. Rafael explicou para Cal a história que Ariane lhe contara sobre o padre e como ele supostamente teria se livrado da marca da besta de seus fiéis. Cal admitiu se lembrar de uma história semelhante, apesar de ela não ter terminado exatamente daquela maneira.

— A melhor forma ainda é tentar descobrir algum ritual usando a Innocentia.

— Vou me certificar de algo primeiro — respondeu Rafael após se lembrar de algo. — Tenho planos para isso.

O mundano alcançou o cartão do detetive do bolso e começou a ligar.

— Consegue achar mesmo qualquer pessoa? — perguntou para ele pelo telefone.

Os dois chegaram ao apartamento e a bagunça já estava quase resolvida, os homúnculos haviam feito um belo trabalho pela manhã. Só faltava a pequena árvore que crescia em cima da mesa de Rafael. Custava a entender sua origem.

Isabela percebeu a presença deles e surgiu chorosa, agarrando Rafael pelo pescoço.

— Por que sempre termina assim? — perguntou Cal.

Rafael riu de satisfação enquanto afastava a garota.

A fantasma estava completamente desesperada com o sumiço dos dois e ficou desolada ao descobrir o que havia acontecido com Ariane. Rafael demorou um tempo até acalmar o espírito da garota.

Antes de retirarem a árvore, o mundano decidiu separar um galho com aparência saudável e replantá-lo em um vaso de terra para ver o que acontecia. Depois de tudo resolvido pediram uma pizza e Rafael foi dormir logo depois.

O dia amanheceu e pela manhã o detetive retornou sua ligação. Após anotar um endereço em um pedaço de papel e desligar o telefone, Rafael convidou os dois para acompanhá-lo em uma missão. Nem Cal, nem Isabela sabiam do que se tratava.

Chegaram a um hospital e o rapaz perguntou sobre uma suposta pessoa

internada. A enfermeira os guiou pelos grandes corredores das alas e então chegaram à UTI. Uma mulher de meia-idade dormia no corredor em frente a um vidro que os separava do quarto de um paciente internado.

Isabela, aturdida, não conseguia entender o que estava acontecendo. Por que um corpo exatamente igual ao seu espírito estava ali, internada em uma cama de hospital?

— Se lembra da primeira vez que nos encontramos?

A garota não compreendia.

— Você era a única pessoa que me respondia e que me responde até hoje.

— O que perguntou para mim naquele dia?

A fantasma ficou surpresa com a pergunta, tocou o vidro, tentando se lembrar.

— Procurava algo, uma coisa perdida.

Cobriu a boca com a mão e chorou quando as lembranças vieram como um tiro em sua cabeça. Os gráficos nos aparelhos mostravam os baixos sinais vitais da garota, mas, ainda sim, estava viva. Depois de todos aqueles meses, Isabela estava em coma no hospital.

A garota se virou para a mulher de meia-idade.

— “Alta, com o mesmo cabelo que o meu e está vestida com um casaco de lã.” Foi isso que perguntei para o garoto com cara de tapado, que por algum motivo era o único que conseguia me ver.

Cal fitou o mundano.

— Tem certeza que vai fazer isso?

— Aproveite enquanto ela estiver atordoada desse jeito. Não quero que saiba o que pretendo fazer...

A zona crepuscular foi formada pelo demônio e apenas ele estava lá dentro com o corpo adormecido de Isabela. Entrou no quarto e retirou o pingente do bolso frontal do casaco. Com um “clique” separou a pedra do cordão. Centelhas azuis desfizeram a esfera de vidro e o bonito cristal flutuou em sua mão, a Innocentia viajou até a garota deitada na cama e adentrou sua boca.

Uma luz emanou e a zona se desfez.

Rafael olhou para trás e não existia mais nenhum vagante ali. A mulher de meia-idade com os mesmos tipos de cabelos de Isabela acordou e perguntou se queriam alguma coisa. Os aparelhos dentro do quarto começaram a apitar e a mulher se espantou, correndo para dentro.

Viu um médico jovem e duas enfermeiras passarem por eles em direção ao quarto enquanto iam embora, sem saber o que aconteceu em seguida. Saíram do hospital e caminharam até o ponto de ônibus.

— Estava pensando — começou o mundano.

— Lá vem…

— Conhece a teoria do caos?

— Por favor, não começa.

— É sério! Preciso desabafar com alguém.

— Acho que está precisando de uma namorada então.

Os dois foram embora e Rafael falou sobre as diversas possibilidades. Teorias discutidas por diversos pensadores em diferentes épocas. Todas elas convergindo para uma grande e única teoria do caos. Rafael mencionou sempre sobre eventos que não necessariamente estariam ligados, mas que geram consequências de grandes proporções.

Por mais que tenha perdido Ariane, seu sorriso enigmático no final atormentava suas ideias. Era como se, no final, ela entendesse que seu sacrifício fosse necessário e que aquilo fosse responsável por determos sua mãe.

— Ela é minha eterna salvadora.

— Tudo o que você está falando aí é balela pseudocientífica. Você era apaixonado por ela, essa é a verdade.

— Não! Quer dizer… não sei, mas é como se ela enxergasse através de mim! De alguma forma acho que ela sabia que tudo ia acabar bem.

— Ninguém consegue saber tudo com exatidão e esse foi o erro da velha bruxa. Provavelmente ela via o que o bater de asas de uma borboleta faria, mas não mediu o tamanho da tempestade. Ninguém consegue saber de tudo.

Depois de quase tudo resolvido, era hora de finalmente decidir sobre seu destino.

Discutiram como se livrar daquela marca na mesma noite. Ela parecia uma cicatriz comum, pela ausência de presenças demoníacas, mas com certeza ainda estava ativa. Rafael sentia.

— Cazzkharan realmente tem um péssimo gosto — afirmou Cal olhando o símbolo formado.

— Dá próxima vez peço para ele fazer um art nouveau no meu ombro. — respondeu o mundano irritado. — Você disse que aquela história do padre era diferente do que me contaram, como você a conhece?

— Havia um padre que sempre desfazia as artes negras de uma rival que morava no mesmo vilarejo. Para isso estudava secretamente magia acreditando que o conhecimento era a única chave para deter o mal. Um dia, a bruxa cansada de ser feita de boba, pediu ajuda a seu mestre demoníaco para acabar com o padre. O demônio irritado tocou todos os carneirinhos do pastor e os condenou a uma vida de infortúnios.

O padre rezou durante uma semana inteira, fazendo diversos votos e penitências para alcançar ajuda superior. Depois de quase morrer de fome e ver que não era ouvido, o padre desiludido mudou de tática.

Com tantos conhecimentos, não se importava de ser condenado pela inquisição e fez um ritual para invocar o que chamavam na época de arquidemônio, um baal, como seria mais conhecido em épocas futuras.

Em troca da alma do padre, o baal retirou o feitiço jogado pelo outro demônio. E assim o homem se sacrificou para que seus servos vivessem em paz, longe das tentações do inferno.

— Se esse tipo de história fosse contada há alguns séculos, condenaria muita gente a fogueira. Agora entendo porque foi alterada.

— Eu lembro quando aconteceu, gerou mais uma das inúmeras guerras civis no She’ol.

Rafael o encarou, tentando descobrir se era mais uma das suas piadas ou se falava sério.

— De qualquer forma, se for verdade, então um demônio mais forte pode tirar um estigma de outro, correto?

— Na teoria sim, mas mesmo se soubesse como fazer algo desse tipo, minhas

forças e as de Cazzkharan são equivalentes.

O mundano pensou e pensou por longos minutos, enquanto comia uma fatia de pizza de pepperoni dormida.

— Há algo que não estamos percebendo, talvez tenha como burlar o estigma. Como você fez com a burocracia dos contratos.

— Talvez…

O demônio se levantou.

— Tenho uma ideia, mas preciso da sua permissão. Não quero você me culpando depois.

Desconfiado, Rafael cerrou os olhos.

— Tudo bem.

Cal ergueu a palma da mão na direção do estigma e algo mais surgiu. Manchas negras como tentáculos tomaram o ombro do mundano e se entrelaçaram até ir de encontro com o desenho dos três traços dentro do círculo feito pelo apóstolo negro. O estigma desapareceu junto com a mancha, dando lugar a algo que parecia uma tatuagem de um círculo, com dois traços que saíam de seu centro como chifres.

— Essa é a minha marca, ela suplantou completamente a outra. Tem certeza que não quer ficar com ela no lugar? É mais estilosa.

— Prefiro não correr esse risco.

Tudo desapareceu, deixando o ombro do mundano intacto como estava antes de conhecer o demônio.

A solução estava debaixo de seu nariz todo esse tempo.

Finalmente livre. Comemorou.

Por um milésimo de segundos, pensou em chamar sua vizinha para contar as boas novas, até lembrar que nunca mais eles estariam juntos de novo. Ficou triste, mas decidiu espantar o pensamento, achando que ela não fosse querer vê-lo daquele jeito.

— Acho que vou viajar, tirar umas férias dessa cidade.

Aquilo pegou o mundano de surpresa.

— Mas e o contrato?

— Posso ficar fora algum tempo, não acho que vá acontecer algo de ruim.

— Não tenho por que negar isso.

Cal acendeu um cigarro com um sorriso torto na boca e desapareceu.

Rafael abriu uma garra de uísque que tinha comprado após aquilo tudo e foi para a varanda. Tomou embaixo de um céu limpo e estrelado aquela bebida que ainda não o agradava, mas que decidiu que definitivamente iria se acostumar.

Olhou para o lado e viu o vaso com um galho da árvore que nasceu em seu apartamento, estava coberto de folhas verdes e na ponta uma flor tinha surgido solitária.

Rafael colocava sua vida em ordem, havia contratado um competente advogado para cuidar da papelada relacionada aos bens de seu pai, que prometia agilizar com tudo. Não tinha notícias de Cal por mais de um mês, mas preferia não se preocupar com aquilo.

Em uma gostosa tarde de verão a campainha do seu apartamento tocou e uma garota com um sorriso matreiro surgiu na sua porta.

Não pôde acreditar, achou que nunca mais a veria. Com roupas diferentes do que Rafael estava habituado, uma touca rosa e um macacão jeans por cima de uma blusa azul.

Mas, ao invés de um sorriso de satisfação, Rafael preferiu fazer uma expressão desdenhosa.

— Estou procurando um apartamento por aqui, só passei para checar se o vizinho era o mesmo mala de sempre — disse ela. — Falaram que esse andar é bem agitado.

— Não tanto quanto falam por aí.

Isabela pulou e o abraçou.

— Não me lembro de tudo, mas vocês não saíam da minha cabeça desde que minha mãe disse que viu dois homens olhando pra mim no dia em que acordei do coma. Ela tinha certeza que um deles parecia um pervertido.

— E eu achando que ia me livrar de você.

Rafael gemeu com o chute na canela e a convidou para entrar no apartamento.

— Acho que vi umas pessoas familiares lá na portaria, mas não sei se conheço.

A garota se jogou no sofá e esfregou seu rosto nele, parecia tentar recuperar várias lembranças.

Minutos depois a campainha tocou.

Érica e Rick entraram no apartamento e logo pediram desculpas ao ver que ele já recebia alguém. A garota de olhos puxados pareceu reconhecer Isabela de um passado não muito distante.

— Não sabíamos que estava com visitas. — desculpou-se um preocupado Rick.

— Podem ignorá-la. É uma prima chata — mentiu.

— Viemos aqui finalmente saber o que aconteceu, todo mundo da empresa só fala disso e provavelmente vai ser o assunto quando todos voltarem das férias.

Os quatro ficaram ali e festejaram da maneira deles.

Rafael estava feliz e não queria saber de mais nada, mal sabendo que mais um dente da engrenagem cósmica havia se movido.

Mais uma vez.


ת
ב
07
O Carro

EPÍLOGO

O homem de guarda-chuva estava sentado jogando damas com ele mesmo. Vestia uma camisa xadrez bem aberta e usava uma calça de moletom sem bolsos. Era uma figura exótica naquela praça.

O mendigo Zé passou ali perto, carregando uma caixa com suas coisas.

— Quem dera eu me proteger dessa chuva. — ele riu enquanto passava de um lado para outro no meio daquele sol escaldante.

Cal se aproximou do homem e se sentou em um dos bancos de pedra daquela mesa.

— Onde está o moleque desbocado que sempre anda com você? — perguntou o demônio.

— Em uma missão. As coisas estão se agitando nas sombras, muito graças a você.

— É o meu charme.

Com um único movimento, o homem comeu diversas peças.

— Todos do protetorado e do círculo dos caídos já sabem onde está e o que aconteceu. Estaria em uma enrascada se o Ganancioso não tivesse se metido. Estão com medo que estoure uma guerra, por isso estão levando tudo em banho-maria.

— Os elevados também já sabem?

— Eles sempre sabem, se não se moveram até agora foi porque eles têm planos para você.

— Odeio essa politicagem idiota. E agora, o que vai acontecer?

O homem do guarda-chuva riu.

— A natureza encontra seu caminho. Aproveite seus momentos com os que você chama por mundanos e se engane pelo tempo que quiser, mas lembre-se disso: nada dura para sempre.

O último movimento comeu a última peça do tabuleiro de pedra e o homem do

guarda-chuva não estava mais ali.

Cal olhou para o céu, tentando aproveitar os últimos momentos de suas férias improvisadas.

Viu a tormenta se aproximar, por mais límpido que fosse aquele azul-celeste.


ר
19
O Sol

Não consegue esperar?
Comece já a ler o próximo livro.

PRÓLOGO
QUANDO HÁ UMA PURIFICAÇÃO PELO FOGO

O fogo parecia dançar selvagemente enquanto engolia os últimos documentos que comprovavam sua ligação com um cartel dentro do governo. Teve que se aliar a um ou dois adversários, mas enfim conseguiu. O fedor da fumaça era inebriante e isso o fazia lembrar de seu sofrimento.

Lavou o rosto, tentando se livrar da abstinência. Era difícil, como se faltasse algo para que seu corpo funcionasse em sua totalidade. Terminou a garrafa de vinho no gargalo, enquanto os seguranças o esperavam na porta.

Foi reconhecido no hall do hotel por burocratas que acompanhavam seus discursos na TV. Depois de uma série de apertos de mãos calorosos a sorrisos largos e batidinhas nas costas, conseguiu se livrar dos obstáculos que o separavam de seu verdadeiro eu.

Foi apenas dentro do carro que conseguiu a privacidade que desejava. Lá escondia alguns frascos de sua substância preciosa.

Seguia a carreira do pai, mas era a primeira vez que estava concorrendo. O ritmo de campanha era exaustivo e irritante, odiava ter que sorrir e acenar para a gentinha. Decidiu que aproveitaria o resto da noite à sua maneira. Suas mãos tremiam enquanto desenroscava a tampa. Consumiu as três pílulas de uma vez, uma após a outra. O fariam ficar ligado até o dia recomeçar.

Uma vida pública em seu início, histórico ilibado, principalmente depois da limpa e de tanto dinheiro gasto para subornar os colegas. Nada seria encontrado pela mídia, por mais que procurassem. A narrativa que usava nos comícios era de um messias, destinado a limpar a sujeira das ruas, por mais que ele mesmo estivesse sujo até sua alma.

Seu pai era diferente, viciado em poder, queria ter acesso a cargos e prestígio. Mas para seu filho, bastava ter muito dinheiro e onde gastá-lo. Não o julguemos, já que poucos mundanos sabiam que suas ações ecoavam, de maneira que nem ao menos poderiam compreender.

Se ajeitou no couro legítimo do banco com cheiro de novo. Deu um sinal para o motorista e fechou a janela que o separava dos bancos frontais do carro. Aquele serviçal era silencioso, odiava quando precisava trocar olhares com eles. Havia acabado de demitir o anterior, que tinha a péssima mania de observá-lo através do espelho retrovisor.

Já bastava os olhares de rapina de seu pai. Odiava aquele olhar.

Mas adorava a falsa sensação de controle sobre o mundo depois de uma dose, sentia-se como o homem no topo do mundo. Seu corpo se acostumava a viver acima do limite, com poucas horas de sono, viagens longas, compromissos públicos que o exauriam de sol à sol e todos os abusos de demais substâncias o levavam a um limite que nem ao menos percebia que chegava.

Tirou do paletó um vidro de algo novo, coisa de gringo. Prometia faze-lo vidrar pelo dobro de horas e leva-lo ao paraíso na terra. A substância fez menção de espalhar-se pelo banco do carro depois de uma curva brusca. Deu três batidas no vidro escuro para alertar ao motorista que não toleraria aquele tipo de conduta.

Sua língua estava pegajosa e seu nariz ressecado. Sentiu uma onda de prazer ao colocar para dentro tudo o que podia. Seus olhos se arregalaram e sua boca tremeu em êxtase. Era perfeito. A substância chegou ao cérebro, que liberou doses cavalares de dopamina e noradrenalina, como uma descarga elétrica nos neurônios que se ativaram em uma verdadeira comunhão demoníaca.

Com o segundo balanço do carro, se enfezou e chutou a divisória. Gritou obscenidades para o motorista enquanto tentava aproveitar seu momento. Teve a sensação de escutar um animal ao longe, mas imaginou ser coisa da sua cabeça, que estava em festa.

No terceiro solavanco, o carro deu uma pirueta e tanto o motorista quanto o político foram centrifugados. O primeiro desacordou por uns instantes, o segundo sentiu como se tivesse caído em uma almofada de penas, mesmo com luxações e ossos da perna trincados que viria a sentir apenas dentro de alguns minutos. Não que seu destino fosse sentir algo no seu futuro próximo.

Mesmo com o metal retorcido, a porta do veículo foi arrancada em um puxão violento. O político não havia percebido de imediato que foi jogado para fora, rolando alguns metros até parar na mureta de segurança.

Viu uma figura escura ao lado do automóvel quando deu por si, com o motorista

velho de olhos arregalados ajoelhado no chão. O homem grisalho correu pela sua vida, poupada pela figura negra.

O político voltou a si aos poucos, ainda em uma jornada de redescobrimento do mundo à sua volta. Se viu encharcado de água de esgoto e fúria. Seu corpo estava quente e mal percebia os ferimentos e o vento gelado. Xingou ofensas ao agressor, que apenas parecia observar o motorista correr em disparada através do visor de seu capacete.

A figura não era alta, nem forte. Trajava um conjunto escuro de couro, com botas pesadas e um capacete de moto rajado. Ao lado dele repousava sua moto, que parecia viva de tanto barulho que emitia.

— Sabe quem eu sou? — Gritou o político com os dentes trincados, cobertos de sangue.

O motociclista se afastou de sua moto com passos lentos e decididos. Levantou o braço e a pistola brilhou em sua mão. Mirava os olhos do político, que murchou como flores no outono.

— Quem te contratou? — Sua voz sibilou — Pago mais, muito mais! Dez vezes mais!

Gargalhou, tentando não mostrar o terror que seus olhos já denunciavam. Seu algoz nada disse em resposta. Virou a cabeça para o carro e logo depois novamente para seu alvo.

— Não vai falar nada? Maldito. Eu juro, só preciso de duas ligações e transfiro uma bolada, tudo o que tenho lá se quiser. — Em desespero, jogou sua carteira recheada com notas e cartões.

O motociclista abaixou a arma, se aproximou dele e vasculhou seu terno, parecia sentir algo. Puxou com força um cordão até arrebenta-lo de seu pescoço, terminava em um crânio de pássaro minúsculo, coberto de escritos em uma lingua estranha, amarrado junto de plumas coloridas que formavam uma coroa.

O político fez menção de pega-lo das mãos do algoz, mas não foi tão rápido.

— Não, isso não. Eu… só não posso dar isso.

O motociclista de preto se afastou alguns passos e apontou em riste novamente a arma de fogo.

Puxou o gatilho.

Clique. Clique.

Por alguns segundos, o político arregalou os olhos em desespero, esperando a morte que não veio. Soltou um gritinho involuntário enquanto levantava as mãos debilmente.

— Inútil… — Rosnou o motociclista através do capacete. — Lixo.

A figura agarrou algo de dentro do casaco. Um celular de modelo bem antigo, e o usou para falar com alguém.

O político se levantou, sentindo o ar lhe faltar. Pingando e fedendo a sangue e esgoto. Arrastava o pé, mesmo que nem soubesse disso.

— É o seu chefe? Deixa eu falar com ele, tudo vai se resolver.

Foi agarrado pelo colarinho e erguido pelo motociclista. Mesmo com quase o dobro do tamanho, o político se contorceu no ar, como uma criança tentando se desvencilhar de um agressor. O visor negro do capacete se virou para ele, e teve a impressão que cruzaram olhares, mesmo sem poder ver o que tinha do outro lado.

— Prometeu que a arma não iria falhar. — Aquela voz parecia inumana.

Sons ininteligíveis vindos do celular. Apenas uma ultima frase conseguiu ser entendida pelo político: “...mas é assim que resolvemos as ... por aqui.”

— Então vai ser do meu jeito. — O motociclista rajado deu seu ultimato e guardou o celular no bolso da jaqueta negra. Lentamente, com seus dedos finos, levantou o visor do capacete. O político não estava preparado para o que iria constatar. O pior de seus pesadelos não era ser morto.

Era ser morto por um monstro.

Se horrorizou. Aquela era a própria escuridão encarnada. A visão da coisa o condenaria para as alas mais profundas de qualquer hospício, mas não era isso que o destino lhe guardava.

O grito de terror ecoou pelo túnel junto com a luz das chamas infinitas que brotaram de todos os lados. Não era um grito humano, muitos afirmariam a centenas de metros dali. Mas todos estavam enganados, pois em momentos derradeiros, com eventos de puro terror, seres humanos podem ainda reavivar teorias freudianas, provando que o inconsciente guardava memórias de quando mundanos pulavam sob o alto de árvores.

Aquele era um grito animalesco.

Era a forma do desespero.

E então apenas o silêncio e o frio da morte.

O universo sempre reage às nossas ações. Rafael e Cal descobrirão isso e retornarão mais cedo do que imaginam em Kalciferum - Livro 2

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS

A todos os apoiadores do projeto e ao Catarse por tornar isso possível. Muito obrigado.

Abner Neves De Oliveira

Adrian Castro

Adriano Melo

Adson Muniz Barros

Agatha Gonçalves

Ailton Oliveira

Alan Rodrigues

Alberto Leal

Alberto Oliveira De Albuquerque M Neto

Alê P.

Alex Santa Rita Leal

Alexandre De Paula

Alexei Fernandes Ferreira Araujo

Alfredo Bela

Aline Bougleux

Almir Tavares

Alvaro Chaves

Ana Mendes

Anderson Martins

Anderson Rogerio Meira Pereira

André Eduardo Schlemper

André Lawall Lopes

Andre Paladino

André Santos

André Saraiva Rosa

Andrey Santana Gonçalves

Ariane Soares

Armando Galleni

Arthur Jorge Dias De Morais Coelho

Arthur Loures Ribeiro

Artur Baltazar Souza

Augusto Cesar De Castro

Bárbara De Lima Morais

Bárbara Monteiro

Bianca Guimarães Zavan

Bianca Paiola Laurenti

Bruna Correia Silva

Bruna Pontes

Brunno Costa

Bruno Almeida De Oliveira

Bruno Araujo De Souza

Bruno Cesar Lopes De Azevedo

Bruno Ferreira

Bruno Horn

Bruno Moreiras Do Nascimento

Bruno Ramos Alves Costa

Caio Henrique Amaro

Camila De Sousa Vieira

Carlos Henrique Sanches

Carlos Matheus Thompson Rodrigues

Carlos Tourinho

Carol Martins

Cassia Silva

Cassiano Honorio

Catherine Santos

Cauê La Farina

Cesar Augusto Vieira Giovani

Charles Albert Rodrigues

Christian Giovanni Dos Santos Mariz

Christopher Palma Moura

Claudio Andrade Silva

Claudio Picoli

Cristian Silva Vieira

Cristiano Souza

Daniel Antonio Conte

Daniel Koudi Nakano

Daniel Medina

Daniela Cristina Minella

Danielle Reis

Daniely Oda

Danilo De Pinho Aires

Danilo Mortari

Danilo Ribeiro

Danyele Fernandez

Dario N. Santos

Davi Pereira Da Silva

Debora Barros

Deborah Cabral

Diego Fernandes Queiroz

Diego Janssen

Diego Magalhaes

Diego Mascagni

Diego Oliveira

Dmitry Rocha E Silva

Douglas Rainho

Ed Maciel Almeida

Edmarcos Pereira

Edson Istanislau Faria

Eduardo Boita

Eduardo De Beauclair Seixas

Eduardo Luiz Da Cas Silva

Eduardo Massami Kasse

Eduardo Valle

Elder Mancini

Eliana Souza

Elias Mendes

Emerson Jose Alecrim Da Silva

Enrique Sgobi

Erick Hunter

Evandro Reis Matias

Fabiano Favarão

Fábio Aycar E Silva

Fabio Correia De Jesus

Fabio Fernandes

Fabio Rickson Monteiro

Fabio Roveroto

Fabio Seiji Dos Santos

Fábio Vieira Batista De Nazaré

Fabrina Geremias Da Rosa

Felipe De Moraes Feliciano

Felipe Ferraz Lucena

Felipe Franco Bueno

Felipe Fuzisaki

Felipe Goulart

Felipe Nobre De Moraes Cruz

Felix Maciel

Fernanda Pereira

Fernando Aguiar Bregagnolo

Fernando Henrique De Souza Camargo

Filipe Ramos Rios

Gabriel Da Silva Pessine

Gabriel De Sousa Medeiros

Gabriel Medeiros

Gabriel Tinoco

Gabriela De Souza Costa

Gaby P Santos

Geisa Castro De Souza

Géssica Sodré

Ghianne Caetano

Gi Marcondes

Giana Tondolo Bonilla

Gilberto Akamatsu

Gilberto T M Bueno

Glauber Apolinario

Guilherme Baldi

Guilherme Cardoso

Guilherme Carlos Schäffer

Guilherme Euripedes Silva Ferreira

Guillermo Barrionuevo

Gustavo Borba

Gustavo Martinez

Gustavo Moreira

Gustavo William De Souza Santos

Helder Henrique Costa

Henrique Tavares

Henry Fernandez Da Silva

Heriberto Estolano Martins

Hikari Diego

Hugo Yuri Tordin Dantas

Igor Alcantara

Igor Gustavo Oliveira Rozani

Inácio Fëanor

Inaldo Do Nascimento Magalhães

Inês Elizabeth Morais Guedes

Inoue

Inuyashagui

Ira Croft

Isabelle Felix

Italo Cestari

Italo Figueiredo

Ivan Bento

Izabelle Prado

Jean Felipe Szimanski

Jean Lucas Giannasi

Jefferson Alberto Ferreira

Jefther Barbosa

João Antonio C. Tomasi

João Auro De Oliveira Sogabe

João Marcos Alves E Souza

João Paulo Lemos Da Costa

Johnny Grandolfi

Jorge Guilherme De Souza Augusto

José Antônio Silveira Ferreira

José Marlon Macedo De Maria

José Roberto Americo Collaço

Josué Gentil Da Cunha Neto

Jota Brito

Juliana Manso

Juliana Ponzilacqua

Juliana Torres Nascimento

Júlio César De Oliveira

Julio Ranger

Junior Cortizo

Kamila Janaina Pereira

Katiani Martins De Oliveira

Kellen Carolline Bonassoli

Kleverson Marques Bernardo

Kristiano Segovia

Kurt Aparecido Rodrigues

Laécio Francisco Rodrigues Bezerra

Larissa Da Costa Barboza

Larissa Klein Mancia

Leo Fluz

Leo Lopes

Leonardo Henrique Tremeschin

Leonardo M. Alves

Leonardo Piccoli Mendes

Lia Viegas

Liliane Ribeiro

Liniker Santos

Lisa Giovana Do Nascimento Dantas

Luan Façanha

Lucas Balaminut

Lucas Lopes

Lucas Lourival Alves

Lucas Mesquita Ramos

Lucas Rafael Ferraz

Lucas Rafael Pessota

Lucas Tezotto

Luciane Peixoto

Lucio Pozzobon De Moraes

Luiz Antonio Balduino Junior

Luiz Machanoscki

Luiz William Dos Santos

Marcelo De Matos

Marcelo Del Debbio

Marcelo F. Zaniolo

Marcelo Justino Costa

Marcelo Stuart

Marcelo Teixeira

Marcio Silva

Marco Silva

Marcos André Macedo Martins

Marcos Daniel

Marcos Dantas

Marcos Keller

Marcos Nogas

Marcos Vinicius

Marcos Vinicius Da C. Moreira

Mariana Forster

Mariane Valadão

Marina Rocha

Mario Marcio Felix

Marlon Bachmann

Marta Martins

Mateus Salvador

Matheus Turski

Mauricio Gomes

Mauricio Gustavo Webber Mendes

Max Fischer

Maycon Binatto

Mayra Schultz

Meire Ane Linhares

Michelle Herrera

Michelljenichen@Gmqail.Com

Moab Agrimpio

Moacir Siqueira Da Silva

Murilo Abarca

Nilson Demetrius Teixeira Souza

Pablo Frota Rozados

Paulo Nunes

Paulo Roberto Righi Dos Santos

Paulo Trigueiro De Campos

Pedro Henrique De Oliveira Resende Neves

Pedro Henrique Jäles Neto

Pedro Rafael Rodrigues

Pedro Reis

Priscila Barbosa

Priscila Guerrero

Priscila Marques De Araujo

Pry Meira

Rafael Antunes

Rafael Baldasso

Rafael Carli Ramos Dos Santos

Rafael Cristobal Da Fontoura

Rafael Da Silva Tanisho

Rafael Di Sarli

Rafael Felipe Silva

Rafael Jacaúna

Rafael Silva

Raphael Monteiro

Régis Tomkiel

Renata Casanova

Renata Delfiol

Renato Degaspare Pinto De Carvalho

Ricardo Cidade

Ricardo De Andrade Santos

Ricardo Luiz Sousa Da Silva

Ricardo Maia De Souza

Ricardo Rodrigues De Araujo

Ricardo Saraiva

Ricardo Strowitzki

Roberto Da Silva

Robson Lima

Rodolfo Araujo Rodrigues

Rodrigo Cabral

Rodrigo Carrapeta De Souza

Rodrigo Fernandes

Rodrigo Ortiz Vinholo

Rodrigo Paulino Araujo

Rodrigo Soares De Cerqueira

Roger Cristian Soares

Rogerio Moreira Alves

Ronaldo Teixeira Costa

Rosenilda A. Azevedo

Sandro Merg Vaz

Saulo Costa De Albuquerque Maranhão

Sergio Takeshi Yoshioka

Sheilla Moraes

Swami Machado

Taís Sanna

Táizel Cavalcante Girão Martins

Tarcisio Rubião Silva Neto

Thiago Alamino Carrascosa

Thiago Ferreira Da Silva

Thiago Fortuna Simão

Thiago Gaddini

Thiago Machuca De S O Santos

Thiago Miro

Thiago Palassi

Tiago Paes De Lira

Tupa Guerra

Tupiracy Celso Gomes Damasceno

Valdir Torres Borges

Victor Dias

Victor Fernando Conti

Vinícius Alves

Vinícius Antonio Muniz C Teixeira Maciel

Vinicius De Araujo Lima Ferreira

Vítor Marinho De Amorim

Vitor Rodrigues Di Toro

Vitor Urubatan

Wallison Viana De Carvalho

Weller Santibanez Santos

Willian Augusto

Willian Matiola

Yandra Domingues

Ygor Matos De Souza

Zambi



Sobre o autor

ANDREI FERNANDES se formou em design gráfico no Rio de Janeiro, mas descobriu na literatura uma paixão em criar universos.

Produz conteúdo para o site Mundo Freak, onde mantém um podcast sobre casos insólitos e mistérios que foi fundamental para grande parte das informações desse livro.

Hoje mora em São Paulo, onde prefere passar noites frias escrevendo e confabulando com as coisas que não podem ser vistas.

Malleus Maleficarum

Malleus Maleficarum

